

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

Brasília: As Controvérsias da Utopia Modernista na Cidade das Palavras

Autora: Eloísa Pereira Barroso

Orientadora: Doutora Barbara Freitag Rouanet

Brasília, 2008



Eloísa Barroso



Adalto Júnior



Thiago do Planalto



Adalto Júnior



Thiago do Planalto



Eloísa Barroso



Eloísa Barroso



Adalto Júnior



Eloísa Barroso

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

Brasília: As Controvérsias da Utopia Modernista na Cidade das Palavras

Autora: Eloísa Pereira Barroso

Orientadora: Doutora Barbara Freitag Rouanet

Tese apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora.

Brasília, agosto de 2008.

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

TESE DE DOUTORADO

Brasília: As Controvérsias da Utopia Modernista na Cidade das Palavras

Autora: Eloísa Pereira Barroso

Orientadora: Doutora Barbara Freitag Rouanet (UNB)

Banca: Prof. Doutora Barbara Freitag Rouanet.....(UnB)
Prof. Doutor Luiz Martins da Silva.....(UnB)
Prof. Doutora Maria Angélica Madeira.....(UnB)
Prof. Doutor Marcos Antônio da Silva.....(USP)
Prof. Doutor Rogério Lima.....(UnB)
Prof. Doutora Maria Francisca Coelho Pinheiro.....(UnB)

AGRADECIMENTOS

Uma Tese constitui-se em um trabalho no qual a aprendizagem se torna um fato. As leituras, o trabalho de pesquisa, os encontros... nos dão a oportunidade de conhecer pessoas que se tornam indispensáveis para a construção do conhecimento. Portanto, neste momento final, agradecer torna-se uma necessidade.

Agradeço à minha orientadora de Tese, Barbara Freitag Rouanet, pela confiança, pela paciência, pelos conselhos sempre importantes e exatos e pelos puxões de orelha, quando necessários.

Gostaria de agradecer aos membros da banca examinadora.

Meus agradecimentos sinceros ao professor Berthold Zilly, meu orientador na Alemanha à época do Doutorado Sanduíche realizado no - Lateinamerika-Institut - Freie Universität Berlin (Alemanha). Junto a ele pude vivenciar preciosas trocas de conhecimento através das longas conversas que tivemos sobre sociologia e literatura.

Quero agradecer aos professores Brasilmar Nunes, Salete, Cléria e Sadi pelo carinho e pela amizade.

Agradeço a professora e amiga Wivian Weller que, indubitavelmente, sempre incentivou e contribuiu para a realização deste trabalho.

Aos funcionários do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Em especial, agradeço ao Evaldo, sempre muito atencioso e gentil comigo durante a realização da Tese.

À CAPES que, através do programa de incentivo às pesquisas de Pós- Graduação, apoiou-me na realização do Doutorado Sanduíche realizado no- Lateinamerika-Institut - Frei Universität Berlin (Alemanha).

Agradeço à Magda, Isabel, Margrit Vogt, Mjriam, Edriane, Tati, Ana Maria, Kátia, Celina, Ana Paula, Diléia, Deise, Bena, Mauro, Renato, Joseli, Daniela, Daniel, e Júnior, pessoas que sempre estiveram juntas a mim, ouvindo meus lamentos e partilhando minhas alegrias durante esta jornada.

Aos sobrinhos muito amados Emanuel, Emanuela, Rafaela, Ana Clara, Geovanna, Annabel, Fernanda e Maria Luísa, meu muito obrigada.

Agradeço aos meus irmãos Helenice, Elma, Mauriton, Vera, Adilson, Elizângela, Eliane e Adiléia, pessoas maravilhosas que estão sempre presentes em minha vida me

apoiando e me dando conforto em todos os momentos.

Agradeço a Hermínia, minha mãe, uma mulher forte de quem guardo na memória a alegria e satisfação em saborear cada instante da vida.

Enfim, agradeço ao meu amigo e companheiro muito querido, Thiago, com quem tenho aprendido a compartilhar e construir sonhos, pelos momentos de carinho, pela compreensão e ajuda e pela capacidade de me fazer rir nos momentos difíceis.

Ao homem que me ensinou a magia do aprender;
Ao homem que sorriu e chorou de felicidade
junto comigo em diversos momentos da minha
vida;
Ao homem que, infelizmente, não sobreviveu
para presenciar a conclusão desta jornada;
Ao homem de quem guardo o sorriso largo e para
quem dedico esta cidade de palavras e de pedras:
Emanuel, meu pai querido, que repousa sereno na
minha memória.

RESUMO

“Brasília: as controvérsias da utopia modernista na cidade das palavras” é uma pesquisa que busca fazer emergir da “cidade das palavras” a “cidade real”. Considera-se aqui que a justaposição do discurso sociológico em consonância com o discurso literário permite o desvelar de Brasília: a cidade modernista.

Na tentativa de estabelecer uma leitura da cidade construída sob os preceitos da arquitetura modernista, procura-se nesta tese, sob o prisma de uma leitura sociológica, a análise de textos literários que têm Brasília como lugar para a tessitura da crônica, do conto, do romance e da poesia. Nas análises dos textos literários busca-se a configuração de uma cidade moderna que, ao longo do seu processo de urbanização, passa por várias transformações.

Nesta pesquisa trabalha-se com a hipótese de que o texto literário é um *locus* privilegiado para se perceber o processo de megalopolização vivenciado pela cidade. Sensível às profundas transformações nas relações sociais, responsáveis por transfigurar a racionalidade e a aura de metrópole modernista planejada, ele decodifica as metamorfoses por meio de uma linguagem subjetiva. Com sensibilidade, a cidade vista pela linguagem literária torna-se suporte para a imersão de estudos pertinentes à sociologia urbana.

A “cidade texto” capta o dinamismo da vida urbana e os diversos sentidos atribuídos à cidade. Assim, Brasília ora é utopia, ora é solidão, ora é a megalópole em construção. E é desta diversidade de significações que a “cidade das palavras” produz a “fisiognomia” da “cidade real”.

ABSTRACT

“Brasilia: the controversies of the modernist utopia in the city of words” is a research that seeks to cause the emergence of the “real city” from the “city of words”. It is here that the juxtaposing of sociological discourse in harmony with the literary discourse allows the unveiling of Brasilia: the modernist city.

In an attempt to establish a reading of the city built under the precepts of modernist architecture, the aim of this thesis is, in the light of a sociological reading, the analysis of literary texts that have Brasilia as a source of inspiration for the creation of chronics, stories, romance and poetry. The configuration of a modern city that, during the process of urbanization, undergoes several transformations is what is sought in the analysis of these literary texts.

The hypothesis that is worked with in this research is that the literary text is a privileged *locus* to understand the process of growth experienced by the city. Sensitive to the profound changes in social relations, which are responsible for transforming rationality and the aura of a planned modernist metropolis, it decodes the metamorphosis through a subjective language. With sensitivity, the city seen through literary language becomes support for going deeper into studies that are relevant to urban sociology.

The “text city” captures the dynamism of urban life and the various meanings allocated to the city. Thus, Brasilia is at times utopia, at times solitude, at times the megalopolis under construction. And it is from this diversity of meanings that the “city of words” produces the “physiognomy” of the “real city”.

RÉSUMÉ

“Brasilia: les controverses de l’utopie moderniste dans la ville des paroles” c’est une recherche dont l’objectif c’est faire émerger de la « ville des paroles » la « ville réelle ». On considère ici la juxtaposition du discours sociologique en consonance avec le discours littéraire qui permet le dévoile de brasilia : la ville moderniste.

A la tentative d’établir une lecture de la ville construite sous les préceptes de l’architecture moderniste, sous le prisme d’une lecture sociologique, on cherche, dans cette mémoire de thèse, l’analyse des textes littéraires qui prend brasilia comme source d’inspiration de la tessiture de la chronique, du conte, du roman et de la poésie. Au long des analyses des textes littéraires on propose une configuration d’une ville moderne que, a la longue de son procès d’urbanisation, a subi plusieurs transformations.

Dans cet étude on présente l’hypothèse selon laquelle le texte littéraire est un *locus* privilégié pour apercevoir le procès de mégapolisation vécu par la ville. Sensibles aux profondes transformations des relations sociales, responsables de la transfiguration de la rationalité et de l’auréole de métropole moderniste planifiée, il décode les métamorphoses à travers un langage subjectif. Avec sensibilité la ville perçue par le langage littéraire devient un support à l’immersion des études pertinents à la sociologie urbaine.

La « ville texte » capte le dynamisme de la vie urbaine et les sens divers propres à la ville. De la sorte que brasilia est tantôt utopie, tantôt solitude, tantôt mégapole en construction. C’est a partir de cette diversité de significations que la « ville des paroles » produit la physiognomonie de la « ville réelle ».

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	05
RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	09
RÉSUMÉ.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
I - O OBJETO E SUAS PREMISSAS.....	16
II - DE VOLTA À CIDADE.....	28
• BRASÍLIA: da utopia à realidade.....	33
III - BRASÍLIA: O processo de urbanização na cidade das palavras.....	56
• SOCIOLOGIA E LITERATURA: Um percurso metodológica no estudo da cidade	68
IV - ENCANTOS NA CIDADE DO VERBO.....	86
V - DESENCANTOS: Olhares externos e internos da cidade das palavras para a cidade real	109
• BRASÍLIA E CLARICE: o olhar externo.....	109
• O OLHAR INTERNO: Brasília sob a ótica de seus escritores.....	121
VI - A METRÓPOLE E A MEGALÓPOLE: Imagens urbanas na cidade das palavras.....	139
• A VIOLÊNCIA E A SEGREGAÇÃO SOCIAL: Os muros da cidade.....	147
• O COTIDIANO: A cidade entrelaçada	185
• UMA TRILOGIA PARA BRASÍLIA	198
CONCLUSÃO	211
BIBLIOGRAFIA	223

INTRODUÇÃO

“Brasília: as controvérsias da utopia modernista na cidade das palavras” procura associar o texto literário ao texto sociológico de maneira a construir uma análise na qual se pretende a interface de duas áreas do conhecimento – a literatura e a sociologia. A análise proposta nesta tese constata o fato social como parte formadora da estrutura das narrativas literárias.

A escolha do texto literário como fonte de conhecimento deve-se aqui pelo fato de se acreditar ser o mesmo capaz de antecipar questões relativas às ciências sociais. A proposta será desenvolvida em seis capítulos.

No primeiro capítulo, faço a construção do objeto de pesquisa. Com base nos conceitos de metrópole, megalópole, *Urbis e Civitas*, “mundo da vida”, “mundo sistêmico” e “fisiognomia” apresento as questões de pesquisa que guiaram à análise ao longo da tese. Procuro aqui definir a hipótese que me auxiliou na leitura das obras selecionadas, bem como estabelecer os três momentos de urbanização percebidos na leitura dos textos literários selecionados.

No segundo capítulo, abordo a cidade sob o ponto de vista conceitual. Nele busco apresentar como a sociologia urbana teorizou e estudou o espaço citadino. Desta feita, procuro traçar um percurso conceitual sociológico que mostra como a cidade sempre esteve presente de forma significativa na leitura da modernidade ocidental. É intento deste capítulo também fazer um breve histórico analítico dos preceitos da cidade modernista, bem como apresentar o discurso sobre o qual se justifica a construção da Capital Federal.

No terceiro capítulo, me proponho a estabelecer uma leitura teórica de como a cidade moderna e a literatura estão vinculadas nesses novos tempos. Apresento ainda uma discussão sobre os caminhos metodológicos escolhidos por mim para a realização deste estudo. Para tanto as referências teóricas estão calcadas em estudos desenvolvidos por Antônio Cândido, Volker Lühr, Richard Sennet e Habermas. Aqui procuro estabelecer o contraponto entre ciência e arte. A multiplicidade do diálogo dessas duas fontes do conhecimento é analisada ao longo de todo o capítulo em questão.

O quarto capítulo traz à tona o primeiro momento de urbanização da cidade. Nele os textos selecionados se encantam com a construção da cidade. Os autores, crentes na

arquitetura modernista, validam em seus textos a cidade planejada e, exaltam a utopia de um projeto ousado que trazia em seu bojo a promessa de levar o país à inserção definitiva na modernidade.

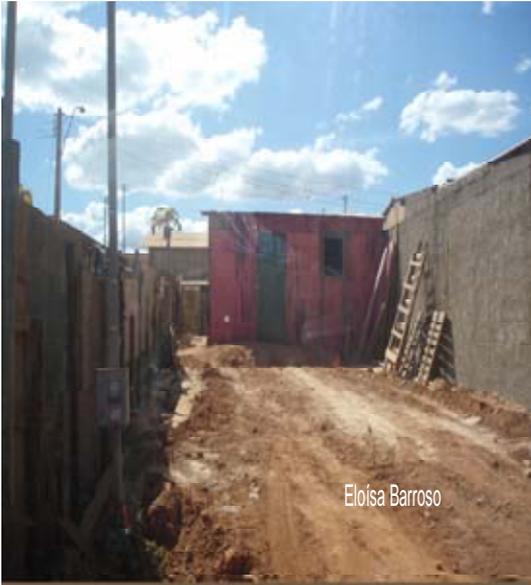
O quinto capítulo se consubstancia na análise dos textos referentes ao segundo momento de urbanização da cidade. Nele estão os escritos nos quais o desencanto se opõe ao encantamento com o projeto expresso no quarto capítulo. Nestes textos, a cidade modernista não acolhe os sonhos do Eu lírico que, incapaz de integrar-se à cidade, se vê sufocado pela solidão de um espaço construído em que a negação da história das tradições da sociedade brasileira foi a meta.

O sexto e último capítulo é estruturado a partir de um espaço urbano subsumido a uma série de transformações. A cidade é um espaço conturbado no qual a linguagem literária delineia uma imagem dada pela diversidade de fragmentos. Brasília, neste momento de urbanização, se recusa a admitir uma literatura contemplativa. As personagens, em alguns momentos, conseguem entender a cidade, mas em outros acabam por se confundir com o espaço construído. Neste capítulo o processo de magalopolização já se coloca como uma realidade, a cidade se expandiu. Portanto, tento estabelecer uma análise dos textos de maneira a extrair os elementos da linguagem literária que evidenciam tal processo. Desta forma, a configuração do processo de megalopolização apresenta uma nova forma de escrever a cidade, que já não é mais uma utopia, mas um espaço urbano partido, fragmentado que se consagra pela imagem da diferença social e da desigualdade. Nesses textos a cidade possui sentimentos, sensações, alma e de espírito.

Por fim, a análise dos textos literários retoma a densidade literária sobre a cidade de Brasília. Os textos envolvem uma diversificação especial, o que chama atenção por antecipar questões relativas às ciências sociais. Portanto, o uso da literatura explicita a relação entre arte e cidade, posto que ela se constitui no lugar cujo o conhecimento se coloca como possibilidade de inserção do pensamento social. Desta forma, a função da arte literária, nesta pesquisa, é construir imagens da cidade.

Cada texto torna-se um fragmento que se coloca como parte de um universo amplo. Eles permitem visualizar uma cidade cheia de fluxos em que subjaz um amplo sistema de interfaces entre a sociologia e a literatura na exposição da cidade em processo de megalopolização.

Os textos permitem visualizar uma cidade que se torna, com o passar do tempo, um corpo permeável por onde transitam os mais variados elementos. Assim a cidade resultante é caleidoscópica. Cada capítulo se coloca como uma espécie de recorte, um fragmento que juntos formam a “fisiognomia” da cidade real. Desta forma é que esta tese propõe-se a uma reflexão sobre Brasília, uma cidade moderna ocidental em processo de megalopolização situada em um país que se localiza na periferia do capitalismo.



Eloisa Barroso



Eloisa Barroso



Eloisa Barroso



Eloisa Barroso



Eloisa Barroso

I. O OBJETO E SUAS PREMISAS

Esta pesquisa procura acompanhar o advento da modernidade nas cidades através do estudo de textos literários nelas produzidos. Mais especificamente, a pesquisa procura focalizar o processo de urbanização da cidade de Brasília através do estudo da produção literária que aí se deu a partir de sua inauguração em 1960.

Com auxílio do instrumental teórico-metodológico da sociologia, Brasília será tratada como um lugar de estudos, um espaço da vida e da conquista da cidadania em que a “matéria prima” examinada é a literatura produzida na nova capital, a partir da década de 60 até o início do século 21. Em outras palavras, os elementos que marcam a produção do espaço urbano em Brasília serão estudados com recurso dos textos literários que podem ser considerados “fonte de inspiração” para a poética do espaço brasiliense.

A pesquisa subentende que os textos literários que tematizam a cidade fazem surgir uma espécie de imagem “bricolée”, arlequinal, onde os escritores tecem a imagem de uma cidade grande e moderna, exposta ao circuito da mercadoria. No caso específico de Brasília, os autores a serem analisados fazem parte do quadro de uma literatura brasiliense quase sempre desconhecida do grande público. Os textos selecionados são compostos por poemas, crônicas e romances nos quais se refletem a fragmentação e a polifonia da nova cidade. Entre os selecionados destacam-se as coletâneas organizadas pelo crítico literário Joanyr de Oliveira nas quais reúne autores como Danilo Lôbo, Hermenegildo Bastos, entre outros.

Uma outra facção de autores presentes em nossa análise diz respeito aos ditos marginais da década de setenta do século XX. Eles pertencem a um grupo de pessoas que produziam seus textos e os editavam em mimeógrafos ou pagavam a impressão dos mesmos. Esse grupo é composto por diversos nomes, entre eles estão Nicolas Behr, Luís Martins...

Além disso, há ainda os escritores que fazem parte do canône literário nacional. Atraídos pela singularidade dessa cidade autores como Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, João Almino, Vinícius de Moraes... não hesitaram em tomar Brasília como espaço narrativo para suas criações.

Um outro grupo é o de poetas que vão além do Plano-Piloto. Eles dão vida às cidades satélites em suas composições literárias e nas letras de músicas que cantam a vida

cotidiana. Esses autores apresentam tanto o Plano-Piloto quanto a periferia, seus textos tecem uma imagem significativa da expansão urbana de Brasília nesses seus mais de 45 anos de vida.

Essa geração já faz parte de um grupo de pessoas que não entraram no circuito editorial, eles repetem as ações do grupo de 1970. Agora, não mais utilizam o mimeógrafo, mas fazem circular seus textos via internet, ou por meio de saraus literários onde cantam em versos e trovas toda Brasília que ousou romper as fronteiras do plano original. Esses autores, jovens, na maioria nascida nesse espaço, imprimem um olhar reflexivo a essa cidade. Fascinados por ela e por suas reminiscências reconstróem-na literariamente na linguagem repleta de significados, dando sentido ao estado de ser da capital.

O *corpus* literário selecionado permite fazer surgir a cidade do cerrado. Essa terra marcada pela solidez do aço e do concreto torna-se, na ponta da “pena”, uma elaboração cultural, na qual o vidro, o cimento e a areia adquirem os significados das construções sociais vivificadas na cidade modernista.

A escolha de Brasília reflete a necessidade de entender como uma cidade criada nas pranchetas de técnicos, pela vontade política de um homem, dentro da perspectiva da ambivalência política de um governo liberal executando um projeto de cunho socialista, está representada na ficção. Há ainda a preocupação em perceber como o texto literário entende este processo de urbanização da cidade que, embora não negue o discurso que a fundou, subverteu a ordem inicial e produziu uma urbanidade comum às demais cidades brasileiras. Criada para ser a metrópole, Brasília já apresenta características das megalópoles. Esse espaço ambíguo que convive com as distinções sociais, faz emergir um movimento de compreensão, no qual o texto literário em conjunção com a teoria sociológica sobre a cidade permite entender a situação contemporânea do indivíduo situado neste espaço. Neste as condições materiais, mesmo marcadas, também, pelo processo de ruptura do discurso desenvolvimentista, não negam o mito de “capital da esperança”.

O trabalho de pesquisa sobre Brasília leva a duas consequências. A primeira, de cunho metodológico, revela que os estudos sobre o espaço urbano dessa cidade devem contrastar com as descobertas nas quais as idéias propostas no plano original interagiram com as práticas sociais dos seus moradores.

A segunda, presente no âmbito político, mostra que as ações para construir uma cidade planejada podem desenvolver práticas de interação nas quais os estudos dão conta

de uma relação entre Estado e indivíduo, cujo conteúdo nem sempre foi aquele previsto em pranchetas ou discursos. Segundo Aldo Paviani (1988) o desenvolvimento urbano observado em Brasília gerou, e continua gerando um crescimento desordenado. Isso torna as desigualdades econômica e urbanística uma realidade importante para os estudos do processo de expansão urbana da cidade.

Desde o princípio havia pretensões de se criar cidades satélites para se abrigar os trabalhadores da construção civil. A primeira cidade foi Taguatinga, em seguida vieram Sobradinho, Núcleo Bandeirante, Gama, Vila Planalto. Essas cidades surgiram, não necessariamente nessa ordem, para suprir uma demanda habitacional dos imigrantes que chegavam diariamente à capital. Distantes do centro e sem potencial de empregabilidade, pois os postos de trabalho, geralmente são provenientes de comércio de pequeno porte com bases familiares, essas cidades não possuíam infra-estrutura adequada para seus moradores. Mas hoje, muitas delas já não apresentam mais as características iniciais. Porém a expansão urbana do espaço de Brasília, não ficou restrita às primeiras cidades satélites. Após o final da década de oitenta do século passado, o espaço urbano cresceu consideravelmente. Por meio de invasões e criação de assentamentos assistiu-se uma verdadeira ampliação da cidade e, por conseguinte, a extensão de sua área habitada por novas moradias em novas cidades.

Na oposição centro e periferia a classe média ergue seus muros de proteção, coloca suas cercas elétricas, cerca bairros, controla edifícios... para se protegerem. Essas estratégias adotadas alteram a paisagem urbana e produzem uma compartimentalização da cidade, onde se explicitam as diferenças entre o Plano-Piloto e as cidades satélites.

O Distrito Federal e seu entorno, com exceção da Região do Plano-Piloto, articulam dispositivos em que o Estado consolida a gestão de serviços “globalizados a coexistir com setores tradicionais em que atividades econômicas sejam elas informais ou marginais, estão conjugadas a serviços deficientes, à pobreza, ao desemprego e à insegurança”. (CANCLINI, 2003). A estrutura urbana configurada no espaço urbano em que as cidades-satélites, os assentamentos e as invasões fazem coexistir um *apartheid* social e revela que a segregação social, colocada pelo Plano de Expansão Territorial do DF, já estava prevista quando este recomenda a expansão da cidade longe das áreas próximas ao Plano-Piloto.

Nos novos assentamentos, a aridez da paisagem encoberta por uma camada de poeira vermelha, contribui para ampliar as condições precárias da paisagem urbana. A

fragilidade da infra-estrutura revela como os conjuntos habitacionais e a urbanização da cidade estão traçados sem preocupar-se com a vida dos moradores, mas há sim uma busca do controle social conforme explicita Aldo Paviani (1988).

Pesquisar Brasília é penetrar na lógica da produção do seu espaço urbano, é perceber como a ampliação da cidade faz emergir ações conflituosas. Nesse sentido interpretar a forma “polinucleada” assumida pela capital é compreender o espaço inacabado, pois, como afirma Aldo Paviani, “o esparramamento urbano, em síntese, contém um controle geopolítico, atenuam-se ímpetos de massas oprimidas e reivindicantes” (1988: 48). A cidade ao ser fragmentada acaba por criar núcleos múltiplos e desencoraja as pressões populares.

Brasília coloca a problemática urbana no centro das discussões, pois como nem sempre a urbanização é sinônimo de industrialização, percebe-se que o crescimento da cidade não está associado somente à erradicação de favelas. A expansão urbana da cidade está atrelada às mudanças sócio econômicas que estão em ocorrência constante na cidade desde sua fundação. Para Paviani, essas mudanças “estão contidas pelo processo de urbanização e servem para alimentá-lo” (1988: 49). Paviani afirma que nesse processo de expansão urbana estão

contidas contradições básicas da sociedade, fruto do jogo dialético e de forças que atuam no interior do processo. Estas forças ora agem para concentrar, ora para desconcentrar bens, habitações, infra –estruturas físicas e sociais. Agem mais para modernização do que para a transformação social [...] Em razão deste fato, Brasília não foge à regra das demais cidades brasileiras, nas quais as mudanças sócio econômicas e políticas não arranham o verniz das transformações necessárias a uma distribuição eqüitativa dos bens socialmente construído. Segue-se daí que nossas metrópoles são santuários de segregação sócio-econômica (e portanto espacial): os mais afortunados estão próximos aos lugares valorizados, ocupando, aí, as posições melhor remuneradas; os destituídos são também excluídos do acesso à terra, à habitação, à educação, aos empregos e/ou atividades remuneradas, sendo, por isso, periferizados (espacial e socialmente falando). (PAVIANI, 1988: 49)

Portanto, as mudanças, quando ocorrem, não diminuem o aumento das periferias, Brasília não foge a regra, os assentamentos e as satélites surgem como lugares onde as oportunidades não se colocam como no Plano-Piloto. Embora a estrutura de urbanização tente repetir a ocupação espacial do Plano, com exceção dos assentamentos invadidos, as cidades criadas não oferecem as mesmas vantagens dos serviços urbanos da matriz, ao contrário, elas concentram toda uma série de problemas comum ao espaço periférico e pauperizado das grandes cidades.

O estudo da cidade de Brasília pode contribuir para repensar a modernidade, haja vista seus processos de ocupação urbana fornecerem dados para a compreendermos como a ocupação do espaço público permite visualizar as mudanças simbólicas e as mudanças urbanas para entender os imaginário sobre a cidade consubstanciado no texto literário. Ao mesmo tempo em que a urbanização de Brasília redefine a fisionomia do projeto original, ele nos leva a indagar como o sentido urbano pensado pelos construtores JK, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, foi reordenado pelo processo de ocupação do espaço e reformulado pelos habitantes da cidade planejada.

Brasília, a capital política, na denominação de Max Weber, a cidade do príncipe, lida com tradições locais e com o que há de mais moderno, essa dubiedade faz com que exista uma hibridação no seu repertório cultural, seus moradores são provenientes dos mais diversos lugares do Brasil e do mundo. Portanto, encontramos tanto o pão de queijo do mineiro, como o pequi do goiano, o churrasco do gaúcho, a carne e sol do cearense, o acarajé baiano, o beiju pernambucano, o *petit gateau* francês, o *Eisben mit Sauerkraut* do alemão, as *tortilas* mexicanas... Tudo isso faz a estrutura urbana e o significado da vida nessa cidade privilegiar os vínculos constituídos pela imagem de diferentes repertórios. A cidade planejada para 500 mil habitantes se transformou ao longo da história. Hoje, com mais de 2 milhões de habitantes, a cidade apresenta diversas mudanças socioeconômicas. As cidades satélites e os assentamentos não receberam a mesma atenção do Plano-Piloto. Com exceção de Taguatinga, dificilmente encontramos uma livraria, uma sala de cinema, um teatro... poucos são os lugares de lazer, poucas são as bibliotecas, na sua maioria fechadas para o público por falta de funcionários.

O escritor, mestre em captar a sensibilidade moderna, consegue penetrar fundo no paradoxo do processo de urbanização. Os textos literários permitem entrever no processo de urbanização dessa cidade o tecido constitutivo da modernidade, seja nos romances, seja

nas crônicas, seja na poesia, ou no conto, a linguagem literária coloca em xeque o discurso desenvolvimentista e o projeto de modernizar o Brasil, imbricado no projeto da cidade.

Brasília, na literatura, não é apenas uma reflexão sobre a realidade política, mas é, também, uma cidade de conteúdo e forma, onde as vozes dos seus moradores desconstroem a cidade sem problemas, e fazem emergir, por meio de múltiplos recursos lingüísticos, a cidade acossada por uma pobreza estrutural, para a qual não se vêem soluções.

Estudar Brasília é decodificar a lógica da política local, para isso, entender a cidade, a partir da visão do texto literário, é procurar dar sonoridade a outras vozes não inseridas nos registros oficiais; é buscar o grito a quem foi retirado o direito à palavra; é entender porque a cidade pode ser o lugar no qual a sociabilidade pode, ou não, garantir a sensação de pertencimento. Nessa perspectiva, a literatura cria uma relação com os significados e permite ao mundo reificado, cuja modernidade cria sua própria metafísica, desnaturalizar as estruturas dos discursos sob os quais a imagem da cidade capital está assentada. A partir da linguagem literária, conjugada ao texto científico, é possível liberar a cidade do simulacro sob o qual Brasília surge como um projeto moderno capaz de redimir o Brasil de um arcaísmo de uma nação incompleta, ainda em formação e inseri-lo, por meio de um projeto arquitetônico arrojado, no círculo dos países desenvolvidos. Brasília é erguida sob o argumento de que uma manifestação grandiosa seria capaz de permitir ao Brasil a condição de realizar-se como nação.

Brasília representa uma espécie de ideal de racionalidade feliz. Seu espaço sugere uma vida ordenada, livre de qualquer esfera de ambivalência. Ela é a visão da cidade perfeita, que embora não rejeite a história, pois resgata o mito da descoberta do Brasil, omite os vestígios palpáveis de capital de um país periférico. Ao imputar a “felicidade racional” e desmaterializar o tempo histórico, a cidade torna-se uma moldura urbana da qual só é possível extrair os significados previamente determinados.

A escolha de Brasília reflete a necessidade de entender como uma cidade criada nas pranchetas de técnicos, dentro da perspectiva da ambivalência política do governo liberal de JK, está representada na ficção.

Livres de quaisquer restrições ou limitações por parte de JK, Niemeyer e Lúcio Costa viram a oportunidade de moldar a vontade dos habitantes da futura cidade. O arquiteto e o urbanista submissos apenas as premissas da arquitetura modernista,

compuseram uma realidade ainda inexistente. Esses dois profissionais misturaram ingredientes da lógica e da estética modernista para compor aquilo que mais apraz aos sentidos. No espaço desenhado à medida do homem tentou-se eliminar a surpresa e o acidente.

Desde o início Brasília se consolidou como um espaço no qual deflagrou-se, ininterruptamente, o combate decisivo entre o moderno e a tradição. Brasília é uma espécie de remate dramático dos sonhos dos grandes projetos da modernidade brasileira. No coração do Brasil, a cidade foi construída com a intenção de fazer brotar o novo, fazer brotar uma sociedade moderna enraizada na racionalidade modernizadora, para dar ao país a condição de nação desenvolvida. No plano original, Brasília está pronta: ela é a própria imagem do futuro.

As mudanças desse espaço, quando ocorrem, não diminuem o aumento das periferias, Brasília não foge à regra - os assentamentos e as satélites surgem como lugares onde as oportunidades não se colocam como no Plano-Piloto.

Entender a complexidade e a heterogeneidade desta cidade, expressas tanto em suas contradições sócio-espaciais, como na dinâmica política e econômica pertinente a este espaço, poderia se dar por diversas áreas do conhecimento, mas a perspectiva aqui proposta é o entrecruzamento dos olhares da literatura e da sociologia, procurando não dicotomizar razão e história, mas buscar a leitura em que *urbis e civitas* se entrecruzem para formar a “fisiognomia”¹ da cidade.

Os conflitos encerrados nos textos literários expõem a subjetividade e a convivência entre indivíduos que se nos encontram mais variados locais. A ponte do Bragueto, o Congresso Nacional, o Parque da Cidade, a Feira da Ceilândia ou um barraco da Estrutural são lugares da sociabilidade urbana. De um lado, o indivíduo; do outro, a idéia da cidade como organização da modernidade. Brasília é conquista e condenação, é esperança e desespero. Ela é o receptáculo para o homem moderno, o homem da cidade. .

¹ Segundo Willi Bolle no seu livro “fisiognomia” da Metrópole Moderna”, o termo “fisiognomia” refere-se às costelações de fragmentos urbanos. A partir desses fragmentos, para Walter Benjamin na interpretação de Bolle, é possível estabelecer um paradigma para refletir sobre o fenômeno contraditório da modernidade na metrópole. Aplicado à realidade das metrópoles do terceiro mundo, o autor observa que o conjunto dos fragmentos urbanos (a “fisiognomia”), é um conceito que possibilita verificar como se estabelece o choque entre os ideais de progresso e modernização e o atraso e a barbárie (barbárie e atraso referem-se aos problemas econômicos e sociais que assolam os países situados na periferia do capitalismo).

O sentido buscado na literatura, que representa aqui o mundo da vida, descrito na teoria da Ação Comunicativa de Habermas (2001), externa uma crítica social, ora sutil, ora devastadora, mas válida e interessante para descortinar essa nuvem nebulosa dessa metrópole aos olhos da “carne” circunscrita à “pedra”.²

Por isso a literatura não pode ser encarada apenas como um acontecimento efêmero - ela é mais -, suas conseqüências transformam-se em ações, pois que, nascida do real, ela é capaz de reagir sobre a realidade do mundo sistêmico. A literatura questiona o predomínio da consciência tecnocrática ao não legitimar a visão discursiva do projeto fundador, representado pelo discurso do Estado, o subsistema político. Ela questiona a pretensão de veracidade das regras políticas estabelecidas no processo de ocupação do espaço urbano e expõe as regras do jogo, renegociando as rotinas que se fizeram presentes na sua construção. Os textos literários criam uma situação mediatizada pela linguagem na qual o “mundo vivido” no espaço urbano da capital não está rotinizado pelo “mundo sistêmico”³.

Na literatura, a cidade não está enclausurada pelas fronteiras arquitetônicas de um projeto - ela é parte da rua, sua essência. Suas imagens e suas representações estão assentadas nos problemas da vida em sociedade. A linguagem metafórica penetra nas

² Os conceitos de *urbis* e *civitas* serão tratados neste trabalho segundo a concepção empregada por Richard Sennet no seu livro “Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental”. *Urbis* refere-se à cidade material, ou seja, as construções físicas, englobando toda a arquitetura constitutiva, a “pedra” do espaço urbano. *Civitas* designa as relações estabelecidas na *urbis*. Essas relações compreendem a vida social e as políticas desenvolvidas pela “carne” no espaço do urbano.

³ No mundo sistêmico prevalece a ação instrumental ou estratégica. Estas ações estão em forma de ação técnica na qual os meios para a obtenção de fins são aplicados racionalmente. Isso ocorre através do uso do poder econômico e político. Por fim, no mundo sistêmico prevalece à busca do êxito, do sucesso e da dominação.

Para o mundo da vida o objetivo é sempre o entendimento orientado pela ação comunicativa. Esta ação se dá sempre pela interação lingüisticamente mediada, possibilitando ao indivíduo pensar e analisar todas as relações sociais cotidianas sejam elas espontâneas ou padronizadas. No mundo da vida o agir/ação está sempre baseada no entendimento mútuo. Sempre é possível a expressão, via linguagem, de sentimentos, expectativas, desaprovações. Em essência, no mundo da vida está intrínseco a procura do entendimento e do bem estar de cada um e de todos.

Estes dois mundos, segundo Habermas, não estão isolados, ao contrário, em princípio um depende do outro. Todavia, Habermas (2001,1989) argumenta que na modernidade, a colonização do mundo da vida pelo mundo sistêmico é uma realidade, ele considera essa colonização uma das patologias da modernidade. A estratégia de ação instrumental do mundo sistêmico ao invadir os espaços do mundo vivido, desaloja e expulsa o agir comunicativo, impedindo a construção de situações de fala para que o argumento seja colocado. Os valores do mundo sistêmico como poder, dinheiro, prestígio, sucesso, se inserem no mundo da vida e desacreditam os valores estabelecidos em sociedade desacreditando as relações sociais.

distorções ideológicas até então legitimadas, principalmente pelo discurso de seus construtores, e fortalece uma outra base para a emergência de uma percepção do mundo contemporâneo no que tange à análise da cidade modernista. A literatura aborda tanto a base material concreta da *urbis*, como a constituição da *civitas*.

A cidade é, pois, um fenômeno de origem político-espacial. Em Brasília utopia política e utopia urbana são imagens que se confundem. Ao abordar a ambivalência entre razão emancipadora e razão instrumental, os textos literários tornam-se uma espécie de crítica à modernidade. O debate entre verdade e ficção nos remete à questão da objetividade e subjetividade. Nesse debate, o texto literário expõe a subjetividade e a exprime. Isso posto, a literatura, ao se colocar como crítica da modernidade, fundamentalmente critica a si própria, pois ela é, também, parte da modernidade. Dentro dessa perspectiva surgem as seguintes questões para esta pesquisa:

- a) Na história de urbanização desta capital a modernidade e o desenvolvimento tecnológico levam a uma “magnificação” e uma celebração do monumento social. Submetido a uma lógica comercial, onde as atividades culturais, políticas e econômicas estão sob uma ordem ditada pelo mercado global, como o cidadão se localiza no espaço urbano local de Brasília?
- b) Como a relação entre tradição e modernidade reflete, nas manifestações literárias, a cidade como palco de figurações da experiência humana desde a década de 60 do século XX até o início do século XXI?
- c) Como, no contexto de Brasília, a literatura organiza o imaginário urbano?

Partindo da **hipótese** de ser o texto literário um *locus* privilegiado para se observar como o processo de megalopolização⁴ acarreta profundas transformações nas relações

⁴ Segundo Freitag (2002), o conceito de megalópole segue as características essenciais expostas na seguinte forma típico-ideal: “Trata-se de cidades gigantes com uma população que oscila em torno de 10 milhões ou mais habitantes; Esse crescimento urbano vertiginoso aconteceu nas últimas três décadas, portanto nos anos 70, 80 e 90 (do século XX), período em que o número de habitantes triplicou ou quadruplicou-se; Essa verdadeira explosão demográfica não se deveu tanto a um crescimento vegetativo da população urbana, mas sim à confluência maciça de populações das mais variadas origens; A imigração mais ou menos descontrolada dos migrantes das mais variadas regiões do território nacional e mesmo do exterior, do campo, de aldeias e de pequenas cidades gera uma civilização multicultural; Essa civilização urbana compõe-se de “subculturas” em si homogêneas, mas entre si divergentes, tornando-se como critérios de distinção a nacionalidade, a classe social, a etnia, convicções religiosas, grupos etários, o gênero e os hábitos

sociais, transfigurando a racionalidade e a aura de metrópole modernista planejada da cidade selecionada, indaga-se: Que relações a literatura estabelece na cidade de Brasília entre a cidade modernista e a constituição da vida urbana no sentido de permitir visualizar indícios que denunciam a transformação da cidade ideal modernista?

É por este motivo que nesse estudo os textos selecionados perpassam três momentos para mostrar o processo de urbanização da cidade. Quais sejam:

1. No primeiro momento, os textos exaltam o encanto com a construção, onde o modernismo, com sua arquitetura, cria a cidade moderna e valida o projeto desenvolvimentista de uma cidade com condições de levar o Brasil a dar um salto de seu presente arcaico para um futuro de inserção plena na modernidade.
2. No segundo momento, surgem textos que apontam para o desencantamento com a cidade modernista e com a pedra que expulsa a “carne” e impõe ao indivíduo a força da solidão de um lugar onde se nega a história e as tradições da sociedade brasileira.
3. No terceiro momento, a literatura aponta para as primeiras redes sociais consubstanciadas na cidade. As poesias, as crônicas... passam a ressignificar os monumentos como lugares, não mais só de apreciação, mas espaços colocados como pontos de encontros, onde se instituem práticas sociais unindo a “carne” a “pedra”. Aqui estão ainda os textos nos quais a expansão da cidade mostra os lugares para além do Plano-Piloto. A estrutural, Sobradinho Dois, Ceilândia... aparecem como parte da cidade, como lugares que imprimem ao plano original a transcendência da cidade planejada, para a cidade das vivências urbanas.

sexuais dos habitantes das megalópoles; Por isso mesmo, a megalópole se caracteriza por contrastes radicais que se refletem no tecido urbano, nos materiais dos prédios, nos estilos arquitetônicos: ao lado de arranha-céus de aço e vidro “fumé”, encontram-se favelas, cortiços, “barriadas” que ocupam as áreas vazias entre prédios e bairros, e as zonas periféricas. Os barracos de papelão e lata, madeira e bambu vão se multiplicando à beira dos rios e das auto-estradas, embaixo de pontes de concreto e aço e em estacas sobre lagunas, como algumas, como em tempos pré-históricos. Eles convivem com enormes centros comerciais (shopping centers), parques de diversão, complexos empresariais, conglomerados bancários de alto luxo dos tempos pós-modernos; As megalópoles de hoje são os pilares e os pontos de cristalização da economia mundial globalizada, são os sustentáculos da pós-modernidade; Praticamente quatro quintos das megalópoles do mundo contemporâneo encontram-se no hemisfério sul, o que equivale a dizer que pertencem aos países subdesenvolvidos ou em franco desenvolvimento” (109- 110).

Diante deste quadro, o *corpus* selecionado está composto por poesias, contos, crônicas, letras de músicas e romances.

Vê se na literatura que Brasília é tanto história objetivada, quanto história transformada. A relação com a cidade é dialética: o morador tanto define como também é definido por ela. No contraponto entre sociologia e literatura é importante reconhecermos suas distinções, para então trabalharmos no sentido de criar análises do real em que as duas formas de linguagem se coloquem como possibilidades de conhecimento.

Essa diversidade dos fragmentos encerra mais uma possibilidade de se abstrair a correlação cidade-modernidade-modernismo. Nessa polifonia das vozes dos textos literários cruzados com o discurso sociológico, há um reencontro desse universo urbano com a multiplicidade.



Adalto Júnior



Thiago do Planalto



II. DE VOLTA À CIDADE

Desde seu surgimento a cidade traz consigo o mito da vida e da felicidade. É no espaço da cidade onde parcela significativa da população terrestre vivencia seus dramas e suas realizações. Viver na cidade é viver a cidade. Vista como um desafio a ser compreendido a cidade emerge como um organismo em mutação. A olho nu ela se forma não de maneira harmônica, mas segundo a complexidade da vida.

A expansão massiva da cidade hoje é um fato. A materialidade do espaço urbano não pode ser negada. A cidade registra o tempo e a história da sociedade. Nas construções mais antigas e também nas novas, as marcas históricas expandem tanto o território quanto criam um emaranhado de idéias e aspirações. A cidade é o sonho de seus moradores. O imaginário urbano se materializa e, na dinâmica da *cite*, o impulso modernizador se traduz numa espécie de totalidade composta por diversos fragmentos que estão intrinsecamente relacionados entre si.

Considerada por muitos estudiosos como uma síntese da sociedade, a cidade tem sido um laboratório vasto para o estudo da modernidade. Nela se verifica a diversidade de relações entre as diferentes culturas. Há na cidade uma convergência para aglutinação das potencialidades humanas (MUMFORD: 1998). Contemplar a cidade é contemplar um organismo em mutação, pois a cidade a cada momento surge como uma nova composição, seus fragmentos refletem imagens diversas, novas pulsações estão prontas para serem analisadas, são materiais para se entender a vida social na atualidade.

No mundo contemporâneo a cidade adquire uma importância fundamental, é na grande cidade onde se instauram os grandes avanços da sociedade global. Nelas se realizam ou se frustram as idéias produzidas pela sociedade.

Para Lefebvre a revolução urbana caracteriza-se pelas transformações que ocorrem em toda a sociedade nos âmbitos social, econômico e cultural nos quais a problemática urbana torna-se decisiva para as soluções apropriadas ao meio de vida urbano, ou seja, a realidade do urbanismo constitui-se como um item tão importante na produção social e econômica quanto à ciência. É dessa forma que a organização política do espaço além de expressar relações sociais, também rege sobre elas.

Nessa perspectiva, o estudo da questão urbana dimensiona e orienta a pesquisa sociológica para a observação sistemática dos movimentos urbanos, perfazendo uma tradição que já dura em torno de dois séculos. As condições de produção, nas sociedades modernas, mesmo parecendo obedecer algumas regras básicas e seguindo um ritmo que regula a heterogeneidade dos movimentos sociais, só é mais um exemplo da capacidade da cidade grande, como afirma Park (1976), de mostrar em excesso o bem e o mal da natureza humana em seus processos de organização social. A cidade é em verdade um laboratório ou clínica onde a natureza humana e os processos sociais podem ser estudados de forma proveitosa e conveniente.

A natureza econômica da cidade é o cerne para a instauração da modernidade racional no mundo ocidental. Para Weber (2000), a cidade vincula-se a uma ordem econômica, sendo, pois, esta ordem que sintetiza as motivações da ação e das relações sociais do indivíduo. Essa sociedade urbana que ignora os condicionamentos estamentais, eclesiásticos e familiares está orientada por interesses de posses de bens e de oportunidades na atividade mercantil. Nela a ação social dos indivíduos passa a ser estimulada por interesses econômicos, eminentemente de mercado tanto de produtos, quanto de trabalho.

Na análise de Georg Simmel no seu ensaio “A metrópole e a vida mental” publicado em 1907, a modernidade é algo do presente, onde se verifica uma objetivação do sujeito e uma subjetivação do objeto.

A junção do pensamento abstrato com o concreto leva em consideração o espírito e o objeto fazendo surgir a dialética do conflito entre indivíduo e sociedade. Para Simmel não é possível haver o indivíduo, ele é só mais um em um milhão. O indivíduo tem que correr para se juntar à pulsação constante da cidade grande, pois ela é o centro onde se dá o seu nivelamento com a mercadoria. Sua personalidade passa a ser medida pelo poder econômico, não havendo distinção qualitativa. Na multidão não importa quem faz ou quem compra a mercadoria, importa que ela seja comprada. Na cidade o dinheiro é o fator nivelador tanto das mercadorias da loja como dos indivíduos na massa. A produção é sempre para o mercado e não para o consumidor, o que provoca uma situação de anonimato do indivíduo.

Walter Benjamin (1994) enfatiza a cidade como sendo uma instituição deslocada do mundo vivido e não como uma utopia. A cidade é algo absolutamente racional, funcional e manipulável com capacidade inigualável de apreender relações e comparações

num fluxo narcotizante. Há nela uma espécie de privilégio de superposição do eu em que se evoca uma capacidade dialética de crítica e ao mesmo tempo de anestesia frente aos acontecimentos. Willi Bolle (1994) afirma ser a “fisiognomia” da cidade benjaminiana revelada como um paradigma de reflexão sobre o fenômeno contraditório da modernidade.

Dentro desse princípio a cidade é mais do que concreto e aço. O imaginário urbano é resultado da sensibilidade ocidental originado na *polis* grega, no qual a cidade é o espaço público da decisão política. É diante da complexidade das metrópoles modernas que o conceito de urbano é construído diariamente. Na modernidade a fragmentação, a simultaneidade e a montagem na cidade misturam o real da experiência sensível com a imaginação.

No século XXI, a cidade atingiu proporções assustadoras, as megalópoles são realidades. Percebe-se hoje que a referência territorial básica, a cidade, está moldada pelo urbano e todas as suas contradições. Diante dessa constatação observa-se um retorno ao debate da cidade e suas condições de urbanização. Esse retorno às cidades acontece através de componentes objetivos e subjetivos presentes nas transformações do mundo contemporâneo. Enfim, estudar a cidade é entender como o processo de urbanização está iminentemente relacionado com o mundo global.

Saskia Sassen em seus estudos mostra que a economia globalizada construiu uma outra geografia na qual instituiu uma nova classificação onde se colocam posições de centralidade e marginalidade das cidades. Sassen, segundo Freitag (2006), afirma ser o redirecionamento dos fluxos de capital financeiro e a passagem da economia industrial para a economia de serviços responsáveis por reorientar geograficamente os efeitos sobre a cidade e criarem uma nova tipologia para a classificação das mesmas. As novas tendências da economia mundial fazem emergir as cidades globais, as megacidades, as metrópoles, as cidades marginais ou periféricas e as cidades satélites. Segundo tipologia de Sassen as:

1. Cidades globais – são cidades contemporâneas que constituem os “pilares” da nova era informacional, no sentido de Castells (1998-1999). Essas cidades grandes fornecem a infra-estrutura necessária para a economia mundial, para que esta possa realizar as transações necessárias de capital e mercadorias. (...) As cidades globais também são mercados capazes de absorver e reciclar todos os fluxos (nacionais e internacionais) de capital.

2- Megacidades – Essas cidades são definidas pela concentração recente de grandes populações. Seu número absoluto registrou uma explosão, espalhando-se pelo mundo, com concentração especial no hemisfério sul. A explosão demográfica se deve a migrações e ao crescimento vegetativo, gerando inúmeros problemas de habitação, transporte, emprego, educação, saúde, violência, tráfico de drogas, poluição. Trata-se de megacidades em que convivem riqueza e pobreza, modernidade e pós-modernidade. Os opostos, os extremos e o multiculturalismo são os traços característicos dessas cidades.

3- Metrôpoles – As metrôpoles são cidades que têm uma longa existência. Guardam sua tradição política, cultural e econômica, mostrando grande habilidade para se adaptar à modernidade e às novas exigências da economia global, sem perder sua dignidade e especificidade como cidades históricas. Também se trata de cidades grandes com um número substancial de habitantes; possuem bons aeroportos, hotéis, sistemas de transporte, telecomunicação etc. Em outras palavras, têm a infra-estrutura que se espera de uma cidade global, mas não se reduzem a ela. Preservam sua cultura e especificidade e cuidam de seu patrimônio, o que lhes garante grandes afluxos de turistas, que contribuem para a manutenção econômica dessas metrôpoles.

4- Cidades periféricas-Trata-se de cidades que se tornaram secundárias, ou até mesmo marginais, em consequência das macro transformações da economia mundial. Perderam importância e/ ou centralidade regional, ou seus produtos caíram em desuso. Em outras épocas, podem ter tido importância cultural, política, geográfica, mas perderam lugar para cidades novas (ou antigas, que ganharam peso), no decorrer das transformações da economia mundial. Algumas estão até decadentes e, provavelmente, jamais recuperarão a importância que tiveram, pois têm dificuldade de se reconectar à rede de cidades importantes.

5- Cidades- satélites (ou dormitório) – São cidades que, por si só, não têm autonomia para existir ou sobreviver. Necessitam de cidades vizinhas que forneçam empregos, serviços, alimentos, roupas etc., para sobrevivência de sua população que acaba sendo absorvida por uma cidade dinâmica próxima. (SASSEN apud FREITAG, 2006: 118- 119).

As cidades na tipologia de Saskia Sassen, conforme nos alerta Freitag (2006) não existem em estado puro. Em verdade elas misturam características umas das outras. Mas

Freitag observa que essa tipologia cria uma espécie de escala na qual as cidades globais são mais adequadas ao modelo econômico atual, já as cidades periféricas, as cidades satélites e as megacidades não estão em consonância com as exigências do mundo contemporâneo, pois nelas convivem os excluídos da sociedade informacional, um contingente populacional sem condições de inserção no novo modelo econômico. As cidades globais, ao contrário, pertencem ao grupo de cidade ideal para a contemporaneidade, elas “assumem, por vezes, importância superior ao próprio Estado-Nação, que perde importância”. (FREITAG, 2006: 120). Assim as cidades representam tipos mistos, classificá-las só é possível se levarmos em consideração seus componentes predominantes.

Nessa cartografia urbana definida pelo mundo global encontra-se Brasília, uma cidade na qual o processo de povoamento torna possível visualizar como a cidade acomoda, ou não, os que a procuram e como ao cidadão é imputado um estilo urbano próprio àquele que habita a cidade. Ao se abandonar a idéia da cidade como o lugar da construção humana e da irradiação da cultura, presentes nas metrópoles, o espaço urbano tende a se tornar uma mercadoria exposta à lógica do capital financeiro, da sociedade do espetáculo, do consumo e do controle buscando um urbanismo dessocializador em detrimento do pacto social (CANCLINI, 2003). Brasília expressa esse dualismo entre a desintegração e a desigualdade da cidade local marginalizada, marcada pela condição de megalopolização, na construção típica ideal proposta por Bárbara Freitag (2002), em oposição à cidade global, nos termos de Saskia Sassen.⁵ (1998).

Marcadas pela heterogeneidade o processo de urbanização das metrópoles brasileiras não seguem o padrão da cidade global. Como afirma Brasilmar Nunes (2003) este processo se caracteriza por:

⁵ Cidades Globais, segundo Saskia Sassen, constiuem-se em lugares essenciais para a economia, haja vista as mesmas ocuparem lugar de destaque fundamental na produção. A relação de fluxo de capitais faz com que as cidades globais sejam olhadas do ponto de vista transnacional, rompendo com o olhar doméstico. As cidades globais são pontos nodais que gerenciam as operações globais, são matrizes destes capitais. Elas possuem uma lógica terciária, o que favorece o enfraquecimento do Estado Nação. A cidade global possui o tempo calcado não mais na produção fabril, mas sua referência do tempo é internacional, elas não param, centralizam o fluxo financeiro e descentralizam a produção.

- a) Amplo processo de periferização, resultando em espaços com elevado padrão de infra-estrutura ao lado de áreas carentes e precarizadas;
- b) Padrões de renda familiar com elevados níveis de desigualdade;
- c) Distribuição também desigual do emprego no território intra-urbano, gerando áreas com alto potencial de empregabilidade ao lado de outras com baixíssimo potencial;
- d) Índices de violência guardando estreita correlação com índices econômicos e culturais; Crescimento populacional alimentado, sobretudo por migrações internas. (NUNES in PAVIANI, e GOUVÊA: 28).

Em nossas metrópoles os tempos sociais e as formas de controle não são lineares. Como não poderia deixar de ser Brasília também é uma cidade que não foge a estas características. A múltipla lógica às quais o processo de urbanização está subsumido conduz a análise social desse cosmo citadino que é Brasília.

BRASÍLIA: da utopia à realidade

Em 1798, em conexão ao movimento da Inconfidência Mineira surge a idéia da transferência da Capital do Brasil para o Interior. Em 1890 essa idéia transformou-se em artigo da Constituição Federal, sendo reiterada das demais Constituições até o ano de 1946. Em 1957 registra-se a primeira ação efetiva no sentido de se realizar a mudança. Através de um concurso público o plano de Lúcio Costa foi escolhido entre os diversos existentes para a construção da cidade.

Brasília foi construída a 1000 metros de altitude e a 1000 quilômetros das duas metrópoles, Rio de Janeiro e São Paulo. Nela o aço e o concreto se afinam aos sentimentos do homem moderno “no Brasil a primazia do plano artístico coube à arquitetura, o importante era criar algo novo, ali onde o solo ainda era virgem”. (PEDROSA, 1981: 258).

Niemeyer vê a construção como uma possibilidade de equilibrar o social, o profissional e o político. Brasília, a cidade nova, é a síntese do político e do social com o estético profissional como versava a Carta de Atenas. “Os novos construtores utilizaram se

do poder da ação dos ditadores para poder por em prática suas idéias. Soube compreender então tudo o que pensavam e sonhavam realizar.” (PEDROSA, 1981: 259).

A Carta de Atenas se baseou na verificação histórica de que não se pode sustentar que a organização social pode melhorar se deixada a se desenvolver e a se corrigir por conta própria.

O capitalismo, tanto o privado, quanto o de Estado, desmantelou por dentro, num longo processo histórico, a ordem urbanística, intrinsecamente harmônica e solidária. O resultado foi à dissolução do caráter eminentemente comunitário da cidade. O organismo coletivo perdeu sua antiga coesão social. O desenvolvimento dela tomou feição febril, anárquica, mais próxima do processo de uma célula cancerosa que devora todo o organismo (PEDROSA, 1981: 298).

Esse desenvolvimento espontâneo desordenava o espaço. Havia, segundo os CIAN (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna), uma espécie de selvageria no crescimento da cidade liberal, ou seja, nesse processo de urbanização era impossível a instauração de um espírito comunitário. A cidade moderna busca restaurar a coesão social, que segundo a Carta de Atenas, estava perdida. O sonho de juntar técnica urbanística, ordem, desenvolvimento planejado, calor humano e o convívio social são princípios importantes para a arquitetura moderna.

Em Brasília, Lúcio Costa retoma a tomada da posse da terra à maneira cabralina ao inscrever na terra o signo da cruz. Numa perspectiva mais moderna, ele faz pousar em terras do interior a imagem de um avião “confiado na esperança de que a vitalidade, mesma do país lá longe, na periferia, queime as etapas e venha de encontro à capital oásis, plantada em meio ao Planalto Central e a fecunde por dentro.” (PEDROSA, 1981: 307).

Brasília foi definida por uma idéia e, por isso, transformou-se numa utopia já que sua projeção visava o futuro e não as contingências imediatas do presente. Brasília, uma fabricação artificial carece da possibilidade de um desenvolvimento natural. Mas a cidade não foge à regra, se retomarmos o processo de colonização brasileira poderemos perceber que o Brasil também, tal qual Brasília, foi um país criado, ocupado de forma artificial pelos portugueses, que na vasta extensão territorial plantaram núcleos urbanos diversos. Nessa

perspectiva, Brasília recupera a tradição colonial, na qual se ocupa terras e se constrói cidades. Mas a cidade não poderia ficar presa a essa tradição, vivendo como um oásis na colônia, ela precisaria antecipar o futuro, ser uma utopia, enfim. Segundo essa premissa as utopias preparam as revoluções. Ao construírem um mundo fechado elas projetam descobertas e progressos das ciências.

Em especial a modernidade é uma época em que é possível passar da utopia ao plano. Há uma estreita ligação entre os dois conceitos. Construir segundo um plano permite à utopia uma técnica social de realização em que se é possível combinar inteligência, energia e ambição. Portanto Brasília foi uma utopia possível, totalmente planejável em seu Plano-Piloto por sonhos do arquiteto, do urbanista e do político. Brasília é muito mais do que um projeto de urbanismo, ela a síntese da reconstrução brasileira.

Para muitos, Brasília é uma construção completamente nova, ela se caracteriza, principalmente pelas novidades e pela áurea artificial. Em todo caso, ela se enquadra naturalmente na formação histórica de um país que também foi construído desde o princípio, no qual o seu povo é fruto do encontro de três raças que foram se misturando ao longo dos séculos.

Portanto, assim como o Brasil, “a revolução que Brasília implicou, ou deveria simbolizar, terá de criar raízes, descer às infra-estruturas sociais, para surgir aos olhos do povo e das elites como obra sua, obra coletiva, capaz de representar o país na sua história política, social e cultural. (PEDROSA, 1981: 338).

Brasília, cuja planta já lembra a forma de um avião acabará tendo feito apenas uma aterrissagem tecnicamente imperfeita, assentada sobre a cauda, na formosa praça dos três poderes, o nariz no ar...Uma aterrissagem forçada ou provisória, como ave de arribação que, ao pousar no chão é apenas por um momento. (PEDROSA, 1981: 339).

Em essência a cidade se assemelha a uma obra de arte que se constrói. Como um fragmento da natureza, Brasília traz em si um esforço criativo que teve fim com a grandiosidade da arquitetura moderna.

De alto a baixo o Plano-Piloto da cidade é fruto da vontade do homem, nele está

expresso o produto da consciência racional de uma utopia. Pela sua própria natureza a cidade surge monumental convocando a participação de todos os elementos presentes na modernidade. A Racionalidade dos espaços promulga uma aspiração artística universal, na qual arquitetura e arte sintetizam a escolha por uma estética do nosso tempo, tornando a cidade um só complexo, uma só comunidade.

Nesta aspiração, a síntese está na contradição que rege a modernidade, ou seja o “homem atribulado de nossos dias aspira às unidades dos contrários e a comunhão espiritual perdida”.(PEDROSA, 1981: 352).

A fala do arquiteto israelense Hain Ganzu ilustra bem esse pensamento da cidade como uma promessa de futuro, vejamos:

Brasília é algo de inesperado, mas poderá dar resultado se a administração guardar na mente o princípio inamovível de que a cidade não se faz apenas com edificações, mas com homens, com seres humanos, mais complexos que os organismos administrativos. Se os construtores de Brasília se empenharem em modelar dessa forma sua cidade, tendo sempre presente ao espírito o elemento profundamente humano da cidade em geral e da cidade moderna, muito particularmente, então Brasília poderá tornar-se promessa de futuro, em que o ser humano poderá orgulhar-se da obra de seus predecessores. (GANZU apud. PEDROSA, 1981: 352).

A marcha para o oeste, nas palavras de Ganzu, deveria ser feita por uma nova espécie humana, ou seja, era preciso um cidadão capaz de fazer sacrifícios pela causa da cidade do futuro: Brasília. A cidade de arquitetura bela e ligeira, com um urbanismo lógico, flexível, poderia tornar-se razoável e poética para a construção de uma grande nação. No plano, o tamanho da cidade poderia ser visualizado, pois as células residenciais, delimitadas por renques de árvores permitiam a ligação entre os elementos monumentais e as células orgânicas. As árvores seriam então responsáveis por emoldurarem os quadros ainda não pintados. Na perspectiva urbanística, Lúcio Costa proveria uma cidade com variadas molduras que, em tese, poderiam ser preenchidas de diversas maneiras por pessoas provindas de diferentes lugares. Em Brasília a monumentalidade da arquitetura

encarna a criação da cidade.

Na cidade moderna a decoração não é um fim em si mesma, as obras de arte, os monumentos, os edifícios são frutos de necessidades precisas. Eles provêm de idéias e de ambiências, sempre atendem a uma estrutura física e geográfica da cidade. Assim a anatomia, o senso espacial orgânico e social da cidade são respostas dadas às solicitações do homem moderno. Em Brasília se levou em consideração a configuração regional, o tráfego foi fixado obedecendo a um plano de itinerários hierarquizados e funcionais; as vias de comunicação estão em acordo aos eixos comerciais; os edifícios públicos estão colocados de maneira a garantir a lógica das articulações vacinais do Plano-Piloto. Os monumentos dão o toque final para uma visão plástica da cidade harmoniosa.

Erro ou acerto, aventura ou não, Brasília é hoje tremenda realidade, espantallo para uns, promessa para outros..., pois que já ela é trama do nosso destino, já é história. Ela levanta, sem dúvida, uma série infindável de questões, de dúvidas e perplexidades, mas tem, no entanto, um mérito maior: Colocar, sem demagogia, e com premente objetividade os grandes problemas deste país. (PEDROSA, 1981: 392).

Brasília foi uma tentativa racional de se efetivar uma urbanização de áreas não urbanas. Ela representa um esforço significativo de planejamento regional realizado no país. As conseqüências econômicas e sociais da experiência Brasília, hoje refletem uma experiência de urbanização que se quis racional, mas que foi impossível de ser contida devido às necessidades dos imigrantes que para a cidade se mudaram.

Assim, diante desse quadro essa pesquisa se propõe a verificar como os aspectos da urbanização no processo de adaptação ao solo urbano racional e funcional interferiram no modo de vida e na organização social da cidade. Ou seja, procura-se aqui entender como reage o indivíduo submetido a um experimento social planejado.

Inaugurada após 36 meses de construção, em 21 de abril de 1960, Brasília, logo após sua inauguração, experimentou um processo de migração maciça. Dentro dessas considerações apresentadas, esta pesquisa procura investigar os efeitos que o ambiente físico social da cidade provoca nos que nela habitam. Buscar-se á aqui estudar sua

integração na cidade. Para o alcance dessa meta optamos pela alternativa metodológica que dá amplitude às generalizações teóricas e garante a validade das análises.

Diante desse quadro é que procuramos entender como o morador definiu e ainda define sua situação na cidade durante o seu processo de urbanização. Qual o grau de satisfação sentida e manifesta pelo morador e quais os mecanismos geradores desse fenômeno?

Brasília é marcada por transformações significativas em que o espaço urbano é palco de reivindicações e de grandes protestos face à grave crise econômica que assola o Brasil. A cidade capital ao abrigar uma população de mais de dois milhões de habitantes, pode fornecer ao pesquisador uma trama de textos e signos que talvez revele o que é viver na *urbe*. Provavelmente, essa cidade seja, também, um exemplo do que afirma Canclini (2003) quando se refere às megalópoles⁶ da América Latina, que com as crises econômicas, financeiras e o atrofamento dos Estados não foram capazes de mobilizar novos recursos econômicos e culturais com vistas a renovar e expandir sua vida e sua projeção externa. Brasília é o “agora”, mas é também o passado, na medida em que não conseguiu impedir a “invasão” da dubiedade da sociedade brasileira. A cidade vive no limiar entre o velho e o novo, como diria Benjamin.

Brasília instituiu-se como a cidade que corporifica as premissas dos Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna, os CIAN. Ou seja, no seu plano estão previstas novas formas de associações coletivas na vida cotidiana. A cidade segue as recomendações expressas na Carta de Atenas. A organização das funções de moradia, trabalho, lazer, circulação e um centro público, define o zoneamento urbano a cidade tanto na sua ordem interna, como na sua forma geral. A cidade dos (CIAN) foram concebidas como “uma máquina de morar”, “racionalizadas e reunidas em uma totalidade” (HOLSTON, 2005:

⁶ Para Nestor Canclini megalópoles designam as Mega-Cidades. Estas Mega-Cidades ao mesmo tempo em que parecem permitir a facilidade da vida moderna aos que nela habitam, elas limitam o acesso a essas facilidades pelos auto-custos. Isso faz com que ambigualmente o indivíduo conviva com o público e o privado, com o contraste entre o formal e o informal, com o legal e o ilegal, incluído e excluído. Nas Mega-Cidades há uma “magnificação” e celebração do social, mas essa “monumentalização” é fugaz, pois o social está sucumbido a uma lógica comercial. Em verdade a atividade mercantil é responsável por determinar a forma como o cidadão circula e se orienta nessa organização caótica da megalópole que desintegra a racionalidade da idéia de metrópole. Essas mega-Cidades, para Canclini, vivem na tensão entre a expressão extremada da tradição e da modernização global.(2003).

57). Ao conceber a cidade como máquina, a arquitetura moderna⁷ redefine, radicalmente, a base social de cada função. Isso, segundo as pré-noções de sua inovação arquitetônica, transformaria a sociedade permitindo novas práticas para o progresso social. Portanto, um novo estilo de vida seria dado por uma arquitetura que recusa acomodar as condições sociais urbanas nefastas. Isso posto, está colocada uma ruptura total com o passado, a estratégia é, pois, a desfamiliarização. É preciso buscar um conceito de perpétua mudança e renovação, romper com os hábitos mecânicos e dessacralizar valores cristalizados que anestesiaram a rotina para restaurar uma reavaliação crítica das condições colocadas a nossa volta modificando os significados e construindo outros.

Essa síntese da decomposição, da arquitetura moderna, vale-se da teoria do choque combinada a efeitos brutais de desfamiliarização e estranhamento. A imposição de uma nova ordem e a negação de experiências anteriores são atitudes necessárias para

⁷ Autores como Giddens (1991) e Rouanet (2001) definem “moderno” como a possibilidade de independência em relação à tradição. Ser moderno é buscar uma forma de operar que contraponha as maneiras consolidadas pelo uso, pelos valores tradicionais, ser moderno é praticar uma ação de forma consciente. Esta na verdade é a acepção que domina este termo “moderno” desde que as cidades no século XIII e XIV europeu se constituíram como espaços onde a liberdade era possível.

Giddens em seu livro “As Conseqüências da Modernidade” (1991, 11) afirma que modernidade “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. Isto associa a modernidade a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial, mas por enquanto deixa suas características principais guardadas em segurança em uma caixa preta.

Rouanet (1993), um outro estudioso do conceito de modernidade e de suas características, busca no pensamento de Max Weber indicações para a elucidação do mesmo. Com a matriz weberiana, o autor afirma ser o conceito de racionalização uma possibilidade para explicar as inovações ocorridas na sociedade tradicional. Dessa forma Rouanet explica que Weber prefere falar em “racionalização” do que em “modernização”. Embora não haja necessariamente coincidência entre os dois conceitos há momentos em que determinadas organizações sociais não são modernas, mas são “racionais”, pois supõem um raciocínio no qual correlacionam meios e fins de acordo com um plano concebido previamente. Um exemplo disso seria o hinduísmo, que mesmo não sendo moderno, foi submetido a um processo de “racionalização” ao longo de sua história. Para Rouanet (1993: 121), “a modernização significa principalmente aumento de eficácia. Mesmo quando outros valores parecem estar em jogo, como a democracia ou a autonomia da razão, o que se esconde atrás deles é sempre um desempenho mais eficaz do sistema econômico, político ou cultural”. O autor lembra que a modernidade buscava construir um mundo regido pela razão (ROUANET, 1993). Portanto um mundo desprovido de mitos, um mundo, no sentido weberiano, desencantado. Dessa maneira, a ciência, a moral e a arte libertas do universo religioso nas suas diferentes esferas de valor seriam autônomas. Esses processos de racionalização, principalmente no Ocidente, se aceleraram, se difundiram, reforçando-se mutuamente, provocando inovações em cadeia no globo terrestre, fazendo erigir uma nova forma de organização social, diferente das sociedades tradicionais.

transformar a cidade pré-industrial e torná-la um lugar organizado. Assim, as propostas intentavam produzir um novo tipo de cidade e um outro público urbano capaz de negar as distinções representadas pelas formas urbanas que, até então, acomodavam as condições sociais postas pelo capitalismo industrial.

A partir dessa perspectiva, percebe-se o modernismo como um registro utópico. Os arquitetos e os urbanistas ao conceberem a inovação arquitetônica como mote para a mudança nas percepções dos indivíduos e para a transformação social, acabam por conceberem a “relação entre arquitetura e sociedade como transitiva. Mude-se a arquitetura e a sociedade será forçada a seguir o programa de mudança social que a arquitetura representa” (HOLSTON, 2005:63).

Ao renegar o presente em meio à ordem vigente para a sociedade, o projeto modernista propõe uma mudança radical. Desprovida de uma análise política considera a arquitetura como substituta dos processos de organização social.

Para a arquitetura modernista a junção entre o estético e o político seria capaz de promover a organização da vida social. Ou seja, a descontextualização dos projetos utópicos constrói uma narrativa onde as soluções propostas para os centros urbanos surgem como projeções necessárias ao desenvolvimento transformador das práticas sociais. Portanto, a questão colocada para a análise de Brasília é: Uma cidade planejada pode ser desconectada da ordem social vigente? É possível a inovação arquitetônica da “fantasia corporificada” gerar novas práticas sociais?

Essa tensão entre a exigência do espaço desenhado nas pranchetas e a natureza recheada por tradições do universo social do homem brasileiro, acabou por não permitir a continuidade do equilíbrio proposto pelo Plano-Piloto da cidade. Embora a luta pela ordem pública fosse um princípio na criação da nova capital, a cultura pública urbana da cidade desfez o equilíbrio e reagiu a “mistificação” proposta. Brasília foi atravessada pela necessidade da sobrevivência de seus moradores. Novas forças ideológicas superaram o projeto original. Sob a égide da criação de uma geografia pública assistiu-se o fenômeno da expansão urbana imposta pelos não contemplados.

A expansão da cultura urbana estabelecida nessa cidade objetivou novas forças econômicas e ideológicas mantendo, durante algum tempo, uma aparência de ordem assentada em uma perspectiva emocional dolorosa e contraditória diante dessa herança da metrópole moderna.

Em Brasília a legibilidade e a transparência do espaço foram objetivos perseguidos sistematicamente. A cidade é transparente e legível para a administração. Brasília é resultado de um registro perfeito da dimensão territorial estabelecida por técnicos em uma prancheta, como afirma Nunes (2004) “é a fantasia corporificada”. Ela é um exemplo da moderna guerra empreendida pelos modernos na remodelação do espaço. No processo de remodelação, é uma cidade que espelha bem a cidade modernista. Uma cidade espacialmente com as funções separadas.

Brasília nasce como uma cidade não poluída pela história. Ela é a encarnação espacial da liberdade. Na perspectiva das utopias modernas sobre as cidades futuras, ela representa a conquista da razão sobre o território historicizado de forma irracional e irrefreável. A conquista do coração do Brasil reflete a imaginação dos utopistas que sonharam conquistar o espaço urbano em nome de um sonho da materialização do planejamento da cidade e de uma arquitetura com condições de determinar uma estrutura social na qual, o espaço ao ser disposto de maneira lógica, cria as condições ideais de transparência estabelecida pela razão impessoal.

Brasília representa uma espécie de ideal de racionalidade feliz. Seu espaço sugere uma vida ordenada. Ela é a visão da cidade perfeita, que embora não rejeite a história, pois resgata o mito da descoberta do Brasil, omite os vestígios palpáveis de capital de um país periférico.

Ao imputar a “felicidade racional” e desmaterializar o tempo histórico, a cidade torna-se uma moldura urbana da qual só é possível extrair os significados previamente determinados.

O sonho do monopólio cartográfico encontra sua representação no arquiteto considerado radicalmente moderno, Le Corbusier em seu livro “La Ville Radieuse”, publicado em 1933 determinava o fim das cidades existentes, pois elas representavam uma irracionalidade do planejamento urbano. Segundo ele, elas eram urbanisticamente ignorantes, portanto não funcionais causando confusão em seus habitantes. Com a vigência das condições insalubres, essas cidades estavam impossibilitadas de serem reconstruídas, suas deficiências eram tamanhas que só restava serem demolidas e totalmente reconstruídas. Le Corbusier defende um novo projeto urbano, no qual haja a possibilidade de confluir harmonia estética à lógica impessoal da divisão funcional. Enfim, todos os

detalhes da cidade exigiam ser repensados *a priori*, haja vista, ser a arquitetura a reunião da lógica e da beleza.

O sonho de uma cidade onde o “Plano” dominasse totalmente o morador advinha de verdades objetivas, cuja lógica e estética ali colocadas não fossem objetos de questionamento. O “Plano” não pode estar sujeito às queixas ou a imaginação individual. A felicidade está no ajuste perfeito entre as “necessidades humanas cientificamente definíveis e a disposição, inequívoca, transparente e legível do espaço da vida” (BAUMAN, 1999: 50).

O paraíso da arquitetura modernista, Brasília permitiu aos seus projetistas criação ilimitada. Livres de quaisquer restrições ou limitações, eles viram a oportunidade de moldar a vontade dos habitantes da futura cidade. As necessidades foram calculadas com antecedência e precisão. Submissos apenas à lógica e à estética compuseram uma realidade ainda inexistente. Criaram um trabalho perfeito à estética modernista. Misturaram ingredientes da lógica e da estética para compor aquilo que mais apraz aos sentidos. No espaço desenhado à medida do homem tentou-se eliminar a surpresa e o acidente.

Brasília, este ambiente artificialmente concebido, foi calculado de forma a garantir o anonimato e a espacialização funcional do espaço. De pureza clínica tentou se aqui apagar a negociação de significados e desautorizar as pessoas a assumirem responsabilidades pela criação da cidade. O espaço guiado pelos preceitos da lógica e da estética estava, supunham seus criadores, higienizados, ou seja, livres de qualquer peso histórico. As pessoas não precisavam viver sob as condições de ambivalência e incerteza.

A significação social do espaço dá origem à tessitura de diferentes representações da cidade. O surgimento das grandes cidades e suas diferenciações estão calcadas na modernidade que traz com seus pressupostos a transformação do espaço social. Assim, no mundo desprovido de história da modernidade, composto de imagens efêmeras, está Brasília, uma cidade que à primeira vista parece homogênea. Inicialmente ela foi inventada em um espaço vazio de tradição, mas após quarenta anos no seu perfil urbano estão circunscritas as mais diversas tradições culturais, trazidas pelos seus moradores oriundos dos quatro cantos do Brasil e de diferentes partes do mundo.

Brasília é a síntese da civilização capitalista. Apresentada ao mundo como uma obra revolucionária, sua beleza conduz o julgamento e pronuncia o seu veredicto, escrito em linhas de concreto e aço temperado.

Com menos de meio século de vida Brasília ainda é uma cidade com um passado histórico incipiente, além de abrigar um número pouco significativo da população total do Brasil. Uma cidade planejada, “Brasília é resultado de processos racionais do pensamento, conscientizados por uma equipe de técnicos.” (FREITAG, 2002: 26).

Mas, segundo Freitag (2002), uma análise mais aprofundada da realidade da cidade permite ao pesquisador ir além da tipologia estabelecida por John Kenneth Galbraith, onde ele separa cidade planejada racionalmente e cidade historicamente construída. Um estudo minucioso de Brasília pode permitir o entrelaçamento de história e razão, pois essa polarização não se constitui como característica dos espaços urbanos, já que uma cidade é resultado da junção de “carne e pedra”. Além disso, é preciso ressaltar a insustentável polarização entre razão e história, pois, nem sempre o historicamente configurado significa, essencialmente, irracionalidade.

As cidades são lugares onde grupos diversos entram em contato, portanto vida pública e cidade possuem relações inseparáveis. Isso faz com que seja pouco prudente imaginar que o fato de forjar uma determinada tipologia de vínculo social considerado adequado a uma cidade fosse justo ou mesmo indolor. Quando o projeto modernista procura, ansiosamente, criar modalidades para se viver na cidade, por meio do discurso do espaço urbano rigidamente ordenado, eles propunham uma situação urbana para demarcar a vida e as relações subjetivas do grupo social. Intrínseco ao discurso dessa arquitetura, na qual se quer encontrar os princípios da ordem pública, há uma tentativa de forjar novos significados dentro dessa nova modalidade de cidade, cujo os cidadãos se situam entre as exigências do espaço e a complexidade de uma vida residente no preceito da ordem em detrimento do burburinho da aglomeração. Em Brasília, seria preciso comportar-se como estranho de maneira a atingir um modo emocional satisfatório às vivências cotidianas sem tumultuar a beleza plácida da potencialidade da arquitetura nas noites brancas do cerrado.

A cidade em questão já possui marcas da violência urbana, uma população marginalizada, problemas de habitação, carência de serviços básicos, desemprego, enfim, a perda da qualidade de vida é uma realidade. Com essas características Brasília seria considerada, na tipologia de cidades criadas por Freitag, uma cidade em processo de megalopolização. Segundo Freitag a megalopolização é um termo que procura dar conta dos processos radicais da transformação da vida humana no globo terrestre que se refletem nos modernos espaços urbanos. Assim o conceito de megalópole conceitua de forma mais

abrangente a cidade na América Latina por abarcar suas distinções e seus contrastes sociais e espaciais da vida urbana no que diz respeito à deterioração do espaço público, do crescimento desordenado, da desigualdade econômica refletida pela desordem do comércio informal ocasionando a desintegração do tecido social. (FREITAG: 2002).

Brasília expressa uma tensão constante entre a extrema tradição dada pelas raízes da sociedade brasileira com a modernização global de sua arquitetura. Essa cisão permanente cria na cidade, ao mesmo tempo, a possibilidade de integração internacional, assim como a desigualdade, exclusão econômica e sócio cultural. Esse dualismo entre a possibilidade de ser uma cidade global com características das megalópoles traz para esse centro urbano a redução das possibilidades de a cidade se desvincular do processo de megalopolização, como observa Natália Mori Cruz em sua dissertação de mestrado sob o título “Brasília: Decifra-me ou te Devoro! O caos urbano nas cidades contemporâneas - o caso de Brasília”.

As relações estabelecidas entre Estado e indivíduos no processo de ocupação urbana da cidade tornam-se uma problemática mais ampla que não se restringe somente à América Latina, mas a toda uma situação de disputa mundial: a bipolarização entre as cidades globais e as megalópoles. Os reflexos dessa classificação de uma cidade apresentam o processo de construção de um quadro analítico que talvez indique respostas a questões, tais como: o aumento do número de pessoas afetadas pela má qualidade dos serviços essenciais (saúde, educação, saneamento,...) instituindo a condição de pauperização do indivíduo no espaço urbano, a exposição constante a situações de violência, o aumento do desemprego, e outras.

A cidade revela, mais uma vez, os vínculos estreitos entre modernidade, processos de modernização e ambiente urbano. Brasília representa uma espécie de possibilidade de estabilizar a sociabilização política, onde a centralização política e administrativa do Estado brasileiro traduzia a idéia de uma sociedade que, ao menos em tese, teria bases mais avançadas. Com a construção da cidade uma imagem de civilidade e modernidade estaria, talvez, consolidada. Havia no projeto construtor uma espécie de comprometimento com um amplo programa de modernização, no qual a produção de mecanismos de integração dos brasileiros ao mundo moderno era a pretensão.

Segundo dados dos documentos elaborados recentemente pela CODEPLAN (2004: PDAD), órgão responsável pelo planejamento do Governo do Distrito Federal (GDF) a

área urbana do Distrito Federal concentra vinte e oito regiões administrativas nas quais está distribuída sua população de mais de 2.000.000. de habitantes.

Com a diminuição da oferta de empregos no eixo Rio e São Paulo outras cidades se tornaram atrativas para os migrantes brasileiros. Brasília, uma dessas cidades, possuía e possui características sócio-econômicas que chamam a atenção para aqueles que procuram uma outra localidade com o intuito de “melhorar de vida”. No final da década de oitenta e início da década de 90, a cidade teve um aumento significativo em seu contingente populacional. A CODEPLAN/IBGE: 2003, registra que o número de habitantes somou um crescimento de 28%. Uma das explicações talvez esteja no fato de que por vários anos a vertente política responsável por gerenciar a política na cidade tinha como principal meta a criação e a expansão urbana através de moradias para a classe menos favorecidas. Um outro fator seria a ampliação do setor de serviços, pois se observa que no mesmo período dessa expansão vertiginosa da população, enquanto que outras cidades experimentavam uma desaceleração no setor industrial, crescia na Capital Federal o setor de serviços.

Mas essa expansão urbana da Capital Federal durante as décadas de 1980 e 1990 não pode ser considerada um exemplo ideal de urbanização. Ao contrário, o processo de urbanização aqui coaduna com as características definidas por Brasilmar Nunes quando este descreve o processo de crescimento das metrópoles brasileiras, ou seja, os pobres são expulsos dos centros urbanos para locais distantes do poder público, deixados à sua própria sorte com pouca ajuda efetiva do Estado para tornar esses lugares habitáveis. Em Brasília nota-se que o crescimento da malha urbana está também em consonância com os “enclaves fortificados” descritos por Teresa Rios na cidade de São Paulo. Lúcio (2007) em suas análises observa que na década de 1980 as propostas de desenvolvimento urbano foram voltadas para a classe baixa da população, havia um certo planejamento, no qual o Estado ainda mantinha um certo controle das áreas destinadas para a criação de novos assentamentos. Mas na década de 1990, a classe média, sem nenhum pudor, ocupou grandes faixas territoriais na Capital, originando mais de 350 condomínios irregulares, pois estes não contavam com planejamento ou aquiescência pública do Governo Local, destes 150 estão na lista para regularização do GDF. “Esses condomínios se caracterizam pelo auto-provimento (por distribuição de cotas a cada morador) de infra-estrutura: coleta de lixo, asfaltamento e iluminação pública, água (usualmente vinda de poços artesianos).” (LÚCIO, 2007: 85).

Na observação do crescimento do espaço urbano de Brasília é possível notar que a ocupação do espaço urbano não passa incólume a estas situações. Percebe-se que quando se pode pagar e se organizar é possível um outro modo de viver na cidade.

Essa população pode pleitear do Estado condições adequadas de habitação, outros terão seu direito à cidade reduzido à conquista moradia e, talvez, seja necessário incluir mais uma dimensão, os mais pobres mesmo quando lhes é provido o acesso à infra-estrutura urbana e saneamento básico, ainda assim não conseguem se inserir de modo independente na sociedade, como por exemplo, acesso ao mercado de trabalho com bons salários, acesso à escola gratuita de boa qualidade, acesso à saúde integral e assim por diante. Verifica-se uma distância entre os dois grupos, o primeiro, a classe média, tem condições de prover a si mesma e às suas famílias de condições favoráveis de existência, enquanto o segundo continua reiteradamente necessitando de apoio e condições para que sua existência atinja o mínimo necessário. (LÚCIO, 2007: 85)

Para efeito de análise pode-se observar que a realidade urbana em Brasília cresce à semelhança do restante das cidades brasileiras. Esse processo é um bom indicador de que o Distrito Federal reproduz uma complexidade social que não rompe com os requintes da periferização urbana comum às megacidades conforme observa Saskia Sassen (1998).

Nessa perspectiva, olhar o processo de urbanização de Brasília é olhar as dicotomias assente no modelo consolidado na cidade, no qual as diferença entre o centro e a periferia constitui uma face importante na análise. As cidades satélites, que também se encaixam, na sua maioria no Distrito Federal na tipologia proposta por Sassen, ou seja, se constituem como cidades dormitório, que vivem em função de outras já sedimentadas na economia local, são fruto desse modelo instituído pela forma de ocupação do solo urbano, quase sempre por meio de invasões nas quais os moradores reivindicam ao Estado o direito à cidade. Assim o mundo urbano no espaço da Capital Federal não foi capaz de impedir ou mesmo ocultar diferenças de classe como sonharam os construtores, essa constatação pode

ser expressa no crescimento urbano das satélites periféricas, inimaginado pelo sonho racional do projeto vencedor para a construção de Brasília. Mas pensar Brasília e suas cidades satélites a partir de uma visão calcada somente na idéia em que centro e periferia estão em oposição é desconsiderar a dinâmica na qual a cidade está assente. Brasília não poderia “existir sem o Plano-Pioto que a originou, e é para mantê-lo que as cidades satélites existem. Juntos formam a unidade da cidade segmentada em classes” (LÚCIO, 2007: 86)

Os diferentes processos de formação da cidade foram ocasionados pelo poder do Estado, submetidos à gestão tecno-burocrática. Na Capital Federal, não foi permitida a territorialização da população pobre, hoje segregada em cidades periféricas, distantes do centro.

Em Brasília, já no princípio da construção da cidade, as favelas nunca permaneceram no espaço urbano. Na sua grande maioria foram remanejadas do território e transformadas em assentamentos organizados pelo poder público. Esses assentamentos, claro, nunca erguidos perto do centro, localizam-se na periferia. Observa-se que as invasões quando persistem tornam-se aglomerados de pessoas de baixa renda com poucos elos que representem uma vida em comunidade. Já os assentamentos alocados pelo Estado tornam-se espaços urbanos informais, nos quais a função primordial é de ser apenas o lugar de moradia dos pobres, não contam com uma infra-estrutura adequada, quase que completamente desprovidos da presença de políticas públicas, um alto índice de desemprego e trabalhadores informais, “onde todos estão há pouco tempo, onde ninguém conhece ninguém, onde inexistem relações de vizinhança e de parentesco; a provisoriedade dos moradores e o remanejamento compulsório das pessoas impedem que se formem laços de solidariedade e de coesão social”. (FERREIRA & PENNA, in. PAVIANI, FERREIRA e BARRETO, 2005: 80).

Os indicadores dessas áreas urbanas se contrapõem de forma brusca às condições observáveis nas áreas centrais e nas cidades satélites já sedimentadas. Ferreira e Penna (2005) identificam três indicadores comuns aos assentamentos pauperizados no DF, quais sejam:

1. Precariedade – moradia precária, pobreza, falta de infra-estrutura urbana, ausência de instituições públicas e de segurança, falta de oportunidades de trabalho e de geração de renda no local.
2. Provisoriedade – laços frágeis com o local: falta de trabalho no local de moradia, situação fundiária não definida, exclusão socioespacial, desagregação espacial urbanização recente e excludente, mobilidadediária ou imobilidade; falta de organização da população local que não se conhece, que foi transferida de outros lugares ou é migrante, que mora há pouco tempo no local e não tem garantias de nele permanecer.
3. Vulnerabilidade – baixa escolaridade, alta mortalidade, baixa renda, ausência de organização social, trabalho informal, falta de segurança, falta de acesso à cidadania. (FERREIRA & PENNA, in. PAVIANI, FERREIRA e BARRETO, 2005: 75).

Esses indicadores refletem condições de atendimento precárias do serviço público. Essa precariedade da malha urbana favorece a existência de locais nos quais, via de regra, é preciso sobreviver à cidade. O quadro sugere que quando se analisa as diferenças entre centro e periferia, vê-se que a desigualdade de acesso ao espaço urbano no Df compõem a configuração do espaço urbano.

O descompasso visto entre o crescimento urbano da população e o acesso ao espaço urbano, estimulam um processo de crescimento no qual o conjunto de práticas vindo do Estado, desencadeiam um processo de segregação no destino urbano da população. Vê-se que nas novas cidades a coexistência da cidade formal e informal é uma realidade. No desenho urbano, o zoneamento rígido da cidade formal impedem a organização dos habitantes, os espaços públicos e privados não possibilitam aos indivíduos o exercício dos papéis sociais conforme aqueles vivenciados na *civitas*. Já na cidade informal, os atores sociais definem seus espaços de atuação a revelia do Estado, eles se organizam e definem o zoneamento de forma clara para os moradores, como por o exemplo o tráfico de drogas.

Dentro dessa perspectiva nota-se que a cidade selecionada passa por modificações de ordem social, cultural e arquitetônica. Ela se consubstancia como espaço onde se pronunciam uma diversidade de eventos, fatos e acontecimentos os quais se modificam no

decurso da história; identificam diversos atores que vivenciam ou vivenciaram transformações sociais, oferecendo ao pesquisador um material importante de análise do modo de vida urbano instituído nas cidades em processo de megalopolização. Essa realidade circunscreve ao cidadão um novo modo de vivenciar a experiência urbana marcada pelo processo de tecnologização, no novo modo de desenvolvimento onde o capitalismo financeiro substitui o capitalismo industrial.

Paviani (PAVIANI: 1987; GOUVÊA: 1987) afirma que tanto a Capital como a segregação foram planejadas. A construção, desde o seu início não previa a construção de habitações para a parcela de baixa renda da população. Assim é que o controle social em Brasília tornou-se prioridade ao invés da moradia e convivência social. A solução para o impasse gerado por essa ausência de planejamento se reflete nos locais escolhidos para o assentamento desse segmento, os locais, na sua grande maioria se situam, conforme observa Paviani, em média 40 km de distância do Plano-Piloto e sem nenhuma infraestrutura. Em nome da racionalidade e da eficiência, o espaço fragmentado do DF compreende diversos núcleos que nas relações por hora estabelecidas complementam as funções da Capital Federal. Em nome de um projeto de nação o espaço social constituído na cidade apresenta condições adicionais de exclusão calcadas nas desigualdades sociais e habitacionais. Segundo Lúcio “essa configuração redundante para aqueles de maior poder aquisitivo e influência social o acesso por intermédio do “jeitinho” (DA MATTA: 1987)” (2007: 86) dada geralmente pelo poder aquisitivo, “já para os demais ele se constitui enquanto concessão e benefício, jamais como conquista (Telles: 2001). Percebe-se nessa ótica ser a “ação política engendrada pelo poder do Estado carregada de interesses particulares de grupos sociais” (LÚCIO, 2007: 86).

Esse quadro que se configura na construção da capital mostra que os processos de construção do espaço urbano em Brasília estão subsumidos a uma lógica na qual as condições diferenciadas de vida impõem uma fragilidade social e urbana em que a baixa renda de uma parcela significativa da população dá o tom das condições precárias de muitos espaços urbanos da Capital. Em prol de um projeto econômico e político, a ocupação urbana está caracterizada por um movimento antagônico e complementar a uma lógica, cuja posse da terra, conforme os moldes capitalistas, constitui-se como um bem mercadológico. Assim a forma como se desenvolve o processo de urbanização no DF, um processo extensivo e periférico, em que a malha urbana está dispersa com fortes

desigualdades sociais, ou seja, a forma de ocupação do território é hoje uma fonte de distinção. A posse da terra urbana é acessível a poucos.

Os resultados dessas políticas urbanas empreendidas em Brasília coadunam com as políticas nacionais ou internacionais. Não se pode esquecer que as cidades do DF se originaram de assentamentos na periferia da população de baixa renda. Essa política acelerou os núcleos periféricos nos quais a infra-estrutura carece de incentivos primordiais para que se atinjam condições desejáveis de qualidade de vida. A intensa segregação sócio-espacial é decorrente de uma demanda por moradias. Essa demanda ocasionou e ainda ocasiona na cidade uma mobilidade social, pois as camadas mais pobres, por não poderem pagar os imóveis na região do Plano-Piloto e nem nas cidades satélites já consolidadas, procuram as invasões. A especulação imobiliária faz com que a busca por um pedaço de terra crie novos assentamentos que continuam se proliferando na cidade a cada dia. O crescimento desordenado da cidade reforça “o processo de segregação, periferização e metropolização de Brasília” (FERREIRA & PENNA, in. PAVIANI, FERREIRA e BARRETO, 2005: 75). Essas políticas parecem compartilhar com a idéia de que nem todos podem ser atendidos com condições de igualdade, pois não há condições materiais suficientes, alguns grupos são escolhidos em detrimento de outros, os não priorizados jazem em condições de penúria e abandono.

Diante desse quadro descrito, o conceito de metrópole, como definido por Sassen, na nossa perspectiva, seria insuficiente para caracterizar essa cidade, pois a mesma, além de não possuir tradições seculares, há muito não garante saúde, educação de qualidade e muito menos é um centro onde todos os moradores têm acesso aos bens culturais em condições de igualdade. Em essência, a classificação de uma cidade como metrópole se dá graças a sua capacidade de preservação das riquezas culturais, da paz intramuros e da alta qualidade de vida dos seus moradores. Enfim, a metrópole permite ao cidadão o acesso à saúde, à educação, à segurança, a serviços bancários, à rede de esgoto, direito à moradia digna, emprego...

Brasília ao privilegiar o traçado retilíneo permite a cidade assumir no terreno imaginário um simbolismo múltiplo e heterogêneo. Sua paisagem urbana dá à cidade uma paradoxal convivência entre os valores modernos metropolitanos e as tradições herdadas de um passado rural. Assim “é dessa mixagem e superposição que surgem os padrões recorrentes, as referências que se fixam e dão consistência a sociedade, organizando suas

regras e as formas de sociabilidade por meio de ritos e práticas cotidianas”. (VELLOSO in. NUNES, 1997: 279).

Ao compreender Brasília como um objeto recheado de complexidade, a cidade surge a partir da imagem de um espaço heterogêneo. Esse espaço impõe a necessidade de interpretação que extrapole pré-conceitos instituídos na visão primeira. Ao extrapolar esses limites é preciso buscar a cidade onde estão instaladas as práticas sociais. É importante atentar-se para os intrincados feixes de relações culturais colocados no espaço, pois são eles os responsáveis pelos significados e pela historicidade social da *urbis*.

... a cidade é uma escritura do tempo e, como tal, uma obra coletiva, inscrição permanente das marcas culturais das sucessivas gerações que a ocupam (...) Estamos compreendendo a cidade como linguagem, (...) cidade como lugar onde a cultura de uma sociedade deixa-se ler nos signos expostos – arquitetura, mobiliário das ruas, praças, placas e anúncios, monumentos e obeliscos -, visibilidade inequívoca da *urbis*. Os ícones arquiteturais e escultóricos fornecem referências e orientações para uso e interpretação dos espaços. (VELLOSO in. NUNES, 1997: 279)

Brasília, este significativo capital cultural, objetivada pelos monumentos arquitetônicos criada para ser homogênea não sobreviveu como inicialmente planejada. A população cansada de esperar a inserção social redefiniu o planejamento inicial, criou novos locais para sobreviver, aumentou a cidade e desorganizou o plano original. Opostas aos pressupostos do Plano-Piloto, as cidades satélites, os assentamentos e as invasões, hoje assumem ares de normalidade na paisagem urbana local.

Os elementos fundadores da condição urbana estão em íntima relação com a dinâmica sócio-comportamental unida à disposição física. A cidade é, pois, um fenômeno de origem político-espacial. Assim, qualificar Brasília é estudá-la sob a perspectiva de um comportamento dinâmico e mutável dos seus atores sociais. A cidade é, antes de qualquer coisa, um tipo de associação entre pessoas, portanto não podemos abdicar da verdadeira dialética entre espaço e sociedade, pois,

a cidade é uma forma necessária a um certo gênero de associação humana, e suas mudanças morfológicas são condições para que essa associação se transforme. Assim uma análise social do espaço deve ser confrontada com sua disposição espacial e com o comportamento dos homens que ali tem lugar. (GOMES, 2002: 19 e 20).

Portanto, a urbanidade “instaura uma relação dialética entre território e política” (GOMES, 2002: 21). Em Brasília utopia política e utopia urbana são imagens que se confundem. Elas são o produto do desejo de uma elite política e os sonhos de perfeição de um projeto modernista, hoje confrontado com a “realidade dialética entre a organização política e dinâmica territorial” (GOMES, 2002:21). Nessa cidade a história do processo de urbanização produziu outros simulacros, agregando ao plano original outras práticas e outras formas espaciais que escaparam ao controle do poder político.

Assim, analisar Brasília é interpretar estas interações complexas entre “carne e pedra”. Isso nos faz perceber a necessidade de uma visão dialética, onde se combinem os mais variados detalhes. É preciso abdicar das disposições pré-determinadas.

Refletir sobre as dimensões política e social da condição urbana de Brasília é dessacralizar o espaço, é redefinir a cidade, bem como o pacto social que a define. Ou seja, é extrapolar o plano original e permitir o nascer de uma nova composição física e social para dar uma outra delimitação do espaço, pois:

A estratégia modernista da desfamiliarização tem como objetivo tornar estranha uma a cidade. Consiste na tentativa de impor uma nova ordem urbana por meio de um conjunto de transformações que negam as expectativas anteriores a respeito da vida urbana. Os modernistas consideravam a cidade capitalista como algo organizado, social e arquitetonicamente, pelas discriminações entre público e privado, e por um sistema de distribuição de riqueza, que teria que ser totalmente modificado. Em relação a isso elaboraram propostas para produzir tanto um novo tipo de cidade, quanto um novo tipo de público urbano para fazer uso dela, onde tais discriminações haveriam de desaparecer. (...) Esse deslocamento redefine a base institucional das quatro funções da ordem urbana, maximizando o papel do domínio coletivo do Estado e minimizando o da família na organização social. Seu objetivo é reestruturar as relações institucionais entre campo público e campo

privado na vida social, de modo que ambos estejam inteiramente regulados por um planejamento abrangente e realizado pelo Estado. Esse projeto importa em uma proposta de transformação da estrutura social da própria sociedade capitalista. Pois, como o planejamento global elimina a propriedade privada como base institucional tanto da organização doméstica quanto da ordem pública desaparecem, também, as velhas distinções entre público e privado. (HOLSTON, 2005: 62).

A sociedade contratual moderna é erigida sob a perspectiva da simetria da cidade sobre essa proporção geométrica. Os novos valores que organizam o espaço estão assentados no monumentalismo, ingrediente fundamental. Para a utopia modernista o espaço urbano é normativo. As competências e os comportamentos estão classificados de acordo com uma divisão rígida do espaço. Isso acaba por delimitar as esferas do público e do privado. Para Costa (1991), essa visão contratualista é a maneira de colocar em prática os valores, que de certa forma, organizam a idéia de pacto, isonomia, igualdade e justiça.

Louis Wirth (1979), pesquisador da Escola de Chicago, não crê nessa visão contratualista dos modernistas. Para ele o modo de vida urbano está estruturado em bases formais e racionais, portanto o consenso nas sociedades urbanas é algo impossível de ser atingido. Os interesses de cada grupo não são os mesmos. Isso faz a integração social ser comprometida. Os cidadãos urbanos são, nessa perspectiva, descrentes, pois os valores do racionalismo não permitem pretensões universais, como queriam os modernistas.

Brasília é um espaço que requer uma leitura livre de categorias absolutas, pois pode se correr o risco de cair na tentação de estabelecer uma realidade monocromática. Assim, uma análise que rompa com as idéias contratualistas dos modernistas talvez possa ser a chave para suscitar a realidade policromática e dialética que compõem a “fisiognomia” da cidade capital.

Brasília sofre dos artificialismos das fronteiras legadas pelo projeto fundador. Sua organização espacial estabelece uma identidade ligada ontologicamente à sua fundação. Isso faz dela uma narrativa. Sua especificidade histórica tende a particularizar um caráter não homogêneo, ao contrário, é um espaço marcado por uma idéia política que, além de afirmar relações intensas, é um lugar onde as relações definem e também são definidas por seus habitantes. Essa cidade é um *locus* de exposições constantes e permanentes de trocas

sociais intensas, como em qualquer outro ambiente urbano. Não se pode esquecer ser a cidade grande um lugar de mudanças, é nela onde se encontra uma variedade infinita de comportamentos.

Relacionais e imprevisíveis, os comportamentos promovem trocas diárias. A cidade torna-se o espaço do discurso, das interações e da política. Nela se organizam as lutas pela heterogeneidade de valores. Sua constituição, por ser dinâmica, obriga a multiplicidade de significados, pois as marcas espaciais não podem ser aprisionadas por uma simbologia única. De uma pluralidade semiológica ela transforma matéria em símbolo. “O universo do caos e da ordem, da transformação infinita, da polifonia e da variedade de interpretações” (COSTA, 2005: 125).



Adalto Júnior



Eloisa Barroso



Eloisa Barroso



Adalto Júnior

III. BRASÍLIA: o processo de urbanização na cidade das palavras

É importante definir o espaço como um produto histórico. Ao surgir como um ambiente construído, o espaço é também social, é “o testemunho de um momento de um modo de produção nas suas manifestações concretas”(SANTOS, 1980: 196).

Portanto, o estudo da política de urbanização de uma cidade passa, necessariamente, pelo estudo da ocupação do espaço da cidade. Entende-se aqui que a estrutura urbana da cidade desenha relações em um conjunto sob os quais os processos de ocupação espacial estão sendo delineados desde a sua fundação. Entender a produção do espaço como obra coletiva é reordenar, no estudo da cidade, a visão do seu discurso fundante. Nessa perspectiva, no circuito da produção do espaço urbano, toda cidade procura sua realização urbana.

Os significados construídos pelos moradores não se limitam à territorialidade da cidade. Esses significados ao mesmo tempo em que fixam uma identidade, eles desnudam o território e impõe a impossibilidade dos habitantes de domesticar e de se apropriarem da localidade. Nesse espaço urbano que se compõe cotidianamente, recheado de intemporalidade, cabe ao indivíduo reordenar os significados e as relações.

Fonte geradora de análise, a cidade encerra diversas possibilidades de discursos, dentre eles a literatura. A literatura como um discurso sobre a cidade organiza uma outra prospecção para a análise do espaço social urbano. Os conflitos encerrados nos textos literários expõem a subjetividade e a convivência entre indivíduos que se encontram nos mais variados locais. Os lugares da sociabilidade urbana não se limitam aos já comumente conhecidos. Os seres da cidade, personagens da ficção moderna, explicitam relações cotidianas. De um lado o indivíduo, do outro a idéia da cidade como organização da modernidade, a cidade é tanto conquista, como condenação, é esperança e desespero.

Os textos mostram um espaço sem soluções mágicas para os problemas sociais. Dentro dessa perspectiva, interessa aqui aproximar os textos literários da teoria sociológica para extrair a análise da cidade, enfim compreender sua dimensão social no que tange a ocupação do espaço urbano. Mas isso requer do pesquisador uma posição na qual a literatura não pode ser tratada como mera exemplificação das constatações da sociologia, ao contrário, ela é um discurso sobre a cidade não conceitual.

Essas possibilidades apresentadas pelo texto literário fazem da cidade uma personagem central dos escritos literários nos quais se tematizam o modo de vida urbano. Walter Benjamin, de acordo com Freitag (1998), ao tomar como base, nas reflexões sobre a modernidade, os textos de Baudelaire, faz com que a cidade torne-se um texto ou o texto torna-se capaz de capturar a cidade. Isso faz da literatura uma fonte importante para conhecimento da realidade social.

Vê se, portanto que Brasília, com sua vida angustiante, provoca constantes atentados aos que nela habitam. É um estímulo inigualável para o florescimento da modernidade e lugar ideal para o confronto de suas propostas. A grande cidade é na verdade depositária das grandes paixões. As diversas linguagens se inserem na vida do metropolitano. Ela é o lugar por excelência onde, de forma mais aguda, se sentem as conseqüências do desenvolvimento do sistema capitalista e da Revolução Industrial (GOMES, 1994).

Considerando a forma como estas relações se constroem no espaço citadino a partir dos referenciais teóricos da sociologia e por meio do discurso literário, tentaremos compreender, a partir do estudo dessa correlação modernidade-cidade-modernismo a inquietude do processo de urbanização da cidade de Brasília. Ou seja, nossa pesquisa tenta apreender o fenômeno urbano e as relações sociais que se configuram na cidade de Brasília atentando o olhar para observar como os indivíduos que habitam esta capital convivem com o processo de megalopolização, pois eles tanto promovem e constroem o processo, quanto sofrem seus efeitos. E mais, como esta cidade permite aos seus cidadãos se aproximarem, ou se distanciarem, dos direitos civis, políticos e sociais conquistados nos últimos anos (CANCLINI, 2003).

A cidade de Brasília, construída no coração do Brasil, representou inicialmente a busca de uma trajetória épica e redentora, onde se tentou apagar um passado de atraso dando um “salto para o progresso”. A junção do mito, a cidade da profecia de Dom Bosco e da modernidade do projeto arquitetônico conferiu à cidade a possibilidade de realizar o irrealizável, a utopia. Nascida do desejo do povo, como diz Juscelino; de um momento de inspiração, no discurso de Lúcio Costa; e da síntese de uma arquitetura que tenta juntar o êxtase, o sonho e a leveza, nas palavras de Oscar Niemeyer; Brasília, desde o seu início, reúne elementos díspares que conviveriam harmonicamente (HOLSTON, 1993). No próprio Plano-Piloto pode se visualizar a imagem de um avião, símbolo da modernidade, e

de uma cruz, símbolo da tradição. Em Brasília se tem uma reversão do processo natural da história, a cidade não é feita a partir de uma construção social, a idéia da *urbe* não permeia seu plano original. No discurso fundador Brasília é a *Civita*, pois ela fará o novo homem. O salto do arcaico para o moderno é fruto do milagre, a cidade está no plano do mistério e como todo mistério não é para ser decifrada, mas aceita.

Assim a cidade-problema, a cidade representação, a cidade plural, a cidade metáfora vista pela obra literária não se constitui apenas como um fato, mas como um objeto de análise e tema de reflexão, enfim, como objeto de questionamento. (BARROSO, 2004)

No entanto é preciso estar atento às considerações da tradição da crítica literária. A linguagem literária não alude diretamente à realidade, não é função da literatura proporcionar um retrato fiel dessa realidade. Portanto há de se cuidar neste estudo sociológico que o compromisso primeiro da literatura é com a arte. Não é objetivo dela se prender ao real. À literatura cabe instaurar objetividades peculiares a uma quase realidade dada e inventada conforme seu potencial verossímil. É preciso lembrar que a obra de arte literária não representa o originado, as coisas já feitas e conhecidas, mas sim, o incessantemente renovado originar-se ou apresentar-se das coisas, de modo que elas se tornem presentes em plenitude sensória e comportem uma transfiguração luminosa para o novo que nela estava oculto transpareça e jamais permaneça estático e imutável. Barthes (1978) nos alerta ainda ser o discurso literário capaz de subverter a ordem estabelecida; por estar rigorosamente fora dela, a literatura provoca um deslocamento na ordem da língua. Nesse sentido, as obras selecionadas podem construir enunciados que, não instituem, de forma pré-determinada, uma consciência definidora de uma visão homogeneizada da cidade escolhida.

Daí o estabelecimento de um problema já que o termo verdade quando usado em referência à obra literária tem significado diverso, podendo ser qualquer coisa concebida como verdadeira. A verdade na obra literária quase sempre tende à atitude subjetiva do autor. Nessas condições a verificação aspectos pertinentes à sociologia pode-se dar, também, a partir de uma interpretação do escritor e do leitor. Por esse motivo recomenda-se estar atento para o eixo que estrutura as narrativas e a poesia das obras literárias, cujo distanciamento da análise fidedigna do real pode ser um fato. Fato este que desmonta,

desloca e transfigura os sinais da vida cotidiana documentada e analisada pelo método científico.

As condições da vida social na modernidade tornaram-se complexas. As relações foram objetivadas, a desumanização e o notório estabelecimento do estado monótono de coisa, criaram uma atmosfera opressiva e desencorajadora. A arte foi tomada pelo estado de fragmentação, fazendo a existência humana ser construída de detalhes. Isso torna, cada vez mais, difícil a compreensão das relações sociais.

A discrepância instaurada nesse cenário entre a consciência social e o avanço da tecnologia, faz o homem não ser nada e o êxito o fim de tudo.

A vida e o mundo ao se tornarem, excessivamente, fragmentados permitem ao texto literário assemelhar-se a um conglomerado caótico de fragmentos humanos e materiais. O texto não mais permite uma imaginação totalizante, só há a possibilidade de uma linguagem heterogênea recheada de detalhes. O literato da metrópole moderna adapta sua imaginação criadora a essa realidade do fragmento. A mente decompõe o mundo em pedaços para, deliberadamente, reconstituí-lo por meio do verbo.

Ao ordenar e juntar as partes tem-se a criação de um novo mundo. Escapando da realidade comum, as cidades das palavras carregam todos os despojos da realidade destruída e reconstruída pela alma lírica que tudo junta. A montagem de fragmentos, junto ao irracionalismo intelectualizado permite à fantasia das associações erigir um mundo de vocábulos capaz de compor a fisionomia da cidade moderna.

Ao fixarem a realidade social em seus textos, os artistas procuram fomentar uma representação da realidade. A literatura não pode ser lida como algo que divorcia o homem de sua realidade social. Como uma forma de protesto contra a sociedade capitalista, ela se transforma cada vez mais. As interações estabelecidas no interior de uma sociedade são infinitamente complexas, pois as forças produtivas estão em transformações contínuas, portanto um conteúdo social jamais se expressa diretamente. Dessa maneira uma sociologia da literatura precisa estar atenta a esse caráter oblíquo colocado por ele. Assim a seguinte questão se coloca: Como são combinados os elementos sociais e temáticos para a criação dessa cidade das palavras?

A literatura transforma em algo novo o já existente. As novas maneiras elaboradas para se ver e ouvir estão intimamente ligadas às realidades sociais por ela configuradas. O ritmo, o barulho e o tempo das cidades grandes estimulam paisagens capazes de refletirem

as perspectivas do homem urbano. Portanto, isso nos faz crer na relevância do elemento social para a constituição do texto literário. Isso pode fazer da obra de arte literária, também, uma forma solidificada de experiência social, porém, a essa solidez não deve estar imputada a idéia de paralisia, pois a produção material humana enriquece de experiência a expressão artística literária do homem.

A literatura é experiência humana, e como tal, mesmo no seu mais alto grau de subjetividade, não deixa de ser uma experiência social. “O poeta é o descobridor da experiência, através dele, outros aprendem a reconhecê-la como experiências também deles e por meio da expressão que ela, afinal encontrou, chegam a assimilá-la” (FISCHER, 1959: 192).

Baudelaire ao descobrir a solidão da metrópole moderna, permitiu ao mundo a criação de uma outra consciência para perceber a cidade. Por meio dos recursos lingüísticos próprios à sua época, fez ressoar os sentidos do espaço urbano para o homem. Ele foi capaz de conferir a cada palavra um novo significado. Significado este oriundo da dialética da “interação das palavras do poema e do fato de que cada palavra comunicasse, além do seu conteúdo específico, um conteúdo assumido no contexto da metrópole” (FISCHER, 1959: 192).

Em uma espécie de efusão sentimental a metrópole exige uma linguagem recheada de imagens vertiginosas, exuberantes ao ritmo frenético da metrópole moderna. As associações oníricas reverberam em uma poeticidade dando sentimento de união do homem à cidade. O sentimento é quase aterrador, a sensação impressa na linguagem é de uma ferocidade absoluta, renega a contemplação e traz à superfície a sedução do movimento, enfim a metrópole exige que a linguagem não abdique da paixão.

Além disso, na nossa tradição latino-americana a literatura contribuiu com grande eficácia para a formação de uma consciência nacional e para pesquisar a vida e os problemas sociais. Ela foi menos um empecilho para a formação do espírito técnico-científico do que um paliativo à sua fraqueza.

Por esse motivo a literatura pode ser visitada como *locus* privilegiado para se entender o processo pelo qual se configuram uma língua, forma singular de existir de um povo, uma cultura, e pode avaliar o aporte de uma dada tradição cultural e lingüística. Um dado conjunto de obras nos permite, também, avaliar o grau de refinamento e originalidade de uma sociedade. Para Barthes a função da literatura na economia geral de nossa

sociedade é, precisamente, institucionalizar a subjetividade. É uma espécie de usina singular porque recria a matéria prima essencial à língua e às visões de mundo com que se definem uma época, uma cultura, um povo.

O problema que se caracteriza como centro da investigação sociológica urbana está na possibilidade de o sociólogo descobrir as formas de organização social, presentes, ou prestes a emergir em grupamentos. À primeira vista, esses grupamentos parecem compactos, permanentes, mas, em essência, sufocam uma heterogeneidade de caráter dinâmico.

Relativa às necessidades, a idéia de conhecimento exige uma representação do mundo geral e conceitual que se opõe à realidade profunda e essencialmente individual dos seres. O conhecimento funciona para indivíduos e as espécies como a busca da verdade que corresponde à maneira de ser dos mesmos. Suas representações do real e os campos simbólicos materializados para evidenciar as relações sociais, constituem a resposta adequada. Simmel, na interpretação de Leopoldo Waizbort (2000), em suas posições teóricas, tenta superar a tentação do relativismo individualista ao afirmar que toda visão individual proporciona somente uma possibilidade de leitura do presente, uma parte fragmentada do objeto.

Em sua cultura filosófica, baseada na micro-sociologia, há uma relativização do que se quer absoluto. Ao analisar as instituições sociais e as normas, Simmel quer detectar o que está por detrás delas, quer perceber suas condições históricas, sociais e psíquicas. Através dessas condições ele interpreta os fenômenos levando em consideração a dinâmica da vida social. A epistemologia do pensamento de Simmel consiste em negar um diagnóstico do presente, ou uma filosofia da cultura, ou uma teoria do moderno com fim em si mesmos. Somente no deslocamento constante das perspectivas que elas operam é que Simmel pode ganhar para suas análises a mobilidade que é característica de seus objetos. Desse modo, sua atitude é ela própria uma estratégia de interpretação e conhecimento.

A literatura se separa da escrita científica, na medida em que ela concentra e condensa a singularidade humana de forma concreta, sensível e individual. No uso das metáforas e das metonímias a subjetividade é captada no plano do mundo sensível. A literatura abole as determinações de uma época e as sujeições constitutivas da existência social, ela é por excelência uma forma de arte transgressora, cuja linguagem reinventa a realidade e faz surgir outras formas de sociabilidade. Relacionando ao pensamento de

Simmel, a análise da cidade no texto literário nega uma leitura de Brasília com fim em si mesma, já que a atitude de interpretação possibilita compreender e explicar a realidade e a subjetividade das relações sociais instituídas nesse espaço urbano. Por fim, a literatura não pode, deliberadamente, rejeitar a compreensão do social quando este se faz presente no texto, se assim o fizer corre o risco de perder o acesso a realidade.

Assim a configuração em que o espaço urbano é apresentado como um ambiente dado pelo imaginário e pelas representações que se entrelaçam no cotidiano dos atores sociais. Por isso esta pesquisa trabalha sobre o pressuposto de uma leitura do social, do econômico e do político que, ao mesmo tempo em que perpassa, é também perpassado pelo cultural. Isso permite sublinhar a pertinência da literatura para apontar lugares diferentes de inserção para a procedência de estudos sociológicos do espaço urbano.

Seguindo essas considerações a resposta ao problema interposto nesta pesquisa, talvez possa ser encontrada nas considerações feitas por Antônio Cândido (1973). Para ele o estudo da função histórica e sociológica da obra só adquire pleno significado quando referido intimamente à sua estrutura, superando assim o hiato entre a investigação sociológica e as orientações estéticas. Assim o estudo da cidade que tem como fonte a literatura pode levar o pesquisador a mergulhar em uma síntese dialética do olhar artístico e do olhar científico. Na medida em que as obras literárias apresentam um universo simbólico do urbano em que as narrativas constroem uma imagem da cidade, a análise da cidade a partir das obras literárias tende a cultivar o que Benjamin (1995) denominou como as sensações da grande cidade. Ou seja, a linguagem literária pode fornecer visibilidade das estruturas que compõem a vida urbana através de textos onde sobressaem montagens do imaginário da cidade selecionada.

Assim, o que está colocado neste estudo da cidade representada na literatura são os processos de desterritorialização sofridos pelas imagens urbanas a serem selecionadas no tempo e no espaço. É importante lembrar que “afirmar isso não significa des-historicizar, necessariamente, a produção de representações, pois cada sociedade cria para si o sistema de imagens que a sancionam e legitimam” (PESAVENTO, 1999:22). Portanto os discursos sobre a cidade compõem uma prática figurativa recheada de significados. Esses discursos imputam representações nas quais a sua produção define uma espacialidade em um campo e luta para se definir, então, a representação legítima. Embora haja uma representação das

práticas sociais calcadas em uma temporalidade, às idéias viajam pelo tempo, outros contextos surgem.

A polifonia da literatura permite analisar as representações urbanas de Brasília onde, ao mesmo tempo em que ocorre uma representação paradigmática da cidade moderna, há uma metaforização da realidade social de um espaço modernista no qual sobressaem novos significados para os leitores da cidade.

Como uma espécie de microcosmos da modernidade, Brasília desperta um imaginário capaz de suscitar a imagem espacial de realização plena dos pressupostos do projeto modernista. A cidade permite o sentimento de brasilidade, ela é o vir-a-ser do Brasil moderno, é a representação corporificada do desenvolvimento desejado pelo país.

O contraponto entre ciência e arte alimenta-se de um debate antigo. Muitos alegam a existência do artístico na ciência e a presença científica na arte. A multiplicidade do diálogo é reiterada ao longo dos tempos. Às vezes esses diálogos se instauram de forma polifônica, outras fazem um uso instrumental da arte ou da ciência para ilustrar reflexões dos artistas ou dos cientistas.

Tanto a ciência, quanto a arte possuem marcas próprias. É necessário especificar seus campos e realçar seus domínios. No contraponto entre sociologia e literatura é importante reconhecer suas distinções, para então trabalharmos no sentido de criar análises do real em que as duas formas de linguagem se coloquem como possibilidades de conhecimento. A literatura e a sociologia juntas são capazes de decantar a realidade e produzir o encanto e o desencanto.

Ao reconhecer o emaranhado de relações, as tensões e as contradições, a sociologia decanta a realidade em conceitos e categorias. Ao juntar-se literatura e sociologia na leitura do urbano é possível a construção de tipologias para a compreensão da sociedade.

Fazer análise sociológica via texto literário, é entrar em um mundo de convergências e revelações. No caso específico de Brasília, é possível contrapontos dialéticos entre modernidade e modernismo, racionalização e alienação, encanto e desencanto. Essas possibilidades se colocam como sínteses de uma cidade paradoxal onde se tentou juntar desenvolvimento urbano e esperança, duas coisas essenciais para a reatualização da dinâmica social brasileira.

Nesta tese parto do pressuposto que Brasília, um emblema da cidade modernista, revela o *pathos* da escritura da cidade das palavras. A cidade do verbo adquire níveis

excepcionais ao lidar com sentimentos conturbados como a paixão e a imaginação. A literatura articula a interpretação em conjunto com as categorias sociológicas. A realidade figurada nos textos literários constrói-se com lógica pelo rastreamento na sua composição íntima dada pela linguagem da obra de arte. Mas é preciso estar alerta, essa interpretação não é solta e, muito menos, inocente. Os enigmas das relações, os sentidos, os nexos e as rupturas junto às contradições se colocam nas reflexões do cientista social com a intenção de mobilizar tanto a paixão, quanto a inspiração para se estabelecer o território da compreensão crítica da realidade social, algo que tentarei mostrar no estudo que se segue.

Estabelecer o diálogo entre a sociologia e a literatura no estudo da cidade, significa permitir compreender as desigualdades e as tensões sociais no processo de ocupação do espaço urbano. Os textos literários explicitam o jogo das forças sociais. Nos construtos imaginários há uma profusão de cenários, rearranjados e alterados pela trama literária, permitindo visualizar, no jogo das forças sociais, uma trama de relações que explicam os momentos de urbanização da cidade.

A literatura representa um mergulho audacioso, surpreendente e fascinante para se estudar Brasília. O tom dos textos reordena o labirinto produzido pela racionalização das organizações, subverte o jogo das instituições e expõe as atividades e mentalidades da sociedade moderna secularizada. A vibração emocional desnaturaliza a objetividade. A melodia literária é algo insólito e fantasmagórico. É como se as manifestações latentes, por vezes imaginadas absurdas, superassem o tom claro e aparentemente inocente e transparente da sociedade. O que antes parecia objetivo, direto, neutro e isento é tomado dentro das narrativas pelo poder das criações mágicas nas quais se manifestam fragmentos da realidade social. Na linguagem literária é possível visualizar as alegorias da alienação escondida na racionalização do mundo quando a modernidade irrompe, transformando o conhecimento em técnica e alienação. (IANNI, 2000).

As metáforas do texto literário adquirem diversos significados. Às vezes as situações, aparentemente prosaicas, desorganizam a contundência dos ideais da cidade modernista. Aparecem nos textos possibilidades de leituras das práticas sociais, que, embora, pareçam certas e arraigadas na cidade moderna ocidental, são desorganizadas pelas incertezas nebulosas das imagens estabelecidas para o universo urbano. A literatura deixa visualizar, nas entrelinhas, a magnificência do progresso capitalista no mundo urbano.

Kafka, Dostoievski, Thomas Mann, Baudelaire, Zola,... são exemplos de autores que deram ao mundo textos literários nos quais estão esboçados o processo de burocratização, a modernização e a urbanização do mundo. Com perspicácia estes escritores perceberam que em lugar da razão crítica, no mundo moderno prevalece a razão instrumental.

No Brasil é relevante a contribuição de Machado de Assis, Lima Barreto, Mário de Andrade e de tantos outros para se entender o pensamento social brasileiro, bem como o processo e urbanização da sociedade nacional.

A literatura possui obras que podem ser tomadas como emblema da reflexão da modernidade. Os temas, os dilemas e os símbolos presentes nos textos literários podem embora nem sempre os faça permitir a análise do universo social urbano. Os sentimentos e os entendimentos do indivíduo surgem de forma desconcertante, exorcizando ou imaginando espaços urbanos, nos quais os paroxismos da linguagem revelam as antinomias da cidade. Assim a literatura torna-se um lugar para a verificação da linguagem sociológica, na medida em que nela está contida uma imagem dialética e criadora da cidade e seus duplos. Ela reitera, continuamente, as imagens da cidade como lugar de pecado e salvação, alienação e emancipação, razão e emoção.

Na cidade do verbo a realidade pacífica rui, o indivíduo pode ser colocado diante de situações assustadoras e ao mesmo tempo recheadas de tranqüilidade, ele pode sobressair-se ou tornar-se anônimo, salvar-se ou perder-se. No mundo padronizado, a literatura não hesita em desconstruir o ideal positivista de ordem e progresso.

As personagens são colocadas em um mundo urbano, resultado de uma dialética dolorosa. A consciência moral resvala, o tempo todo, nas pulsões e nas limitações da organização institucional secularizada do mundo moderno. Ler a cidade e compreender a sua expansão urbana via literatura e sociologia permitem a reflexão das duas narrativas como a síntese de uma possível expressão do mundo da cultura. Essa síntese, dada pelos dois campos, o da arte e o da ciência, talvez seja uma forma de desencantamento diante da cidade.

Vários são os autores que usam a literatura para o estudo da cidade, Freitag em sua introdução para a revista Tempo Brasileiro, publicada em 1998 sob o título Cidade e Literatura, enumera autores usuários desse recurso para refletirem sobre questões de sociologia. A autora apresenta uma série de sociólogos, dentre eles Walter Benjamin, que

para refletir e pesquisar sobre a cidade de Paris recorre aos escritos de Baudelaire. Benjamin, segundo Willi Bolle, usa de quatro gêneros literários para interpretar a cidade, quais sejam: a imagem dialética, a imagem pensada, o tableau e a alegoria. A partir desses quatro gêneros criados por Benjamin é possível construir formas para serem usadas na descrição de realidades diversas.

Interpretar a cidade via literatura permite, portanto remeter ao conceito de **imagem dialética** de Walter Benjamin. Para ele a relação entre passado e presente se instaura graças a uma imobilização, o que não quer dizer uma imobilização da dialética, mas uma dialética que surge na imobilidade. A predominância do “agora”, do presente nas coisas é uma relação dialética. Benjamin considera dialéticas as imagens que trazem para o presente reminiscências do passado, graças aos **tableaus** elas não estão fora do tempo, e muito menos são fluxos de acontecimentos contínuos, capazes de trazer à tona imagens quase apagadas, os **fragmentos** do passado da cultura cotidiana. Esses fragmentos colocados pelos textos literários, representados na palavra escrita são constelações instantâneas, são **alegorias** (MORSS, 2002). As imagens alegóricas permitem a resignificação constante do passado por um presente que escapa a suas próprias limitações. Não há fixação de imagens.

Nesta situação, Benjamin recorre sempre ao passado, pois o considera instrumento material na reflexão do presente. Para ele o passado tem que ser retratado dentro de seu contexto e visto como um contínuo de representações presentes em que, o uso de imagens passadas se faz com o intuito de extrair um contexto para experimentar outro contexto. Esta posição, embora pareça contraditória, exprime o conceito de modernidade buscado em Charles Baudelaire, o poeta admirado e estudado profundamente por Walter Benjamin. Benjamin retoma a todo instante Baudelaire nas suas formulações no estudo das cidades. Baudelaire, e, por conseguinte Benjamin caracterizam a modernidade como a perda do tempo vivido, a mesma está sempre em consonância com a Antigüidade numa relação dialética com o presente. Viver no mundo moderno é estar na fronteira entre o velho e o novo.

Assim como em Benjamin a história é um tempo dialético, onde o que predomina são as alegorias constituídas no tempo presente, no discurso literário a oposição temporal é colocada de lado, a história se situa no “agora”. Nas perspectivas apontadas, Brasília é uma espécie de sítio que aglutina singularidade e estabelece para o país uma nova paisagem

enunciativa. O surgimento de um novo país, em que significados e sujeitos se constituem ao mesmo tempo em um espaço circunscrito, onde se dá a produção de sentidos nas dimensões temporais/históricas, espaciais e subjetivas.

Para Willi Bolle, os quatro gêneros literários definidos por Benjamin possibilitam a aproximação entre a “história macro e as histórias micro, entre a história da vida individual e a história coletiva ou a história da cidade” (FREITAG in RV Tempo Brasileiro, 1998:11).

Essas possibilidades apresentadas pelo texto literário fazem da cidade uma personagem central dos escritos literários nos quais pode ser evidenciado o modo de vida urbano. De acordo com Freitag, Walter Benjamin, ao tomar como base, nas reflexões sobre a modernidade, os textos de Baudelaire faz com que a cidade torne-se um texto ou o texto torna-se capaz de capturar a cidade. Isso faz da literatura uma fonte importante para conhecimento da realidade social.

Na leitura dos textos de Baudelaire nota-se a presença de uma espécie de efusão sentimental, a metrópole exige uma linguagem recheada de imagens vertiginosas, exuberantes ao ritmo frenético da metrópole moderna. As associações oníricas reverberam em uma poeticidade dando sentimento de união do homem à cidade. O sentimento é quase aterrador, a sensação impressa na linguagem é de uma ferocidade absoluta, renega a contemplação e traz à superfície a sedução do movimento, enfim a metrópole exige que a linguagem não abdique da paixão.

Como uma espécie de microcosmos da modernidade, Brasília desperta um imaginário capaz de suscitar a imagem espacial de realização plena dos pressupostos do projeto modernista. A cidade permite o sentimento de brasilidade, ela é a antecipação do Brasil moderno, é a representação corporificada do desenvolvimento desejado pelo país. A metaforização social da cidade permite o deslocamento dos signos da cidade real para a cidade da literatura e, vice-versa.

Portanto, a riqueza do enfoque literário na leitura do espaço urbano aproxima-se da vida na metrópole moderna. As representações literárias sobre a cidade expressam uma forma narrativa na qual as percepções são capazes de captar as idéias e intuir outras para explicarem o modo de vida urbano.

Mas é preciso destacar que, tanto a ciência, quanto a arte possuem marcas próprias. No contraponto entre sociologia e literatura é importante reconhecer suas distinções, para então trabalhar no sentido de criar análises do real em que as duas formas de linguagem se

coloquem como possibilidades de conhecimento. A literatura e a sociologia juntas são capazes de decantar a realidade e produzir outras formas de “flanar” pela cidade. As narrativas literárias trazem em seu bojo metáforas e alegorias nas quais surgem imagens do mundo que, analisadas a luz das categorias sociológicas, permitem a superação do senso comum.

SOCIOLOGIA E LITERATURA: Um percurso metodológico no estudo da cidade

A obra literária decola de uma realidade material concreta, esta realidade se manifesta no texto e ao ser identificada pela crítica torna possível à pesquisa extrair os elementos sociais que organizam a experiência humana permitindo a construção dos fatores culturais expressos na obra.

Por isso a necessidade de ver a obra a fundo, decifrar o que elas falam sem dizer. O leitor crítico deve ter intuição e sensibilidade para conseguir penetrar na estrutura profunda da obra, portanto é imprescindível um instrumental teórico para auxiliá-lo nessa jornada composto de:

1. Uma metodologia – A metodologia consiste em definir uma forma para abordar o texto literário.
2. Uma terminologia – Ao pesquisador é necessário um conjunto de conceitos que compreendam tanto o instrumental teórico da sociologia, quanto da literatura.
3. Uma Perspectiva – O pesquisador precisa estabelecer uma análise da obra apoiada por séries estruturadas pela interpretação. É importante lembrar que essa interpretação sempre deve ser comprovada por palavras extraídas do próprio texto literário.

Diante dessa constatação nos remetemos à questão posta por Antônio Cândido

(1973) quando ele pergunta: “Como estudar o texto literário levando em conta o seu vínculo com as motivações exteriores providas da sociedade, sem cair no paralelismo, que leva a tratá-lo como documento?” (24).

Não se pode esquecer que a literatura como fonte de pesquisa da sociologia é uma forma peculiar de buscar compreender a realidade objetivada. Nessa perspectiva cabe à sociologia abdicar de seu poder de enunciação da verdade. É preciso admitir que os enunciados do discurso literário são fontes onde se circunscrevem marcos indiciários de uma realidade na qual o sociólogo confronta com a realidade objetiva e constrói um processo de análise. Seu olhar torna-se um olhar entre as possibilidades fornecidas pelas duas áreas do conhecimento, a literatura e a sociologia.

A cidade real cede lugar à cidade da ficção, mas neste espaço criado pela palavra a cidade real continua a existir. Ao conservar a referência ao mundo, mas inventando uma outra realidade, o escritor, de certo modo, cria uma imagem eficiente na qual se registra um espaço tecido pela verossimilhança. As metáforas introduzem uma possibilidade decisiva de um mundo, ao mesmo tempo real e inventado. Para o discurso sociológico interessam as referências desse mundo que dizem respeito ao mundo real, pois que o fulgor do real coloca-se como presença poderosa permitindo ao cientista uma leitura do social.

A literatura ao comportar uma dimensão de verdade torna-se um registro de acontecimentos, não que isso seja tarefa sua, mas essa correlação com a realidade mantém um compromisso do texto literário com o real, dando-lhe credibilidade ao relato. Ou seja, ao refigurar o tempo, como diz Ricoeur (1994), pois ao trabalhar com a reinscrição no tempo, o discurso literário dá voz ao passado e faz erigir o presente, permitindo que essa intensidade temporal reinscreva a realidade em outra instância, ou seja, é possível ao cientista social detectar fragmentos dessa realidade re-apresentada pelo escritor, na medida em que essa justaposição do tempo e do espaço feitas pela imaginação criadora atribui sentidos às ações cotidianas vivenciadas pelo ser social na cidade.

A criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo de uma práxis socialmente condicionada. Mas isso só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo

empenhado, na medida em que suscita uma visão de mundo. (CÂNDIDO, 1973: 55)

As leituras feitas pelo texto literário buscam para a cidade outras leituras da realidade. Se o olhar qualifica o mundo como nos diz Pesavento (1992), o olhar literário tem a capacidade de transformar o acontecimento em fato social e o lugar em espaço também social. A cidade torna-se um texto e cabe ao cientista social fazer a leitura deste texto, investindo significados sociais para compreender e perceber o sentido dado ao espaço da *Urbis* e as diversas formas de pensamentos submersos nas representações dos enunciados da cidade texto.

A arte e, portanto a literatura é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. (CÂNDIDO, 1973: 53)

A realidade social está presente tanto no mundo criado pelas palavras quanto no mundo não ficcional, entre estas duas realidades oscila o vaivém entre realidade e ficção. A força do mundo real e a força do mundo imaginário se fundem formando uma realidade ora ambígua, ora não, mas perfeitamente plausível para olhar a cidade real. Assim a cidade torna-se um tema capaz de permitir a interação entre o sentido próprio e o sentido figurado da palavra. As imagens, as alusões... dadas pelos vocábulos geram um significado paralelo, no qual figuram os espaços urbanos que se instalam no texto de ficção.

A busca da verdade na literatura se norteia frequentemente pelo esforço de construir uma visão coerente e verossímil que seja bastante geral para ir além da particularidade e bastante concreta para não se descarnar em abstração. Por isso é decisiva a maneira pela qual são tratados os elementos particulares, os pormenores que integram uma descrição ou uma narrativa,

seja da vida interior, seja do quadro onde vivemos. (CÂNDIDO, 1973: 123).

Não se pode esquecer que o autor pode manipular a palavra reforçando ou atenuando sua semelhança com o mundo real. Em alguns momentos as metáforas⁸ garantem o nexos com o mundo. É graças à metáfora que o escritor torna o mundo real presente no texto de ficção. Embora, às vezes, pareça pela construção do verso não existir mais nenhuma realidade plausível, é possível perceber uma mensagem com vida própria na qual a verossimilhança se instala permitindo uma comparação entre a experiência real e a experiência literária. Essa comparação exige do cientista social um esforço de adaptação. O ato de interpretar não é óbvio, pois no processo de ficção a realidade do mundo é desfeita, ela parece desfigurada e o objeto referido pela palavra parece passar para dentro do discurso literário. “Aparentemente não é mais o mundo, é outra coisa que parece não existir fora dos limites do texto” (CÂNDIDO, 2003: 31).

O texto literário parece sugerir uma experimentação fragmentária, à primeira vista desconectada do mundo exterior. A realidade embora aproximativa é descontínua, ela

⁸ Neste trabalho tomamos como base a definição que Ricoeur faz de metáfora, para ele “a interpretação metafórica pressupõe uma interpretação literal que se auto-destrói numa contradição significativa. É esse processo de autodestruição ou de transformação que impõe uma espécie de torção às palavras, uma extensão do sentido, graças à qual podemos descortinar um sentido onde uma interpretação literal seria absurda. Por isso uma metáfora surge como uma espécie de réplica a certa inconsistência na enunciação metafórica interpretada à letra. (RICOEUR, 2000: 62). Assim na compreensão a respeito da metáfora Valeska Loyola (2007) esclarece que o sentido da metáfora deve ser buscado “não só na intenção do falante, é preciso que se analise também o contexto semântico no qual o sentido metafórico está inserido. A metáfora só ocorre porque há um excesso de sentido cuja a interpretação literal pura não dá conta. Assim a metáfora é essencial para a inovação do sentido, ela permite a inovação e o aparecimento de novos sentidos. Fundamentalmente a linguagem poética se vale da construção metafórica para se concretizar, no caso desta pesquisa a metáfora é essencial, haja vista ser o nosso material de pesquisa ser composto, por textos literários. Isso posto concordamos plenamente com Paul RICOEUR (1992) quando ele diz que “a linguagem poética não diz menos a respeito da realidade do que qualquer outro uso da linguagem, mas refere-se a ela por meio de uma estratégia complexa que implica como componente essencial, uma suspensão e, analogamente, uma anulação da referência comum ligada à linguagem descritiva. A linguagem metafórica constitui referência primordial até o ponto em que venha a sugerir, a revelar, a descobrir - ou qualquer que seja o termo - as estruturas profundas da realidade com as quais estamos relacionados como mortais que nascem neste mundo” (153 – 154). Dessa maneira é que o texto literário, composto por linguagem metafórica, “está ligado por aquilo que cria, se a suspensão do discurso ordinário e da sua intenção didática assume um caráter urgente para o” escritor “é porque a redução dos valores referenciais do discurso comum é a condição negativa que permite novas configurações exprimindo o sentido da realidade que se deve trazer à linguagem. Por meio das novas configurações trazem-se também à linguagem novos modos de estar- no- mundo, de aí viver e de nele projetar as nossas possibilidades mais íntimas (...) o que liga o discurso poético é, pois, a necessidade de trazer à linguagem modos de ser que a visão ordinária obscurece ou reprime. (RICOEUR, 2000: 71-72).

parece residir mais nas palavras do que naquilo que ela designa. Ao desfazer o mundo da experiência racionalizada reduzem-se as impressões fugidias e incompletas, nascidas do ato de criação. Na realidade refeita pela palavra repousa um significado profundo. No processo de fazer e desfazer é como se a palavra repusesse um mundo refeito por ela, de tal modo que o discurso propõe-se como finalidade de si mesmo ao chamar a atenção sobre si por meio dos recursos de sonoridade e simbolização. Portanto a lógica textual antepõe se a outra, cria uma razão específica antes de deixar ver sua razão enquanto referência da realidade externa.

Ao efetuar uma substituição do mundo real pela força criadora da palavra há a criação de um mundo fantástico, embora nascido rigorosamente do mundo real e possuir todos os elementos reais, o mundo da ficção parece distante, mas é bom lembrar que ele sempre se constrói com elementos da realidade. As paisagens, as personagens, as emoções... descritas pelas palavras garantem o elo de recordações que permitem o movimento de instauração do mundo real no texto literário, que mesmo transfigurado em significados diversos não abole a validade do mundo social ali presente. Assim pode se afirmar que a cidade permite ao discurso literário o sentimento do cotidiano como possibilidade, posto que as imagens suscitadas dão vida especial ao sentido “externo” garantindo a relação do discurso literário com o ser e com o mundo.

Afinal o escritor almeja realçar seu discurso, por isso sempre recorre a diversos meios instaurados no campo semântico. Isso torna a criação literária portadora de um sistema específico de sentido que ora é convergente, paralelo, ora é divergente em relação a realidade. Não se pode esquecer das recomendações de Jakobson quando ele afirma ser o discurso poético aquele que chama a atenção sobre si mesmo, por isso ele é capaz de fazer com que o mundo real seja esquecido e que outro mundo seja criado. Portanto, num ato de interpretação cabe ao estudo sociológico a assimilação alegórica da realidade nascente trabalhada pelo literato. “Claro que na análise sociológica de um texto literário não se pode esquecer que o discurso literário refaz o mundo desfeito pelo ímpeto da imaginação”. (CÂNDIDO; 2003: 34).

Quando o texto literário se situa no espaço da representação, ele faz da realidade o seu ponto de partida, o mundo referido então se abre para ser investido de sentidos para que a realidade então passe a carregar dentro de si outros significados. Cada coisa, cada

fenômeno, cada representação se move de forma que significados se renovam dando outras possibilidades ao objeto. No caso deste estudo, aos processos de urbanização.

Assim a análise da obra estética só pode ser entendida se texto e contexto não estiverem dissociados. É preciso uma interpretação dialeticamente íntegra. Nessa ordem de pensamento o fator externo - social - é um elemento interno à obra, desempenha um papel na estrutura textual, tornando-se responsável pelas significações presentes no texto literário. “A produção da arte e da literatura se processa por meio de representações estilizadas, de uma certa visão das coisas, coletiva na origem, que traz em si um elemento de gratuitidade como parte essencial da sua natureza”. (CÂNDIDO, 1973: 70).

A sociologia da literatura alinha o social ao todo estético, permitindo que a estrutura social esteja presente tanto no todo, como nas partes do texto, ou seja, da forma como ele se organiza no interior da obra permite surgir uma composição dada pela sua expressividade na estrutura do texto. O elemento social é mais do que uma referência “que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma sociedade determinada” (CÂNDIDO, 1973: 07). Ele é fator de construção artística, não um mero ilustrador das determinações históricas, ele é mais, pois consegue explicar porque, esteticamente, a dimensão social torna-se fator de arte. “tanto quanto sabemos, as manifestações artísticas são coextensivas à própria vida social, não havendo sociedade que não as manifestes como elemento necessário à sua sobrevivência”. (CÂNDIDO, 1973: 70)

A arte adquire um sentido expressivo atuante, necessário a existência do grupo, ao mesmo título que os fenômenos econômicos, políticos, familiares ou mágico religiosos, integrando-se no complexo de relações e instituições a que chamamos abstratamente sociedade. O seu caráter mais peculiar, do ponto de vista sociológico, com importantes consequências no terreno estético, consiste na possibilidade que apresentam, mais do que em outros setores da cultura, de realização individual. Isso permite, ao mesmo tempo, uma ampla margem criadora e a possibilidade de incorporá-la ao patrimônio comum, fazendo do artista um interprete de todos. (CÂNDIDO, 1973: 70).

Embora não seja critério único de análise, o aspecto sociológico é um item que contribui para a interpretação coerente da crítica literária. Mas o cientista social ou o crítico literário têm que estar atento ao processo, não é suficiente achar que com a realidade exterior é possível analisar a obra, ou vice versa. Não se pode esquecer que na literatura subjaz sempre o quinhão da fantasia, pois é preciso modificar a ordem do mundo, justamente para tornar a verdade mais “expressiva pois este sentimento se constitui no leitor devido a esta tradição metódica” (CÂNDIDO, 1973: 03). Nesse caso é possível afirmar que arte e sociedade sobrevivem em um vasto sistema dialético, porém solidário e de influências recíprocas.

Fazer análise sociológica via texto literário, é entrar em um mundo de convergências e revelações. No caso específico de Brasília, é possível contrapontos entre modernidade e modernismo, racionalização e alienação, encanto e desencanto. Essas possibilidades se colocam como sínteses de uma cidade paradoxal onde se tentou juntar desenvolvimento urbano e esperança, duas coisas essenciais para a reatualização da dinâmica social brasileira.

As metáforas do texto literário adquirem diversos significados. Às vezes as situações, aparentemente prosaicas, desorganizam a contundência dos ideais da cidade modernista. Aparecem nos textos possibilidades de leituras das práticas sociais, que, embora, pareçam certas e arraigadas na cidade moderna ocidental, são desorganizadas pelas incertezas nebulosas das imagens estabelecidas para o universo urbano. A literatura deixa visualizar, nas entrelinhas, a magnificência do progresso capitalista no mundo urbano.

As personagens são colocadas em um mundo urbano, resultado de uma dialética dolorosa. A consciência moral resvala, o tempo todo, nas pulsões e nas limitações da organização institucional secularizada do mundo moderno. Ler a cidade e compreender a expansão urbana de Brasília via literatura e sociologia pode ser uma possibilidade de reflexão das duas narrativas como a síntese de uma possível expressão do mundo da cultura. Essa síntese, dada pelos dois campos, o da arte e o da ciência, talvez seja uma forma de desencantamento diante da cidade de Brasília.

No texto “La utilidade de la literatura” publicado na revista Tempo Brasileiro no ano de 1998, Volker Lühr coloca em discussão o uso da literatura pelos sociólogos. Para

tanto o autor cria uma tipologia bastante significativa para o cientista social que faz uso da literatura na análise sociológica. Vejamos:

Tipo I: os sociólogos citam passagens literárias, fora do contexto e de forma arbitrária, que pouco acrescentam ao texto sociológico apresentado.

Tipo II: a literatura faz análises de conflitos sociais e de contradições existentes nas sociedades de melhor qualidade que certas análises sociológicas corriqueiras.

Tipo III: a literatura e a sociologia preservam a sua autonomia, mas focalizam uma mesma temática, respeitando a gramática de cada uma das disciplinas. (FREITAG in RV Tempo Brasileiro, 1998: 08)

Portanto dessa interpenetração entre os dois campos, cada discurso, o literário e o sociológico, deve ser tratado na sua especificidade, tentando assim realçar o item três da tipologia estabelecida por Volker Lühr. As relações estabelecidas deverão complementar-se no sentido de suscitar o processo de ocupação do espaço urbano ao longo da história da cidade.

A literatura ao se apresentar como a possibilidade de reorganização dos mundos, um espaço no qual verdade e ficção estão misturados, coloca em questão as experiências vividas pelas personagens de forma a fazer surgir reflexões fundamentais para o estudo e a compreensão da cidade moderna.

Evidenciar a relação entre literatura e sociologia pode compartilhar uma crítica à razão ocidental e ao projeto de modernidade. O mundo da ficção expõe essa problemática sem pudores, ao falar de si mesma através da meta-linguagem, a linguagem literária legitima a sua verdade. Assim, o espaço da análise da cidade, privilégio do discurso sociológico, cede espaço para o desenvolvimento de uma “verdade” inconclusa na cidade da palavra, similar ao próprio processo de urbanização de Brasília.

A idéia de verdade, extraída dos textos literários é, pois, contrária à idéia de adequação. Nos textos literários é possível perceber a negação constante da utopia desenvolvimentista do projeto original. Portanto, na junção entre a sociologia e a literatura, talvez seja possível desvelar a dimensão da cidade real para seus habitantes na “cidade das palavras”.

A “cidade das palavras” está na saga traçada pelos autores. Situada socialmente e politicamente, a palavra vai impregnando a realidade até fazer surgir no texto a cidade na qual se tematiza o cotidiano, os sentimentos e as vivências dos moradores. Nos textos, forças conflituosas se encontram em uma realidade insólita, não renegam uma convivência paradoxal. A moldura estética da literatura permite a reconciliação do antes irreconciliável. A linguagem lírica junta os fragmentos e recompõem a natureza antes despedaçada.

A cidade, através da linguagem, se compõe de forma intersubjetiva, ganha um imaginário coletivo para se tornar, às vezes harmônica, outras antagônicas. Os fragmentos, aparentemente desconexos, são recompostos de forma a dar sentido aos contextos urdidos na trama social entre a “pedra” e a “carne”. Na perspectiva do onírico, uma visão multifacetada da cidade é o resultado da tensão entre as forças paradoxais a coexistir neste espaço. A “cidade das palavras” é emoldurada na alegoria fantasmagórica da modernidade fragmentada. A narrativa literária expõe essa luta interna e reatualiza as contradições de maneira a não se preocupar em sintetizar nenhum paradigma cristalizado desde a fundação da cidade.

Passado o momento frenético, o encantamento com a cidade, percebe-se uma literatura de Brasília, na qual a marca primeira é a desilusão com a pedra fria. Há nas narrativas, tanto em prosa como em verso, o relato de uma cidade sem alma, onde se quebra o repouso do sonho utopista. Atrás da aparência monumental surge o espectro do homem solitário. O grito doloroso ecoa e estilhaça o espelho da arquitetura monumental. Nessa linguagem recheada de significações poéticas, o terror lírico da cidade artificial planejada, desprovida de “carne” é a imagem refletida, reportando o leitor ao drama de um painel despedaçado.

A associação de imagens, ricamente trabalhadas pelos textos literários, remete ora ao *pathos* de uma cidade desprovida de paixão onde, sua rotina determinada pelo aço e pelo concreto, forma um quadro tedioso, ora nos apresentam retratos de uma realidade pulsante na qual os espaços ganham significados frente às relações ali desenvolvidas. O enfado e o desespero refletem a angústia da decadência de um sonho grandioso, que agora se defronta com a quase ausência de agitação social, mas ao mesmo tempo o lirismo da escritura literária permite a emersão de imagens marcadas pelo caráter onírico dos encontros e desencontros da “carne” com a “pedra”. Tal atitude sugere a instauração de um certo estado de torpor diante da realidade posta, mas sugere também uma possibilidade de

descoberta de uma outra realidade criada a partir do encontro com o outro, a partir da alteridade do brasileiro. As imagens, mesmo parecendo fugazes, dão uma espécie de continuidade fragmentada do encanto e do desencanto. Os textos parecem exprimir e, ao mesmo tempo suprimir uma realidade na qual as pessoas se assemelham a ornamentos, meros objetos para a composição da cidade “perfeita”. As narrativas selecionadas suscitam ora uma realidade sem perspectiva humana, em que há uma ausência de valor social da cidade, ora elas mostram uma realidade urbana efervescente de uma cidade em processo de megaloplização.

Um mosaico de gestos e detalhes apresenta, através de fragmentos de diálogos e de versos, o esboço de uma cidade atravessada por um outro discurso que não o oficial. Descubrem-se aqui aspectos de uma realidade social pulsante. As crônicas, os romances e as poesias apresentam ao leitor as metáforas de uma cidade descoberta por jovens escritores, cujo empenho é buscar um sentido para as relações sociais instituídas nesse espaço urbano que já extrapolou o Plano-Piloto de Lúcio Costa.

O sentido buscado na literatura, que representa aqui o “mundo da vida”, descrito na teoria da Ação comunicativa de Habermas, externa uma crítica social, ora sutil, ora devastadora, mas válida e interessante para descortinar essa nuvem nebulosa dessa metrópole aos olhos da “carne” circunscrita à “pedra”.

O “mundo da vida” é onde prevalece a garantia da liberdade da ação e da discussão para modificar e transformar a realidade pela via do argumento; é onde se tem a garantia da liberdade e da individualidade para o exercício do diálogo e da argumentação. Habermas defende que o “mundo da vida” é o espaço do entendimento, portanto livre da coerção do mundo sistêmico representado pelo Estado (sub-sistema político) e pelo dinheiro (sub-sistema econômico). O “mundo da vida” é regulamentado pelo discurso, onde prevalece o melhor argumento, ou seja, toda a organização societária deve ser regulamentada pela ação comunicativa, pelo discurso.

Quando se fala em discurso é importante nos reportarmos aqui a Bakhtin. Para Bakhtin (2002) não existe ato de fala individual. Na medida em que todo ato de fala está eminentemente ligado a uma situação de comunicação, perfaz, portanto, uma situação social. Assim, todo ato de fala, para ele, traduz um confronto de valores sociais. Dessa forma jamais estará dissociado de um contexto social, pois o locutor sempre carrega consigo uma estrutura sócio-ideológica na qual o signo se liga de forma indissolúvel.

Ao divergir do subjetivismo individualista que pressupõe a palavra seguidora de um mesmo plano, independente dos diferentes contextos fora dos fluxos de comunicação verbal, Bakhtin dá ao processo de interação verbal a evidência de que a palavra possui uma significação ideológica, haja vista que a cada vez que ocorre uma manifestação verbal, ela se insere em uma dialética interna se constituindo socialmente nos atos de comunicação de uma classe. E é isso o que torna os signos ideológicos, sociais e dinâmicos.

Ao afirmar que a palavra se dirige sempre a um interlocutor, Bakhtin suscita a tese da natureza social da enunciação. Esta tese se sustenta na medida em que a palavra sempre vem determinada pelo fato de ser produzida por alguém para se dirigir a alguém. Em suma, a palavra é um território partilhado pelo locutor e pelo interlocutor na qual sua enunciação se dá sempre determinada por um *“horizonte social”*. Qualquer enunciação é socialmente dirigida e sempre revela uma expressão ideológica. Em todos os tipos de atividade mental, sejam eles filosóficos, religiosos, políticos, culturais, enfim, é a situação social que determina de que forma a enunciação se realizará.

Ao anunciar este caráter dual da linguagem em que, não considera as análises que pressupõem uma oposição dicotômica entre língua e fala, Bakhtin provoca um deslocamento na lingüística. O reconhecimento de uma estrutura formal perpassada por um pressuposto da língua não existir por si mesma, provoca o surgimento de estudos que passam a encarar a linguagem não mais como uma entidade abstrata, mas um lugar onde se dá a manifestação concreta do subjetivo e do social.

Essa instância onde se dá a junção dos fatores lingüísticos com os, extralingüísticos é o discurso. Ser concebida como discurso faz da linguagem um modo de produção capaz de mediar a relação do homem com sua realidade social, uma vez que a mesma jamais poderá ser estudada fora da sociedade e das suas condições de produção.

Dentro dessa perspectiva, cabe então ao “mundo sistêmico” garantir as condições ao sujeito para sua participação na esfera pública via discurso. É preciso que todos os segmentos da sociedade estabeleçam um diálogo para, assim, a organização social ser regulamentada pela justificativa racional mais adequada. Ao propor a democracia radical, Habermas, não admite a colonização de um mundo pelo outro, para ele é necessário que os dois mundos sejam lidos em todas as dimensões da reflexão. Ao abandonar a tese positivista da ideologia e da objetividade ele propõe uma teoria crítica para o reconhecimento da sociedade. Assim, nos seus estudos está postulado o fim da coerção, o

fim da alienação por vias argumentativas discursivas em que se busca o entendimento de interesses e o fim da injustiça e da pobreza pela administração racional da justiça.

Na literatura, Brasília apresenta-se como uma cidade inesperada e surpreendente, extrapola as frases feitas de JK e seu discurso desenvolvimentista. Ela permite descobrir uma teia de relações onde a realidade salta de forma crua e expõe a violência, o crime e o medo tão presentes nas ruas desse mosaico urbano que foi, ou ainda é a “capital da esperança”, contrapondo-se ao discurso fundador. Além dessas narrativas amargas, há a doçura dos encontros, das relações formadas entre as pessoas. Mas ao mesmo tempo em que situam a vida cotidiana, os textos selecionados não se omitem em desvendar o mundo capitalista e seus contrastes em uma cidade que, como tantas outras, detém um discurso urbano. Embora não sejam idílicas, as imagens suscitadas encorajam a visualização da “carne” se juntando definitivamente à “pedra”.

Por isso a literatura não pode ser encarada apenas como um acontecimento efêmero, ela é mais, suas conseqüências transformam-se em ações, pois que, nascida do real ela é capaz de reagir sobre a realidade do mundo sistêmico. A literatura questiona o predomínio da consciência tecnocrática, ao não legitimar a visão discursiva do projeto fundador, representado pelo discurso do Estado, o sub-sistema político. Ela questiona a pretensão de validade e adequação das regras políticas estabelecidas no processo de ocupação do espaço urbano e expõe as regras do jogo, renegociando as rotinas que se fizeram presentes na sua construção. Os textos literários criam uma situação mediatizada pela linguagem na qual o mundo vivido no espaço urbano da capital não está rotinizado pelo mundo sistêmico. Na literatura, Brasília se coloca ora como uma espécie de prolongamento do indivíduo, ora como um espaço desprovido de vida humana. Mas a cidade é sempre uma possibilidade do homem permanecer vivo na cidade planejada pelo mundo da política e construída por sonhos de esperança de milhares de brasileiros. Mesclada a um imaginário constituído, Brasília possui uma realidade capaz de ser imaginada e reconstruída pela cidade das palavras.

Na literatura, a cidade não está enclausurada pelas fronteiras arquitetônicas de um projeto, ela é parte da rua, sua essência, suas imagens e suas representações estão assentadas nos problemas da vida em sociedade. A literatura impulsiona a leitura do mundo da vida, vinculada ao gênero humano, atravessa as mais diversas experiências sociais. Ao descobrir novas realidades, o texto literário abre as portas fechadas para a

compreensão. Essa compreensão desnaturaliza os processos de organização do mundo sistêmico instituídas nas representações sobre Brasília. A linguagem metafórica penetra nas distorções ideológicas até então legitimadas e fortalece uma outra visão para a percepção do mundo contemporâneo no que tange a análise da cidade modernista.

A literatura aborda tanto a base material concreta da *urbis*, como a constituição da *civitas*. Nos textos literários, a cidade torna-se uma realidade subjetiva, capaz de expressar a forma como seus moradores, na relação cotidiana com a cidade, subverteram o projeto da cidade para estabelecer um outro espaço para suas vivências. Brasília como lugar de existência do homem, define o sentido da sua condição cidadina no mundo moderno. Com uma concepção de espaço totalmente calcada nos projetos modernistas, a cidade é um *locus* importante para se compreender as relações entre o individual e o supra-individual. Nesse espaço urbano há a possibilidade de se estabelecer categorias para analisar o espaço urbano sob o signo do modo de produção capitalista no qual se define o significado da modernidade urbana que abriga um homem, por vezes perdido, nessa cidade projetada para ser o exemplo mais puro da utopia modernista.

Brasília possui singularidades e dentro dessas singularidades interessa a essa pesquisa investigar como o texto literário faz emergir as relações sociais que se consubstanciaram nestes mais de quarenta anos de existência da cidade. Acredita-se aqui ser pertinente entender o processo de urbanização dessa cidade procurando estabelecer um discurso não enviesado, mas um discurso da vida suscitada nas relações estabelecidas dentro do cotidiano dos seus moradores via o texto literário. Dentro dessa perspectiva olhando a cidade modernista questiona se:

- Quais são as marcas do seu processo de urbanização?
- Será que a cidade de princípios estruturantes homogêneos, a vinculação entre estética e política foi capaz de fomentar a conduta social do novo homem?
- Ou a cidade atravessou o programa original e seus habitantes, como os de quaisquer outras cidades brasileiras, apresentam uma heterogeneidade, fazendo coexistir tantos valores progressistas, como os tradicionais?

A industrialização, o desenvolvimento, a velocidade são expressões da cidade grande moderna. Esse contexto requer uma forma de expressão própria. Mas, ao mesmo tempo, no mundo secularizado da modernidade, a arte imprime um processo de representação, específico ao mostrar a realidade como algo capaz de promover uma identificação com a possibilidade de recriação. A arte, por extensão, a arte literária permite ao homem assumir diversas formas, permite a ele se metamorfosear para viver toda a multiplicidade da experiência humana.

A realidade da urbanização está na base de discursos literários significativos que tornam real a fundação da cidade. Brasília é uma imagem que se quer síntese de uma modernidade, imbricada em um país com tempo histórico heterogêneo e carregado de situações díspares de desenvolvimento. Essa duplicidade histórica arraigada na cidade moderna, situada no coração do Brasil, permanece como um ponto cego, que parece impossibilitada no discurso. E é nesse ponto cego, onde se encontram efeitos enigmáticos produzidos pelos textos literários nos quais convive um desenvolvimento, por vezes, racional e previsível, e por outras, desprovido da lógica clínica do projeto modernista, esse paradoxo assente faz a literatura revelar uma urbanização marcada pela dubiedade. Tal dubiedade sedimenta os sentidos na forma da memória discursiva, rompendo e deslocando as fronteiras pensadas no projeto original da cidade, construída à beira da linha do horizonte.

Várias são as formas com as quais a verdade pode ser instituída. Os efeitos de sentido que se colocam nos discursos produzidos em uma determinada sociedade são responsáveis pelas representações do imaginário construídos em uma época. Abordar os discursos como acontecimento, tanto o sociológico quanto o literário, significa assim apreender sentidos produzidos para a articulação de compreensão desse espaço urbano. Portanto, essa articulação entre literatura e sociologia precisa ser percebida como um processo no qual os sentidos são produzidos por meio de confrontos situados no tempo e no espaço histórico. O lugar onde emergem essas relações dinâmicas permite a apreensão da subjetividade dos indivíduos, traduzida em textos variados da escrita literária, ela pode ser apreendida pela pesquisa sociológica, sem a perda do efeito estético da obra de arte.

Situar a cidade é algo necessário. Suas imagens e seus referenciais são responsáveis por darem significados à “cidade das palavras”. É importante salientar que a cidade

concreta ecoa na “cidade das palavras”. As metáforas representam um universo urbano erguido na cidade texto.

A cidade ao ser tratada como o lugar, por excelência, da herança modernista apresenta um aparato ideológico próprio à apropriação do espaço urbano. A cidade real é instrumental e corporativa, ela não enxerga a si mesma, parece haver um esforço constante para ela não se reconhecer. Brasília, como outras cidades, não foge a regra, percebe-se no seu processo de urbanização uma dissolução dos princípios de organização da vida social e da ocupação funcional da cidade.

Circunscrita na modernidade, Brasília impõe uma ruptura na qual se legitima as justificativas para sua construção. Ao abordar a ambivalência entre razão emancipadora e razão instrumental, a cidade parece, nos textos literários, repudiar a idéia de progresso assente nos discursos de seus fundadores. Os textos literários surgem, então, como uma espécie de crítica à modernidade. A literatura coloca questões para o mundo científico. O debate entre verdade e ficção nos remete a questão da objetividade e subjetividade. Nesse debate, o texto literário expõe a subjetividade e a exprime. Isso posto, a literatura se propõe como sendo crítica da modernidade, fundamentalmente crítica a si própria, pois ela é, também, parte da modernidade.

Um universo imaginado composto por personagens, a literatura legitima um espaço urbano no qual as situações vividas possibilitam o debate dos limites da cidade real. Ao ser colocado como fonte de estudo do espaço urbano, a linguagem literária surge como magia racionalizada, porque ela, propositalmente, engana e esconde suas intenções nos diálogos das personagens, ou na voz do Eu lírico.

Ao desmascarar a pseudo-inocência do mundo real, o escritor é capaz de refazer os percursos históricos percorridos pela cidade modernista nos processos de ocupação e expansão do espaço urbano. Ao perguntar pelos sentidos dados pelos textos à cidade real perfazemos uma trilha de análise sociológica da configuração desse espaço urbano, modernista por excelência em que os possíveis significados dessa ocupação não se esgotam.

A cidade modernista, dos textos literários, deixa de ser meramente metafísica para objetivar uma situação real de expansão urbana onde a ocupação do espaço não permite uma sustentabilidade das idéias primeiras, pensadas pelos fundadores da cidade. A cidade da palavra não procura aperfeiçoar a cidade real, ao contrário, desconstrói suas premissas,

embora não deixe de reafirmar sua condição de cidade modernista. Não cabe à literatura a expressão da verdade, ela não tem responsabilidade com enunciados para afirmar ou negar qualquer certeza. A literatura não diz, ela se coloca no distanciamento através da sua condição de ficção. E é nesse distanciamento, nessa falta de pretensão de dizer que a literatura mostra a verdade nos fragmentos textuais. A junção desses fragmentos faz da linguagem literária uma forma capaz de intermediar a compreensão da cidade real. A literatura é, portanto, uma categoria incapaz de sucumbir, porque a palavra não é lida somente no seu sentido denotativo, literal. A linguagem da obra de arte literária suscita imagens contraditórias com o real e pelo fragmento. Ela rompe as estruturas reificadas da sociedade moderna e cria outras alegorias para a leitura da cidade moderna. As metáforas expandem a polissemia das análises.

Assim os romances, as crônicas, as poesias e os contos ao falarem de Brasília, permitem ao cientista social outras formas para pensar a cidade. A linguagem metafórica figura formas únicas de vivenciar a modernidade urbana, característica fundamental da cidade capital.

Portanto, Brasília acontece de formas múltiplas nos textos. Sua tradução na literatura não obedece a uma seqüência, ou uma linguagem pré-determinada. As representações colocadas pela crônica, pelo romance ou pela poesia permitem interpretações inesgotáveis. Os quadros instantâneos e as imagens emergem das metáforas, revelando a cidade invisível. O artista é capaz de exprimir as idéias de seu tempo. Na sua atividade faz vir à tona a luta pela causa da humanidade. Em sua subjetividade, a subjetividade humana torna livre o espírito de qualquer atitude coercitiva. A atitude do artista é sempre buscar a liberdade.

Em vista dessa posição, **este estudo é uma tentativa sócio-literária de entendimento dos mecanismos com os quais o indivíduo lida com os elementos de tensão e conflitos existentes nas relações com o espaço urbano, isto é com a situação de morador da cidade capital.**

Não se pode esquecer que Brasília é um lugar sem medidas, os limites já ultrapassaram a fronteira do plano original. Sem interior e sem exterior, tudo na cidade parece estrangeiro, seu legado é a artificialidade, mas ao mesmo tempo as periferias impõem à cidade uma conformação de constante movimento. Nela avista-se um tráfico contínuo entre interesses e paixões, entre pensamentos e dissonâncias. São essas constantes

contradições que desenham o espaço incerto dessa cidade que se levanta a cada dia com uma nova história, construída de forma contínua por aqueles que não se conformaram com o legado de uma paisagem pré-definida.

Ao ler a cidade traduzida pela escritura do literato, rompe-se o caráter linear da compreensão. Os símbolos suscitados pelos textos realizam o duplo jogo da forma e do movimento para se chegar à essência da estrutura das relações sociais estabelecidas nesse experimento utópico do modernismo. Brasília evidencia o contraste entre o velho e o novo Brasil. Os seus moradores negaram a essência da premissa do projeto piloto de cunho utópico e reafirmaram os processos sociais e os valores culturais imprevistos nas pranchetas.

Assim estudar o desenvolvimento urbano de Brasília via literatura é negociar cada passo entre a multiplicidade dos fatores relevantes tanto na teoria social, como na produção literária. Essa complexidade de reconstrução das relações estabelecidas pelo viés da linguagem metaforizada é o que permite captar a formação da ordem social da cidade, bem como os processos relacionais inscritos no espaço e no tempo definidos pelas pretensões modernistas e redefinidos pelas práticas sociais de seus habitantes. O desafio é criar uma estrutura interativa de pesquisa, na qual a literatura seja mais um elemento para a sociologia compreender e decifrar os processos de mudança cultural e social, sem se reduzir o valor artístico do texto. Nessa perspectiva, acredita-se aqui na possibilidade de entender a complexidade das condições de criação dessa sociedade, cujas pretensões modernistas na construção de Brasília, por estarem ligadas às práticas sociais, são forças que compõem o mundo social.



IV. ENCANTOS NA CIDADE DO VERBO

Andar pela Esplanada dos Ministérios é contemplar uma grandiosidade que poderá ser milenar. A dimensão da plenitude pode ser vista por aquele que percorre o Eixo Monumental iluminado por lâmpadas incandescentes. A profundidade estética determina a obra de arte inspirada na natureza, nas curvas e na sensualidade das formas femininas. Brasília, a cidade modernista, representa o sonho de um povo sair do atraso colonial e se inserir de vez na modernidade.

O refinamento das curvas dessa cidade transcende a sua materialização arrojada. Nela todos os elementos pensados se harmonizam, Brasília é naturalmente aquilo que vemos, ou lemos, ou escutamos, enfim, a imagem da espontaneidade. A arquitetura que se consolidou no Planalto Central faz parte hoje da paisagem, ela é como um elemento natural cravejado no cerrado. Contemplar Brasília é como relembrar um sonho. A terra vermelha dá a dimensão da transcendência dessa cidade.

Brasília é o testemunho e a presença daquilo que parecia impossível em uma cidade, as curvas pictóricas definem as áreas simétricas da cidade, a sua suntuosidade despretenciosa causa deslocamentos conceituais no observador. Quando Lúcio Costa inventou esta cidade e Niemeyer materializou essa invenção, eles pintaram definitivamente a paisagem do interior do Brasil. na concepção de Brasília estrutura e arquitetura são indissolúveis, não pertencem a mundos paralelos. A cidade e a vista do agreste do cerrado não hostilizam o mundo da natureza. A cidade é na paisagem urbana uma imagem que dá o tom daquilo que a sua construção representou. Como toda obra de arte, Brasília é um testemunho indeterminado, é como se essa cidade buscasse aquilo que não poderia ser mostrado, e é este ponto cego do seu discurso que a faz defrontar-se com o sublime.

A cidade não possui enredo. Em verdade é a suntuosidade das paisagens arquitetônicas que deslocam a historicidade construindo um desenho que, no traçado urbanístico, organiza o espaço urbano, inserindo-o na modernidade.

Em quatro décadas de existência essa cidade presenciou a chegada do século XXI, mas ela não manteve a perspectiva inicial. A Brasília do novo século é uma Brasília que coaduna tradições e modernidade. A cidade é marcada por um movimento dialético, no qual o Brasil com todas suas idiossincrasias pode ser encontrado. Os índices do IDH, o

mercado consumidor, a distribuição de renda são dados que asseguram que somente conjuntamente Brasília deve ser analisada. A cidade se diferencia daquela imagem pensada na sua concepção, mas ao mesmo tempo ela não se dissocia do sonho dos pioneiros que a construíram. Ela é tanto realidade objetivada, quanto cidade de sonhos. No processo de urbanização desse espaço social a utopia, a ordem e o planejamento convivem num conjunto arquitetônico no qual idealização e felicidade criam hoje o passado do futuro.

No passado, porque em princípio ela foi utopia, até se chegar as formas que encantam o mundo, as colunas do Alvorada, o Congresso Nacional, a Praça dos Três Poderes... precisaram esperar muito para se tornarem realidade. Primeiro vieram as missões para mapear a região; depois, em 1922, foi lançada em Planaltina a pedra fundamental daquela que seria a futura capital; com Getúlio Vargas assistiu-se a Marcha Para O Oeste; na década de 1950 foi definido o sítio que abrigaria a nova capital e, finalmente, na década de 1960, surgiria a cidade totalmente construída. A interiorização da capital federal tornara-se realidade. Mas ela é ainda o futuro, pois representa o orgulho de uma nação. Construída para consolidar a idéia de modernidade de um país periférico a cidade já é síntese da melhoria de vida, ela foi erguida como a capital da esperança, imagem ideal. Brasília, apesar de ser uma cidade aberta que pode ser investida de significados, não deve ser despojada do seu princípio discursivo: a cidade que faria do sertão do Planalto Central um lugar no qual seria possível experimentar a sensação de desenvolvimento pleno.

A cidade não pode ser entendida somente por uma única perspectiva, seus antônimos são elementos importantes, a selva, o deserto... enfim, os lugares pouco civilizados são fundamentais para a compreensão do processo de urbanização. Brasília, essa cidade planejada e construída, teve como uma de suas justificativas a necessidade de povoamento do sertão⁹ goiano. Um lugar distante de qualquer signo que representasse o passado de colonização, por isso brasileiríssimo. Criar uma cidade no centro do Brasil significava conjugar uma civilização moderna e cosmopolita com o interior tradicional brasileiro, pois um Brasil autêntico e moderno, não poderia desprezar os ritos de uma

⁹ A palavra sertão aqui deve ser entendida não na perspectiva geográfica em que designa uma região da Caatinga com características geográficas. A acepção nesse estudo liga-se à perspectiva de interioridade, de lugar longínquo da cidade, da costa litorânea, mais distante da civilização européia.

tradição. Esse mundo meio bárbaro, meio selvagem do interior goiano conciliava barbárie e civilidade, por isso a junção desses dois significados permitiriam um Brasil para os brasileiros e não contrário a eles. Nesse sentido, Brasília representa toda a perspectiva que a cidade sempre representou na sua concepção primeira: um pólo de civilização.

E esse padrão de invenção dessa cidade, esse olhar imposto como verdade é submetido à subjetividade literária de escritores que se encantaram com o projeto de interiorização da Capital. Esses autores, através da linguagem e da estética, reverterem em seus textos os sentidos possíveis da história de urbanização dessa cidade. Ora eles questionam o teológico da verdade pregada pelo Estado, ora eles compartilham do entusiasmo quase sempre destacado no processo de criação de Brasília. Como diz Barthes (2002), a literatura por não ter compromisso com o real não têm compromisso com nenhum postulado ideológico, ela desorganiza a ordem instituída, espreita e revela o *fetice* vigente na vida urbana.

Guilherme de Almeida, Joanyr de Oliveira, Vinícius de Moraes, Geraude, Danilo Lôbo e Antônio Miranda criaram um universo ficcional. Na cidade das palavras as sutilezas humanas do real subsistentes nas metáforas criam imagens capazes de revelar como a vida cotidiana nessa urbe se constrói. Os paralelos entre ficção e realidade podem ser instituídos, pois como afirma Antônio Cândido (1973), a estrutura social, quando se torna um aspecto da obra literária deve ser analisada, pois ela é também parte da estrutura interna dos textos.

Neste capítulo os textos selecionados apresentam as primeiras impressões do que seria essa cidade cravada no coração do Brasil. Os versos cantam uma cidade na qual há uma espécie de deslumbramento com essa que seria a possibilidade de transformar em realidade palpável a utopia. Guilherme Almeida em seus versos prenuncia o fascínio que a realidade da construção provocou.

Agora aqui é a Encruzilhada
Tempo-Espaço,
caminho que vem do passado

e vai ao futuro,
caminho do norte, do sul, do leste
e do oeste,
caminho de ao longo do mundo:
agora aqui todos se cruzam
pelo sinal da Santa Cruz

(ALMEIDA apud BRASÍLIA: a Capital do Século 21, encarte especial do GDF, 2006: 12).

Nos versos, o poeta apresenta a união dos paralelos. A idéia tempo-espaço se inscrevem no encontro do Brasil litorâneo, hegemônico e secular com um Brasil desconhecido, a terra vermelha, antes invisível, prenunciava o progresso de uma gente escondida nos confins do sertão. A oposição entre litoral e interior estava diluída, o Brasil agora tinha deixado o passado para trás, nesses caminhos do norte, do sul, do leste e do oeste, a dissonância estava sendo sufocada por aqueles que pelo sinal da cruz se cruzavam na encruzilhada do plano cortado por duas asas.

A religiosidade se inscreve na história dessa cidade. Como no poema, os signos que remetem a idéia da cidade como vontade divina, corroboram com os vários emblemas religiosos utilizados na sua inauguração. Além da mensagem do Papa, a primeira missa rezada na cidade teve no altar, construído ao lado do Supremo Tribunal Federal, a cruz trazida de Portugal à época da colonização para a primeira missa campal. Novamente o discurso intrínseco permite a criação de outro imaginário representado na idéia de retomada da posse da terra, percebe-se ainda a retomada da descoberta do Brasil, Brasília foi também uma (re) descoberta do país, pois “agora aqui todos se cruzam”.

O poema de autoria de Joanyr de Oliveira, sob o título “Brasília” aparece como um hino, no qual a nova cidade é só encanto. Vejamos:

Brasília

Amorosa e clara,
A cidade

Voa
Com as próprias asas.

Alegorias em pluma,
Estátuas no rosto das águas.
Arcos, trevos, o verde.
Eixos geram esperanças
Na frente o homem.
O lago ama com os braços
Abarcando o equilíbrio.

A torre afina os tímpanos
E as perfeitas retinas:
Canta nas noites a fonte.
Artérias urbanas
Em suas vigílias: áureas
Dádivas: o branco, as superquadras.

(o pretérito nos mausoléus,
longe de nossos cânticos.)

Amorosa e clara,
A cidade
Voa
Com as próprias asas.
(OLIVEIRA, 1998: 373-374)

Na tessitura do poema, Joanyr de Oliveira eleva a cidade à mesma condição imaginada por Lúcio Costa, JK e Oscar Niemeyer. Os vocábulos lembram à modernidade e a renovação em que o espaçamento da cidade é dado pela leveza de seus símbolos. O avião voa, “os eixos geram a esperança na frente do homem” dando a expectativa de o Brasil encontrar o desenvolvimento tão sonhado nas “Artérias humanas e urbanas” da cidade configurada nas palavras. Mais do que uma cidade, essas formas arquitetônicas tornam-se

“dádivas”, pois “amorosa e clara” a cidade abre seus braços e “voa com suas próprias asas”. No poema, o Eu lírico¹⁰ trata a arquitetura de forma leve e desprovida de peso, sua materialidade está na imaterialidade das formas que alçam seu próprio vôo. Os objetos das palavras remetem o leitor a uma luminosidade calcada pela idéia de leveza e equilíbrio. Brasília recusa o chão do arcaísmo brasileiro, ela é “áurea”. As palavras evocam uma figuração com “leveza de pluma” em que o poeta realiza o duplo jogo da forma e do movimento na poesia, assim como Niemeyer faz com as formas arquitetônicas da capital. O poeta mostra-se encantado com as formas da “pedra”, na qual a arquitetura é cultivada para permitir uma nova visão da utopia modernista, utopia esta que exige “perfeitas retinas” para que as “alegorias em plumas” permitam a renovação e o desenvolvimento da nova nação, tudo isso nas “asas amorosas e claras de uma cidade capaz de voar com as próprias asas”.

Como JK, Niemeyer e Lúcio Costa, Joanyr vê nas formas arquitetônicas da cidade uma possibilidade utópica para o surgimento de uma nova sociedade, uma sociedade moderna, urbana e desenvolvida. As linhas da arquitetura geram a esperança de traçar no cerrado edifícios para se abrigar desejos e sonhos, refletindo o “equilíbrio” nos “arcos”, nos “trevos” e no “verde”, cuja, a “frente do homem brasileiro, nessa Brasília “amorosa e clara” abarca o equilíbrio racional do projeto modernista.

Vinicius de Moraes, nos versos dedicados à cidade, exprime a vocação de Brasília, uma cidade que como dizia Lúcio Costa, já nascia adulta. O poeta se alimenta das sensações dadas pelo processo de construção da cidade. É a partir da premissa de uma cidade toda feita que “Brasília Sinfonia da Alvorada” é erguida pelo Poeta.

No princípio era o ermo
Eram antigas solidões sem mágoa.
O altiplano, o infinito descampado

¹⁰ Para Emil Staiger (1975), a imagem na poesia lírica é essencial enquanto expressão da fusão emotiva entre o Eu lírico e o mundo. Segundo ele os seres do mundo exterior são desprovidos de identidade própria. Staiger aponta para o caráter íntimo da poesia lírica. Ele afirma que nela o Eu lírico configura e exprime seu mundo interior. A essência lírica é, pois, o Eu através do qual o poeta lírico se dilui numa ausência de distância entre o sujeito e o objeto. Dessa forma, as experiências na criação lírica ocorrem através de imagens e recursos de caráter fonético e rítmico em que se dá a concentração do Eu lírico em si mesmo na voz do poeta posta nos versos do poema.

No princípio era o agreste:
O céu azul, a terra vermelho-pungente
E o verde triste do cerrado.
Eram antigas solidões banhadas
De mansos rios inocentes
Por entre as matas recortadas.
Não havia ninguém. A solidão
Mais parecia um povo inexistente
Dizendo coisas sobre nada.
Sim, os campos sem alma
Pareciam falar, e a voz que vinha
Das grandes extensões, dos fundões crepusculares
Nem parecia mais ouvir os passos
Dos velhos bandeirantes, os rudes pioneiros
Que, em busca de ouro e diamantes,
Ecoando as quebradas com o tiro de suas armas,
A tristeza de seus gritos e o tropel
De sua violência contra o índio, estendiam
As fronteiras da pátria muito além do limite dos tratados.
– Fernão Dias, Anhanguera, Borba Gato,
Vós fostes os heróis das primeiras marchas para o oeste,
Da conquista do agreste
E da grande planície ensimesmada!
Mas passastes. E da confluência
Das três grandes bacias
Dos três gigantes milenares:
Amazonas, São Francisco, Rio da Prata ;
Do novo teto do mundo, do planalto iluminado
Partiram também as velhas tribos malferidas
E as feras aterradas.
E só ficaram as solidões sem mágoa
O sem-termo, o infinito descampado
Onde, nos campos gerais do fim do dia
Se ouvia o grito da perdiz
A que respondia nos estirões de mata à beira dos rios

O pio melancólico do jaó.
E vinha a noite. Nas campinas celestes
Rebrilhavam mais próximas as estrelas
E o Cruzeiro do Sul resplandecente
Parecia destinado
A ser plantado em terra brasileira:
A Grande Cruz alçada
Sobre a noturna mata do cerrado
Para abençoar o novo bandeirante
O desbravador ousado
O ser de conquista
O Homem!

II / O HOMEM

Sim, era o Homem,
Era finalmente, e definitivamente, o Homem.
Viera para ficar. Tinha nos olhos
A força de um propósito: permanecer, vencer as solidões
E os horizontes, desbravar e criar, fundar
E erguer. Suas mãos
Já não traziam outras armas
Que as do trabalho em paz. Sim,
Era finalmente o Homem: o Fundador. Trazia no rosto
A antiga determinação dos bandeirantes,
Mas já não eram o ouro e os diamantes o objeto
De sua cobiça. Olhou tranqüilo o sol
Crepuscular, a iluminar em sua fuga para a noite
Os soturnos monstros e feras do poente.
Depois mirou as estrelas, a luzirem
Na imensa abóbada suspensa
Pelas invisíveis colunas da treva.
Sim, era o Homem...
Vinha de longe, através de muitas solidões,
Lenta, penosamente. Sofria ainda da penúria

Dos caminhos, da dolência dos desertos,
Do cansaço das matas enredadas
A se entredevorarem na luta subterrânea
De suas raízes gigantescas e no abraço unísono
De seus ramos. Mas agora
Viera para ficar. Seus pés plantaram-se
Na terra vermelha do altiplano. Seu olhar
Descortinou as grandes extensões sem mágoa
No círculo infinito do horizonte. Seu peito
Encheu-se do ar puro do cerrado. Sim, ele plantaria
No deserto uma cidade muita branca e muito pura...
(...)

III / A CHEGADA DOS CANDANGOS

Tratava-se agora de construir: e construir um ritmo novo.

Para tanto, era necessário convocar todas as forças vivas da Nação, todos os homens que, com vontade de trabalhar e confiança no futuro, pudessem erguer, num tempo novo, um novo Tempo.

E, à grande convocação que conclamava o povo para a gigantesca tarefa começaram a chegar de todos os cantos da imensa pátria os trabalhadores: os homens simples e quietos, com pés de raiz, rostos de couro e mãos de pedra, e que, no calcanho, em carro de boi, em lombo de burro, em paus-de-arara, por todas as formas possíveis e imagináveis, começaram a chegar de todos os lados da imensa pátria, sobretudo do Norte; foram chegando do Grande Norte, do Meio Norte e do Nordeste, em sua simples e áspera doçura; foram chegando em grandes levas do Grande Leste, da Zona da Mata, do Centro-Oeste e do Grande Sul; foram chegando em sua mudez cheia de esperança, muitas vezes deixando para trás mulheres e filhos a aguardar suas promessas de melhores dias; foram chegando de tantos povoados, tantas cidades cujos nomes pareciam cantar saudades aos seus ouvidos, dentro dos antigos ritmos da imensa pátria...

(...)

IV / O TRABALHO E A CONSTRUÇÃO

– Foi necessário muito mais que engenho, tenacidade e invenção. Foi necessário 1 milhão de metros cúbicos de concreto, e foram necessárias 100 mil toneladas de ferro redondo, e foram necessários milhares e milhares de sacos de cimento, e 500 mil metros cúbicos de areia, e 2 mil quilômetros de fios.

– E 1 milhão de metros cúbicos de brita foi necessário, e quatrocentos quilômetros de laminados, e toneladas e toneladas de madeira foram necessárias. E 60 mil operários! Foram necessários 60 mil trabalhadores vindos de todos os cantos da imensa pátria, sobretudo do Norte! 60 mil candangos foram necessários para desbastar, cavar, estaquear, cortar, serrar, pregar, soldar, empurrar, cimentar, aplainar, polir, erguer as brancas empenas...

– Ah, as empenas brancas! -

– Como penas brancas...

– Ah, as grandes estruturas!

– Tão leves, tão puras...

Como se tivessem sido depositadas de manso por mãos de anjo na terra vermelho-pungente do planalto, em meio à música inflexível, à música lancinante, à música matemática do trabalho humano em progressão ...

O trabalho humano que anuncia que a sorte está lançada e a ação é irreversível.

Cantochão

E ao crepúsculo, findo o labor do dia, as rudes mãos vazias de trabalho e os olhos cheios de horizontes que não têm fim, partem os trabalhadores para o descanso, na saudade de seus lares tão distantes e de suas mulheres tão ausentes. O canto com que entristecem ainda mais o sol-das-almas a morrer nas antigas solidões parece chamar as companheiras que se deixaram ficar para trás, à espera de melhores dias; que se deixaram ficar na moldura de uma porta, onde devem permanecer ainda, as mãos cheias de amor e os olhos cheios de horizontes que não têm fim. Que se deixaram ficar muitas terras além, muitas serras além, na esperança de um dia, ao lado de seus homens, poderem participar também da vida da cidade nascendo em comunhão com as estrelas. Que viram, uma manhã, partir os companheiros em busca do trabalho com que lhes dar uma pequena felicidade que não possuem, um pequeno nada com que poder sentir brilhar o futuro no olhar de seus filhos. Esse mesmo trabalho que agora, findo o labor do dia, encaminha os trabalhadores em

bando para a grande e fundamental solidão da noite que cai sobre o planalto...

" Deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino."

(Brasília, 2 de outubro de 1956)

Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira

(...)

VI

Terra de sol

Terra de luz

Terra que guarda no céu

A brilhar o sinal de uma cruz

Terra de luz

Terra-esperança, promessa

De um mundo de paz e de amor

Terra de irmãos

Ó alma brasileira ...

... Alma brasileira ...

Terra-poesia de canções e de perdão

Terra que um dia encontrou seu coração

(...)

(Vinicius de Moraes / Antônio Carlos Jobim)

Se a cidade é como nos diz Ítalo Calvino (1990) “Um símbolo capaz de exprimir a tensão entre a racionalidade geométrica e o emaranhado das existências humanas”, Vinicius ao tornar Brasília tema da criação literária traduz através da arte de fazer poesia essa afirmação de Calvino. Quando descreve os primórdios da saga da construção, o Eu

lírico comporta-se como uma câmera, na qual empresta sentido às imagens formadas. A cidade surge pelo viés da linguagem que segundo Heidegger (1969) é o horizonte do ser.

A linguagem na qual o ser se forma não é científica, pois ela constitui a realidade como objeto, ela também não é técnica, haja vista ser nessa perspectiva a realidade modificada para que a mesma seja aproveitada. Essa linguagem é a linguagem poética da qual nos fala Heidegger. Uma linguagem que tem como fundo um viés comemorativo. Assim como a cidade, a linguagem que a torna estrutura social na obra literária não está para a mera descrição, ela precisa ser comemorada pelo poeta para que a “cidade da palavra” não caia no esquecimento.

A “cidade do poema” possui elementos da natureza e são eles os responsáveis por renunciarem as formas futuras da Capital. No princípio foi o cerrado, “era o ermo/ o altiplano, o infinito descampado/ no princípio era o agreste/ o céu azul, a terra vermelha pungente/ e o verde triste do cerrado”. É desse amontoado de natureza de onde o homem fará surgir a cidade quase escultural. Ao resgatar a saga dos Bandeirantes, “os rudes pioneiros”, o Eu lírico retoma a discussão assente na justificativas para mudança da Capital, desbravar o Brasil interioriano e resgatar o sentido de uma nova descoberta para o Brasil, esse mito da descoberta não deve ser esquecido, como lembra Heidegger ao falar da função comemorativa da linguagem. Pois que é agora no “novo teto do mundo do Planalto iluminado” que “parecia destinado” a ser plantado em terra brasileira a grande cruz alçada .

Nesta primeira parte do poema está a evocação de um passado para a cidade que rebentaria o solo pelas mãos do desbravador. Ela só pode existir porque um dia “o sem termo, o infinito descampado” foi recipiente para “o pio melancólico do jaó” onde só ficou a solidão sem mágoa para preparar a chegada do homem. E é pela figura do homem que a segunda parte do poema se desenha na alvorada brasiliense.

No momento em que o poeta exterioriza a matéria a ser trabalhada ele descobre o outro elemento que também foi protagonista da história da cidade, essa cidade que carece do homem. Para isso o poeta faz da matéria a poesia a fim de se repor esse homem como o indivíduo prático, mas convivendo com os signos que elevariam a cidade à condição de capital da esperança. Essa necessidade constitui a condição material da história sentida e vista pelo poeta na dimensão humana, porquanto somente é mediante um projeto humano

coletivo que a cidade vai sendo construída. E é desse ponto de vista que a matéria da poesia se transfigura num projeto de “desbravar e criar, fundar e erguer”. É a partir desse ponto de vista, que “esse homem criativo” torna-se a matéria específica de poesia, e ele como a cidade, constitui-se uma raridade. Nessa medida a história dessa cidade, nas mãos do autor, não se parece com aquela história feita pelos historiadores, mas é aquela capaz de entender a totalização de todas as totalizações significativas das ações humanas, propostas para se construir essa cidade. Isso porque a raridade do fundador configura a primeira relação intersubjetiva posta no corpo do poema, o modo pelo qual esse homem se relaciona com esse espaço é dada pela materialidade da história desse ser que “vinha de longe, através de muitas solidões, lenta penosamente. Sofria ainda da penúria/ do cansaço das matas enredadas”. É pela via do carecimento que Vinícius de Moraes apresenta a história de Brasília, então, como processo de superar necessidades em busca do reino da liberdade. Ao descortinar nesse imaginário, os versos fixam nas palavras cuidadosamente escolhidas o tom da dimensão heróica daquele que ousou desbravar o horizonte e “encheu de ar puro” seu peito, pois viera para ficar. A tradução plástica do poema permite ver que “Seus pés plantaram-se/ na terra vermelha do antiplano. Seu olhar/ descortinou as grandes extensões sem mágoas/ no círculo infinito do horizonte.../ sim ele plantaria/ no deserto uma cidade muito branca e muito pura”.

É nos primeiros pressupostos de uma filosofia da modernidade que as dificuldades costumam residir. Para Sartre, é graças à exterioridade da matéria que se dá como campo minado a ser utilizado por vários seres, que é possível a alteridade. Nessas condições a realidade secreta do objeto, no nosso caso a urbanização da Capital Federal, se conforma como o ponto onde se cruzam dois processos de totalização reflexiva: o do Eu e o do Outro. O Eu e o Outro no poema surgem como uma espécie de consciência reflexionante onde a fusão de duas grandes forças da modernidade se desenvolvem por conta própria. É essa fusão das forças materiais e espirituais que permitem ao Homem plantar no “deserto uma cidade muito branca e muito pura”.

Vinícius, assim como Baudelaire, aceita o homem em sua plenitude, esse homem aparece com suas fraquezas e suas aspirações. E essa dualidade ao dar a dimensão do humano é capaz de conferir beleza à visão daquele que não possui a beleza de si. Mas eles não fazem isso romanticamente e nem de forma pitoresca, por isso são capazes de permitir o surgimento da alma humana, muitas vezes escondida. Nessa perspectiva a linguagem

literária revela as contradições da cidade moderna. Assim a poesia reflete a consciência do homem moderno inserido na vida urbana. E é dessa capacidade de captar o sentimento da época da construção da cidade que o poeta utiliza citações de Oscar Niemeyer para elevar a cidade à sua condição de obra que abriria uma perspectiva rumo ao futuro. A cidade reta e racional, planejada e simples se traduz nessa montagem feita por Vinícius de Moraes.

“Como uma flor naquela terra agreste e solitária” a cidade vem à tona no poema em doses de esperança e monumentalidade, pois ela seria “erguida em plena solidão do descampado”. No cultivo desse espaço o poeta cria a cidade “como uma mensagem permanente de graça e poesia...” a cidade é vista pelo poeta em toda a sua dimensão a ser dada pela brancura do concreto. E é dessa forma que Brasília estava imaginada como “uma cidade que ao sol vestisse um vestido de noivado”. Por isso era necessário “uma arquitetura que se destacasse branca, como que flutuando na imensa escuridão do planalto...”. mas a cidade é mais, além de “pedra” ela precisa de “carne”, haja vista ser a junção desses dois elementos o que dá sentido a vida na *urbis*, e na sua prece poética Vinícius não esquece esse princípio, ele fala de “uma cidade que de dia trabalhasse alegremente/...numa atmosfera de digna monumentalidade...”. Numa espécie de realidade ideal o poeta canta a cidade em meio ao fluxo de um processo de encantamento dotado de uma consciência, cujos princípios de racionalidade e felicidade previstas no projeto original seriam encontrados no espaço construído. Assim é que essa cidade em toda a sua magnitude não poderia ter a “carne distoando dessa sintonia pensada a *priori*, para então criar “... uma cidade de homens felizes, homens que sintam a vida em toda a sua plenitude, em toda a sua fragilidade; homens que compreendam o valor das coisas puras...” só assim poderia se ter a cidade criada “como a imagem do Cruzeiro/ no coração da pátria derramada”.

A criação de Lúcio Costa nasceria “do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos que se cruzam em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz”. Dessa cena, sob as nuances da linguagem, o poder criativo do poeta prolifera. A palavra figurada convoca os candangos, cuja origem está em todos os cantos do Brasil. Homens comuns são lançados no projeto de erguer a saga dessa cidade. A gigantesca missão seria feita por homens simples que vindos do norte, do sul, do leste e do oeste, na sua áspera doçura tomaram o sonho de inserção na modernidade como se fosse um projeto

deles. Cheios de esperança não hesitaram “deixando mulheres e filhos a aguardar suas promessas de melhores dias”.

O olhar de Vinícius analisa as transformações impostas pelo processo de construção da cidade. É nesse jogo urbanístico da cidade a ser construída que a idéia de construir é reconstruída pela linguagem do poema como opção para desvendar a fantasmagoria da cidade construída dentro de todos os pressupostos da modernidade.

Esse espaço da cidade descrito no poema é o que permite o jogo da diferença, é o lugar onde a trama social assume a fisionomia do lugar para onde vieram os pioneiros. A cidade é, nessa perspectiva, uma experiência estética de viver e experimentar emoções, sentimentos, paixões comuns aos diversos domínios da vida moderna. É nas metáforas do processo de criação que o poeta amplifica a dimensão da cidade. Nas mais de “100 mil toneladas de ferro redondo,... nos milhares e milhares de saco de cimento, 500 mil metros cúbicos de areia e dois mil quilômetros de fios,... um milhão de metros cúbicos de brita” que a vida social daqueles que foram buscar trabalho, ou seja a cidade dos materiais concretos é também parte considerável do imaginário literário. Desta feita o poeta vive o dia-a-dia recolhendo os entulhos da construção e ressignificando-os para anunciar Brasília a “Terra do sol”.

E na construção da utopia, Brasília segue cantada em versos. Metaforizada no verbo a dimensão da cidade ainda está calcada na “pedra”. Esse espaço pensado é um símbolo da capacidade ambivalente de se agregar na literatura um sentimento de atração pela sua originalidade e pela monumentalidade branca fincada no coração do Brasil. O olhar do artista capta a intensidade dessa cidade, e nessa ânsia constrói um todo harmônico no qual empresta o corpo da natureza exuberante para dar corpo à cidade. Ao poetizar a cidade Garaude ressalta a cidade que surge com:

Os edifícios, nítidos
como cactus, contra uma terra
envolta em terra
se amaciam e se retomam em lago

e o branco é mais longo
no assalto do poente.
nada se aglomera ou se expulsa
nesta paisagem onde a razão
é o sensível e sua imagem. (GERAUDE, 1982: 117- 118).

Na montagem dessa cenografia o emblema de conotações positivas não se remete somente à pedra, mas fala nos de uma razão humana associada ao lago no qual os edifícios se refletem, dando-nos a impressão de ser a “razão também um espelho entre o que pode ser sentido e seu reflexo”. (BARBOSA, 2002: 51). E é a razão que reveste a imagem da cidade, é ela que dá à perspectiva do sensível a possibilidade, sob o signo da fortaleza e resistência do cactus, a implementação do projeto de modernidade dessa nova estrutura urbana construída numa espécie de palco ilusionista no qual a credibilidade cria uma imagem objetiva de um país que se civiliza. A transformação do espaço público é dado pelo paradigma da racionalidade “nesta paisagem onde a razão é o sensível e sua imagem”.

Na linha evolutiva, o projeto Brasília reinaugurava a modernidade brasileira, a cidade indica ao mundo como o Brasil se desenvolve nos trópicos e se descoloniza, pois que agora o eixo litorâneo cedia lugar para o sertão, o lugar das tradições genuinamente nacionais. Por isso Brasília é tanto metáfora desse processo de civilização do país colonial, quanto espaço. Em nome da funcionalidade, o espaço físico foi definido por um projeto racional. Mas a cidade não pode ser vista somente enquanto empreendimento, aqui o viés da comunicação simbólica não pode ser esquecido. A cidade moderna é o grande salto do atraso colonial para o país do progresso. Na planta da cidade o lema “Ordem e Progresso” encontra a plenitude de seu significado. Por esse motivo na literatura em que é exaltada, a cidade aparece como lugar e metáfora, o interesse do Eu lírico surge pela sua possibilidade de se realizar tanto como espaço físico, como mito cultural. Assim é que “cidade e modernidade se pressupõem, na medida em que a cidade é o cenário das mudanças, exibidas de maneira ostensiva e às vezes brutal. Difunde-as e generaliza-as. Nesta linha de

raciocínio apoiada por Beatriz Sarlo, a cidade é pensada como condensação simbólica material de mudança”. (SARLO apud GOMES, 1994:105).

Esta cidade por onde transita o Eu lírico é o cenário para a exaltação de uma cena urbana ajustada à qualidade e ao valor do projeto de modernidade. A cidade registrada pela literatura marca uma relação de credibilidade em um ciclo histórico anunciado para o Brasil, um país que se moderniza. Ajustados ao sonho de construção do progresso e da mudança, os literatos representam uma cidade bela e racional na qual se consubstancia uma nova mitologia urbana dimensionada pela euforia utópica da cidade do futuro.

Construir Brasília no verbo é conceber o seu plano como referência ideal para apagar o passado identificado pelo atraso colonial. Assim a cidade é mais do que uma mudança na esfera física, seu plano vai além da arquitetura modernista, a mudança é, pois de ordem material e simbólica. Na ordem dos signos os prédios da cidade dimensionam uma consciência urbana e moderna que apoiava a logística de um lugar privilegiado para a adesão à modernidade e ao desenvolvimento. Danilo Lôbo inscreve em sua poesia essa percepção de um lugar onde o sol dá a luminosidade necessária para clarear essa cenografia que se anuncia.

No Planalto,
onde o sol traça com o cálamo matutino
o perfil da serra dentada da linha de seus

/edifícios,

e, depois,
com muito cuidado,
colore seus planos suaves,
Brasília confia ao cenário

e f
r á
e l
c e i
t c
u o
s s

seus prismas que
sob o sol meio-diano
quando o lume é mais incisivo
oferecem ao viadante
seus flancos talhados, brunidos.

É aí, ao sol, em que a cidade
se inflama, fulgente e trans'úcida,
em metrópole ensolarada:
poema inundado de luz.

No planalto
onde a calota celeste,
como uma tigela de borco,
se une e se acomoda ao tampo achatado da terra,
o céu vira bolha azulada,
cúpula de luz clara e aguda,
na qual envolver e guardar a cidade quase escultura.

Nessa bolha, os edifícios
(gigantes de pernas de garça
ou blocos de pés de palitos)
se organizam em superquadras,
armadilhas tredas e pérfidas,
onde,
imprudente, sem linha,
o ingênuo estrangeiro se perde
entre os becos do labirinto. (LÔBO apud. OLIVEIRA, 1990: 22-26).

Em “Uma cidade: Brasília”, o poeta descreve a arquitetura quase escultural que reluz sob um céu claro. No poema a cidade nasce todos os dias de forma intensa. Na própria disposição no papel o poema, ao recriar o congresso nacional como um símbolo fálico, dá à cidade a significação que ela toma ao ser olhada pelos olhos do viadante. A capacidade de se colocar vai além das palavras que, na brancura do papel, também se coloca como forma. E, no desejo de representar de maneira fidedigna, o poeta ousa ir além do verbo, ele busca a imagem perfeita dada pela disposição das letras que anunciam o símbolo de identificação máxima dessa cidade que, no poema, se transpõe do verbo e cria um prisma no qual o poder se reflete, pois sua sede, o congresso nacional, está ali construída, não de concreto e aço, mas de uma simbologia, na qual o signo é mais um dessa “floresta de signos” que é Brasília.

Atuando no nível do imaginário o Eu lírico, dentro do próprio movimento de estruturação do poema, tem a capacidade de preservar o símbolo da modernização. O corpo do poema constitui o elemento fundamental da cidade da palavra que recoloca no centro do imaginário urbano um monumento análogo ao monumento real. A cidade de concreto organizada em superquadras encarna, na visão do observador, informações próprias e permite metabolizar a idéia de monumento tão presente em Brasília.

Impossibilitado de automatizar o olhar, o poeta ressignifica a cidade, guardando-a em sua originalidade, transformando-a em símbolo lingüístico, “é como se o poeta e

arquiteto subitamente se comunicassem numa mesma percepção de forma e movimento, dando-se as mãos em cumplicidade... eis a cidade transmitida intersubjetivamente. Eis a cidade recriada em poesia”. (BARBOSA, 2002: 59).

A cidade é o lugar onde o olhar pode ser exercido, em Brasília o olhar significa não somente olhar, os panoramas visuais urbanos dados pela proliferação dos signos. A cidade no canto a Brasília escrito por Antonio Miranda é uma cidade que não abdica de seus fatos fundamentais. Nas palavras do poeta reconhecemos a “alma de Brasília” que:

Antes era cerrado
Desterrado
No planalto insondável,
Ou indomável
Era vastidão ondulante
E enorme. Inescrutável.
(MIRANDA, 2002:19).

E nos feixes da significação dessa alma sente-se o autêntico sentimento de empolgação do Eu lírico com a cidade. Se por vezes o repertório se repete, percebe-se uma figuração da cidade no texto de Miranda. A poesia é uma construção poética, mas ao mesmo tempo ela é resultado de uma investigação histórica detalhada. Como uma diferenciação no âmbito social, o poeta se insere na escritura da cidade criando uma espécie de espetáculo da criação. Como promessa e significação. “Canto a Brasília” se divide em 13 partes, nas quais cada uma remete se há um período específico da criação da cidade. O Eu lírico, como um construtor, a partir de um trabalho simbólico, faz Brasília aparecer no texto como uma tentativa do país aderir à modernidade na “periferia capitalista” (SILVA, 1997: 09).

O sentido utópico, mitológico, revolucionário e livre surgem no canto como condição e mito social para a existência da cidade. Na mão da ideologia do progresso, Miranda busca dar forma à cidade, ela surge como uma espécie de mudança social, como uma alegoria na qual as idéias postas são tentativas de se penetrar no jogo simbólico que atravessa a paisagem urbana de Brasília.

Para dar sentido a essas projeções alegóricas no ambiente físico da cidade, o Eu lírico oferece alguns tipos sociais através das figuras de JK, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Pode se dizer que os responsáveis por tornarem Brasília realidade são vistos por Miranda como o civilizador, o herói, o profeta, o sonhador, o interessado, o fascinado e o instrumentalizado, personagens ideais típicas criadas por Luiz Sérgio Duarte da Silva¹¹. Esses três homens, travestidos dessas simbologias representaram o homem moderno que trazia consigo a junção das potencialidades para construção de sujeitos entusiasmados. A sociedade escolhida por esses sujeitos comungava trabalho e prazer, comunidade e sociedade com o intuito de sobrepor o individualismo para erguerem um modelo de subjetivação alternativo, onde a pretensão foi um novo modelo de sociedade. A cidade foi por eles tratada como um espaço extraordinário. A cidade como condição instituía a possibilidade da liberdade dada pela sua condição moderna “nas bordas do capitalismo” (SILVA, 1997: 77).

Brasília é a síntese de uma idéia na qual a representação do Brasil contida em sua construção significa a sua posse. Esse jogo de subjetividade e objetividade, permanência e relatividade tornam esse novo Brasil realidade. Brasília é enfim a projeção de “um lugar marcado pela excepcionalidade do cruzamento de expectativas, há muito gestadas no imaginário e no pensamento social brasileiros” (SILVA, 1997: 72).

É nesse mundo carregado de sinais que o Eu lírico retorna ao mito da fundação da cidade. Como esperança de felicidade que não deixa de existir, Brasília essa aventura em “escala social”, segundo Silva (1997) materializa nas palavras do poeta um experimentalismo eufórico de mudança acelerada. A cidade embora pareça atender as demandas sociais modernas da periferia como uma grande organização moderna, racionalizadora e disciplinadora, não é concebida pelo poeta como tal, ao contrário, o Eu

¹¹ Uma melhor compreensão destas personagens típicas ideais “criadas” por Luiz Sérgio Duarte da Silva pode ser encontrada no livro de sua autoria “A construção de Brasília: Modernidade e Periferia”.

lírico não estabelece a relação entre o arcaico e o moderno, não é opção dele explicitar essa modernização de periferia da qual fala Silva (1997), mas manter o ápice glorificando a inovação modernista, na qual a promessa estava nessa cidade. Na poesia de Miranda Brasília se renova de forma constante. Ela é uma construção paciente, cujas afinidades dos acontecimentos societários se completam em um contexto interpretativo no qual Brasília, além de um fato histórico, é também uma experiência da mudança social. O poeta através de um mundo simbólico dá o sentido construído pela palavra.

E é dessa forma que Brasília surge no poema, através de uma ordem própria instituída pelo Eu lírico, a cidade é um espaço isento de diferenças sociais, pois as “estruturas fossilizadas” seriam rompidas, “arcaísmos e feudos” não mais existiriam, as “hegemonias políticas” seriam demolidas, enfim, os sinais das desigualdades e o passado arcaico desapareceriam. No poema, Brasília possui um único sentido, a cidade é uma abstração racional e ritmada. Como um ideal de simetria proporcional e equilibrada esse espaço construído simboliza e anuncia uma nova forma de viver.

Como produção histórica discursiva os poemas desse primeiro momento abrangem uma cidade ordenada, simétrica e racional. Nos textos a visão imposta torna Brasília um eixo importante na formação de relações sensíveis, em que o encanto com o espaço urbano traduz uma realidade urbana sonhada pelos construtores e por aqueles que ousaram acreditar que a utopia era possível. Nesse primeiro momento Brasília é essa cidade que pertence ao sujeito e este pertence a ela.



V. DESENCANTO: Olhares externos e internos da cidade das palavras para a cidade real

BRASÍLIA E CLARICE: o olhar externo

As cidades embora não sejam algo natural na história da humanidade, elas são frutos da vontade e do trabalho humano, não existem independente de uma história social. A cidade “é produto da história dos povos e condição essencial para a continuidade e aperfeiçoamento das realizações do sujeito enquanto seres racionais” (ALVES; 1997:26).

Nessa perspectiva a cidade deve ser entendida como um bem público, ou seja, o espaço socialmente construído torna-se um lugar no qual, aqueles que ali irão habitar precisam ter o direito de dispor daquilo que o espaço tem a oferecer.

Para o cidadão o direito à cidade deve ser mais que um sonho vivido ou renunciado. Ele necessita ser mais do que um espectador passivo diante da magnitude oferecida pela modernidade. Modernidade essa que, segundo Adorno e Horkheimer (1985) perdera o rumo sob o encanto de uma racionalidade instrumental-formal, pois no processo de reificação perde-se a liberdade, a possibilidade de escolha, a espontaneidade e a imaginação.

No espaço narrativo a crescente urbanização de Brasília, está marcada por visões em que há uma espécie de euforia com o projeto, mas ao mesmo tempo a desilusão com o espaço concretizado nas pranchetas também é um sentimento presente. A cidade ao se dividir nas possibilidades de esperança e desesperança, possibilita o surgimento de textos inquietantes nos quais se percebe esse desalento com as promessas da modernidade, como esclarece Adorno, empreendida na construção da Capital. Neles Brasília insurge com seu traçado arquitetônico e com sua gente, os cidadãos *blasé* nos termos de Simmel. A escritura desses textos ora ressalta a metrópole moderna, ora coloca em evidência os espaços vazios que impedem a construção de redes de vizinhança, enfim a desilusão com o projeto.

A consciência encantada com o projeto de modernidade e modernização feitos para essa cidade não encontra mais eco na tessitura do discurso literário neste segundo momento. Os discursos que agora não crêem na racionalidade da realidade, acabam por refletirem uma espécie de inconformismo com a promessa de felicidade que Brasília ousou ser.

No primeiro momento de urbanização, essa nova política, essa inovação na cultura urbana da Brasília do poeta se traduziu em uma cidade autêntica, criativa, na qual os códigos literário, arquitetônico e estético se harmonizavam para dar o tom da organização e coerência física do espaço. Mas a cidade não é só um espaço construído artificialmente, ela só pode adquirir sentido a partir das práticas cotidianas. Como afirma Robert Park “a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizadas, inerentes a esses costumes transmitidos por essa tradição” (PARK, 1979: 26).

É desse estado de espírito a que se refere Park, dessa ausência de tradição que Brasília, este espaço construído, carece. A cidade com seus vãos e espaços vazios parece estar suspensa na linha do horizonte. Nela não há um diálogo entre o que ele chama de uma organização moral com a organização física. Os homens e mulheres desse espaço urbano, muitas vezes não se reconhecem como um ser desse espaço social, não podem se “sentir em casa”, pois não conseguem decifrar o código inscrito nestes textos. Em Brasília, o sentimento de euforia com a construção, convive paralelamente com a ausência de interações que alimentam a organização moral. Esse ambiente urbano acético está dotado de uma complexidade ímpar. Ao se ter equacionado racionalidade e beleza à unidade e coerência do espaço urbano, a cidade dialeticamente também foi para alguns um universo caótico, feio e irracional. A vida social, dada pelo burburinho das ruas modernas, povoada por estranhos e homens oriundos de diferentes classes sociais foi negada pelos planejadores. A rua como local de celebração e festividade, um lugar propício para a realização dos valores modernos, não permitiu comunicações intensas, na ausência desse espaço a liberdade que a cidade enseja, não realizou em Brasília o aspecto glorioso da modernidade, para alguns o ideal de racionalidade conjugado a um estado de felicidade não se efetivou com a plenitude sonhada.

Neste espaço de arquitetura luminosa, os planejadores urbanos, voltados para o fluxo de valorização das grandes avenidas capazes de permitir a velocidade do automóvel, não privilegiaram a rua. Se a rua é como define Berman (1987) “um meio no qual a totalidade das forças materiais e espirituais modernas podem se encontrar, chocar-se e misturar-se para produzir seus destinos e significados últimos” (99), então é nela onde é possível a conversa, a interação. Enfim é nesse espaço cuja possibilidade de encontrar o outro seria possível. Mas em Brasília esse espaço urbano foi esquecido na planta da cidade. Ao se imputar à cidade vias expressas para os automóveis, esmagou-se aqui a possibilidade da construção de um cotidiano. Para alguns autores a aridez da ausência de calçadas e a valorização das artérias de concreto dão a dimensão da desumanidade da “pedra” que esmaga a “carne”.

Radicalidade extrema e angústia marcam a escrita dessa cidade que se contrapõe à cidade cantada ora com euforia, ora não. Percebe-se que estes dois sentimentos marcam o cotidiano de Brasília.

Na crônica “Brasília” de autoria de Clarice Lispector, escrito em 1962, Brasília é uma cidade fundada sobre a idéia de totalidade, “construída a beira da linha do horizonte, Brasília é artificial”, pois “a construção de Brasília é a construção de um Estado totalitário”.

Os dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil: eles ergueram o espanto inexplicado. A criação não é uma compreensão, é um novo mistério—quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília. Eu estava sozinha no mundo. Havia uma táxi parado. Sem chofer. Ai que medo. — Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, dois homens solitários. — Olho Brasília como olho Roma: Brasília começou com uma simplificação final de ruínas. A hera ainda não cresceu. (LISPECTOR, 1999: 41)

A angústia da narradora é, portanto, a angústia da auto-formação, como não se reconhece parte da cidade, ela está impedida de se definir, ou seja, não pode se afirmar socialmente. No redemoinho urbano sobreviver é uma espécie de jogo do qual ele participa

permanecendo no caos social. Nesse espaço o indivíduo se fragmenta, é apenas uma pequena parte de si mesmo. Ele se despede da condição racional dada pelo projeto fundador. Agora a existência se resume a encontrar estratégias para se manter na cidade da pedra.

O real físico delineado pela paisagem circundante, onde se vêem avenidas largas, blocos de cimento e a vegetação abundante criam um panteístico festival, e este panteístico festival constitui-se como o único fator que reintegra o homem ao espaço urbano. Mas a solidão resultante aponta no sentido contrário de um desvinculamento com o real histórico quebrando a unidade *Urbis/Civitas*. O indivíduo é só, e se o indivíduo é só, o humano já não é humano.

No fundo dessa angústia o sujeito deseja descobrir a cidade, ele quer desvendá-la, mas a cidade é para ele uma experiência traumática, descobrir sua verdade é produzir uma mistificação da mesma, pois ela não pode ser desvendada, somente aceita. Dentro dessa perspectiva produz-se uma mistificação do indivíduo, pois se ele não pode ser nessa cidade de quadros e imagens, o ser não realiza o humano, enfim, ele está circunscrito pela solidão. E é nessa solidão em que se encontra o abismo no qual a existência do indivíduo se afunda.

O indivíduo em Brasília vive o dilema de enfrentar ou não enfrentar esse abismo. Seria possível superar todas as oposições impostas pelo real?

Essas oposições ou indefinições estão condensadas na construção poética, a cidade se interpõe ao movimento realizador do ser social, as pessoas aqui apenas existem, o indivíduo apenas É, sem nenhuma predicação dada pela interação entre indivíduo e cidade.

Também eu, como eles dois que são monges, meditaria nesse deserto. Onde não há lugar para as tentações. Mas vejo ao longe os urubus sobrevoando. O que está morrendo, meu Deus?- Não chorei nenhuma vez em Brasília. Não tinha lugar. – É uma praia sem mar. – Em Brasília não há por onde entrar, nem há por onde sair. – Mamãe, está bonito ver você em pé com esse capote branco voando. (É que morri, meu filho). – Uma prisão ao ar livre. De qualquer modo não haveria para onde fugir. Pois quem foge iria provavelmente para Brasília. – Prenderam-me na liberdade. Mas a liberdade é só o que se conquista. Quando me dão, estão me mandando ser livre. – Todo um lado de frieza humana que eu tenho, encontro em mim aqui em Brasília, e floresce gélido, potente, força gelada da natureza. Aqui é o

lugar onde os meus crimes (não os piores, mas os que não entenderei em mim), onde os meus crimes gélidos têm espaço. Vou embora. Aqui meus crimes não seriam de amor. (LISPECTOR, 1999: 42)

Nesse trecho da crônica é possível visualizar a via-expressa da modernidade que, no afã da construção da pureza e da racionalidade ergueu Brasília, uma cidade cuja ausência do espaço comum e possível de ser compartilhado, promove no indivíduo uma espécie de estranhamento em relação ao ambiente livre de impurezas. Tão livre que não se é capaz de chorar aqui e muito menos cometer crimes de amor. De pureza clínica a cidade de Brasília é “mal assombrada. É o perfil imóvel de uma coisa... Brasília é assexuada”.

Constituída de fragmentos, a crônica de Clarice mostra frases sem vínculos diretos. Nessa opção, elas se constituem no corpo do texto como monumentos, e ao se monumentalizarem essas frases se isolam mimetizando o próprio modo de construção da cidade, que é também monumental. E é pela linguagem que a crônica direciona o olhar do leitor, a autora quer reiterar o espaço geográfico que na crônica é o próprio sentido de existir da cidade, a função da linguagem é fazer da cidade real imagem e semelhança da cidade sentida pelo olhar observador da literata. E é pelo jogo de metáforas que a autora contempla a cidade. Cidade essa que não passou incólume pela literatura.

É essa organização do espaço que dá a aparência da cidade, essa base material dada pela “beleza assustadora” da cidade “traçada no ar” que se revela como o ponto de partida no qual a arquitetura comunica que o ser orgânico não se deteriora, mas “petrifica-se”. A cidade discursa um cenário icônico no qual “a beleza de Brasília são suas estátuas invisíveis”. A cidade registra na crônica os espaços para além do seu aspecto físico, na crônica há um passado criado para a cidade, ele emerge com a simbologia dada pelo Eu lírico a partir da sua contemplação na qual a construção da cidade desempenha um papel decisivo na crônica. Ao mesmo tempo em que escreve Brasília, a autora reescreve a cidade. Clarice apresenta o processo de modernização da cidade de forma que sua escritura segue um curso no qual o drama e os traumas implícitos no texto sugerem que nesse espaço construído modernidade e cidade nem sempre inspiram a alma dos cidadãos.

De tom evocativo e reflexivo, a autora lança argumentos polêmicos nos quais a linguagem da crônica, sem ritmo e sem rima, de frases curtas tornaram-se uma opção para os saltos e sobressaltos da tomada de consciência das cenas modernas inscritas nas pedras

dessa invenção da modernidade na periferia do capitalismo.

No texto clariciano a justaposição faz das frases curtas uma alternativa para se juntar elementos díspares na construção da cidade. Assim como a cidade real ousou juntar a modernidade racional com o discurso mítico como argumentos para sua construção, a cidade das palavras encerra elementos que não estão em consonância um com os outros, embora não anule as diferenças, ao contrário, na crônica as contradições se combinam. Como diz Clarice:

Nunca vi nada igual no mundo. Mas reconheço essa cidade no mais fundo de meu sonho. O mais fundo do meu sonho é uma lucidez. (LISPECTOR, 1999: 42)

O jogo entre lucidez e sonho evocam racionalidade e subjetividade, e é nessa dialética evocação tópica da modernidade, na qual a aproximação dos contrários faz da transfiguração do encantamento com o projeto de construção da cidade o próprio desencanto com a impossibilidade de se viver nesse espaço no qual “tudo parecia que ia ser comida de avião” (LISPECTOR, 1999: 42).

Se tirassem meu retrato em pé em Brasília quando revelassem a fotografia só sairia a paisagem... É urgente. Se não for povoada, ou melhor, superpovoada, será tarde demais: não haverá lugar para pessoas. Elas se sentirão tacitamente expulsas. (LISPECTOR, 1999: 42)

Com uma gama de palavras escolhidas a escritura de Clarice cria um imaginoso e contraditório cenário espectral. As associações feitas pela autora despojam a cidade daquilo que poderia ser seu adereço mais nobre: a arquitetura. Mas essa arquitetura não pode abrigar pessoas na medida em que ela se sobrepõe a própria imagem e impede que o indivíduo se revele. Nem mesmo na fotografia o sujeito pode existir, já que a força da “pedra” se sobrepõe à “carne”. A autora desfaz o imaginário de simpatia e encantamento, a cidade de ruas quase inexistente e quando existem estão desertas se tornou apenas a sede

do poder tecnocrático do regime militar. Com seus palácios brancos Brasília surge desumanizada e “enganosamente” moderna, pois que ela carece de gente. A ausência de comunicação entre “carne” e “pedra” revela o abismo entre planejamento e a apropriação do espaço, haja vista “A cidade de Brasília ficar fora da cidade” (LISPECTOR, 1999: 43).

No nível da ficção a autora rebela-se contra a prática da cidade construída sem história, em Brasília ela não encontra elementos que sejam capazes de sintetizarem as experiências cotidianas. Na cidade da ficção construída pela linguagem é possível encontrar analogias com a cidade real. E é a partir dessas analogias que a cidade real fornece para a autora a matéria da escrita, na qual o projeto de modernidade brasileiro revela as tensões próprias à realidade brasileira. Em verdade a crônica estabelece uma discussão antiga ao pensamento social brasileiro, qual seja: como conciliar a idéia de progresso e desenvolvimento com os elementos tradicionais da cultura brasileira. As tensões próprias a esta questão estão no cerne da modernidade aqui instaurada.

Mário de Andrade tentou dar uma resposta a este problema ao tratar em seus estudos da tentativa de conciliação entre história e progresso, modernismo e tradição. Ao propor o processo de metabolização, no qual o passado incorporado aos elementos da atualidade, o autor não nega as características que marcam a história do povo brasileiro e nem tenta copiar uma modernidade de exportação, ao contrário, a valorização do passado torna-se um movimento de criação no qual o novo permite a criação e a invenção de novas possibilidades para o futuro.

A tradição não é, nessa perspectiva, um obstáculo, mas a legitimidade para a contemporaneidade da cultura brasileira, cultura essa que se constitui, segundo Mário de Andrade, pela originalidade, pela nacionalidade e como não poderia deixar de ser pela tradição. E é essa vivência da cultura a responsável por permitir que os indivíduos se percebam como parte de um espaço social, ou seja, ao vivenciarem a cultura, eles se percebem como sendo parte constitutiva dela. Portanto é por meio dos três elementos descritos por Mário de Andrade que é possível a existência de um espaço compartilhado, no nosso caso a cidade.

As idéias de tradição, nacionalidade e originalidade, depois de Mário, passaram a permear a discussão para a formulação de um racionalismo estético na área da cultura e do entendimento da realidade social no Brasil. No conjunto da obra de Mário de Andrade é possível perceber a constante busca para a resolução das “tensões presentes nas várias

dicotomias típicas da modernidade: popular *versus* erudito; particular *versus* universal; arte pura *versus* arte interessada; tradição *versus* passadismo; originalidade *versus* reprodução”. (VELOSO & MADEIRA, 2000: 112). Além disso, é perceptível, na obra deste autor uma constante referência à cultura urbana. Foi a cidade de São Paulo um importante mote para reflexões das estruturas sociais do modo de vida urbano.

Clarice exprime em sua crônica uma Brasília que carece da tradição, porque “por enquanto não pode nascer samba em Brasília... Brasília é mal assombrada, é o perfil imóvel de uma coisa... Brasília é a paisagem da insônia...” (LISPECTOR, 1999: 43). A cidade nega os códigos que ordenam a vida social. Nela não há o entrelaçamento entre passado e atualidade, enfim os quadros coletivos que guiam a vida em comunidade não são imagens possíveis de serem criadas. A cidade nega uma história na qual a singularidade do povo brasileiro esteja presente. A autoconsciência da cultura e dos símbolos que orientam as práticas sociais não encontra nessa “Brasília assexuada” (LISPECTOR, 1999: 43) a possibilidade de cura das feridas da colonização e nem mesmo o ideal de modernização, pois a cidade é mais uma reafirmação do sonho de modernidade perseguido em terras nacionais, ou seja, o culto ao novo e as idéias de construir e demolir não estão fora do lugar nesse projeto de tentativa de civilizar o Brasil.

O texto de Clarice Lispector se constrói pelo insólito. Nele Brasília se constitui pela falta de história humana. Mas a autora não se contenta com esta constatação e procura, mesmo que através de uma espécie de fantasia, criar para esta cidade um povo, uma raça de heróis.

Habitada por homens e mulheres louros e altíssimos que não eram americanos nem suecos, e que faisavam ao sol. Eram todos cegos. É por isso que em Brasília não há onde esbarrar. Os brasiliários vestiam-se de ouro branco. A raça se extinguiu porque nasciam poucos filhos. Quanto mais belos os brasiliários, mais cegos e mais puros e mais faiscentes, e menos filhos. Os brasiliários viviam cerca de trezentos anos. Não havia em nome do que morrer. (LISPECTOR, 1999: 41).

Ao buscar essa tradição para a cidade a autora faz uma crítica contundente na qual tenta mostrar como a ideologia do moderno tende a legitimar discursos construindo uma

condição moderna falaciosa nos países periféricos reforçada pelo discurso capitalista conferindo positividade, no caso do Brasil, através da construção de uma capital toda pautada no princípio da racionalidade. Ao criar essa raça de heróis Clarice traz à tona a crença de que Brasília deveria ser habitada por novos homens, aqui se constituiria uma nova forma de viver.

Mas Clarice não se detém somente nessa crítica, pois os brasiliários não são suficientes para construir a cidade, em verdade a autora tenta como fez Benjamin, juntar um passado, no caso de Brasília, criado por ela com o presente. Nessa junção percebe-se uma intenção em apossar-se de uma escrita na qual a imagem permite uma crítica interiorizada, pois por meio do passado a crônica quer desvendar a cidade e é desse processo que a autora descobre que:

Milênios depois foi descoberta por um bando de foragidos que em nenhum outro lugar seriam recebidos; eles não tinham nada a perder. Ali ascenderam fogo, armaram tendas, pouco a pouco escavando as areias que soterravam a cidade. Esses eram homens e mulheres menores e morenos, de olhos esquivos e inquietos, e que por serem fugitivos desesperados, tinham em nome de que viver e morrer. (LISPECTOR, 1999: 41).

E assim a imagem dialética da cidade se forma, pois como se pode observar, foram esses seres menores, meio inquietos e fugidos de todos os cantos do país que aqui vieram ávidos para construir uma vida melhor.

O fascínio de Clarice por Brasília não permitiu que ela parasse de escrever sobre a cidade, somente uma crônica não foi suficiente para que toda a sua percepção inquietante sobre a cidade fosse exposta. Incomodada com essa “cidade abstrata” “vomitou” um outro texto de nome “Brasília: Esplendor doze anos depois, acompanhada pelo som de uma valsa sob o sugestivo título “Sangue Vienense”.

Nessa crônica as condições da cidade, desconcertam os padrões do cidadão, a autora nos apresenta uma Brasília despojada de elementos que dão a efervescência de uma cidade. Uma Brasília que está se instituindo, a cidade que não é capaz de proporcionar aos que chegam uma sensação de acolhimento. Em verdade ela acaba por deglutir as

realizações e os sonhos daqueles que ousaram acreditar na promessa de felicidade oferecida pelo espetáculo da modernidade aqui sedimentado no concreto branco que deu forma a essa estrutura social desprovida de “cotidiano”, como afirma a própria Clarice:

Brasília é uma cidade abstrata. E não há como concretizá-la. É uma cidade redonda e sem esquinas. Também não tem botequim para a gente tomar um cafezinho. É verdade juro que não vi esquinas, em Brasília não existe cotidiano. A catedral pede a Deus. São duas mãos abertas para receber. Mas Niemeyer é um irônico: ele ironizou a vida. Ela é sagrada. Brasília não admite diminutivo. Brasília é uma piada estritamente perfeita e sem erros. E a mim só me salva o erro. (LISPECTOR, 1999: 44)

A crônica “Brasília: Esplendor” torna a análise da cidade pela via literária uma opção capaz de contribuir para a explicação da complexidade de Brasília na sua trajetória urbana. Publicada na década de 70, é possível perceber que a autora aponta para indícios de uma realidade onde a pertinência do texto literário não pode ser desconsiderada para a inserção da análise sociológica no estudo da cidade. Na citação acima a autora elege temas comuns ao pensamento social referente a estudos sobre Brasília.

Brasília, como observa Clarice, é uma tentativa de remodelar o Brasil, a construção da cidade de largas avenidas, de prédios modernos, representa a euforia com o palco ilusionista de uma imagem de modernidade, na qual a idéia de civilidade era a pretensão. Ao se negar a tradição das esquinas e do cotidiano Brasileiro, a cidade abstrata coloca o Brasil no paradigma dos tempos modernos, ela é a imagem do tão sonhado lema inscrito em nossa bandeira: Ordem e Progresso.

Na crônica percebe-se que a autora retoma a discussão impetrada por Nicolau Sevcenko em “Literatura como Missão” quando ele trata da transformação do espaço público, na cidade do Rio de Janeiro à época da remodelação empreendida por Pereira Passos no início do século XX. O autor faz algumas considerações perfeitamente adaptáveis ao caso de Brasília, alguns princípios identificados por ele cabem perfeitamente na análise no projeto de construção. Segundo o autor no projeto de Pereira Passos percebia-se “a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade

tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante, um cosmopolitismo agressivo” (SEVCENKO, 1999: 20). Como nos mostra Clarice esses princípios também estão presentes na nova Capital Federal, a falta de tradição é tamanha que em Brasília “falta magia, falta macumba” (LISPECTOR,1999: 47), ou seja, a cidade criada sobre os princípios da racionalidade não permite identificar a dubiedade tão comum ao povo brasileiro.

Em Clarice a ação é interna, a autora não se preocupa em explicitar suas intenções, independente da expressão observada em uma primeira leitura a subjetividade é o que impera no processo de interpretação. Os textos são em verdade instrumentos que penetram o labirinto de um processo de escrita no qual é possível extrair uma crítica social pertinente à análise sociológica. Os textos de Clarice fazem o leitor se defrontar com suas palavras que o levam a refletir, a indagar, a conhecer...

Na escritura de Clarice, o material de ficção e o material verbal dão a tônica do processo de criação no qual a consciência do mundo não pode ser negada. Os textos encontram uma verdadeira expansão vocabular que faz da ficção uma possibilidade de análise do real.

Para Benedito Nunes no texto de Clarice estão presentes “sentimentos fortes de cólera, ira, raiva, ódio, nojo, náusea, alterando-se com o amor e a alegria verdadeiros núcleos afetivos que motivam a história narrada ou constituem momentos culminantes da narrativa” (NUNES cf. citado em NOVAES, 1999: 274). Percebe-se que a constante reflexão impetrada pela literata “deixa a narrativa chegar a um ponto limite, pois a realidade descortinada nas três dimensões filosóficas, sociais e psicológicas torna o mundo cru” (BARROSO; 2004, 80).

Assim a trajetória de Brasília nas duas crônicas passa pela *via crucis* da linguagem até chegar ao seu momento de esplendor, num processo de caracterização intenso, através do uso de metáforas, a autora qualifica a cidade com adjetivos que acabam por implodir a visão de modernidade pretendida pelos construtores. Enfim Clarice estabelece uma crítica feroz aos modernistas.

Brasília é uma cidade abstrata...Brasília é uma estrela espatifada... Brasília é implacável... Brasília tem cheiro de pasta de dentes...Brasília é um futuro que aconteceu no passado... Brasília é farmácia noite e dia... Brasília é magra... Brasília é corrida de cavalos... Brasília é hiperbólica...Brasília é ferrinho de dentista... Brasília é um aeroporto...Brasília é uma tesoura de aço puro... Brasília é barulho de gelinho no copo de *Whisky*, às seis horas da tarde, hora de ninguém... Brasília é ficção científica... Brasília é o Ceará aos avessos: ambos contundentes e conquistadores... Brasília é lei física... (LISPECTOR, 1999: 44 a 62).

Nesse sentido a narrativa corta o pensamento pensado originalmente para intensificar do processo de sujeição das trajetórias sucumbidas por essa realidade angustiante da cidade desprovida de vida. Em “Brasília: Esplendor”, Clarice utiliza autenticamente os espaços de linguagem de forma análoga aos espaços da cidade. Através das metáforas propõe um texto corrente e instaura uma narrativa em que reflete as possibilidades de cenários no espaço abstrato da cidade construída. Numa espécie de desabafo ela observa a cidade moderna e ao mesmo tempo descreve a paisagem urbana e a condição do homem moderno sob o manto da racionalidade reflexiva

Segundo Silva (1997) a construção de Brasília possui um significado histórico, um significado sociológico e um significado teórico. Histórico, pois a cidade surge como uma experiência de possibilitar ao Brasil o ingresso na modernidade; sociológico, porque é uma aventura utópica- social em escala social e teórica, haja vista a possibilidade de se analisar a cidade a partir de conceitos e metodologias das ciências.

De uma vertente urbana, cosmopolita e letrada a narradora vinda do Rio de Janeiro lê a cidade pelo viés do simbolismo, ao criar possíveis significados para a cidade ela torna Brasília um espaço no qual há uma constituição de símbolos imateriais e independentes que obedecem a uma lógica própria. É pelo sentido intuitivo e comparativo que a autora revela, por meio da linguagem, um pedaço dessa construção humana em forma de utopia. Ao representar Brasília nas crônicas, Clarice analisa as estruturas concretas e estabelece sentido através de uma abordagem estética de uma realidade social moderna desencantada na qual o homem sozinho não encontra mais sentido no signo construído.

O OLHAR INTERNO: Brasília sob a ótica de seus escritores

O espaço percebido pela imaginação não é um espaço indiferente à mensuração e à reflexão. O espaço é um espaço vivido. Mas vivido, não necessariamente, somente dentro de uma perspectiva de positividade, o espaço na literatura é tratado com todas as parcialidades da imaginação. No reino das imagens poéticas o jogo no qual se estabelece o trânsito do Eu lírico pelo espaço não é equilibrado. Há momentos em que o espaço é acolhedor e há momentos em que a hostilidade torna-se uma marca. Dessa forma o espaço, no caso desta pesquisa o espaço urbano de Brasília, deve ser estudado em correlação com imagens presentes nos textos nos quais as referências ao espaço urbano estão mencionadas. É importante observar que as imagens não estão calcadas somente nas idéias de atração e repulsão. Essas idéias, quando aparecem, não são simples resultados de idéias contrárias, embora os termos atração e repulsão sejam contrários. As imagens, como nos diz Bachelard, “não aceitam idéias tranqüilas. Incessantemente a imaginação imagina e se enriquece com novas imagens” (2000: 19).

Nessa perspectiva, os espaços para o poeta não se encerram somente numa afetividade, “o poeta vai mais fundo, descobrindo com o espaço poético” (BACHELARD, 2000: 206) o espaço real. Assim “qualquer que seja a afetividade que matize um espaço, mesmo que seja triste ou pesada” (IDEM) dá a intimidade profunda na qual se é possível sentir a grandeza da determinação do espaço sobre o ser. Talvez por isso, Bachelard ainda complementa falando que: “É preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo”” (2000: 24).

Dessa forma para o poeta o espaço se coloca como o sujeito para o verbo. Ele é um valor, pois permite às imagens possibilidade de expansão.

Nos poemas dos poetas de Brasília o espaço é um valor, parece que no espaço, tanto no da intimidade, dada pela consciência quanto no espaço do mundo externo, ou seja, o espaço da cidade percebe-se que o Eu lírico constrói suas imagens sempre referendado pelo espaço real da cidade de Brasília. Na leitura do fragmento do poema de Alexandre Pilati intitulado “auto atestado” pode se perceber essa constatação do espaço como valor. Vejamos:

...tenho a mesma idade de David Beckham
já dei jóias de presente e não sou afeito a escândalos,
mesmo sendo dasabusado e cínico
sou ateu e li literatura: Drumond, Cabral, Dostoievski,
Gullar, Machado, Kafka, Rulfo, Brecht, Beckett, Neruda
nada disso basta para quem mora na asa sul, no plano
piloto, perto do eixo sul
pois sempre sinto a iminência de um terremoto capaz
de me revelar outra vez que

tenho a mesma idade de David Beckham

ando temeroso pela rodoviária às duas horas da tarde
de uma véspera de feriado
nunca vou às cidades satélites e condeno o trabalho
voluntário e o jejum
meu carro é um balão de ar condicionado singrando
ruas da capital federal às 7:00 am
prefiro a macumba à igreja católica para tentar esquecer que

tenho a mesma idade de David Beckham

.....
sou professor e utilizo numa boa o sistema urbano de
transporte coletivos
uma bala pode a qualquer segundo estourar em meu
peito ou em minha têmpera

e nunca terei sido entrevistado, não terei causado
loucura em ninguém, nem sequer matado alguém que
merecesse morrer
também não terei salvo nenhuma vida ainda que
queimem 80% do corpo
mas sempre saberei que

tenho a mesma idade de David Beckham (PILATI, 2004:38 e 39).

A existência do Eu lírico se reduz apenas à função de existir, e esse desalento é dado pela cidade que não possibilita ao poeta a capacidade de sonhar. Ele apenas constata a existência entediante de um homem que mesmo lendo Drumond, Cabral, Dostoievski, Gullar, Machado, Kafka, Rulfo, Brecht, Beckett, Neruda, os grandes clássicos da literatura não basta para quem “mora na Asa Sul, no Plano-Piloto, perto do eixo sul”. A desesperança e a conformidade são os únicos pontos de ligação entre o indivíduo e a cidade, na repetição do verso “tenho a mesma idade de David Backman” é que o Eu lírico contesta a redução da vida à sublimação.

Mas a cidade não se oferece plenamente ao entendimento do indivíduo ela promove uma atitude racional, mas, dialeticamente, ela aceita e cria também uma atitude irracional, pois diante dela o sujeito se sente impotente para compreendê-la. Parece que tentar compreender Brasília é sempre um erro. Mas se a cidade está concretizada e materializada pela história por ação do próprio homem, cabe ao homem decifrá-la. Pilati no poema “Flâneur flagelado” descobre a impossibilidade de se integrar à cidade, pois ela é desconhecida, não permite o caminhar, o andar deambulante do flâneur do qual fala Baudelaire.

nunca, minha cidade, atravessei-te a pé
não que seja tetraplégico

(e tão pouco sou baudelaire)

diante de tuas espetaculares distâncias
nenhuma impotência é importante
apenas desconheço-te
mas isso não invalida o fato
de que sou a voz do dissenso

ainda que sinta, enquanto piso no acelerador,
minhas veias doendo, ao som de violinos,
carregadas de negro sangue de sucrilhos. (PILATI, 2004:16).

O indivíduo sente se absurdamente constrangido por existir em uma cidade (des) caracterizada, uma cidade que, para redimir-se da ausência de história, pretende que todos sejam como ela. Com isso a cidade não neutraliza o absurdo da condição de ser no espaço, ela apenas projeta sobre o indivíduo a sua própria condição, uma cidade criada para a impessoalidade do automóvel, portanto impossível para aquele que vaga. E é essa projeção a responsável por fragmentar a essência humana bloqueando a integração da “carne” à “pedra”.

Nessa ausência de relação nota-se a perda da humanidade do indivíduo, haja vista, ser o isolamento social a condição primeira dada pela cidade desprovida de calçadas. Essa ausência de contato social é elevada a um grau máximo na cidade capital, intensificando o sentimento de não Ser do sujeito. Retirado do convívio social, o sujeito sofre a dor de não ter futuro. Eis a razão de o poeta amar o nada, pois ao descortinar a possibilidade de uma existência humana é que ele tem que atualizar seu ser. Ele precisa aprender a enfrentar esse ambiente desumanizado onde a alteridade não se constrói. Mas como fazer isso se:

O poeta veste suas bermudas pela manhã
E tenta sair de casa
Sabe que pegará uma lotação até a praça dos três poderes
Sabe que precisará de algumas moedas de centavo
Sabe que lembrará das colegas da aula de EMC

Sabe que usará óculos escuros para se esconder
Sabe que não haverá espaço para a poesia hoje
Sabe que comprará pipoca e jogará para as pombas da praça
Sabe que ninguém mexerá nos livros de sua casa
Sabe que sentará num dos bancos da praça
Sabe que deste banco olhará para o mármore e sonhará com um
patrocinador
Sabe que enquanto isso o presidente assinará decretos ou defecará bem
perto dali
O poeta tira suas bermudas ao anoitecer
E tenta trancar a porta
Sabe que na verdade nunca saiu de dentro de casa (PILATI, 2004: 55 e 56).

A angústia existencialista do poeta é dada pela sua condição de saber-se desprovido de contato social. A sua angústia de existir nesse espaço em que precisa usar óculos escuros para evitar o outro é o que dá a marca do saber. Essa angústia existencialista é irracional, não pertence ao poeta, mas ao estado de Ser do homem brasileiro situado em uma realidade histórica em que o corpo-a-corpo com a vida se coloca neste combate desumano pela sobrevivência neste espaço localizado nitidamente em seus parâmetros sociais inserida na sua realidade, realidade essa que nem o permite sair de casa, ele não vê a cidade monumental que nem mais apreciada pode ser. Pois que:

Planejado

O cinza em pessoa:

Lusco-fusco, asfalto, roda

Ventam carros

Arreganhando as garras dos faróis

Pendurados no beijo do cimento

Das veias banguelas da cidade

Contra os cubos de sangue
Metálico das avenidas
Negros sorrisos de balas na mão

Talvez com o ritmo do coração
E sempre com a indiferença do vidro
Os semáforos abrem os
De sangue, ou sol, ou verde
E acompanham superiopres
O desavenidar da vida (PILATI, 2004:14).

Se a língua é simultaneamente produto e condição da vida social, então a criação e recriação dos signos constitui mais uma forma de sociabilidade. Assim é que o poeta estabelece as configurações sócio-históricas. Dessa forma o contraponto entre linguagem e sociedade produz imagens inesperadas e inovadoras. No âmago da forma de sociabilidade mostrada no poema, verifica-se que no jogo da sociabilidade a indiferença da cidade se sobressai, a linguagem literária intermedia o desalento perante o silêncio imposto pela “indiferença do vidro”.

Em “Planejado” a palavra parece estar em silêncio, é como se cada uma delas estivesse erma de sentimento ou ação. Desprovida de forma e movimento, o som e o sentido pendem para o silenciamento do indivíduo perante o “desavenidar da vida”. O poeta perdeu a esperança da revelação e do deslumbramento. E essa mesma linguagem não mimetiza a reinvenção da utopia pensada na construção da cidade. No texto imaginado, somente é possível a conformação com o presente, sem a conotação utópica a sintetizar o sentimento do Eu lírico. Assim na poesia a ausência da utopia não recria um passado para Brasília e muito menos imagina um futuro transparente e glorioso.

O poeta ao lançar seu olhar sobre a cidade não é capaz de reconstruir o sonho que deu forma a “pedra”. Em verdade Brasília surge não simplesmente como um fato, ela não é somente descrita, mas objeto de análise e tema de reflexão, enfim uma forma de questionamento dos tempos modernos, pois:

Desde que se iniciaram os tempos modernos, quando se acentuam e generaliza a convicção e a ilusão da historicidade das formas de sociabilidade, dos jogos das forças sociais ou das configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, desde essa época se criam e se recriam utopias narradas em linguagens da modernidade e da pós-modernidade.(...) Este continua a ser o grande dilema que atravessa os tempos modernos: sair da incerteza, da insegurança, pauperismo, alienação, medo, destruição, barbárie. A despeito das invenções da ciência e da técnica, da filosofia e da arte, das formas de sociabilidade dos jogos das forças sociais, passando por democracia e tirania, nazifacismo e social –democracia, ou capitalismo e comunismo, reiteram-se as dissonâncias entre as palavras e as coisas, o pensamento e o pensado, o ser e o devir. (IANNI, 2000: 258)

A cidade vista pela literatura é traduzida por sentimentos, ao se colocar como discurso o texto literário aborda a relação entre ciência e arte. Como uma forma de organização humana a cidade é a *polis*, portanto ao abordar as situações sociais vivificadas no espaço urbano o poeta permite à literatura a reinvenção da cidade. Na cidade texto as relações sociais somam um conjunto de fatores que transgridem o contexto favorável pensado a *priori*. A produção textual coloca para o leitor nuances para desvendar a cidade texto e compreender a diversidade assente no processo de vivenciar a cidade. Em verdade a cidade parece esperar outra cidade, na cidade texto os vícios não são esquecidos.

Quando sentiu o tédio pela primeira vez no meio da cidade que o viu decrescer? Na escuridão dos primeiros tempos - sem parentes, sem vizinhos, sem esquinas e sem lazer, ninguém o notara - e agora petrificado em sua monolítica condição, risca uma diagonal pelo gramado em frente ao congresso nacional e torna remota e improvável sua estada no mundo. Está desesperado? Perdeu a bolsa e os sonhos? Veio ver o pôr-do-sol atrás do Lago Sul? Sem demora, o homem viaja sem rumo, cortando a cidade que ele viu emergir tímida e expandir-se desordenada em meio aos redemoinhos de poeira vermelha. Diante do espelho d'água das torres gêmeas da Câmara e do Senado, uma parada, feito Narciso às avessas, para dialogar com a água mal cheirosa, sobre as quais circula o que sobrou da enésima geração de cisnes presenteados pela rainha da Inglaterra na inauguração da cidade. Até os monumentos da Praça dos Três Poderes pesavam-lhe como um túmulo em que

guardava seus dias, cidade impessoal, depositando-lhe cansaços, instigando-lhe padrões que repetiu aleatório e sorumbático nesses anos todos. (...) O sonho tinha suas fronteiras e ele ousou transpô-las. A cidade o agredia e de suas vísceras psicopáticas de verdades e lendas, ele via o passado, o presente e o futuro sendo engolidos pela noite interior, liquefeitos pela bile irresistível. (CAGIANO, 2004: 22 – 23)

No trecho da crônica “A cidade proibida” de Ronaldo Cagiano, a cidade não corresponde às aspirações previstas no processo de modernização. Para o literato verifica-se “a falta efetiva de criação de um mundo melhor” (BOLLE, 1994: 24). Concretamente, a cidade que se desenha diante dos olhos do escritor é a imagem marcada pela ausência dos sonhos. A fantasmagoria social aparece como experiência marcante, na qual o choque entre formação humanística e barbárie urbana não contribui para a redenção da sociedade colonial brasileira.

Estava cansado da rotina, de ser reprodutor mal-remunerado de pareceres e expedientes redundantes na bovínia e sem perspectiva ambiência funcional. A cidade administrativa: Washington desdentada, Londres na terceira idade. Tudo era uma prisão, um desencanto, uma escolha do destino, que lhe impunha amargo ritual ao longo dos anos, agora transferido para o território do desgosto íntimo, lá onde se concentram todos os recalques, cismas, frustrações, vinganças e autoflagelos espiritual. Queria ter o desatino da caliandra, que floresce viscosa, em meio à ditadura seca do serrado. A cidade não (o) tolerava mais. Um mútuo ressentimento parecia construir um muro de retórica antipatia, como uma força centrífuga dilatando o sofrimento e era preciso correr, gritar, mas tudo parecia com uma serpente a morder o próprio rabo. (CAGIANO, 2004: 24).

A imagem contemplativa no texto trabalha contra a imagem da modernidade racional como sinônimo de felicidade. O fragmento acima é uma espécie de testemunho que desconstrói a ideologia formadora da história brasiliense. Brasília não é “objeto de uma construção, cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio” (BOLLE, 1994: 26), mas

“uma determinada obra” (BOLLE, 1994: 26). Esses elementos responsáveis por essa reflexão estão entrelaçados na cidade texto e na cidade real, pois eles são arrancados pelo literato do curso nada homogêneo da história de urbanização dessa cidade. A crônica não repete o curso natural imaginado pelo projeto que originou a cidade. O discurso literário se coloca na contramão dos discursos reificados sobre a cidade capital.

Em pleno carnaval, vii que a vida não dava mais samba, tentou ainda fazer de tudo para suportar o caos. Domingo, enquanto a mangueira desfilava no sambódromo, ele deixou o copo pela metade numa das mesas do beirute saiu sem rumo por debaixo dos blocos da sqs 110 atravessou a w-3 sul- aquela artéria comprida e solitária como são os fins de semana em Brasília – a avenida se abriu como um ventre – e chegou até as casas geminadas de higs 711, viu cassiano nunes sentado em sua varanda de paredes furadas lendo o correio braziliense,olveu, absorto, rumo à cultura inglesa e foi assistir a fanny e alexander enquanto o pacotão em algum lugar da cidade fazia o seu carnaval. Voltou sem saber para onde ia(o dia estava para truffaut e fellini) e no apartamento da 310 sul juntou as cápsulas de gardenal e num gole só saiu dessa e virou história. Quando a mãe chegou, viu primeiro as cartela vazias de gardenal e um cd do renato russo tocando no aparelho de som. (CAGIANO, 2004: 24).

Assim como Benjamim observou na poesia de Baudelaire a concretude material da modernidade, é possível ver no texto a cidade de Brasília como um espaço que coaduna com a modernidade nos termos adornianos. A cidade transmitida sob a perspectiva de um indivíduo desolado, surge como um desabafo que está ancorado em elementos do cotidiano de Brasília. Mesmo o reconhecimento de elementos que são símbolos tradicionais da cidade, tais como o bar “Beirute”, o bloco carnavalesco “Pacotão”, o poeta “Cassiano Nunes”, o cantor “Renato Russo”... eles não são suficientes para tornarem o espaço urbano apreensível para o Eu lírico, ele não vê na cidade possibilidade de reconhecimento. O desalento com a cidade só permite uma possibilidade: sair “dessa e virar história”, já que a cidade “sem história” não o possibilita fugir do estado de embriaguez e desolação. Nicolas Behr reconhece em “Plano Pilotis” que:

Duas asas partidas
Dois eixos fora dos eixos
Dois traços invisíveis
Duas pistas falsas

Minha plataforma política
É a plataforma
Da rodoviária
Neste país sem memória
Também vou construir um memorial
Em memória de todos os
Construtores de cidades

Memorial

JKLMNOPQRSTUVWXYZ (BEHR, 2005: 77 – 78)

No poema de Behr a história de Brasília se confunde com a história do Brasil. Com um jogo de palavras eficiente, o poeta quer decifrar as estratégias da vida na Capital Federa, para dessa forma construir a “fisiognomia” da metrópole moderna. A cidade de todos os dias é para o poeta um espaço de imperfeição, onde a falta de memória se enraíza. Não é Brasília um lugar no qual se realiza a harmonia plural do humano e da pedra como em outros espaços urbanos. A espacialidade urbana em que tudo adquire corpo, não se efetiva como um lugar dinâmico feito de ódios e amores, de conflitos e distenções, cujas relações humanas são vividas diariamente. A cidade aparece modulada sobre a fachada da modernidade. Brasília rompe e reafirma a máscara cosmopolita, o burburinho da população está ausente, já que a ausência de ruas não fixa o espaço do indivíduo. A linguagem literária ao utilizar-se da verossimilhança e da função mimética cria um material significativo para o estudo sociológico dos processos de urbanização de Brasília. É possível nesse momento do processo de urbanização encontrar um relato minucioso nos fragmentos que recuperam e encenam aspectos da antitética cidade utópica, símbolo e estigma para o poeta.

O texto de Behr apreende uma voz dissonante, seus versos revelem a peculiaridade de habitar essa cidade sem memória, uma memória que, aliás, para ele, ainda está em formação.

SQS415F303

SQN303F415

NQS403F315

QQQ313F405

SSS305F413

Seria isso

um poema

sobre Brasília?

Seria um poema?

Seria Brasília? (BEHR, 2005: 9)

O poeta é a expressão de uma voz brasiliense na literatura. De maneira provocativa, ele desenha Brasília numa espécie de ironia sacralizada. Embora às vezes sua poesia pareça ingênua numa primeira leitura, percebe-se uma ironia sagaz. Ao focar a paisagem urbana no Planalto Central, o poeta concebe uma Brasília monótona, marcada por letras e números que revelam uma imensa impessoalidade. De forma modular a cidade revelada pela linguagem urde em poemas que revelam o limite da arquitetura moderna que inventou uma cidade incapaz de articular no corpo do verso o sonho modernista, pois:

Blocos,

Eixos,

Quadras

Senhores,

Esta cidade

É uma

Aula

De geometria (BEHR, 2005: 86)

O poema se abre para uma cidade abstrata e premeditada, ela evoca uma racionalidade matemática na qual a metáfora do corpo biológico não permite uma leitura da cidade ligada à tradição do corpo cidadão, a cidade torna-se um corpo estranho que, embora seja apreensível aos olhos. Não se traduz por uma concretude cultural ligada a um universo social em que a política e a economia se revelam pelas tradições construídas socialmente, haja vista que:

Sem nada pra fazer

Ando por baixo dos

Blocos duma

Quadra qualquer

Atas das pilastras

Apenas mais

Pilastras

Atrás das pessoas
Uma nova máscara
Ou muitas
Conhecidas (BEHR, 2005: 87)

Embora o poeta use de certa solenidade para escrever a cidade, ele não a exime da irônica constatação de que a arquitetura limita os sonhos, mascara os desejos, pois eles colidem trágica e radicalmente com a realidade geométrica. As pilastras e mais pilastras se repetem, e ao se repetirem isolam o indivíduo dos centros da vida pública. Pertencente a massa urbana anônima o Eu lírico sabe do desafio que é compreender a cidade. No poema a efusão de um simbolismo cuja grandeza reflete o verdadeiro sentido dessa cidade, uma cidade em que a própria existência está ligada primordialmente ao desejo do país se inserir na modernidade. Mas apesar dessas tentativas as estruturas estão enrijecidas, o equilíbrio estático buscado se abate sobre o poeta como um peso que mascara sua condição de sujeito. O dinamismo e a empolgação com o projeto se reduzem a apenas um espectro que assombra o homem e exige outras “máscaras”. A cidade não impõe mais vigor. E assim o poeta quer encontrar esse espaço urbano, por isso através das “Vozes do Cerrado” ele clama por:

Brasília, Brasília,
Onde estás
Que não respondes?!
Em que bloco,
Em que superquadra
Tu te escondes?! (BEHR, 2005: 74)

A voz poética tenta encontrar a cidade nas quadras e superquadras, o poeta quer a Brasília utópica, a terra prometida, mas que desfigurada aos olhos do escritor não pode ser

percebida para além da sua eterna impessoalidade. Nessa constatação é que o poeta persegue o objetivo de reencontrar a cidade e cria uma nova cidade para a cidade, vejamos:

Imagine
Brasília
Não – capital
Não – Brasília

Assim é
Braxília (BEHR, 2005: 28)

E o poeta constrói Braxília dentro de Brasília. E nessa tentativa de reconstrução da cidade vê-se um desenho da Brasília utópica, a cidade que significou a entrada do país numa nova era. A cidade que foi a promessa e o sonho para milhares de brasileiros.

Na leitura da cidade nesse processo de desencanto com a utopia construída cruzam-se imagens e discursos que aprofundam a relação teórica entre realidade e texto, entre sociologia e literatura entre contexto e realidade objetivada. A cidade dita por este segmento de poemas está no patamar dos discursos que dão conta de uma realidade urbana perene, contrária ao que a modernidade pregava no que tange à realidade.

A modernidade era, afinal, a época de moldar a realidade como na arquitetura ou na jardinagem; a realidade adequada aos veredictos da razão deveria ser “construída” sob estrito controle de qualidade e conforme rígidas regras de procedimento, e mais que tudo *projetada* antes da construção. Era uma época de pranchetas e projetos. (...) Era uma época que pretendia impor a razão à realidade por decreto, remanejar as estruturas de modo a estimular o comportamento racional e a elevar os custos de todo comportamento contrário à razão, tão alto que os impedisse. (BAUMAN, 2001: 58).

As contingências dessa percepção demonstram que os textos estabelecem uma outra

posição, ou seja, um contexto determinado em que as diferenças se colocam em um outro plano epistemológico na construção do processo de urbanização de Brasília. Essas diferenças não estão calcadas no discurso fundador da modernidade como mostra Bauman.

Aqui uma outra perspectiva se estabelece, pois que os literatos constroem uma outra narrativa para acessar uma reconstrução social do urbano. Reconstrução esta que está sob a perspectiva do indivíduo, representada, sobretudo pela crítica à racionalidade e a objetividade dos paradigmas sobre os quais a cidade está assentada.

Na leitura dos textos poéticos que se situam nesse segundo momento do processo de urbanização percebe-se que a literatura ao superar o misticismo do discurso fundador promove a fusão entre a perspectiva psicológica condensada pelo social. Enfim, a literatura reflete a orientação dada por Marcuse (1975), quando ele afirma que:

Os grupos e os ideais grupais, as filosofias, as obras de arte e a literatura que ainda exprimem sem transigências, os temores e esperanças da humanidade, situam-se contra o princípio de realidade predominante; constituem a sua absoluta denúncia. (MARCUSE, 1975:102).

Brasília essa cidade moderna possui as mesmas incongruências do processo de modernização brasileira. Na cidade a encenação da melancolia contracenava com a cidade mercadoria. Os escritores constroem Brasília pelo intermédio entre filosofia reflexiva e a literatura e é dessa junção que se é possível desenvolver novas formas para se conhecer e viver a cidade.

O rosto da modernidade se coloca como um imaginário social no qual a cidade não corresponde a mudança dos padrões culturais esperados para a sociedade. Nesse momento do processo de urbanização os autores rompem com desencantamento conceptualista e com as dialéticas rígidas. É, sobretudo, pelo imaginário que eles fundamentam um conhecimento possível do urbano, é também pelo imaginário “onde o sujeito e o objeto formam um só ato do conhecer e no qual o estatuto simbólico da imagem constitui o paradigma (o modelo perfeito, a demonstração satisfatória pelo exemplo)” (DURAND, 1998: 57) para a inserção da sociologia na análise do texto literário. As imagens literárias segundo Bachelard (2000) trazem conteúdos imaginários de uma sociedade e esses

conteúdos sociais “nascem durante um percurso temporal e um fluxo confuso, porém importante, para finalmente se racionalizarem numa ‘teatralização’ de usos ‘legalizados’, positivos ou negativos, os quais recebem suas estruturas e seus valores das várias ‘confluências’ sociais” (DURAND, 1998: 96).

Assim é que o conflito entre a cidade e o escritor motiva a revelação da cidade pelo processo de formação de uma imagem dialética complexa. O labirinto urbano se coloca como mais um espetáculo da metrópole moderna encenando uma mentalidade multifacetada de uma cidade moderna que não realizou o sonho de felicidade, a proposta da modernidade.

Portanto, a ausência de esperança surge como tema preponderante, há uma consciência pessimista cujo ceticismo com as promessas do projeto utópico se evidencia como uma marca desses textos aqui analisados. Neles a cidade se fixa no Eu lírico, como uma espécie de alter-ego em que a imagem da sociedade brasileira se reflete tanto na metrópole, quanto no literato. Nessa realidade profundamente insatisfatória, a cidade é um emaranhado de privações. As perspectivas culturais não estão ratificadas na realidade imaginada pelo texto literário. Diante dessa perspectiva a literatura é um instrumento capaz de quebrar o poder do discurso mítico representado pelo discurso fundador.

Brasília como uma força curativa das feridas da colonização brasileira não se repete aqui, ao contrário, todas as feridas estão expostas. É como se houvesse uma tentativa de se despertar do estado de embriaguez do sonho profético vivido pelos utopistas.

O escritor faz das vivências utopistas acontecimentos antagônicos. A naturalização dos que pensam a cidade enquanto possibilidade de redenção da sociedade brasileira não está associada à idéia de progresso social. A técnica se impõe superior ao indivíduo, um indivíduo completamente anulado face à natureza da modernidade concebida nessa “máquina de morar”. Mesmo tendo acesso a todos os bens renunciados pela cidade moderna, ele se sente impotente. Numa condição lastimável a subjetividade se esvai, portanto, nesse momento, a única aspiração possível é a negação da reificação do discurso fundador. “O escritor se nega a comungar com a enxurrada de informações assépticas que despertam e idiotizam as pessoas ao mesmo tempo” (ADORNO E HORKHEIMER, 195).

Nos textos literários o que se coloca não é somente a cultura urbana como valor. Para efeito de análise no texto literário subjaz a idéia de que o “esclarecimento tem que tomar consciência de si mesmo, os homens não devem ser completamente traídos”.

(ADORNO E HORKHEIMER, 195: 15)

O entrelaçamento da racionalidade e da realidade social em Brasília esgotou a força do discurso do poder pelo qual a técnica tentou controlar a subjetividade. Não há mais idolatria do projeto. As relações sociais no espaço urbano estão sob os efeitos da sobredeterminação das relações sociais estabelecidas pelo espaço no qual o cidadão se coloca e se movimenta.

Brasília se insere nesse contexto da sociedade de consumo “que enfatiza a existência de perpétuo presente de um mundo sem história, composto apenas por imagens fugazes” (SANTOS apud. NUNES, 1997: 271).

A ausência de ritos sociais acentua o individualismo e a fragmentação do tecido social. No espaço urbano a configuração simbólica não traz a idéia de coletividade. A sua maneira os escritores se “inteiram da fisionomia da cidade e ao mesmo tempo de si mesmo, seu rosto e seu corpo se assemelham mimeticamente à cidade que ele habita, como se ela fosse a constelação que define sua identidade” (BOLLE, 1994: 43).

Brasília surge na poesia não como imagem do desejo, ou produto do inconsciente coletivo como nos textos analisados no capítulo anterior. A cidade desperta sempre a ambivalência. Ora ela se inclina para a fantasmagoria idealizadora, ora ela é depositária de uma imagem que se recusa a reatualizar os rituais ilusórios da modernidade estabelecida em um país situado na periferia do capitalismo.

As imagens suscitadas pelos textos literários nesse capítulo concebem um espaço onde a consciência histórica do Eu lírico estabelece a contraposição dialógica que enfatiza a crítica ao espaço urbano incapaz de mediar dialeticamente o processo social de interação entre *Urbis e Civitas*.



Adalto Júnior



Eloísa Barroso



Eloísa Barroso



Thiago do Planalto



Eloísa Barroso



Eloísa Barroso

VI. A METRÓPOLE E A MEGALÓPOLE: Imagens urbanas na cidade das palavras

Segundo Maffesoli (1998) os sujeitos sociais se integram dentro do espaço urbano e é neste universo urbano onde está inerente à sociabilidade. O espaço da urbe apresenta-se como o *locus* das figurações. Nas sociedades modernas essas figurações¹² acontecem na cidade.

A cidade aparece muitas vezes como o mito da terra prometida é nela onde é possível “realizar a junção do material e do não material” (CERTEAU, 1994). A cidade permite ao indivíduo o seu encontro com o “sublime”. Ela é o lugar da esperança. É na cidade que o indivíduo vem buscar melhores condições de vida. Buscar, como diz Simmel, sonho e dinheiro. Na tradição ocidental, a cidade é o espaço onde tudo adquire corpo. Ela é a metáfora espacial da unidade da carne a transitar entre a pedra (SENNETT, 1997).

Brasília enquanto Capital Federal coloca-se como o centro do poder político do país, a cidade converte-se em um espaço no qual importantes movimentos da história brasileira se consolidaram. Capital política e econômica do país, a cidade concentra a vida político-partidária de forma mais incisiva que as demais regiões, portanto os movimentos sociais são sentidos de maneira intensa pela capital brasileira.

Dentro da perspectiva política, a cidade vive realidades que penetram intensamente na vida dos moradores. A vivência neste espaço é intensa. De uma maneira ou de outra, para melhor ou para pior, grande parte dos moradores está envolvida nos problemas da cidade e do país. Este envolvimento traz uma consciência nova e ampliada da vida urbana, gerando mudanças qualitativas e quantitativas. Desde a sua inauguração vê-se que as alterações da cidade foram tanto de natureza demográfica, quanto de natureza econômica e financeira.

A população que aqui se instalou, cresceu vertiginosamente com os intensos movimentos migratórios, nessas circunstâncias, o aumento de desempregados e de subempregados tornou-se um fato.

¹² Nobeit Elias define figurações como sendo formação societária.

Como consequência desse crescimento populacional, grande parte dos moradores vive no limiar entre a legalidade e a ilegalidade. Em Brasília, a busca por moradia, pela tão sonhada “casa própria” faz com que tanto a classe pauperizada, quanto a classe média, vivam nessa fronteira do legal e do ilegal. É notório o número de pessoas mal remuneradas ou sem ocupação fixa. A quantidade de gente sem trabalho é significativa na economia local.

Igual a qualquer outra grande cidade brasileira, a dinâmica urbana de Brasília não nega os conflitos e os problemas sociais inerentes às outras cidades dos países subdesenvolvidos ou em processo de desenvolvimento. Os mais de dois milhões de habitantes convivem com uma cidade real, onde as desigualdades sociais se fazem sentir.

Com quase meio século de vida, a cidade como centro do poder é palco das grandes decisões políticas que definem o destino do país, mas mesmo assim a cidade vivida cotidianamente pelos que nela habitam não foge aos padrões das demais cidades brasileiras. Como já dito em capítulos anteriores, a especificidade de Brasília está no fato de ela ter sido planejada e construída a partir de uma decisão política. Mas como observa Cruz (2003) a dinâmica urbana aqui é mais perversa ainda que em outras cidades, “uma vez que a segregação social é também espacial” (102-103).

Em Brasília os problemas urbanos já conhecidos e estudados estão bem representados. No Planalto Central, na região onde está instalada a Capital Federal, a “escassez de serviços básicos (como transporte público, escolas, postos de saúde, hospitais e centros esportivos de lazer) e de equipamentos urbanos” (CRUZ, 2003: 103) são uma realidade. Somados a este cenário, há ainda “grandes levas migratórias, falta de empregos para a população jovem e pobre, problemas ambientais que se somam aos problemas sociais como a distribuição desigual de terras, altos índices de violência e criminalidade (entre jovens da periferia e da classe média) entre outros fatores” (CRUZ, 2003: 103).

Enfim, como uma cidade brasileira, Brasília não está isenta dos problemas sociais e urbanos. A dinâmica injusta da distribuição espacial da terra e da renda não se dissocia enquanto realidade concreta de outros centros urbanos do país. Como afirma Nunes

Com o tempo, o tão decantado planejamento urbano de Brasília não impediu que o seu espaço entrasse na lógica da segregação territorial. Conceber o paraíso na terra, como parece ter sido a proposta original dos nossos arquitetos ao formularem o Plano-Piloto, teria que vir acompanhado de um desconforto de tantas outras satélites. A concepção autoritária do espaço urbano/habitacional não conseguiu impedir desvios, mesmo se na sua origem incomodassem, dada a excessiva oferta de terrenos. (NUNES, 1997: 18).

Percebe-se assim que a aparente monotonia do cotidiano na cidade, na verdade, não traduz a efervescência urbana nela vivida. Com um espaço social original, a cidade é a representação de “mistura de culturas regionais” (NUNES, 1997: 18). A esta mistura agrega-se ainda o Estado, o que torna o processo de urbanização intenso. Em Brasília o espaço urbano se caracteriza por uma rigidez, o que contrapõe à anarquia tão comum ao espaço urbano no capitalismo.

A ausência de uma importante classe operária industrial - responsável tradicional pelo crescimento original das grandes cidades – contrapõe-se a uma cidade com uma classe operária inexpressiva, incapaz de definir uma cultura local própria. Em seu lugar, instaura-se um setor terciário, predominantemente moderno, com pouca margem para o tradicional setor informal que caracteriza as metrópoles brasileiras. Em vez de uma burguesia – tradicional ou oligárquica – ciosa de seus espaços de poder, de valores e de controle sobre o social local, tem-se uma burocracia, moderna em suas funções e tradicional em suas práticas de gestão da coisa pública, mas com pouco interesse sobre o destino da cidade enquanto tal, sobretudo em função do seu caráter efêmero nos postos de comando do Estado. A concepção do seu plano urbanístico estrutura um espaço social próximo de padrões de um *apartheid* tupiniquim. (NUNES, 1997: 19).

No século XXI observa-se que a capital cresceu para além do imaginado. Atualmente ela enfrenta os desafios impostos as grandes cidades brasileiras, quais sejam: diminuir a pobreza urbana e aumentar a qualidade de vida. Segundo dados do IBGE 2000, a densidade habitacional registrada é a maior do Brasil: Aqui a concentração de pessoas registra o número de 330 pessoas por quilometro quadrado. A área urbana concentra desde a década de 1990, um contingente superior a 1.515.889 habitantes, totalizando uma taxa de urbanização de mais de 90%.

O novo milênio em Brasília está marcado por problemas de ordem social, político e ambiental. A terra retalhada em condomínios irregulares e invadida, o desemprego, crianças e adolescentes inseridos na violência das ruas, e uma política habitacional insuficiente são questões que ameaçam a qualidade de vida do brasiliense e exigem soluções complexas e imediatas.

Em Brasília a propriedade do solo está concentrada nas mãos do Estado. Este fato foi determinante sobre a maneira como se processou a ocupação do território em forma de condomínios irregulares, construídos tanto pela classe média, quanto pelos pobres. As decisões de construção dessas moradias em terras públicas, embora orientadas de forma tecnocrática e incentivadas pelo poder público, não levaram em consideração os princípios de eficiência técnica ou de racionalidade do mercado. Observa-se no plano urbanístico da grande maioria dessas invasões existirem pouca ou nenhuma articulação com políticas de desenvolvimento econômico e social com o plano da cidade.

A ocupação aleatória do solo gera problemas e custos de diversas ordens, à medida que as cidades crescem os problemas se agravam. Segundo Nunes (2004) foram criados diversos núcleos urbanos ao longo do tempo, antes mesmo de se ocupar os espaços já urbanizados e dotados de infra-estrutura. Pode-se verificar que mesmo no Plano-Piloto, atualmente não vivem os 500 mil habitantes previstos no projeto original. Isso talvez, por causa dos preços praticados pelo mercado imobiliário, que não permitem à classe média a aquisição de moradia devido aos valores elevados dos imóveis. Assim a opção para não se afastar tanto das regiões centrais, é invadir os espaços públicos e continuar a usufruir dos equipamentos urbanos que estão dispostos nas regiões centrais da cidade.

Uma questão premente referente à ocupação irregular do solo está relacionada ao meio ambiente. A contaminação da água do subsolo, segundo estudos do IBAMA, em regiões de condomínios localizados em Sobradinho, Taguatinga e Planaltina não podem

mais esperar pelas obras de esgotamento e tratamento sanitário e nem pelo processo de regularização dos loteamentos ilegais. Mas não são só os condomínios que carecem de infra-estrutura, ela é essencial também nos assentamentos e nas novas regiões administrativas. Enfim a cidade necessita de um zoneamento ambiental para dimensionar a densidade populacional que cada área povoada suporta, sem prejudicar a fauna e a flora, ou seja, a qualidade de vida.

Um outro problema refere-se à criação de empregos. Sem uma política eficiente para sanar a falta de trabalho, a cidade é assolada pela violência, pela mendicância e pela prostituição nas ruas. Em Brasília percebe-se que a forte migração faz a região crescer mais que a média nacional. Assim a pressão por emprego, moradia e atendimento em equipamentos públicos se torna cada vez maior.

Embora as recentes taxas de crescimento populacional do Distrito Federal não se equiparem à explosão populacional dos anos 1960 e 1970, sendo que entre 2000 e 2001, o crescimento foi de apenas 1,1%. Na última década, segundo dados do IBGE 2000, o crescimento de 2,8% foi superado apenas pelos estados da Região Norte. De 1991 para 2000, a população aumentou de 1,6 milhões para mais de dois milhões de habitantes. Mas é importante ressaltar que na média, Brasília ainda tem os melhores indicadores do país: maior renda per capita, cerca de 90% das casas com rede de esgoto, 96% com coleta de lixo e 89% com rede de água, mas observa-se que crescimento desenfreado ocasionado pelas levas migratórias tem acarretado problemas de urbanização nas cidades-satélites, com aumento da criminalidade, redução da qualidade de vida e do transporte, desemprego e favelização.

Os assentamentos localizados a longas distâncias do Plano-Piloto fazem com que haja necessidade de grandes deslocamentos diários entre casa-trabalho de parte significativa da população. Conforme a tipologia estabelecida por Saskia Sassen (1998) esses assentamentos assumem a função de cidades-dormitórios uma vez que necessitam das cidades vizinhas como Taguatinga e Plano-Piloto para existirem. A sobrevivência da população está associada à possibilidade do habitante se inserir na dinâmica da cidade mais próxima. Isso ocorre talvez porque a tão propagada autonomia das cidades-satélites não se efetivou ainda na prática.

Um outro fato que se observa para a condição de pauperização urbana da cidade está no fato de que a reprodução de padrões urbanísticos semelhantes ao do Plano-Piloto

nas localidades criadas, não é condição *cinequanon* para a reprodução da qualidade de vida esperada. Portanto vê-se que o conjunto desses fatores resulta em custos sociais que elevam os custos de financiamento dos serviços urbanos, condicionando o modo de vida da população residente nas cidades-satélites. Paviani corrobora esta idéia ao afirmar que:

Na atualidade, apesar de as cidades-satélites terem recebido importantes órgãos do governo e atraído, por sua vez, inumeráveis empreendimentos comerciais e de serviços, ainda não oferecem oportunidades de trabalho na proporção das respectivas populações economicamente ativas (PEAs) e da força de trabalho em disponibilidade. Por isso um dos maiores impactos, ao longo da fase atual, é o das “lacunas de trabalho”, do subemprego e do desemprego, ou mesmo do empregado “precarizado. (PAVIANI in. NUNES, 1997: 52).

De acordo com Paviani, Brasília é marcada por uma periferação planejada, o geógrafo estudioso da cidade a caracteriza como uma metrópole terciária, a maior concentração de suas atividades econômicas está no setor de serviços. Embora ainda não tenha um parque industrial importante, a cidade possui características metropolitanas no que diz respeito a sua complexidade funcional nas funções terciárias. Na cidade a especialização funcional ligada ao setor terciário “começa a apresentar um leque de opções na oferta de serviços, que vão da atividade comercial, ao turismo e aos serviços de informação e de informática” (PAVIANI in NUNES, 1997: 52). Além disso, um outro fator que faz com que o autor caracterize a cidade como metrópole refere-se à inter-relação espacial com cidades do entorno pertencentes aos estados de Minas Gerais e Goiás. Segundo Paviani, estas “localidades estão funcionalmente ligadas a Brasília, dela demanda oportunidade de trabalho e busca de serviços” (PAVIANI in NUNES, 1997: 56). Paviani ainda afirma que o entorno é uma “periferia pobre, originada da expulsão de contingentes populacionais do DF” (PAVIANI in NUNES, 1997: 56).

Diante dessa realidade descrita é que concordamos com Cruz (2003) quando ela afirma que Brasília vivencia um processo de megalopolização. Conforme já explicitado anteriormente as megalópoles são cidades gigantescas com mais de 10 milhões de habitantes; explosão demográfica incontrolável; população composta pelas mais variadas

origens; população multicultural e cosmopolita, espaços urbanos recheados de contrastes, são prédios de aço e vidro ao lado de barracos de papelão, restos de materiais de construção, sem esgotamento, energia elétrica e água encanada; favelização e urbanização convivendo lado a lado; enfim, riqueza extrema e pobreza extrema convivendo diariamente; as megalópoles se configuram como pontos de cristalização na economia global e, por fim, grande parte delas está localizada em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento (cf. FREITAG, 2006: 153-159).

Embora Brasília não tenha 10 milhões de habitantes, ela apresenta um “rápido e acentuado crescimento populacional, desenvolvendo outros processos típicos de uma megalópole” (CRUZ, 2003: 117).

Em 1997 Aldo Paviani sugeriu alguns problemas urbanos que agravavam o desenvolvimento da cidade, problemas estes que podem ser reiterados no presente momento, vejamos:

1. Falta de oportunidades de trabalho, como foi referido anteriormente, sobretudo nas cidades-satélites;
2. Má distribuição dos equipamentos e serviços urbanos;
3. Carências no setor habitacional, com enorme déficit de moradias, em especial nos “assentamentos” de periferia.
4. Segregação sócio-espacial, visando manter o *status* do Plano-Piloto e ligada à estrutura sócio-econômica do país.
5. Transporte público deficiente, não atendendo a grande demanda dos que, saindo das cidades satélites, deslocam-se para o trabalho, para estudar ou procurar serviços no bem equipado Plano-Piloto. Deve-se salientar que, nas cidades-satélites, há poucas oportunidades de trabalho e elas, de modo geral, são muito desequipadas. São mais cidades-dormitórios, como a maioria das cidades de periferia das grandes metrópoles brasileiras . (PAVIANI in NUNES, 1997: 60).

No nosso olhar estes problemas associados às características observadas por Cruz demonstram que a cidade vivencia um processo de megalopolização:

1. Grande concentração de pessoas vindas de todas as regiões do País (população marcada por um multiculturalismo de pessoas de diversas classes sociais, religiões e de locais distintos do Brasil);
2. O problema da migração se apresenta como um fenômeno marcante da cidade, reorganizando toda a estrutura espacial e de trabalho local;
3. O convívio do moderno com o arcaico também se evidencia em Brasília, pois ao lado dos novos prédios modernos, espelhados e envidraçados com a última tecnologia de ponta do mercado, erguidos no centro da capital, os barracos de papelão também surgem – não tão próximos ao centro porque uma das metas principais de ação do Governo do Distrito Federal é o deslocamento da população invasora para fora do “anel sanitário” (local de moradia da classe média por excelência) da cidade, sendo cada vez mais empurrada para os arredores do Plano-Piloto.
4. A violência, outra característica marcante das megalópoles, também se evidencia em Brasília, cujos índices de criminalidade têm sido comparado pelos jornais locais e externos aos índices de violência de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro; índices agravados pela forte desigualdade de renda.
5. Somando tudo isso podemos perceber vários aspectos da pobreza urbana que assumem diferentes formas segundo distintos grupos sociais: as mulheres chefes de família são mais pobres que os homens e o número de crianças em situação de rua cresce. Outras duas questões que podem ser destacadas: o desequilíbrio ecológico, oriundo de uma política de loteamento irresponsável e de uma distribuição desigual de terras e os espaços de segregação – espaços públicos que são privatizados pela classe média local. (CRUZ, 2003: 118).

Diante desse processo de urbanização que hoje se configura na cidade, o texto literário se transforma. Neles está retratada uma cidade que já assume os ares do processo de megalopolização, as narrativas literárias, sejam elas em forma de romance, de contos, de crônicas ou de poesias se enchem de um rumor incessante, rumores estes que anunciam diversos aspectos da dinâmica urbana de uma cidade que se expande dia-a-dia. Os textos criam uma multidão onipresente e, essa mesma multidão que habita a cidade compõe o cenário de um “*tableau* formigante”. Diante dessa massa urbana parece que o “escritor quer ter a multidão constantemente presente, nomeando-a e a todo tempo conjurando sua

presença” (BOLLE, 1994: 397).

A VIOLÊNCIA E A SEGREGAÇÃO SOCIAL: Os muros da cidade

As narrativas apresentam dois componentes básicos, o componente histórico e o componente dialético. O componente histórico é fornecido pelo momento presente do criador, e o dialético é constituído pelo envolvimento de todos os atos humanos com o contexto social. Esses dois componentes conferem aos textos literários um sentido filosófico e um alcance político sobre o mundo ao qual estão circunscritos. Ou seja, a condição estética do texto é dada nessa pesquisa por um uso conscientemente pré-elaborado.

Nesse 3º momento o literato realiza sua obra a partir de uma série de denúncias sociais das situações dos viventes para além do Plano-Piloto. Aqui a literatura reflete dois aspectos: a opressão do econômico e a degradação do espaço social. Enfim, como a cidade o texto literário também vive o processo de megalopolização.

E são através dessas denúncias da miséria social que a vida ganha em conteúdo humano, pois além de questionar as condições da estrutura social desses lugares largados pelo poder público, o texto literário desnuda a cidade e expõe uma realidade na qual as perguntas revelam uma situação de problemas e disparidade na organização urbana de uma cidade que um dia foi construída para ser a representante da modernidade e do desenvolvimento de um país tropical marcado pela diferença e por contradições sociais. Nessa atitude de revelar e questionar a arte literária assume sua condição mais digna: “A de clamar contra a progressiva destruição do sentido da existência” (LYRA, 1986: 183).

A lúcida apropriação do cotidiano ao lado da despreensão, numa linguagem despojada de ornatos retóricos, o poeta demonstra a consciência da perplexidade diante dos problemas expostos pela cidade. Em torno da obra de Niemeyer estão as invasões, os barracos e a efervescência de um processo de urbanização caótico e miserável.

O “rap” intitulado “Ceilândia a Revanche do Gueto” de autoria de “X”, ex-vocalista da banda de “rap” Câmbio Negro, representa esse momento, no qual “carne e pedra” se fundem de forma definitiva e as relações estabelecidas na cidade já dão conta e

uma outra realidade estruturada além das fronteiras do Plano-Piloto, as vivências nas periferias da cidade.

Ceilândia Revanche do Gueto

Ceilândia ceilândia

Ceilândia ceilândia

Respeito todas as quebradas becos e vielas

Quebras cabulosas satélites e qualquer favela

Todas se parecem muito só que a cei é diferente

Na nossa quebrada a parada é mais quente

Mais de 500 mil e pra eles somos lixo

Lutando pra sobreviver tratados como bichos

Escrotos ratos de esgotos vermes rastejantes

Cobras bichos peçonhentos monstros repugnantes

Terra sem lei nova babel casa do caralho

Cu do mundo baixa da égua

Foda-se o que dizem véi

Ceilândia é minha quebra

Movimento aos sábados em frente ao quarteirão

Df zulu ta na barca e aí moleque então

Domingo tem feira roda de capoeira

Meia lua queixada bença armada

Mortal martelo rodado "s" dobrado rasteira

Pernas subindo suor descendo molhando o asfalto

E o berimbau fala alto

Sou da ceilândia eu sou mais eu

Falo faço e aconteço

Por essa terra tenho apreço

Essa é minha quebrada não pega nada

Câmbio negro ta na área falando sem embarço

Se o bicho pega pro seu lado colega véi um abraço

Agora sim:

Com o passar dos tempos a periferia passa a ter voz

Não que não houvesse no passado só que nos boys
Éramos mais oprimidos que na atualidade
Seguindo em frente rap nacional é a revanche do gueto
X diz a verdade
Na hora grande é a hora em que tudo acontece
Mau ta solto na rua a mortalidade cresce

Criança jovem ou velho quase ninguém vê as caras
Não adianta chorar na hora de ir pra vala
Chuva de balas confronto polícia e ladrão
Irmão matando irmão
Prostitutas na esquinas churrasquinho de gato
A boca na rua de baixo
Moleque troca o ferro pelo fumo barato
Cana recebe seu troco
Pra manter o puteiro aberto e é certo
Semana que vem ta na área de novo
Paparicando o cafetão e babando o seu ovo
Assim é a minha quebrada pontos bons e ruins enfim
Aqui é assim gosto mesmo assim
Nasci pra ela e ela pra mim
Ceilândia
Mesmo que muitos considerem parada indigesta
Pra quem sobrevive na bocada véi todo dia é festa

Skatitas e bikers voam no radical
Curtem gog racionais thaíde câmbio negro normal
Cirurgia moral morte cerebral
Reverso da moeda revanche do gueto
Amarelos brancos negros ou pretos
Lado sujo da história porco na engorda síndrome de caím
Moleque de atitude te boda
Ceilândia, você é fôda!!! (site: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto>)

No final do século XX, início do século XXI, Ceilândia, uma das maiores cidades-satélites de Brasília tem cerca de 500 mil habitantes, uma das mais populosas de Brasília, a satélite é um lugar de marcas próprias.

Com efeito, Ceilândia é uma cidade que inspira o conto, a crônica, a poesia e o “rap” uma forma de literatura de expressão das comunidades periféricas. Letras de protestos, as poesias revelam uma realidade das favelas, cujo teor geralmente procura dar voz à parcela da população oprimida. No desejo de expor-se às mazelas sociais, as quais estão sucumbidos, jovens da periferia gritam, através de suas composições, a realidade angustiante da pobreza urbana que assola o mundo das cidades.

A partir do “rap” do grupo Câmbio Negro, é possível observar como a literatura revela o cotidiano de uma periferia. Ao cantar a segregação social a qual está exposta a população da cidade o “rap” de “X”, mostra como os problemas urbanos, dos “mais de 500 mil tratados como lixo” lutam para sobreviverem nesse espaço sem lei, uma Babel, longe do poder, distante do Plano-Piloto.

Todavia a cidade não é só escroque, suas marcas e seus símbolos são motivos de orgulho para o Eu lírico, Ceilândia é sua “quebrada”. Lá tem roda de capoeira, tem asfalto, tem feira... Nessa terra o homem é a cidade e a cidade é o homem. O sujeito reconhece a cidade e se reconhece na cidade, como diria Bourdieu, a cidade é produto e produtora de práticas sociais. É nesse lugar em que o poeta diz “sou Ceilândia, sou mais eu” que ele se reconhece como cidadão, é lá onde as pernas sobem e o suor molha o asfalto que a periferia começa a ter voz, a exprimir o grito de protesto reprimido. Ao denunciar as condições e violência urbana a que estão submetidos, a periferia rompe o silêncio, e, por meio das poesias musicadas, cantam a cidade com todas as suas contradições. Sem pestanejar, descrevem uma imagem da cidade periférica que está além do plano pensado originalmente pelos construtores.

Ao mesmo tempo em que canta os problemas, “X” vai tecendo a cidade, e, nas palavras ele mostra como as relações se efetivam entre os indivíduos na vida cotidiana. Na cidade do verbo “moleque troca ferro pelo fumo barato, Prostitutas nas esquinas, a boca na rua de baixo”, a verossimilhança com a cidade real não é mera coincidência.

Nessa composição, a cidade vai sendo desenhada sem pudores, como uma alegoria exposta aos olhos do leitor, a poesia de “X”, permite-no adentrar à cidade e rastrear sua “fisiognomia”. O Eu lírico expõe as relações corrompidas entre Estado e sociedade, ao

descrever como “canas” recebem seu “troco para manter puteiro aberto”. Ceilândia, enfim é isso, lugar de “amarelos, brancos, negros ou pretos”, como diz o próprio Eu lírico, “assim é minha quebrada, pontos bons e ruins”.

Por fim a fusão entre “carne” e “pedra” se completa, quando o Eu lírico manifesta que sobreviver na Ceilândia, mesmo sendo para muitos, “parada indigesta” “todo dia é dia de festa”, pois “nasci para ela e ela para mim”.

Com um discurso competente, a exposição da interação social do mundo da vida, colocado na poesia, mostra que as práticas sociais de uma cidade representam a consagração das relações urbanas estabelecidas no espaço. Ceilândia, nas metáforas de “X” é o anteprojeto do Plano-Piloto, todo o esforço social para a construção de um paradigma de planejamento urbano presente no projeto original não se estende à cidade, lá não há os benefícios da capital traçada por JK, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Ao contrário, a cidade abriga os deserdados, a classe periferizada. Naquele espaço a tendência é ampliar-se, cada vez mais, o círculo da pobreza urbana. Um círculo que agora demonstra outra características dos viventes na periferia, vejamos em “A volta”:

A volta

(Câmbio Negro)

Sou negrão careca da Ceilândia mermo e daí”
não botaram fé eu tô de volta tô aqui
mostrando meu trabalho minha capacidade de criar
sou o presente de grego de quem tentou me parar
muitos tentaram me parar fecharam várias portas
me julgaram incompetente um perfeito idiota
idiota jamais, incompetente ao contrário
já não caio mais no conto do vigário
quem conhece a peça sabe que não sou otário
pensaram que me jogaram mas eu ainda estou vivo
conto nos dedos das mãos os verdadeiros amigos
são eles que em todos os momentos estão ao meu lado

pode crer! Tá valendo véio muito obrigado
quem quiser prejudicar vai ter que lutar bastante
é a volta, tô na área mais agressivo que antes
um rapper tem a missão de transmitir informação
diversão, em quase todo lugar
“eu sou assim mesmo e nada pode me parar”
por muitas vezes enganado ludibriado
por essa corja de patifes de armas em riste
pra eles X é sempre carta fora do baralho
eu não me rendo a vocês “raça do caralho”
tenho minha rapaziada, tenho meus chegados
em várias cidades, muitos estados
somos unidos mesmo estando separados, cuidado
nesse exato momento você está sendo observado
não adianta boicotar meu som na sua rádio, no seu baile
queimar meu filme nos jornais, revistas, na tv
você vai se foder
porque lá na CEI vai continuar rolando
na quebra do GOG, no Riacho, no Recanto
na M, na L, na J nas QNH
na casa do Carlão, no Paranoá, em todo lugar
que existir um b-boy meu som não para
sai voado moleque respeite as caras
e se contar com os cabeludos, roqueiros, zineiros
bikers, skatistas, putas, bandidos que colam comigo
ai véi você tá fodido
“maldade não é a minha intenção”
mas se liga na fita cuidado sou de escorpião
sou muito bom, sou camarada mas sou vingativo
não faço muita questão de mais um verme vivo
e como se não bastassem seus inimigos e eu
existe a lei do retorno os castigos de Deus
eu pago pelos meus atos você pelos seus
os meus pecados são grandes os seus infinitos
tenho certeza e acredito

que você vai morrer bem antes que eu
e pode crer, toda hora aparece um pra nos foder
criticar seu trabalho, sua vida, sua família
desempenho sexual e toda sua conduta
depois não querem que falemos explicitamente em nossas letras
de outro nome pra esses caras que não filhos da puta
mas agora depois de um ano e meio sai meu disco novo
vão ficar me bajulando e babando meu ovo
e eu não vou dar porrada e nem virar as costas
melhor é dizer pros pregos, aí véio tudo tem a volta!
(<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto>)

Neste “rap” surge uma outra denúncia social: a discriminação racial. Numa espécie de auto-biografia “X” descreve sua ascensão no mundo da música, nessa descrição ele mostra como é preciso lutar pra ascender, pois sendo da Ceilândia e Negro o indivíduo é naturalmente julgado “idiota e incompetente”, mas como “um presente de grego” ele tem o espaço garantido, apesar das condições não serem favoráveis o destino natural dos nascidos sob esta condição, nesse caso, não será cumprido. Mesmo lutando contra todos, o movimento vindo da periferia terá sempre seus adeptos, assim como a cidade o morador “não é carta fora do baralho”. Ceilândia na música de “X” não fica a margem e nem aparece estereotipada, apesar dos momentos de barbárie e da violência, seja ela policial ou dos próprios moradores, a “Ceí” sempre será o lugar onde há a garantia de ele ser acolhido. E não é só na Ceilândia, há também outras cidades, Recanto da Emas, Riacho Fundo e Paranoá, coincidentemente, também periferias, onde o narrador encontra respaldo, as quadras citadas de Taguatinga citadas, como QNH, QNJ e QNL, também são quadras onde se concentra a população de menor poder aquisitivo da cidade. É nessa realidade da periferia fragmentada que o “rapper” faz sucesso e descreve seu percurso social.

Essa forma de escrever a cidade, meio desfigurada das comumente vistas, segue caminhos alternativos. Há uma interface entre o narrador e a cidade, permitindo surgir uma outra face da moeda desse espaço urbano que aparece sob o olhar dos seus moradores, que agora adquirem voz própria e podem desterritorializar a escrita da cidade de Brasília, antes concentrada em uma outra perspectiva.

Em verdade esses novos escritores da cidade reterritorializam o discurso imprimindo em suas letras uma realidade desprovida de linguagem figurada. A cidade surge nelas a partir de um cotidiano às vezes duro, mas também acolhedor. Ela é um espaço não só da dor, mas da alegria e da esperança na medida em que permite a difusão dessa cultura antes restrita aos guetos. Ao difundirem seus textos criam uma cultura sólida, ampliando e esgarçando fronteiras, pois estabelecem vínculos diretos com outros viventes das mais diversas origens. Do dialogo criado por essa interatividade e pela circulação de seus textos via internet, a cidade emerge em novos conteúdos atualizando as especificidades culturais que aqui aportaram.

De que vale o crime?

Atitude Feminina

Era só mais um neguinho da favela
queria viver em paz um dia sair dela
escapar do preconceito, ter prestígio ter dinheiro
poder sair de casa sem precisar ter medo
essa é só mais uma história de um rapaz comum
que acontece todo dia na periferia
mais um inquérito prescrito é só mais um fato
perdido na DP sem ser apurado
Aos doze anos de idade ele já trabalhava
saía cedo de casa pra rodoviária
engraxar sapato, limpar pé de barão
pra ajudar no sustento de sua família meu irmão
seu pai um cachaceiro sem perspectiva de vida
gasta tudo que ganha no boteco da esquina
a droga mais pesada é legalizada
destrói lares, famílias e é facilmente encontrada
te vicia pode até te levar à morte
esquecido num leito de hospital
cirrose, última dose do álcool letal
só a morte te separa do vício fatal

Com quinze anos de idade parou seus estudos
chegava cansado do trampo e não via futuro
foi quando experimentou seu primeiro beque
fumou, prensou, pirou
moleque como pode existir algo tão gostoso assim
certamente agora estou premeditando seu fim

Passou mais um ano e o neguinho falava
que ser bonzinho e honesto de nada adiantava
metia os ganhos sem dó no Gilberto Salomão
depois vinha tomar todas em São Sebastião
já conhecido no distrito assinou vários B. O's
chegados já te diziam que o crime não tinha dó
muitas passagens no caje, rebelião carcerária
torturas, maus tratos que a TV não mostrava
conseguiu sobreviver até os seus dezoito
é de maior moleque, cuidado com os homens, eu tô de olho
era fã número um de Leonardo Pareja
que fez os homens de palhaço e se entregou de bandeja
pra depois ser morto numa rebelião
é fim trágico de um homem dentro da detenção
pobre homem que na vida sofreu demais
pelo menos na morte será que encontrará paz?
Pergunta cretina, mas que sempre se faz
procure a paz, ouça o conselho então
exemplo de malandragem não está na prisão

Ele se considerava o bandidão da quebrada
fumava, cheirava, roubava, não tinha medo de nada
é a lei do mais forte na favela e com certeza
o rival é a caça, e a caça põe a mesa
sem esperança de um dia a vida melhorar
se perguntava porque Deus não vinha te ajudar
pra dar conforto a sua mãe, mais uma sofredora
que passa o dia ralando cansada de lavar roupa

certamente inseqüente com ódio na mente
meteu um ferro na cinta com quinze balas no pente
foi resolver a parada do jeito que ele aprendeu
quem cuida da minha família e da minha mãe sou eu
o alvo já está traçado, posto de gasolina
três malucos no esquema esperando na esquina
opalão quatro portas vidro fumê seis bocas
calibre carregado, encapuzados de touca
corre, corre, rende o frentista dá o bote
amarra o gerente, pede o segredo do cofre
pega a grana põe no saco e sai no pinote
se der sorte fica vivo e escapa da morte
na correria vai em frente, pneu queima o chão
de longe ouço sirenes começa a perseguição
seis viaturas na cola fecha o cerco para o carro
mas ele não se entrega desce do opala e sai voado
escuto tiros, gritos, não pede rendição
é bala por bala, tiro por tiro sem negociação
naquele dia eu então presenciei seu fim
na mão da polícia eu vi morrer o neguinho
tomou dois tiros no peito, fita amarela, isolamento
giz em volta do corpo, lençol, carona em rabecão
IML, corpo delito e ficha no dedão
vida de crimes, mais um malandro no caixão

Refrão

Um dia vamos ter paz então vale a pena esperar
E de que vale o crime irmão? Se ele vem te matar (Site:
<http://culturahiphop.uol.com.br>)

No “rap” encontra-se um tipo de relação comum vivificada em cidades satélites do DF. Pessoas que vivem a cidade e estabelecem entre si, e entre outras esferas sociais,

relações que se caracterizam pelo seu teor violento, contraventor, criminoso, marginalizado, ou seja, apostam em um contexto arriscado. Pessoas que poderiam estar em outros espaços, mas que, por falta de opção, colocam-se em situação de risco, criando tipos de interação que muitas vezes os levam a experimentar situações dramáticas e violentas estabelecendo uma relação vulgar nos espaços precarizados que compõem a nossa capital. Essa relação cujos resultados, não desejáveis, muitas vezes expostos na imprensa, analisados por estudiosos, não solucionados pelas políticas públicas, odiados pela comunidade e suportados por aqueles que sobrevivem a todo o processo.

O grupo Atitude Feminina evoca algo que se configura como uma verdadeira anti-imagem para a cidade pensada no plano original. A letra mais se assemelha às megalópoles, haja vista a violência impregnada acentuar uma realidade que não dá mais conta de garantir as condições de segurança para os que habitam o espaço urbano. Como uma espécie de lente, o texto acentua a dimensão de uma cidade que mudou. A partir dessa realidade exposta tão cruamente é possível perceber que a cidade retratada não somente se destrói. Brasília não é apenas a cidade construída sob os auspícios da arquitetura modernista, não é mais a cidade planejada, nem a “máquina de morar”, ela é como as demais cidades brasileiras, com crescimento desenfreado e uma realidade social marcada pela diferença.

A diferença entre o mundo das idéias pensadas *a priori* para este espaço se diferencia da cidade real, para o Eu lírico tocar “o chão da periferia” é ter “ganhos sem dó no Gilberto Salomão”, provavelmente com o tráfico de drogas e a prostituição para” depois tomar todas em São Sebastião” e para o trabalho honesto “engraxar sapatos e limpar pé de barão na Rodoviária”. Neste trajeto “de mais um neguinho” da periferia os sonhos comungados são os mesmos, eles se repetem, pois o que se quer é “viver em paz /um dia sair da periferia/ escapar do preconceito/ ter prestígio/ ter dinheiro/ poder sair de casa sem precisar ter medo”.

No espaço urbano se configuram as desigualdades sociais, as diferenças econômicas são brutais, vê-se uma forma distinta de apropriação da cidade pelo indivíduo. Na realidade de uma economia capitalista periférica fica evidenciado nos aglomerados urbanos os diversos espaços que correspondem a diferentes escalas de valoração nas quais a segregação de vastas camadas da população alija parte da sociedade do que comumente se chama “qualidade de vida”.

A distância social é marcada de várias maneiras na escrita da cidade. Materialmente ela está expressa como algo que distingue a cidade na oposição entre centro e periferia. As concepções inscritas revelam que em tempos de crime as concepções não são definitivas, pois “Um dia vamos ter paz então vale a pena esperar. E de que vale o crime irmão? Se ele vem te matar”. Assim, na periferia há uma espécie de cercamento que demarca as fronteiras e cria distanciamento necessário com o centro, prevenindo as misturas e mantendo as hierarquias sociais.

A cidade anunciada no “rap” “De que vale o crime?” é emblema também do caos. Mas a representação urbana traz à tona uma cidade mais próxima do real, mais fiel à experiência cotidiana. A cidade aqui é o avesso do cartão postal, enfim, o efeito real contido na letra entra numa espécie de “simulacro perfeito”, ou seja, é uma cidade que está além do bem e do mal. Percebe-se uma consciência crítica situada numa dimensão cosmopolita e moderna, na qual a cidade escrita reverte os valores de vício e virtude, de bem e mal despojando o espaço da nostalgia artificial e do deslumbramento inicial. A cidade apresentada no texto não escapa do embate entre a cidade como lugar de violência hostil e lugar de virtude. Em verdade Brasília opera alternando a modernidade periférica de um processo de megalopolização e lugar onde se busca o conforto oferecido pela metrópole.

Nas letras de “rap”, a capacidade de despertar emoções manifesta a sua impossibilidade de se separar de uma realidade econômica e fisiológica vivenciada no solo das periferias de Brasília. Elas anunciam um estado de violência permanente, mas não se descuidam do mote inicial que é a cidade, seu lugar de morada, sua esquina. Tais letras manifestam emoções coletivas, situações cotidianas da vida das pessoas, não é por mero acaso que elas sempre cantam a truculência da polícia, as incertezas da vida, o tráfico de drogas, a discriminação racial. O desejo de se transformar esse espaço social que não arrefece o cotidiano é sempre marcado pela luta em prol da sobrevivência num estado de violência e ausência de direitos sociais.

Para Antônio Cândido, “aí está um caso em que a determinada atividade se transforma em ocasião e é matéria de poesia, pelo fato de representar para o grupo algo singularmente prezado, o que garante o seu impacto emocional” (CÂNDIDO, 1973: 31).

Segundo Antônio Cândido (1973), a função social da literatura designa a sua razão de ser sociológica. O papel que o texto representa estabelece relações sociais, pois ao

satisfazer as necessidades espirituais e materiais, ao manter ou mudar uma certa ordem social, a obra de arte reforça a consciência de valores sociais. Dessa forma, ao estabelecer uma comunhão de sentimentos, definindo um *ethos* comum aos grupos de “raps” que se formam na periferia, nas composições cria-se uma tradição cultural de letras que expressam os sentimentos desses grupos permitindo-lhes preservar ou assumir uma identidade comum aos viventes da periferia de Brasília. Nessas letras de “rap”, em que pese a função estética, há uma construção voltada antes para a singularidade diferenciadora dos indivíduos.

Brasília po(esia)

(Maria Dalva Junqueira Guimarães)

Brasília (po)esia

Brasília o tempo te ilumina

atça nossa memória

esquecer-te é lembrar-te

é fazer história

a cada hora

(.....)

caliandra do cerrado

vai-e-vem gente cruzando eixos

nos eixos que se cruzam

ninguém pára ninguém vê

retorno nem ponto de chegada

só encruzilhada rumo

á capital arquitetônica

a cidade engolindo gente

forasteiro de norte a sul

rumo à terra prometida

vem povo... Chega gente...

Uma multidão atônita

na selva de pedra

zigzagueando

mais migrantes adentrando

tantos emigrantes chegando...

barracos, viadutos e pontes...

favelados e elites se misturando(?!)

gente esmagada

mutilada e até sendo fuzilada

beirando o cerrado e vias

e as caliandras do cerrado

acalantam choupanas

na via estrutural barracos de zinco

palácios ao longo do lago

e no Park-Wai, as mansões

vislumbrei se contrastando...

Vislumbrei no agreste central

fontes luminosas e torres

fidalgua colonial

novo reinado

no Planalto central

(.....)

Brasília magia da palheta

verde-amarelos em alquimia

vãos da geometria

imaginário sonho

rompe a película do horizonte

visita torres esplanadas catedrais

ecoa desejos e mistérios tantos

(Site: <http://www.usinadeletras.com.br>)

A poesia coloca o espectador dentro de um campo no qual a caliandra, a flor símbolo do cerrado, torna-se uma interrupção que bloqueia o processo de favelização da cidade. Como uma espécie de amuleto o Eu lírico utiliza a flor para imprimir uma reflexão que, deixada no papel, suspende a visão de uma cidade única. O espaço construído poeticamente não dá conta somente de uma cidade planejada. Ali se fala de uma “cidade engolindo gente forasteiro de norte a sul rumo à terra prometida”. E nessa descrição do processo de megalopolização o texto poético não esquece de mostrar “Uma multidão atônita/ na selva de pedra ziguezagueando/ mais migrantes adentrando/ tantos emigrantes chegando.../ barracos e viadutos e pontes.../ favelados e elites se misturando(?!)/ gente esmagada/ mutilada e até sendo fuzilada/ beirando o cerrado e vias”. Diante de uma relação assimétrica surgem “na via estrutural/ barracos de zinco/ palácios ao longo do lago/ e no Park-Wai, as mansões/ vislumbrei se contrastando”.

Na poesia as metáforas ganham novos sentidos na oposição entre a cidade dos barracos, a via Estrutural, e a cidade das mansões, o Park-Wai. Assim o Eu lírico opera o seu dizer marcado por dois discursos, um o discurso interposto recupera a contradição da cidade dos opostos, da miséria e da riqueza, do concreto e do zinco, no outro vê se o discurso da cidade que traz esperança dos dois eixos que se cruzam, o Planalto Central como o lugar da terra prometida, enfim o Eu lírico “vislumbra no agreste central/ fontes luminosas e torres/ fidalguia colonial/ novo reinado no Planalto central/ Brasília magia da palheta/ verde-amarelos em alquimia/ vôos da geometria/ imaginário sonho/ rompe a película do horizonte/ visita torres esplanadas catedrais/ ecoa desejos e mistérios tantos/ ecoa desejos e mistérios tantos”. As vozes se fazem ouvir no intradiscurso ao anunciar a relação simbólica na qual o poema atribui sentido na inter-relação estabelecida entre a cidade real e a cidade sonhada. Percebe-se uma relação constituída na qual o sentido em curso pensa de forma simbólica o conflito significante estabelecido pelas circunstâncias sociais que o Eu lírico permite ao leitor visualizar.

O espaço urbano surge como o lugar da projeção das relações sociais, além de ser o lugar no qual as estratégias para o estabelecimento das relações conflituosas se

confrontarem, ele é também o *locus* para a instalação do projeto de modernidade. Nele as relações jurídicas, políticas, religiosas e econômicas adquirem significações a partir da produção social. Nesse sentido há pressuposta uma interação entre os fenômenos urbanos com as relações sociais estabelecidas no âmbito da cidade. Assim a fragmentação do espaço público, a desigualdade e o preconceito em relação a diversos grupos sociais, se anunciam na escritura da cidade.

Os textos “A fantástica fuga da Ceilândia” e “Um homem na estrada” de autoria de Daniel Mota mostram uma cidade, constituída por pequenos acontecimentos do cotidiano “ceilandense”. Um cotidiano imbricado de relações afetivas territorializadas que formam uma estrutura social que compõe a outra cidade de Brasília, não registrada nos documentos oficiais. O tecido social nos textos encontra-se potencializado na maneira pela qual são constituídas e construídas as personagens. Na cidade de Ceilândia, Mota revela o comportamento dos sujeitos sociais da vida na periferia. O autor entrecruza as diversas vozes no e com o espaço urbano. Nos textos a dimensão espacial não pode ser negada e nem tão pouco subestimada. Na leitura dos contos o espaço urbano por onde transitam as personagens, a criatividade e a autenticidade cultural, fazem da literatura, da arquitetura e da estética o lugar de fala da periferia que destoa das vozes que antes cantaram a cidade.

Nos contos as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais de Brasília adquirem amplitude e relevância. Não há uma cidade perfeita ou ideal, o espaço urbano é vivido conforme o cotidiano onde se concretiza uma espacialização concreta por onde anda as personagens. Assim a intensidade da sociabilidade produzida perpassa pelos sonhos e pelas impossibilidades daqueles que ficam circunscritos à periferia, impedidos de chegar ao centro. É numa Brasília dividida e segregada que as personagens surgem sob o olhar atento do contista expondo a crueza de uma “cidade de muros”. No seguinte trecho de “A fantástica fuga da Ceilândia” é possível confirmar essa leitura

O fato é que, aos trinta e cinco anos, Inécio ainda não havia conhecido o Plano-Piloto. Morando na Ceilândia, vira sua vida passar inteira nos limites da Satélite abandonando-a para mais longe quando ia à Taguatinga. Alguns poderiam considerar inacreditável morar a trinta quilômetros da Capital, há tanto tempo, e

ainda não tê-la freqüentado. Ocorre que a imobilidade não respeita a lógica vulgar e ao imponderável quase nada é vedado. (MOTA: 01)

Intensas e quase reais, as personagens surgem nas mais inusitadas situações urbanas. Nos contos, encontramos os reflexos da contradição que insiste em marcar a realidade brasileira das cidades que passam pelo processo de megalopolização. Há uma representação simbólica da vida social dos sujeitos que tentam driblar as misérias cotidianas e superar as dificuldades às quais estão submetidos nas grandes cidades. Por isso Inécio quer ir ao Plano-Piloto, embora não seja fácil, ele elabora uma estratégia para viver a capital e ir de encontro à cidade planejada e comentada nos cartões postais, vejamos:

Mas havia se decidido absolutamente: irá ao Plano-Piloto hoje. Para tanto, experimentara inverossímil seqüência de façanhas, matéria suficiente para uma outra epopéia. Calculara que para pagar as passagens desembolsaria dez dinheiros de reais; tomaria um lanche “daqueles”, dos que não há por aqui, onde investiria mais vinte dinheiros. Não conhecendo o cinema, gastaria mais quinze pra matar ainda esse anseio. E finalmente, comeria uma puta, uma vez que desconfiava serem as de lá mais gostosas e profanas que as daqui: mais cinqüenta dinheiros reais. Foram muitos os feitos, mas tinha noventa e cinco dinheiros, contados para conhecer o Plano. (MOTA: 1-2).

Com o plano arquitetado Inécio quer ir ao Plano, para isso toma a lotação para chegar ao ponto de ônibus e de lá seguir para a Rodoviária, mas seu intento começa a fracassar na primeira parada da lotação, pois “um conhecido malinha da região resgata-lhe uma dívida que já punha em risco sua existência”. Mas Inécio é persistente;

...não se abalará. Ainda vai, com lanche ou sem lanche. Nesse instante turvou-lhe a cabeça aquela familiar sensação de estranhamento que o quebranta ao instante tão logo se põe a fazer o quer que seja. Uma pesada melancolia lançaria por terra o seu intento, se tamanha motivação não a superasse pelo menos em intenção. Teria apenas que seguir até o ponto de ônibus mais próximo, instar o primeiro coletivo que vá até a Rodoviária e se por a objetivar a sua realização. E ademais, não era a primeira vez que essas negras disposições nublavam a sua reação. (...) Mas agora não. Toda a energia de sua vocação concentrou-se em tal intensidade que satisfará sem dúvida o plano. Sem lanche mesmo, verá aquela porra hoje!!! (MOTA: 2).

É assim que o processo de escrita do conto “A fantástica fuga de Ceilândia” se dá sob o efeito de um fato social cruel – a imobilidade do morador da periferia em transitar pelo espaço urbano da cidade. Para narrar a estória de Inécio o autor apresenta todas as dificuldades pelas quais passam sua personagem. E é nessa narração das condições e intempéries que se interpõem no caminho de Inécio para que ele conheça o Plano-Piloto, que o autor acaba por embarçar o leitor e desconcertar os padrões da cidade utópica. No conto o autor nos apresenta uma Brasília que deglute a realização sonhos. E é por meio dessa escrita reflexiva que se dá o entrelaçamento significativo entre a realidade e a realidade colocada pela obra literária do processo de megalopolização vivenciado pela cidade.

Em “A fantástica fuga de Ceilândia” é possível perceber que a análise da cidade pela via literária torna-se uma opção para explicar a complexidade do processo de urbanização da cidade. No conto os indícios do processo de megalopolização demonstram a pertinência do texto literário para a inserção da análise sociológica no estudo da cidade.

No texto é possível olhar a cidade que se expandiu, gerando o progresso da megalópole. Nesse processo não previsto pelos planejadores nota-se que a reflexividade se institui como a base do capitalismo. Dessa forma a ação e o pensamento se refratam tornando a realidade exposta pelo texto literário uma espécie de retrato do cotidiano da periferia das grandes cidades situadas na periferia capitalista. As impressões do autor sobre a racionalidade se projetam nos planos de Inécio para chegar ao centro da cidade e se deslocar de um lugar ao qual esteve circunscrito. Na verdade essa aparente preocupação

com o trajeto da personagem é apenas um pretexto para mostrar que a utopia não foi só a construção da cidade, mas que à classe baixa não será permitido “invadir” as ruas do centro para passear no domingo. Assim a trajetória de Inécio na cidade grande não pode se expandir mesmo “que todos tenham suas utopias” (MOTA: 03).

Para expor a saga de sua personagem em uma cidade que passa por profundas modificações políticas e econômicas desde a sua fundação, o autor apresenta uma trama de signos e situações atraentes para a construção da realidade cidadina, bem como para fazer questionamentos sobre a realidade urbana à qual os indivíduos da periferia estão expostos. Afinal Brasília é uma cidade que tende a atrair a atenção de ficcionista, pois a sua dinâmica urbana é extremamente instigante para a percepção da vida na cidade.

Na cena brasiliense o escritor constrói uma cidade a partir do itinerário, das praças, e dos elementos da cultura, talvez por isso a escolha da periferia (Ceilândia) e do centro (Plano-Piloto), duas cidades opostas no que se refere aos equipamentos urbanos e “a qualidade de vida”, não seja um simples acaso. A primeira uma das maiores cidades satélites, pauperizada onde os moradores, na sua maioria são provenientes de invasões, a outra uma cidade planejada, alta renda per capita... Assim a cena urbana brasiliense ao seduzir e conquistar o ficcionista faz suscitar outra Brasília, outros registros não oficiais, a cidade das palavras torna-se um fato para suscitar a cidade real. A cidade texto vista e percebida pelo narrador impõe ao leitor constante reflexão.

Ao captar com sua narrativa os sinais da vida cotidiana nessas duas cidades opostas Mota coloca-se como porta voz da cidade multifacetada, onde a realidade é desnudada por uma perspicácia da consciência de uma linguagem que descreve a cidade, cuja racionalidade - em tese traria o milagre econômico ao Brasil e o progresso - transformou a cidade numa explosão de fragmentos urbanos, cuja “fisiognomia” pode ser apreendida para dar sentido à Brasília de todos os dias.

O autor documenta sutilmente a falácia do que seria a metrópole, no plano original, que se colocava como promessa de melhorar a vida dos que acreditaram no sonho da construção. Mas a cidade de todos os dias ao romper as fronteiras e povoar o quadrilátero tornou-se mais um centro urbano que traz consigo todos os problemas interpostos pela vida urbana nas grandes cidades brasileiras.

Se Como afirma Cannevacchi em “A cidade polifônica”, “a cidade é também, a presença mutável de uma série de eventos dos quais participamos como atores e

espectadores” (1993: 22), então ela se constitui também pelo conjunto de ações que dela emergem assim o relacionamento entre cidade real e cidade ficcional é restabelecido pelas imagens suscitadas no e pelo texto literário.

A cidade no conto emerge como um prolongamento do indivíduo, embora ela pareça ser a sua possibilidade de permanecer vivo na pedra construída ela é também um entrave para a realização de vontades, nessa perspectiva é que:

Não sei se caberia perguntar por que pessoas como ele sempre abrem mão de suas vontades diante de qualquer coisa, por um nada abandonam seu objetivo. Há nelas um oneroso paradoxo entre o que fazem e o que esperam de suas ações que torna seu caminhar muito mais acidentado. Como poderíamos explicar Inécio querer tanto alcançar o Plano e parar para tomar uma com o Colméia? Mas há tantos outros mistérios que também não foram solucionados. E os que ainda esperam formulação? (MOTA: 04)

Embora a cidade quase sempre esteja relacionada à idéia de civilização, percebe-se que nela há uma diversidade de elementos que ora impõem tensões, ora se mesclam, ora transformam a realidade e ora faz sucumbir os desejos e vontades por um cotidiano difícil de ser modificado.

Vê se que no conto a cidade combina paradoxalmente elementos utópicos, dados pela vontade de Inécio conhecer o Plano e elementos reais, as diversas situações que impedem a personagem de chegar ao seu objetivo: conhecer o Plano-Piloto. À medida que o autor vai descrevendo a saga de Inécio, ele transforma a cidade em um laboratório de análise de como a efetivação da modernidade e em especial da modernidade brasileira se situa na periferia do capitalismo, na verdade ao se observar a realidade narrada no conto percebe-se que a cidade que se quis moderna se constitui mais como um projeto de modernização. Há um clima no conto, que parece gerar uma espécie de organização onde o caos urbano se mescla a um ideário constituído. Há nessa urbe uma realidade moderna para ser imaginada e vivida, vejamos:

-E tem, olha só, gente que reclama de morar na Satélite – argumenta um outro pé inchado que disputa o balcão – não é não? Olha só, no Rio de Janeiro tem favela e o povo mora na favela não, né não? Então: melhor morar na lua ou no morro? Melhor morar na favela ou na Satélite? Há! Há! Há! (MOTA: 04)

Assim como os “pés inchados” não vêem Ceilândia como uma favela, os pensamentos da personagem principal Inécio, vagam por uma cidade imaginada.

Mas atônito ligaria atenção, nem Inécio. Sua imaginação viajava pelo Eixo Monumental. Já o havia visto uma centena de vezes, em fotos, pela TV, até em livros escolares já o encontrara. É magnífico! Como uma coisa que passa na TV e é tão e o herói ainda não havia conhecido? Nesse instante constrangeu-lhe a incômoda recordação dessa falha que insistia em manter. Tudo lá deveria ser melhor. (MOTA: 04).

Sob a modernidade reflexiva, os signos da cidade desfazem e se refazem nos planos e na imaginação de Inécio. O desejo de chegar ao Plano impõe à cidade e à personagem uma tentativa de regeneração e ordenamento do imaginário urbano, mas as condições sociais insistem em tornar o desejo do “herói” uma tentativa descentrada ou policentrada, impedida de prosperar. A perda das conexões e as referências da cidade não estão completamente constituídas, já que para além da fôrma, transitando entre o real e o imaginário Inécio rompe a clausura urbana. Segundo Benjamin

O herói é o verdadeiro objeto da modernidade, para viver a modernidade é preciso uma constituição heróica. Balzac era também da mesma opinião. Com ela, Balzac e Baudelaire se contrapõem ao romantismo. Transfiguram a paixão e o poder decisório; já o romantismo glorifica a renúncia e a entrega. Contudo o novo modo de ver é incomparavelmente mais reticulado, incomparavelmente mais rico em restrições, no poeta lírico que no romancista. Duas metáforas o mostram. Ambas apresentam ao leitor o herói em sua aparência moderna. Em Balzac, o gladiador se

torna caixeiro-viajante. O grande Gaudissart se prepara para trabalhar Touraine. Balzac descreve seus preparativos e se interrompe para exclamar: “Que atleta! Que arena! E que armas! Ele, o mundo e a sua lábia! Baudelaire, ao contrário, reconhece no proletariado o lutador escravizado. (BENJAMIN: 1989: 74).

Essa reflexão encontrada por Benjamin nos escritos de Baudelaire pode ser transferida para o conto de Mota quando olhamos Inécio. A personagem poderia também ser considerada um objeto da modernidade, na medida em que impõe para si uma ação heróica: atravessar o fosso que separa a cidade-satélite do Plano-Piloto. Nessa tentativa heróica a relação entre cidade e homem se expande e a cidade com seus processos de segregação domina o homem, suplantando a relação sujeito/cidade na qual o indivíduo faz da construção da cidade algo circular, na medida em que não consegue atravessar as vias urbanas para ir de encontro ao Plano-Piloto. Os fatos presentes no conto, apesar de seguirem uma lógica, em que o olhar registra o cotidiano dos que povoam a cidade, permitem as surpresas ocorrerem, e dessas surpresas surge a cidade incontestável como é o caso de Brasília na sua plenitude para Inécio.

Enquanto caminha afoito para o ponto, Inécio tenta conformar-se com o fato de que não conhecerá o cinema dessa vez. Desde moleque, sempre quis assisti-lo. Quantas surras não suportou, ainda criança, por perturbar a sua mãe até o último limite para ela leva-lo. Só via aos filmes da Globo, depois de todo mundo. Mas imagina, e imagina que há pessoas que o vêem. Tenta a custo conformar-se com o fato de que já não será ele. (MOTA: 05).

O “herói” que já havia perdido a possibilidade de lanchar, pois tivera que resgatar uma dívida, agora está impedido de conhecer mais uma atração urbana do Plano-Piloto: o cinema.

A busca pela totalidade da cidade configura-se inicialmente no conto pela busca de um mundo imaginado. No texto o ambiente é o espaço, e este espaço pelo qual a personagem inscreve sua trajetória se coloca como meio de sua inserção e possibilidade de

existência na cidade marcada pelas desigualdades sociais. Na trajetória de Inécio as cenas urbanas não adquirem importância por elas mesmas, mas pela maior ou menor carga das coisas que encerram o sentido que é habitar a cidade. O conto traduz aspectos parciais de uma situação global. Exterioriza integralmente o ser - na - cidade e sua existência social. Daí a inevitável abstração de peculiaridades locais, de dados sociais e, por fim, dos elementos objetivos da realidade vivida pelos que habitam as cidades em processo de megalopolização.

Como que num universo paralelo, os planos de Inécio não se traduzem apenas na história de um indivíduo que quer conhecer os monumentos da cidade planejada, outra história se justapõe a esta história vista numa primeira leitura, qual seja: o processo de megalopolização da utopia modernista.

Na megalópole a segregação tanto espacial, quanto social é um fato. Como uma característica pertinente à cidade a diferenciação e a separação social acabam por revelar os princípios responsáveis pela estruturação da vida pública na cidade. Em suma, o espaço urbano segregado define como se dá a relação entre os diversos grupos sociais. Teresa Caldeira (2000) define três formas diferentes de como a segregação social se expressa no espaço urbano de São Paulo:

1. A primeira delas definiam uma cidade concentrada em que os diferentes grupos sociais se comprimiam numa área urbana e estavam segregados por tipo de moradias;
2. a segunda forma urbana, a centro-periferia, dominou o desenvolvimento da cidade dos anos 40 até os anos 80. nela diferentes grupos sociais estão separados por grandes distâncias: as classes média e alta concentram-se nos bairros centrais com boa infra-estrutura, e os pobres vivem nas precárias e distantes periferias.
3. a terceira forma, que vem se configurando desde os anos 80 e mudando consideravelmente a cidade e sua região metropolitana, sobrepõe-se ao padrão centro e periferia. Esta terceira forma promove transformações que geram espaços nos quais os diferentes grupos sociais estão muitas vezes próximos, mas separados por muros e tecnologias de segurança, e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns. Segundo Caldeira esse novo padrão de segregação tem como principal instrumento o que ela denomina

como “enclaves fortificados”. Os “enclaves fortificados” são espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho. A sua principal justificação é o medo do crime violento. Esses novos espaços atraem aqueles que estão abandonando a esfera pública tradicional das ruas para os pobres, os “marginalizados” e os sem teto. (CALDEIRA, 2000).

Para Caldeira é preciso “atualizar as referências através das quais a vida cotidiana e as relações sociais são entendidas.” (CALDEIRA, 2000: 211). Ela afirma ainda que “a não ser que a oposição centro - periferia seja revista e a maneira pela qual se concebe a incorporação da desigualdade social no espaço urbano seja modificada, não será possível entender os presentes desafios da cidade” (IDEM). Caldeira diz que com a construção dos “enclaves fortificados”, a transformação do espaço público afeta significativamente a vida pública. “Em cidades fragmentadas por “enclaves fortificados”, é difícil manter os princípios de acessibilidade e livre circulação, que estão entre os valores mais importantes das cidades modernas” (IBDEM). Essas transformações do espaço público sob a égide dos “enclaves fortificados” não estão restritas a São – Paulo. Para a autora processos semelhantes se repetem em outras cidades brasileiras e do globo terrestre como “uma versão particular de um padrão mais difundido de segregação espacial e transformação da esfera pública” (CALDEIRA, 2000: 212).

Essas características da segregação sócio-espacial, embora se refiram a São - Paulo, descritos pela autora podem ser aplicados à realidade de Brasília. Mas vale ressaltar que o alerta da autora sobre a necessidade de mudar os estudos e ir além nas análises da oposição centro – periferia ser extremamente importante, essa proposta não pode ser simplesmente transposta para a realidade candanga. Aqui a oposição centro e periferia, sem abandonar a terceira forma de análise, ainda deve ser considerada, pois que as diferenças entre cidade satélite e Plano – Piloto não podem ser descartadas quando se analisa a realidade urbana da cidade. Em Brasília o que se vê é uma realidade multifacetada na qual a segregação se interpõe de forma bastante perversa, ela faz conviver simultaneamente as duas formas de segregação identificadas por Caldeira daí a necessidade de estar alerta e não descartar nenhuma e nem outra forma de análise no estudo do espaço urbano.

...- Vai onde?

- AH... No Plano.

Um pesado instante de silêncio constrange todas as fibras do herói, crivado pelo mais mesquinho dos olhares.

- Que cê quer lá?

- ...

- Sabe quanto tempo não vou ao Plano? Sabe não? He! Ta já uns quinze anos, he, he! Qué o que lá? Ali, ó, né pra nós não, rapaz. Tem os coitado que vai trabalhar lá todo dia, sai daqui de manhã e à noite tão aí. Mas nunca vão ao domingo, he, he. Cê ta inventando moda, né não? Plano no domingo, há! Há! (MOTA: 06)

Mais uma vez a oposição entre centro e periferia volta à tona. Na cidade não é possível a livre circulação de uma cidade para outra, um valor já reificado pelo próprio morador. Para o Plano só é possível ir a trabalho, para passeio seria muita pretensão de Inécio, já que até mesmo condução nos domingos era algo quase impensável, como alerta seu Estefane.

...- Sabe que pru Plano tem não, né, nesse horário? Fica mais esperto, ô moleque, há! Há!

E , malgrado todo o desprezo que Inécio nutre por Estefane, o bicudo tinha realmente razão. Já estava ali a pelo menos uma hora e nada. Com os olhos na via, em pé por não haver assento, irrequietava todo o corpo numa tremedeira à beira da convulsão. Mas o ônibus, nada. Fixava a via com intensa ansiedade, ele vinha não. De tanto balançar as pernas, elas já doíam horrores. E o maxilar, também incomodado de tanto cerrar os dentes. O instantâneo de uma criatura em angustiada aeróbica, com os olhos na via, vem não!

Mas eis que no fim do túnel o farol quase se ascendendo de uma lotação, que confessa o itinerário: Rodoviária do Plano – Piloto. Seria essa a nave do nosso herói?! Com a mão direita, outros já dão sinal de filiação ao precário transporte, que de longe já figura lotado até a tampa, mas que não se furta de engolir mais sardinhas... digo, passageiros.

- Embora aí, Ceilândia Centro, Taguacenter, Rodoviária, via Estrutural, vamo aí – grita irritadiço cobrador, saltando do amontoado de pessoas penduradas na Van e começando a caminhar pela parada a pescar mais passageiros – Vamo aí, Ceilândia Centro, Taguacenter, Rodoviária, Estrutural. Vai aonde, moça? – Inquirindo uma que aguardava o transporte, mas que não era o alternativo. _ E tu, jovem? – outro que também não vai?

- Mas ta cheia de mais – reclama uma senhora que se esforça para entrar.

- Aqui, minha senhora. Dá uma apertadinha aí, gente ó, aperta aí que dá para caber todo mundo. Vamo ì, Ceilândia, Taguacenter, Estrutural, Rodoviária. Vai não, moço – questionando o herói- vai passar outra aí não.

E foi exatamente o que lhe ocorreu. Por mais dramático que seja, não havia outra saída, teria que enfrentar o transporte alternativo. É, meu automobilizado leitor, nem só itaca inspira desventuradas odisséias. E perceba que Inécio nem é tão astuto quanto Ulisses. Mas eles têm de alcançar uma terra sobre todo infortúnio. É claro enfrentar Poseidon se afigura muito mais desconfortável que viajar numa Van? Mas somente para quem nunca as freqüentou. (MOTA: 06)

A periferia de Brasília opõe se ao princípio dos antigos bulevares parisienses, o anonimato e o individualismo já não são mais possíveis, a exemplo está o caso de Inécio que é confrontado por seu Estefane, quando expressa seu desejo de ir ao Plano. A periferia não permite mais a livre circulação, veja a inexistência de transporte público para o Centro. A imagem do espaço livre à circulação está impedida pelas condições do transporte alternativo.

Hoje, em torno de 80% dos postos de trabalho de Brasília estão concentrados no Plano - Piloto e em Taguatinga. No DF encontra-se 618.442 postos formais. Diariamente cerca de 110 mil pessoas se deslocam rumo ao Plano-Piloto. Um morador da periferia viaja de 12 a 76 quilômetros para trabalhar. Como consequência, há superlotação na frota de ônibus, que atende mal os mais de 800 mil usuários. Vale ressaltar ser a tarifa uma das mais caras no Brasil.

Enfim, o espaço público aberto e igualitário encontra se em xeque pelas condições expressas na forma como o percurso até o Plano pode ser feito, principalmente durante o domingo. Portanto, diante desse panorama exposto no fragmento extraído do texto, em confronto com as informações acima se percebe que a relação entre esse espaço público

aberto e igualitário e o ideal moderno de universalidade não é mais possível de acontecer. Ao contrário, o que se vê é uma acentuação dos padrões de diferenciação, ou seja, a separação e a segregação de grupos sociais se colocam em um muro abstrato quase que intransponível entre centro e periferia.

...hoje ele irá ao Plano, nem que seja só para vê-lo (...) não pensava em outra coisa se não isso e que por fim irá ao Plano. Irá ao Plano. E, com efeito, a lotação já superava a via Estrutural, na altura do Cruzeiro, dando mostras sinceras de que nos conduziria até o ansiado Planalto Central, quando uma viatura da polícia rodoviária nos aborda. O resto é de resto bem conhecido: multa por excesso de velocidade e passageiros. Faziam aquilo para a segurança deles próprios, uma vez que esses transportes alternativos, andando sempre a mil, podiam envolver-se em acidentes a qualquer momento, onde os prejudicados seriam só nós mesmos. Que não levassem a mal, pois esse é o trabalho deles, e uma boa noite para todos.

Em meio a reclamações gerais dos desembarcados, Inécio jaz em profundo silêncio. Em que mais poderia concentrar sua atenção se não no infortúnio de não mais ver o Plano. É já um tanto habituado, mesmo o mais potente motivo sucumbe aos seus limites. E agora o herói superou todos. E mesmo estando somente a 8 KMs do seu escopo, já não resta a menor bateria para alcançá-lo. Esperar um outro transporte, abandonado no final da Estrutural, somente para ver o Plano já não lhe parece tão atraente. E ainda teria a volta, que de toda maneira deveria tentar, no máximo daqui a três horas – sob pena de ter que pernoitar nas bem ventiladas avenidas de nossa capital por falta de transporte.

Pareceu-lhe melhor recolher-se ao seu habitat, reorganizar forças para tentar nova incursão. Está de certa forma, resignado por haver chegado tão perto. Pelo menos a atmosfera do lugar o havia envolvido como fazem a dos sonhos quando os navegamos. Tão perto... Mas tentaria novamente. (...) Ah! Deus, tentaria. (MOTA: 10)

Esse trecho da narrativa aponta para mais um indício que reforça a hipótese de que, o sujeito inserido no contexto da periferia, pretendeu não somente expor aos olhos do leitor os entraves de um morador para se deslocar até o centro, nem tão pouco pretendeu realizar

uma reflexão impessoal acerca deles, mas acima de tudo, procurou refletir o homem dentro do universo de conflitos e desestabilidades gerados pelas contradições entre a racionalidade moderna de uma cidade planejada e as diferenças sociais mantidas pelo espaço segregado até o presente momento.

Nesse sentido, as reflexões do modo como proposto por Mota, levam a crer que a ficção literária foi para esse autor, não só um lugar de conhecimento do mundo, mas também de auto-conhecimento e de reconhecimento dos que habitam a cidade.

É importante ressaltar, entretanto, que o discurso que permeia a narrativa não parece nutrir nenhuma simpatia pela causa de Inécio. No texto, os planos frustrados de Inécio de chegar ao Plano - Piloto se colocam como condutores do pensamento e das ações na modernidade empreendidas pelo indivíduo, pois pelos valores da tradição, a necessidade de conhecer a cidade imaginada, são elevados à categoria de valores nobres e necessários ao homem que mora em Brasília, tanto é que o “herói” apenas adia seu sonho.

Em “A fantástica fuga de Ceilândia” parece ser interesse de a narrativa demonstrar e se fazer refletir sobre as forças que agem sobre a humanidade fazendo-a mover-se sem consciência plena de suas ações. Essa significativa representação do que seja a cidade nos remete para a própria concepção das relações sociais no espaço urbano. A concepção do que seja segregação no conto vai se definindo pelos diversos entraves que se colocam para a chegada de Inécio ao seu objetivo. Essa impossibilidade nos ajuda a compreender o imaginário ao qual se circunscreve a vida na periferia, ou seja, a ordem imposta pelo Estado aos moradores está calcada na idéia de contenção.

Se admitirmos que na linguagem estejam guardadas certas particularidades da dinâmica social da qual ela se origina, temos que admitir que o conto nos remete à realidade que ele descreve. Realidade esta que está impregnada de um sentido capaz de nomear os significantes e dotá-los de sentido. Nessa perspectiva o segundo conto de Mota “Um homem na estrada” se refere novamente à cidade e seu cotidiano. No conto encontra-se uma verdadeira tematização da cidade, ele se transforma numa espécie de instrumento de interpretação e descoberta da cidade, cujo eixo gira em torno de relações que apóiam uma urbanidade em que a dinâmica social se expressa em um pequeno “barraco” por meio de uma polifonia de vozes da cidade. O conto traduz um desejo de inserção do sujeito na metrópole. Na esteira das preocupações observa-se uma identificação na qual os desvios sociais são a regra.

Cresceram juntos, de forma a não se lembrarem como se conheceram. Filhos de catadores da Estrutural corriam barrigudos e catarrentos sobre os montes de lixo donde os pais tiravam o sustento, os pés descalços, atirando um contra o outro bolinhas de papel higiênico usado molhado da chuva. Aliás, de toda a quadilha, somente Edgar não crescera naquela comunidade. Vinha de São Paulo, onde contava ter participado de vários fitas cabulosas, de muita treta de fuzil chover pra cima e os pacotes caírem mortos abaixo. Em fim, Sampa é foda, mulequim. Edgar não tinha ainda vinte e cinco anos, mas era de atitude. Logo organizou a molecada da área, tinham metido uns supermercados, uns coletivos, agora compraram armamento doido, forte (até uma macaquinha piou em suas mãos), já podiam pensar numa fita mais profissa. Era a intenção de Edgar, voltar ao ramo dos seqüestros.

-Em Brasília tá mais de boa, tá ligado? Em Sampa os home tão arrochando demais. Tive que vir prá cá, tá ligados? — Edgar. (MOTA: 01)

Na cidade Estrutural está a população assentada. Como o avesso do cartão postal o povo vive espremido em barracos construídos pelos mais diversos materiais, indo do papelão ao cimento, os moradores vão sobrevivendo às dificuldades do dia-a-dia. E é esse avesso que interessa o nosso cronista, ou seja, ele tematiza uma cidade caleidoscópica na qual se ergue a vida urbana. A cidade surge como o reflexo do homem, ela adquire corpo e alma. Ao percorrê-la com o olhar - próprio ao narrador moderno - Mota faz emergir, sob o encanto da utopia a trágica reificação da modernidade que se coloca com a face dupla da cultura e da barbárie.

Aceita novamente a bola de forma automática, absorto que estava em seu futuro de prováveis crimes vitoriosos, de drogas, de mulheres, de dinheiro. Bolava o baseado e a brasa acendia-se, ficando mais quente e brilhante, a fumaça se desprendendo do ponto quente, pesada, enrolando-se em si mesma, encerrando o cenário em espessa bruma, o Rio. Poderia ir para outro lugar — o Brasil é muito bem servido de litoral — poderia mesmo cair fora do território, cruzar o limiar de nossas fronteiras, se

perder de vez no mundo. Se a questão fosse apenas se movimentar em direção ao litoral. Mas aí, não seria de rocha, para o lugar que planejara; mas, o que seria pior que a Estrutural? Preferia qualquer lugar a esse lixo, às suas recordações, qual o que, é, pode crer, não seria a mesma coisa se não fosse para o Rio. Não estaria cumprindo a promessa feita a si mesmo, há tempos, ainda sob o barraco de lona, ainda um menino buchudo, com seu padraço sobre si, bufando em seu pescoço enquanto metia-lhe a rola até explodir em porra no cu. Pois durante toda essa tortura, segurava a gravura, chorando. E chorava, até que a dor apaziguava (que seu cu já acostumara-se aos freqüentes assédios), mas permanecia chorando, não mais de dor, nem de indignação — pois se a tinha, essa já arrefecera de vez — mas de vontade, de estar longe, longe, longe... (MOTA: 04)

Construída como uma casa de espelhos, a cidade surge no conto sem que haja distinção entre o real e o ilusório. A supressão entre cidade vivida, a Estrutural, e a cidade sonhada, o Rio de Janeiro, torna-se objeto de percepção da realidade social. Funda-se no conto um cenário reflexivo que cruza o limiar do que é habitar a periferia dando um novo significado às relações de sociabilidade, no caso do conto, pelo crime e pela droga. Há uma nova ética de comportamento.

O ar grosso, a névoa cheirosa de maconha os envolvendo, os dois de pé frente a frente. Se tivessem o costume de reparar ao redor, perceberiam que mais do que fumaça havia entre eles. Um tremor nervoso abalava os lábios de Modesto, que cerra as mãos, segurando-se, suando e bambeando como um pugilista no nono assalto. Virou as costas, venceu o barraco até alcançar o mocó, no escuro, sentou-se no colchão velho, apalpou as correntes que nem podiam ser vistas, largou-as à lembrança da gravura. Retirou-a do bolso, desdobrou-a em frente ao rosto, naquela espessa escuridão, como se pudesse sentir-lhe cada contorno. Em verdade, não importava que não pudesse vê-los, já a tinha decorada. Encolheu-se, de cócoras, reprimindo uma explosão dentro de si, seguro a gravura, como quando era solto pelo padraço, a bunda toda melada de porra, o pescoço irritado das mordidas, a vontade enorme de matar, ou de estar longe, longe... Pressionou ainda uma vez a gravura, o mar, o Rio...

Então, algo confortável processou-se em seu espírito. Não diria que um alívio, mas imaginou-se no Rio, gerente, até mesmo chefe de boca, tinha atitude, daria nada. A malandragem lá é de rocha, e ele de atitude, sabia se chegar. E cinco mil dá pra começar em qualquer lugar. Essa idéia aconchegou-o, confortou-o, animou-o. (MOTA: 05).

Benjamin afirma que a modernidade ao assinalar uma época, ao designar a força que age nessa época, ela se aproxima da antiguidade, sendo essa aproximação a responsável pelo seu constante movimento dialético. Como a cidade é o lugar por excelência da modernidade, então ela é tomada constantemente pela movimentação e paralisia. Assim é que a cidade Estrutural torna-se transparente em seu significado. Cercada por símbolos de fragilidade, os viventes desse espaço se encontram por querer uma cidade moderna e cosmopolita. Mas a debilidade da fantasmagoria da cidade se opõe a cidade maravilhosa que é o Rio, a cidade que salvaria a personagem da sua condição miserável. Na Estrutural só é possível viver a desolação do que fora a vida até ali e a desesperança do que virá a ser na cidade em processo de megalopolização. O sonho de Dema a partir de uma gravura do Rio mostra claramente a Estrutural desestruturada, essa cidade construída por meio de um processo de invasão é a própria alegoria do processo de modernização inacabado que se configura na Capital Federal. Um processo incapaz de garantir ao cidadão condições mínimas de sobrevivência no espaço urbano.

Os contos de Mota questionam valores nucleares da modernidade urbana, quais sejam: sujeito, razão e verdade. Embora na moderna cidade ocidental não haja mais crença cega. Na cidade, a razão instrumental é o que prevalece. A sociedade moderna está para a racionalidade técnica, uma racionalidade própria ao sistema capitalista. Na cidade moderna ocidental o indivíduo é prisioneiro da modernidade. A cidade é o lugar da ação racional com relação a fins, nos termos de Weber.

Para Weber a racionalidade ao se colocar como a expressão do mundo moderno alienaria o indivíduo. No mundo moderno a racionalidade se impõe por meio da ação racional com relação a fins e no sistema de instituições a ação humana com respeito a fins é a forma de agir do indivíduo inserido nas instituições modernas. Dentro dessa configuração os papéis se invertem na organização social. Ao indivíduo não é dada a

possibilidade de ação sobre as instituições, ao contrário agora é a instituição que age sobre ele. Assim a alienação se coloca a partir dessa sobredeterminação da instituição.

Um repentino tumulto desperta a sua atenção, são eles, pensa. Agora não poderia ser mais Bóreo, mas discernia vozes estranhas, confusão, um estampido que julgou ser um tiro. Salta do colchão, atravessa o cômodo, a sala cheia de homens barbeados e bem vestido, armados, que avançam sobre ele, sua mãos para trás algemadas. Dema do lado, caído, sangrando. Modesto ainda segura a gravura, fecha os olhos, é capaz de enxergá-la sob as pálpebras, o Rio, o Rio... Os pulsos, os pulsos sangrando no aperto das algemas. (MOTA: 05).

O indivíduo nessa condição é impossibilitado de agir livremente, ele é quase obrigado a agir sempre de forma racional final, dessa forma cabe aqui a invasão do barraco pela polícia e a morte de Dema pela instituição policial. Portanto, nos contos de Mota, Brasília se constrói como um espaço labiríntico. Nela registra-se a dicotomia entre utopia e realidade. O indivíduo se liga de forma insolúvel à estrutura da cidade, ele é o próprio reflexo do espaço ao qual está circunscrito, seja ele a rua ou um barraco. O corpo agora se liga de forma indissolúvel da pedra. Os textos ao transitarem por um vasto fluxo imagético tornam o espaço da cidade o lugar onde se é possível recolher imagens e desvelar o fetiche da fantasmagoria criada pelo projeto fundador.

Portanto, o aspecto paradigmático da cidade está assente nas idéias de utopia, mito e realidade. É nestas idéias que se constituem a matéria da linguagem literária que recolhe a cidade nos acontecimentos cotidianos das ruas da urbe. E desse lixo surgem os anti-heróis criados na periferia. Brasília é nos contos um espaço de apreensão e ao mesmo tempo de revelação de como na sociedade moderna as relações sociais se realizam.

Confronto

(Carlos Drummond de Andrade)

A suntuosa Brasília, a esquelada Ceilândia
contemplam-se. Qual delas falará
primeiro? Que tem a dizer ou a esconder
uma em face da outra? Que mágoas, que ressentimentos
prestes a saltar da goela coletiva
e não se exprimem? Por que Ceilândia fere
majestoso orgulho da flórea Capital?
Por que Brasília resplandece
ante a pobreza exposta dos casebres
de Ceilândia,
filhos da majestade de Brasília?
E pensam-se, remiram-se em silêncio
as gêmeas criações do gênio brasileiro.
(Site: <http://artes.com/sys/sections>)

Nesse trecho do poema “Favelário” Carlos Drummond de Andrade apresenta um universo dessacralizado no qual se institui a descrição de Ceilândia e de Brasília, – o poeta trata como Brasília apenas a região do Plano - Piloto – em que há um claro jogo de oposições. Uma só é possível devido aos contrastes que a outra coloca essas duas cidades que receberam os monumentos criados por Niemeyer, não estão no mesmo patamar de processo de urbanização e são essas diferenças que se tornam matéria de poesia. Na poesia uma história sobre a vida na cidade se projeta, vício e virtudes estão tematizados. A vida urbana faz parte de uma dinâmica na qual se refletem os paradoxos nos quais “Ceilândia fere majestoso orgulho da flórea Capital?/ Por que Brasília resplandece/ Por que Brasília resplandece/ ante a pobreza exposta dos casebres/ de Ceilândia/ filhos da majestade de Brasília?

Em termos de experiência social, as oposições colocadas no poema pertencem a práticas urbanas que ressaltam a condição do processo de megalopolização, em que pobreza e riqueza urbana convivem lado a lado nos fragmentos urbanos que compõem a cena candanga.

Isso aqui virou uma cidade. O Plano-Piloto já não comporta mais a classe média, que se vê obrigada a optar pelos condomínios irregulares e por essas cidades planejadas que vão surgindo. A capital do Brasil inchou e vai cuspiendo sua gente. O cinturão verde da pátria não há mais. Está acorrentado pela miséria que a circunda. Gente que chega todo dia, se espalha pelas invasões, que viram assentamentos, que viram cidades, que viram o quê? –territórios sem água, sem esgoto, sem asfalto e sem lei. Conglomerado de frustrações acumuladas. (CAGIANO, 2006: 85)

Ao estabelecer relações entre o contexto literário e o contexto social-histórico, Cagiano, no conto “Todas as Estações”, apresenta uma cidade na qual o processo de urbanização desintegrado permite à reflexão da desintegração da metrópole. Uma metrópole que não mais responde aos anseios dos que nela habitam, uma metrópole que foi subjugada pelo mito da modernidade - a racionalidade – levando à implosão da urbe.

As transformações suscitadas no conto mostram que a expansão demográfica vem acompanhada de problemas sociais, especialmente os referentes à falta de moradia. Cagiano apresenta uma Brasília que em nome do progresso e da modernidade se submete à criação de um imaginário em que a cidade foi sendo ampliada. Na linguagem do conto, o autor expõe a vida em sociedade e seu lado miserável. Na leitura do conto pode se abstrair uma análise crítica de como a cidade impõe ao morador um cotidiano “da utopia não realizável, do que foi pensado e sonhado e do que fizeram do sonho” (CAGIANO, 2006: 84).

Com impressionável riqueza de detalhes da condição dos que vivem na periferia, o autor utiliza as estações de metrô como pretexto para introduzir diferentes situações pelas quais passam os que habitam a cidade. Durante o percurso da primeira estação situada na rodoviária até o terminal da Samambaia diferentes fragmentos compõem a imagem de uma cidade muitas vezes distante dos olhos dos que andam nas avenidas feitas para os carros.

6h e pouco da tarde todos saindo do trabalho, funcionários públicos, comerciários, estudantes, gente de terno e gravata, peões, a heterogênea Capital da Esperança está ali, suor, cansaço, olhos pesados. (CAGIANO, 2006: 77)

Cagiano não está preocupado em fazer emergir respostas em sua narrativa, ao contrário apresenta ao leitor maiores inquietações em que a tensão permanente fica suspensa e desestrutura o conceito de cidade perfeita. A imersão do indivíduo no espaço urbano aponta para uma perspectiva em que a permanência das dúvidas em relação ao espaço fragmentado torna possível visualizar a megalópole se fazendo, isso torna a cidade e o próprio texto uma força dramática de desesperança e submissão do sujeito, fazendo com que haja uma perda social. No texto é possível encontrar uma reflexão sócio-literária na qual a *civitas* e a vida urbana são experiências das personagens que dão o tom da construção da megalópole, pois:

Tudo era possível nessa cidade que nascia contra a solidão erma do Centro-Oeste inclusive os excluídos acreditarem numa utopia. (CAGIANO, 2006: 86)

O narrador tenta satisfazer a sua vontade de verdade da cidade das palavras pela via da experiência dos fatos cotidianos colhidos no percurso entre a Rodoviária e Samambaia. Um narrador não identificado no conto descreve a atitude de várias pessoas, como uma espécie de diário, a cada estação ele olha para uma cidade que já se perdeu, já sucumbiu à força do processo de megalopolização. Com seus problemas e alumbramentos Brasília é uma cidade que não possui mais suas origens e por não possuí-las, ela usurpa a origem do cidadão. Brasília não é melhor nem pior do que já foi, é um lugar moldado e vivido por seus habitantes e pelos processos de transformação das metrópoles em megalópoles. Enfim, no conto, ela é mais uma cidade marcada pela impossibilidade de realização da modernidade ascética e racional. Por isso a angústia não é apenas aparente.

Brasília , quem te envenenou? Quantas feridas, rugas e mistérios. Museu de tudo saio pela cidade e vejo-a balzaquiana e triste: rugas, sinistrose, solidão em campo aberto, fome e desalento, negociatas e mistérios na praça do Três Poderes. Nas entrequadradas uma geografia de celulites (ambulantes, pedintes, transeuntes sem rumo, famélicos aviltando a moral burguesa), feridas a céu aberto, devãos do tédio e outros latifúndios sendo invadidos sobre o asfalto infértil. Nos intestinos da cidade (pessoas esqueléticas sob um céu faustoso e azul) decidem a sorte do país. Mais rápidos que o Zéfiro, meus sonhos capitulam-se ante o inominável : já não penso no amanhã. Desistir é uma questão de tempo. (CAGIANO, 2006: 93)

A cidade não se atém aos fatos lineares, insurge na narrativa pela via do entrelaçamento da vida cotidiana e da visão dos fatos presentes. O discurso relata modos de ver e sentir a cidade em que há uma leitura na qual o narrador para engendrar a cidade ficcional recolhe fatos da cidade real.

O conto construído a partir do fragmento faz emergir uma caracterização complexa das relações humanas no espaço urbano. Uma realidade multifacetada para formar uma imagem da cidade composta por seus monumentos e por uma gente que repetirá na trajetória do trem a mesma rotina.

Apressadas e taciturnas as pessoas voltam à estação do metrô, até serem despejadas novamente no grande terminal rodoviário do Plano-Piloto e reproduzirem sua rotina e voltarem novamente à noite e se amontoarem em suas casas, apartamentos, vestíbulos, prostíbulos, muquifos, pensões, cafofos, vagas alugadas, edículas, barracos, invasões, sem nunca acordarem do pesadelo que também se repete a cada dia, como areia na ampulheta. (CAGIANO, 2006: 94)

O mundo da cidade leva as personagens a uma situação de angústia, uma angústia vivida e historicizada pela condição de uma rotina que se reproduz diariamente nas estações do metrô. É nelas onde se encontram os fatos que provocam os temores atávicos que assolam o cidadão.

Porque saí da Paraíba? Será que Deus me colocou no ventre na baleia para me vomitar em outra Nínive, feito Jonas? (Teria pensado dona Zulmira, antes de pegar o trem, na manhã seguinte). (CAGIANO, 2006: 94)

Essa cidade, resultado de um projeto não é mais um espaço fechado, aos cidadãos das invasões externas. A idéia de fortaleza carregada pela cidade medieval se dissolveu. Agora o desafio é conviver com os inimigos dentro do próprio espaço da urbe.

O narrador se agarra ao universo exposto em cada estação para apresentar os traços grotescos da realidade. Realidade essa deformada por um regime em que a esperança agoniza na vastidão e na complexidade visível na vida cidadina apresentada pelos passageiros do metrô.

As idiossincrasias de Brasília se tensionam nas vozes de cada personagem. Ao denunciar essa cidade e a condição dos passageiros, Cagiano expõe interdições da realidade de uma cidade marcada pela ambigüidade. Ao ver de perto cada um dos passageiros, o narrador acaba por enxergar a evidência imediata dos fatos que o possibilitam contar trajetórias dos que se colocam à margem da sociedade. Assim a narrativa serve como mais uma forma para o registro da degradação da urbe.

Cagiano apresenta a cidade pela ótica dos despossuídos e dos viventes da periferia. As personagens que circulam pela narrativa em cada estação do metrô distribuídas em diferentes pontos da cidade são figuras intrínsecas ao texto e ao próprio espaço urbano, com características que definem e delineiam a fantasmagoria da cidade moderna.

Lá fora, a lua beija a linha do horizonte. Abaixo, uma cidade e seus silêncios, entre parias e afortunados. Nos bares. Na Esplanada dos Ministérios. Nas Superquadras das asas Norte e Sul. Nas satélites. Daqui a pouco, o trem volta ao Plano-Piloto e repete sua trajetória povoada de sons, gestos, atitudes, outros silêncios, outros olhares, o artificial e o natural de que se compõe este lugar. Vai no rumo de quê? De que possibilidade? E de quais espantos? (CAGIANO, 2006: 91)

A cidade se revela na forma da expressão ambivalente. Na vida dos indivíduos o tempo é constantemente retomado e refeito a partir dos contrapontos expostos nas estações e seus respectivos pontos de parada. As imagens suscitadas, não por acaso, submetem a realidade ao imaginário. O entendimento da realidade exposta no texto literário possibilita resgatar a história de um percurso histórico no qual o registro da cidade permite visualizar seu afastamento do projeto original e qual caminho a expansão urbana tomou como pretexto para a cidade integrar à modernidade.

O presente atual da realidade cidadina indica que o encontro do homem moderno com uma situação urbana não ocorre mais sob o ponto de vista do indivíduo. A topografia atual da cidade perdeu a escala utópica.

Cagiano preenche de emoção a atmosfera prenhe de significados. Como que a espreita dos acontecimentos na cidade, o narrador faz dos seus signos um motivo de procura dos significados capazes de expressar um modelo econômico social injusto e impiedoso que consome os que não estão na área nobre da cidade. O narrador desprovido de regras morais busca os aspectos de uma cidade marcada pela geografia da exclusão social.

No Poema de Paulo Kauim a contradição entre as satélites e o Plano–Piloto é mais uma vez retomada.

O Eu lírico constrói um retrato da cidade a partir da complexidade na qual um corpo luxuoso se contrapõe a um cenário cada vez maior de miséria.

Sem amor

Sem rosto

Sem teias

De

Aranha

(...)

Hoje voando sobre teu retrato

Vejo toda tua periferia

Vejo toda tua mentira

Vejo teu cabelo no lixo (KAUIM, 1984: 20).

Brasília nos textos aparece subsumida a uma série de transformações. A cidade dos textos é uma cidade conturbada que, a partir de símbolos dispostos na linguagem literária, apresentam a imagem da cidade que se fragmenta. Brasília nestes textos se recusa a uma leitura contemplativa, pois os lugares descritos são desprovidos de qualquer sutileza. As personagens em alguns momentos tentam decifrar a cidade, em outros elas se confundem com a megalópole que se constrói.

Nos textos a megalópole já se coloca como uma realidade em ascensão que subjuga o indivíduo à condição de pauperização.

O COTIDIANO: A cidade entrelaçada

Mesmo o texto literário não tendo como condição fundamental retratar exclusivamente um tempo histórico ou um lugar, ele está sempre marcado pelas condições sócio – históricas e ideológicas nas quais o enunciado se coloca. Portanto os textos literários inserem-se na área do discurso. Assim é possível acreditar que os contos que compõem “Trilhas Urbanas” de autoria de Celina Cassal Joseti apontam para uma realidade discursiva entre a vida cotidiana e o espaço urbano.

Cidinha criava uma filha, fazendo pé, mão e escova num salão da 411 norte. Enquanto estava no salão, a filha da vizinha olhava a filha dela. Ela ama João que é frentista no posto BR lá do Lago Norte. Eles dançam forró, tomam cerveja e se amam no fim de semana. Até que João, como diz Cidinha “é o cara mais gente boa

que eu já conheci: quando bebe conta causo, ri me ama e vai dormir” (JOSETI, conto IV)

Se considerarmos que a palavra literária não possui um sentido fixo, mas um cruzamento de diversas vozes textuais, pode se dizer que o texto produz um diálogo entre os vários contos presentes no livro, a vida da narradora, de Cidinha, de João e de Otto se interliga no e com os espaços por onde eles se deslocam.

O contexto cultural sob o qual o texto se insere é fruto da absorção e transformação de uma multiplicidade de fragmentos citadinos. Dessa forma os significados recriam visões já sedimentadas e realizam experiências históricas construindo uma relação entre a cidade simbólica e a cidade real. As personagens se repetem e se deslocam, dado que a temática da vida na cidade ser o foco permanente dos contos. Pode se observar que o urbano está contemplado na materialidade de Brasília no texto literário.

Na verdade a música que estaria embalando aquela viagem começou com o gim, a lua acintosamente cheia e cocaína lá no SCS, passando pela 7Quens, era o prelúdio do Villa, mas o que Otto (ou) via quando estava prestes a se jogar da ponte do Bragueto – por isso ele não foi ao meu encontro – era Alabama Song, ele tentava acompanhar Morrison, vendo JK discursando no meio de uma plantação de maconha, defendendo uma solução econômico-desenvolvimentista. (JOSETI, conto V)

A vida na cidade ao mesmo tempo em que revela uma rotina, ela também se desloca de seu curso habitual. Por isso as amarguras da vida podem ser resolvidas por discursos que questionam a própria situação de existir na cidade.

O jogo estabelecido pelas palavras é que dá sentido à vida. Os múltiplos efeitos de sentido que emanam das construções frasais tornam as circunstâncias nas quais Otto se encontra uma espécie de anúncio de uma procura incessante por uma possibilidade de alívio.

Mas a maneira de sentir e viver a vida na cidade cria uma situação “enquanto João passava para pegar o corujão fora do ponto de ônibus – o motorista era seu chegado e sabia a pernada que o frentista dava lá do Lago Norte até o Bragueto” (JOSETI, conto V). E é nesse exato momento que ele avista o carro de Otto e reflete “Será que a altura era suficiente para o impacto necessário” (JOSETI, conto V). Mesmo com esse pensamento irônico João não abandona Otto à própria sorte de maneira peculiar, a que ele conhece, lhe oferece ajuda.

Rapaz tu é muito mané! Qué morrê? Eu tenho um ferro lá em casa, bora lá buscá, eu moro em Sobradinho II. Ou se tu quisé, eu te largo lá mesmo no agreste pra tu trocá uma idéia com os meus chegados, mas vamo no teu carro, ou tu vai pulá deixa de presente pra mim? Otto fica indignado com a ousadia do peão e replica quando sua boca começa a escumar. Quinze minutos depois da conversa, João conduz com muita repugnância o carros que mais parece um laboratório de odores. (...) Otto chora antes de chegar ao PS do HRAN. (JOSETI, conto V)

Ao vagarem pela cidade, a rotina das personagens se repete dia-a-dia, não se altera. Otto ao ousar pensar sobre essa condição se depara com uma vida desprovida de sentido.

A experiência com a obra de arte e com o literário, obriga-nos a alargar o próprio conceito de experiência. A experiência no texto se representa pelas ações de Otto. Esta experiência não pode ser entendida apenas como realização física, mas sim como evento de conhecimento e de reconhecimento que se presentifica nas vivencias de Otto dentro de um contexto na cidade. Nesta as experiências também sofrem alterações e é por isso que as redes sociais se estabelecem, permitindo ao indivíduo encontros e outras possibilidades para além da angústia.

Otto e eu enfim, nos encontramos no final de um show, ele me ofereceu carona e eu – pra esticar conversa – aleguei fome e pedi que parasse num trailler de cachorro quente. Lá estavam João e Cidinha. (...) Durante meia hora daquela madrugada, comemos, rimos das piadas que João contou e nos despedimos. Otto

lembrou-se de agradecer o favor que João lhe fizera, mas não me contou nada a respeito da noite no Bragueto. Chegamos debaixo do meu bloco e resolvi ser mais ofensiva recitando um poema e descendo seu Zíper. Ele se deu. (JOSETI, conto VI)

A unidade semântica instaurada evidencia uma aproximação entre a vida na cidade e a cultura urbana. As situações cotidianas neutralizam os efeitos negativos da megalópole. Muitas vezes, o cotidiano aparece a partir de situações de felicidade, angústia e alívio.

Para os desmandos de uma cidade em processo de megalopolização há uma retomada de fragmentos que aliviam o sofrimento da vida. O discurso presente no texto apresenta um misto de pureza e ousadia. Os sonhos e desejos não aparecem sufocados. Os sujeitos não se esquivam da cidade, ao contrário, os barracos, os salões de beleza com suas manicuras, as casas de forró, a ponte do Bragueto, sobradinho dois, ou mesmo um bloco de apartamentos da Asa Norte são locais importantes para a socialização se construir.

Os contos estão marcados por discursos que se entrelaçam para retratar a condição do indivíduo que vive na megalópole. De maneira implícita vê se instaurar um sujeito que constrói redes significativas. E é por meio dessas redes que a cidade, o lugar do conflito e do confronto ideológico, é questionada. Nos contos de “Trilhas Urbanas” há uma prioridade social enunciada. De forma dialógica os fragmentos tornam-se uma arena de vozes para serem ouvidas e apreendidas pelo leitor. A linguagem se estabelece de forma estratégica. Ora ela domina, ora ela se esquiva, ora surge como arena de resistência na articulação entre querer e poder desvendar a cidade.

Depois de pisar nessa cidade
Tão íngreme
Tornou-se para mim o ato-amor
Empreendo perigosa escalada ao
Buscá-lo
Cada passo
Desliza na pedra irregular
Cada silêncio
Me arremessa ao abismo

Assim prefiro
Trocar as coisas de lugar
Já que não posso trocar o lugar das coisas
Assim comprei um buquê de flores de lótus
Pra mim mesma
Como se celebrasse boda ou festa
Para a qual a vida não me convidou
Assim festejo (JOSETI, conto X)

Sem esperança, a narradora tem consciência da realidade angustiante dessa cidade que já não reproduz a segurança da metrópole. Ela se desloca pelo espaço urbano a procura de recompor uma cidade partida, pois sabe de sua função no mundo moderno. A narradora tem consciência das dificuldades da vida moderna, percebe ser essa monumentalização do social algo fugaz no território da megalópole que se constrói, pois nessa “perigosa escalada / Cada passo/ Desliza na pedra irregular/ Cada silêncio/ Me arremessa ao abismo”.

Mas Brasília, como já dito anteriormente, é composta de fragmentos diversos. A cidade conjuga sentimentos ambíguos. A análise da cidade deve ser construída sempre pela via da dialética, pois nela o complexo e o contraditório superam a visão calcada somente nas idéias de negatividade e positividade. A vida cotidiana vista como distância, alheamento, alteridade e opacidade não se repete nos contos de José Carlos Vieira, ao contrário de Cagiano, Joseti e Mota, Vieira apresenta uma outra cidade. Nos seus contos Brasília possui cenas engraçadas e nostálgicas de um cotidiano vivido em Taguatinga, Asa Norte... A cidade e o indivíduo dialogam. As relações estabelecidas entre “carne” e “pedra” adquirem uma dimensão humana, por vezes até cômica, e é nessa mediação entre o homem e a cidade onde se encontra a vida social construída pela via das relações amorosas na crônica “Isso dá um curta”.

Dil mora na Asa Norte de Brasília, e namora Cristina, residente no Guará. Toda sexta feira à tarde, ele desce da rodoviária do Plano – Piloto e embarca para a casa da sua menina. O ônibus vai sempre cheio. Mas Dil não está nem aí. Para rever sua princesa, vale tudo. (VIEIRA, 2006: 95)

De forma leve e indolor, o cronista apresenta uma cidade flutuante, para além dos monumentos estão as relações amorosas. A informalidade da crônica concentra-se em dizer a cidade rápida, uma cidade em que os namorados se encontram. Os fatos corriqueiros da vida são os pretextos para a Brasília simples surgir. Como o ônibus lotado em que o jovem Dil viaja ouvindo no seu Ipod, Legião Urbana, Plebe Rude... e ao mesmo tempo presenciando os gritos de um bêbado que dizia que a mulher o mataria, pois ele havia perdido o salário em jogatinas e bebedeiras. E como na cidade há sempre os que condenam e os que são solidário é que se ouviu “uma alma salvadora”.

Quem de vocês nunca pecou? Quem jamais escorregou na vida?

(...) Que atirem a primeira pedra !... (...) O rapaz aproveitou o momento e tirou uma nota de R\$ 10, e um saco de supermercado. Vamos ajudar essa pobre criatura de Deus, esse micróbio da criação, coitado pecador. Faremos uma vaquinha, sugeri, ao passar a sacolinha com os R\$ 10. (VIEIRA, 2006: 97)

Sugestão aceita, a sacolinha se enche e o bêbado arrependido agradece e jura nunca mais “cair na jogatina, na orgia” (VIEIRA, 2006: 95).

Essa cena corriqueira é presenciada pelo jovem passageiro, que após o acontecido chega ao seu destino, junto com ele desce o rapaz de terno, o bêbado já havia descido no ponto anterior. Enquanto todos comentavam a boa alma do rapaz de terno no ônibus, Dil resolve segui-lo e eis que “para seu espanto encontrou os dois comendo “pescoço de peru” e jogando sinuca no barzinho” (VIEIRA, 2006: 97). Sem nenhum julgamento moral da atitude dos dois Dil só pensa “que golpe muito louco, dá para fazer um curta com essa história”. (VIEIRA, 2006: 97). Além disso, ele precisa correr para “fazer amor com Cristina” (VIEIRA, 2006: 97).

Nos contos de Vieira o encontro da literatura com os elementos culturais de Brasília ocorre de maneira espontânea, sem que o Eu lírico reivindique para sua obra esse

material. Nesse caso, por estarem presentes, estes elementos possibilitam uma análise do mundo social. As expressões culturais mesmo não sendo o centro de reflexão do objeto estético não podem ser ignoradas, haja vista elas refletirem um contexto urbano singular no qual a cidade passa a existir, a crônica “O bode do Vavá” é um bom exemplo.

Seu Genival é um marido exemplar. Casado com dona Neta, tem três filhos. (...) formam uma família típica de Taguatinga, dos que moram na CNB, área de prédios de dez andares, com apartamentos minúsculos. (VIEIRA, 2006: 87).

Se considerarmos que a literatura não é representação somente, dos grandes acontecimentos, dos grandes fatos históricos, mas que ela é também e, principalmente, representação do sujeito simples, dos seus fazeres e experiências cotidianamente vivenciadas, pode se afirmar que por meio da narrativa literária é possível a aproximação com as representações simbólicas que formam a identidade de um povo. Bakthin ao proceder a análise de Rabelais em a “Cultura Popular da Idade Média” evidencia a necessidade de conhecer e compreender mais atentamente a sociedade medieval como um todo.

Os elementos constitutivos da maneira de falar, de se comportar, as crenças os hábitos, “os modos de fazer”, “de viver” ou “de pensar”, dos indivíduos comuns dessa época, embora não tenham sido registrados pela história factual, não se perderam no tempo, eles podem ser encontrados nos registros literários da obra rabelaisiana. Assim é que por meio da biografia e dos fatos simples da vida de “Seu” Genival, o Vavá, é que podemos conhecer um pouco do cotidiano dos que vivem na cidade.

O mundo de Genival, conhecido, entre os amigos por Vavá, virou de ponta a cabeça há 15 dias. Junho, mês das festas, fogueiras, rifas, bingos... Ah bingos!!! Inventaram de fazer um bingo no botequim: os prêmios eram um som três – em – um seminovo, a coleção em vinil dos discos de Evaldo Braga (três apenas) e um bode. (VIEIRA, 2006: 88).

Aqui a cidade não é melhor nem pior, é simplesmente a cidade vivida por seu Genivaldo. Uma cidade que possui um repertório de imagens construídas no espaço do bar, da comercial norte e do Residencial Veredas. Esses lugares particularizam o espaço e dão a peculiaridade de Brasília, uma Brasília mais lúdica que se revela e estabelece uma face mais acolhedora.

O bar estava lotado naquela sexta – feira. Vavá, entre uma cerveja e outra marcava suas cartelas junto com os amigos (...) não deu outra: Vavá ganhou o bode! Foi uma festa geral! (...) e rodadas de cerveja por conta do caprino que já estava amarrado ao pé da mesa. (...) Como chegar em casa com esse animal em casa? Vavá tomou coragem, e levou o novo amigo para o Residencial Veredas. A cena era chapliniana: Vavá puxando o bode pela avenida comercial, à meia noite. (VIEIRA, 2006: 88).

São essas interações vividas por Vavá que permitem a construção da cidade real na cidade do texto. Os efeitos de realidade postos sobre o cotidiano dele dão os efeitos de realidade que atuam sutilmente sobre a subjetividade da vida urbana nas interações que se estabelecem entre os sujeitos. No caso de Vavá, estas interações ocorrem pelo fato de o mesmo ter ganhado um bode, que no conto torna-se pretexto para a negociação e o diálogo entre as diversas personagens. Primeiro ele tem que negociar com dona Neta, sua esposa, que em estado de choque avisa:

Genival, você arrumou esse problema, você vai resolver esse problema! (VIEIRA, 2006: 89).

Mas as interações transcendem ao espaço da casa. O problema do bode se torna notícia no residencial Veredas.

Logo a notícia se espalhou pelo prédio. “Tem um bode de estimação no 807”, dizia uma vizinha para outra. No mesmo dia, o síndico convocou uma reunião extraordinária para discutir a permanência do bode no edifício. Vavá levou o caprino para a garagem e o amarrou numa pilastra. Foi um show para a criançada, até os filhos do síndico ficaram seduzidas pelo bicho. Graças a esse sucesso e, ao bom comportamento do animal, o bode foi adotado pela garotada e pôde permanecer “por enquanto” como morador do residencial veredas. Ganhou até um nome: “Lampião”. Os amigos do Vavá prepararam um churrasco de bode para o próximo jogo do Botafogo... (VIEIRA, 2006: 90).

Diante da imponência monumental Vieira suscita uma Brasília de boteco, ao som de um “Blues de periferia” ele apresenta nas noites “frias – quentes de Taguatinga” o Botequim Blues, um bar tradicional da cidade. É nesse bar em que ele ouve Clapton e Janis que ele encontra sua rainha *Punk*, uma “inglesa de subúrbio”.

Me apaixonei de cara, conversamos a noite toda, de Bakunin a Michael Jackson. Bebemos, rimos e terminamos a madrugada fria na minha quitinete. (VIEIRA, 2006: 90).

Segundo Goffman (1989) as situações sociais se dinamizam na ocasião social e no encontro social. É no cotidiano que as experiências são compartilhadas. As situações de interação ocorrem em um tempo delimitado e numa rede de relações de poder. Para ele é necessária a negociação constante como forma de construção dos pequenos sistemas

sociais e das realidades sociais na interação cotidiana. Assim é que nesse sistema de negociações é que a relação entre o narrador e “inglesa de subúrbio” ocorre.

Para aliviar o “estresse” ascendi um incenso e coloquei um vinil de Dexter Gordon na vitrola. Ela foi ver meus livros, eu corri para a geladeira, em busca de outra garrafa de vinho. Foi um romance de cinema, quase um pornô, ao som do bom *jazz* e dos carros, que acelerados diante de um sinal vermelho embaixo de casa, às seis da manhã. Dormi até uma da tarde, pegava no trabalho às três. Virei para o lado, em busca dos braços da *punk – rainha*, e não havia mais ninguém. Ela roubara três livros, cinco discos, duas camisetas, e escrevera com batom, no espelho do banheiro: *Punk is not dead!!!!* (VIEIRA, 2006: 93).

O universo cotidiano na cidade é sempre negociado, assim faz o Eu lírico. O fragmento acima mostra uma paz social provisória que dura o tempo de um encontro noturno. A paz social é interrompida por uma situação em que as expectativas e valores ficam expressas quando a “rainha - punk” escreve no espelho “*Punk is not dead*”!!!! A frase expressa em seu interior uma complexidade de valores subjetivos. O cenário e a subjetividade dão corpo à interação estabelecida durante o encontro dos dois seja no boteco, seja na quitinete.

A vida na cidade segue. Brasília como espaço social é recolhida pelo poeta, e Luiz Martins não se esquiva dessa cidade. Em “Passagem de Pedestres” a cidade surge no primeiro verso pela imagem das “tardes douradas de pingos/ tapetes de flamboyant”, uma planta frondosa, de copa grande e exuberantes flores vermelhas que desabrocham na primavera colorindo toda a cidade. Como que um passeio o poeta realça alguns pontos da cidade que ora se define pois:

Eis que uma delas atravessa a faixa

Tal qual vindo da fonte

A que aos domingos simplesmente

Denomina-se: Água Mineral (MARTINS, apud. OLIVEIRA, 1998: 269- 270)

Mas ora se desfazem nas “tardes fugidias”. É na “névoa seca” que se encontram os “sonhos dispersos”. A cidade que “seria a singeleza do sabão esculpido/ arte do povo” adquiriu uma imortalidade anônima onde as saudades do sonho utópico não podem ser incineradas pelos cigarros que caem na grama verde.

E nessas andanças poéticas pela cidade há o Beirute, um bar que parece ter nascido com a cidade, talvez por isso ele seja pretexto recorrente para que versos sejam escritos. Cassiano Nunes, de forma sintética, descreve este bar numa crônica em que realça as relações ali estabelecidas entre uma cerveja para beber e um quibe para matar a fome.

O Beirute atende a todos os tipos de pessoas porque não é maniqueísta: é dialético. (...) Reúne, congrega, sem classificar. Mas nesse espaço limitado, os grupos vão se formando, segundo seus próprios interesses. (...) Estudantes, jornalistas, publicitários, artistas, economistas, burocratas, todos vão ao lugar da cozinha árabe, que, fiel ao sincretismo brasileiro, é preparada por nordestinos, e, porventura, por mineiros. Nessa democracia global a Walt Whitman, os namorados tradicionais, como sambas – canções, avizinham-se das “minorias eróticas”. Um senhor idoso, solitário, não se perturba pela vizinhança da turma jovem, barulhenta. NUNES, apud. FONSECA, 1994: 84 – 85).

A poeticidade agora está voltada para a descrição de um espaço no qual a percepção traduzida no texto literário dá conta de uma realidade dinâmica, multifacetada, em que, a poesia acaba por assumir as linhas da cidade, numa tentativa de incorporar a arquitetura às relações humanas, assim o faz Luiz Martins

brasiplanos	Brasileixos
brasilinhas	brasiplanos
brasileixos	brasilinhas
Tu me ensinas geometria	
Eu te ensino a namorar	

(SILVA, 1980: 20)

Ao buscar a simetria na forma da poesia o poeta busca transpor para o papel a simetria da cidade. E é nesse universo de linhas que se cruzam que o indivíduo aceita a cidade e propõe a troca, para ser aceito nessa cidade do plano, à “carne” busca incorporar-se à “pedra” e vice-versa.

O cotidiano em Brasília também se estrutura pelo viés político. Como um organismo vivo a cidade metaforizada, torna-se um fato consumado, assim é a cidade descrita por Hermenegildo Bastos “Em Brasília há uma lei que proíbe buzinar”. No poema o viés político-social é dado pelas versos “Brasília- comício” e Brasília- manifesto. Estas metáforas que definem a cidade denotam ser Brasília mais do que o lugar das passeatas, ela é “a notícia”.

Na poesia o homem mistura-se à cidade, ela já tem uma história construída. Brasília está impregnada de imagens costuradas que jazem tanto na memória como na realidade presente. A cada verso essa conjunção das lembranças com o agora criam uma linguagem alegórica na qual os fragmentos unidos entre si se inserem no corpo do poema para fazer a cidade o lugar do social.

Quando ouvi os carros,
Desumanos,
Buzinarem

O diretas-já da mudança

Escutei as máquinas

Ressoarem

Marcha inédita.

Ouvi-la

Me trouxe à memória

Motores novos de ônibus,

Aeroplanos,

Deixando o cais

Os desmedidos

(.....)

Afinal entendi

Que o arraial de Brasília

(diz-se

Feito para carros)

Pode também ser humano

- cada máquina, uma voz,

Toda voz, o voto claro. (BASTOS, apud. OLIVEIRA, 1998: 175- 176).

São estas imagens “costuradas” que permitem ao poema emoldurar-se pelo viés do espaço urbano. E é por esse viés que os fragmentos atuam no sentido de abarcar e permitir o surgimento de uma realidade citadina com todas as suas contradições. No texto a crítica

social se coloca evidenciando a simbiose entre o sujeito e a cidade. A cidade sai da condição de cartão postal, despida da aura mecanizada de um projeto, talvez por isso o poema termina com o Eu lírico dizendo: “Eu vi a gente/ ação dos carros/ refeita gente”.

UMA TRILOGIA PARA BRASÍLIA

A linguagem literária, de certa forma, procura associar-se ao signo da cidade. Os textos mostram-se como palco por onde figura a corrosão da metrópole modernista. O escritor desnuda o encantamento, e os mitos que cercam à cidade capital e dá contornos nítidos à dimensão social de uma cidade que abdica de seus monumentos.

Assim é que a relação entre literatura e cidade na trilogia de João Almino composta pelos títulos “Idéias para onde passar o fim do mundo”, “Samba enredo” e “As cinco estações do amor” se dá pela busca da reflexão e da compreensão de questões que permeiam as experiências humanas vividas na cidade. Com um olhar voltado para aspectos referentes aos conflitos pessoais do sujeito moderno, Almino busca na narrativa uma possibilidade de expor e desenvolver uma cidade que está além dos monumentos de Niemeyer.

Nesse sentido, sua trilogia tem como pano de fundo Brasília, a capital do país, um lugar onde as personagens se encontram em situações de desilusão e desprovidas de sonho pois,

Brasília não pertence aos meus personagens e nunca lhes vai pertencer. Mas é nesta cidade, com história e futuro ainda abertos, que está para surgir, vestido de fada ou de bruxa, um mito antigo, finalmente real: toda a novidade do mundo. (ALMINO, 2002: 18-19)

As cidades adquirem o ar dos tempos porque passam. Brasília, que tinha sido a promessa do socialismo e, para mim pessoalmente, de liberdade, não usava mais disfarce. A solação de suas cidades-satélites já as asfixiava. (ALMINO, 2001: 21)

Como sujeito inserido no contexto da cidade, o narrador pretendeu não somente expor aos olhos do leitor a sociedade brasileira, nem tão pouco pretendeu realizar uma reflexão impessoal acerca dela, mas acima de tudo, procurou refletir o homem dentro do universo de conflitos e desestabilidades gerados pelas contradições contidas nessa racionalidade moderna de um projeto e de um processo de megalopolização que se anuncia numa Brasília de políticos, de manifestações e de festas, de lugar dos imigrantes desiludidos...

TUDO em Brasília se dá à vista de imediato. Nos céus limpos e na luz generosa, os olhos alcançam longe, não somente o horizonte, também o limite entre a cidade e o campo. Traçados previsíveis, curvas esperadas. Porém, por trás desta luz escancarada e da evidência do que está delineado, persiste um mistério. (ALMINO, 2001: 61)

As reflexões propostas por Almino em sua trilogia, levam a crer que a ficção literária foi para esse autor, não só um lugar de conhecimento deste mistério da cidade, mas também de reconhecimento de uma sociedade que se move entre a justiça e a corrupção, entre sedutores e seduzidos.

À medida que a trilogia se desenrola, há a percepção de que junto a isso os valores éticos humanos vão gradativamente se perdendo, cedendo espaço para outros, em especial, aqueles impostos pela metrópole em degradação.

Tinha que conseguir dinheiro para o barraco, para ir embora ou mesmo para viver. Sentia vergonha de só agora pensar em procurar dona Eva, e para lhe pedir dinheiro. Foi quando lhe ocorreu um plano diabólico e salvador.

Nem tinha por que se vingar de Cadu. Ele não fora o culpado por sua gravidez. O filho era de Zé Maria. O que acontecera com Cadu tinha sido culpa dela. Pelo jeito como ela sorria para o sorriso dela, ela percebera a atração que despertava nele. Ele até lhe dera alegrias; a fizera esquecer, por algum tempo, dos perigos do mundo. Contudo, a tentação era forte, e ela estava, de fato, precisando de dinheiro. Tivera a idéia assistindo a um filme de espionagem na televisão. Era fácil envolver Cadu. Fazia cinco meses que tinham se encontrado. Telefonou-lhe então, para anunciar que estava grávida dele. Prometia guardar segredo, mas pedia dinheiro para os gastos.

Essa era a vantagem da cidade grande. (...) ali, ninguém a conhecia. Cidade grande era assim, tudo era permitido. (ALMINO, 2002: 71-72)

Ao interagir com as dinâmicas da cidade Almino cria uma narrativa experimental, que ora é atravessada por visões míticas, ora comporta um computador humanizado pela paixão, ora retrata estórias frustradas da geração remanescente de 68. As narrativas vão exigindo do leitor um processo imaginativo constante para entrecruzar todos os fragmentos anunciados na trilogia e compor a “fisiognomia” de Brasília. Almino não só parece brincar com todos esses elementos existentes na narrativa, ele também se permite à criação de vários outros os quais marcam o cotidiano da cidade, afinal como ele próprio diz, é um ante-romancista.

Nessas primeiras anotações, nenhum personagem é apenas ele próprio. Num certo sentido, a verdadeira história foi outra, que deve ser restabelecida por mim. Por que essa obsessão pela verdade, você pode querer me perguntar. Já está no *Banquete* que importa mais a verossimilhança que a verdade. “Mas é que quero deixar claro aqui meu papel de ante-romancista”. (ALMINO, 2002: 214)

Na escrita da trilogia, o autor embriaga-se pela cidade. Põe em fulcro uma percepção de Brasília, infinitamente complexa.

Assim é que, tanto tempo depois de ter sido utopicamente jogada no futuro, agora nesse começo do ano 1 do governo de Paulo Antônio, tudo o que restava a Brasília e seus habitantes era contemplar seu passado de sonhos.

A cidade pertencia cada vez mais a um Brasil sem sonhos e desiludido. Já aceitava sua condição de pobre e o sacrifício de carregar aquela enorme cruz, seu próprio corpo, sangue, alma; cruz que inspiraria sua forma e conteúdo, à qual agora se reduzia.

Do socialismo futuro, restaram apenas a burocracia desencantada e o espaço totalitário, o Estado-senhor ocupando o Eixo Monumental.

A cidade, prevista para ser o coração do país, estava fora do Brasil. Era como um castelo medieval, isolado e auto-suficiente, nutrindo-se do seu feudo e imune aos arredores.

O Brasil havia, porém, crescido à sua volta, nas cidades satélites, da cidade livre – o Núcleo Bandeirante – a Taguatinga, do Gama ao Guará. (ALMINO, 2002: 23-24)

Ao reconstituir o espaço o autor não se importa em dilacerá-lo, o romancista apreende as vozes de todos os segmentos que compõem a cidade, aparecem no texto o poder público, as vozes dos políticos, das empregadas domésticas, dos caseiros... Enfim, para o autor não há distinção, a Brasília de todos os dias faz conviver as diferenças sociais tanto no Palácio da Alvorada, quanto em um barraco do Gama. Almino cria em sua obra a metáfora do corpo biológico que permite uma leitura da cidade ligada à tradição do corpo citadino, nesse sentido a cidade apreensível aos olhos não se distancia do indivíduo. Na trilogia o campo mimético adquire concretude cultural na qual aparece ligada ao universo social cuja política e economia se revelam pelas tradições e pelas ações das personagens. (Gomes, 1994).

Ao humanizar a cidade e torná-la lugar por onde transitam as personagens nas suas ações cotidianas, Almino possibilita a descrição e a reconstituição da imagem de Brasília. Uma imagem carregada de tensões sociais em que o povo disputa no e com o espaço urbano a sobrevivência cotidiana. Assim é o exemplo de Berenice.

Brasília e seus arredores haviam se tornado inabitáveis. Ela não sabia onde cair morta. A história do país era outra, sua própria história era outra, seu destino seguia um rumo inesperado. (ALMINO, 2002: 73)

“Idéias para onde passar o fim do mundo”, o primeiro volume da trilogia, pode ser definido como sendo o fio condutor de uma longa e angustiante caminhada na trilha da cidade de carne e osso empreendida pelo autor.

Nele, as personagens surgem enquanto representações da discussão pretendida por Almino a respeito do que acontece com os valores humanos a partir das transformações geradas quando os valores da tradição vão, gradualmente, perdendo espaço para o pensamento e ações modernas.

As personagens do romance parecem perdidas no seu tempo, angustiadas, triste e melancólica, não conseguem conduzir suas vidas de modo claro, pois não conseguem enxergar com nitidez as mudanças porque passam o mundo, cada vez mais inserido no processo racional e mercantilista. Assim é que Eva

Ousava ser ela mesma e, portanto estar infeliz. De repente, naquele momento, era como se todo o seu passado tivesse sido muito triste. A tristeza e a insatisfação eram os traços comuns da sua vida. Sempre tivera uma dificuldade intransponível de escolher o que devia ser, fazer, aonde devia chegar. Sempre duvidava do que a deixaria feliz. Quando achava que podia ser o que quisesse, era difícil demais saber o que queria ser. Por que ainda tinha de se perguntar essas coisas? Cada decisão que tomava, anos depois continuava achando que era a única possível, mas percebia também que essa decisão já tinha perdido significado para ela. Descobria sempre que hoje, insatisfeita e triste, sua felicidade futura e definitiva dependia de outra decisão. A sua tristeza agora era sempre, e, sobretudo, a tristeza de não ser. (ALMINO, 2002: 122)

“Samba – Enredo” parece continuar as inquietações de “Idéias para onde passar o fim do mundo”. Do mesmo modo que falta essa compreensão da realidade moderna no

primeiro volume da trilogia, ele se repete neste segundo livro. As personagens não se permitem desapegar das tradições e convenções sociais, mantidas pela classe social a que pertence.

Se no plano social as personagens convivem com mundos distintos, modernidade *versus* tradição; no plano pessoal a dualidade mais uma vez se faz presente. Os sentimentos de apego às tradições, de inércia, de medo de romper com as tradições, se confrontam em vários momentos com pequenas transgressões colocadas na narrativa por meio de uma linguagem alegórica em que a festa carnavalesca torna-se pano de fundo para a narrativa insurgir.

Como tentativa de clarear o debate em torno dessas questões surge o computador quase humano, que exerce o papel narrador dessa história.

É difícil escrever histórias sobre homens. Mais difícil ainda é contar a história de um homem como se isso fosse fundamental. A vida humana é o que acontece entre o nada e o nada. Por isso, parece-me incompreensível que os homens lutem por viver. Viver, pior que arriscado, é difícil. (ALMINO, 1994: 21)

Nesse sentido, o computador narrador, jogado no lixo, questiona os valores construídos pela racionalidade moderna, questiona também os valores arraigados nas personagens e mostra como esse apego às tradições as impedem de ver e agir com sensatez.

É possível afirmar que no universo subjetivo também habitam dois universos distintos e opostos entre si, um objetivo, regido pela razão e o outro regido pela emoção nos dois volumes. Aliás, o jogo entre a objetividade e a subjetividade é algo que também se verifica em “As cinco estações do amor”.

Em consequência disso, em algumas situações, no último livro da trilogia “As cinco estações do amor”, ao mesmo tempo em que a emoção sugere aos que transgridem os valores e as convenções sociais, a razão e a consciência das tradições não o permitem fazê-lo.

Dessa maneira, além de tornar as personagens incapazes de tomar atitudes, os conflitos internos gerados pela convivência simultânea com os mundos, as fazem oscilar

entre a consciência e a inconsciência, vivendo, portanto, numa condição próxima daquela que sofrem os moradores de uma Brasília rasteira e barulhenta, que acolhe uma revolução que não se concretizou. Nessa situação, as personagens vivem as suas escolhas e, diante delas, não têm nada para comemorarem nesse novo milênio, pois tanto para Ana, quanto para a cidade o tempo passou.

Minha juventude está perdida. A Brasília do meu sonho de futuro está morta. Reconheço-me nas fachadas de seus prédios precocemente envelhecidos, na sua modernidade precária e decadente. (ALMINO, 2001: 40)

Embora esteja sempre diante da possibilidade de fazer opções, por completa ausência de vontades individuais, falta de percepção, e, por conseguinte, total incapacidade de objetivar a realidade, as personagens acabam se apegando a aquilo que lhe foi imposto. Por decreto ou por invasão elas aportaram na cidade e fincaram o pé na poeira vermelha para sempre. Isso fica claro quando Ana em conversa com Beatriz diz:

- De Brasília não saio, por mais que Regina insista. (ALMINO, 2001: 42)

Em resumo, as personagens da trilogia podem ser descritas como seres que vivenciam os conflitos da existência humana gerada pela oposição entre a racionalidade e a irracionalidade, da cidade que ora é asséptica, desprovida de emoção, ora ela é à medida da emoção, ou seja, a Brasília de Almino não é somente a visão do poder, ela expressa a dualidade das megalópoles que abrigam as contradições dadas pelo jogo de oposições entre a extrema riqueza e a extrema pobreza, entre a o moderno e o arcaico, entre a esperança e a desesperança. Para o romancista a cidade não demonstra, portanto, equilíbrio entre a razão e a emoção. Assim é que todo o misticismo do “Jardim da Salvação”, fincado no parque de Águas Emendadas adquire sentido na narrativa.

As personagens “jogadas” no espaço urbano são seres que convivem de modo real com as situações que lhes são colocadas sem, no entanto ter consciência e controle plenos do que acontece com elas, deixam-se levar, conseqüentemente, pelas circunstâncias.

Ao expor os conflitos das personagens, Almino torna a trilogia o ponto de partida em direção às reflexões acerca da situação humana dentro de um emaranhado nebuloso em que as pessoas se vêem escapando às referências convencionais colocadas para o indivíduo na metrópole. Assim no mundo urbano, há conseqüentemente, cada vez mais seres angustiados, solitários, fragmentados e sem perspectivas. Isso se reflete nas palavras de Paulinho o presidente negro, assassinado durante o carnaval.

Para mim, felicidade ou não existe, ou não sei o que é. NA realidade ficaria preocupado se a atingisse. Já pensou? Seria uma espécie de fim de tudo. Um estado parecido com a morte. (ALMINO, 1994: 64)

As palavras de Berenice, uma empregada doméstica retirante do Ceará, sobre os sentimentos que tem em relação à Brasília no trecho a seguir são bem esclarecedoras.

No regresso ao sertão, Brasília ficou na cabeça de Berenice como o símbolo do moderno, do belo, do limpo, do civilizado, do culto, e também da violência, do poder. Brasília ficou em sua cabeça como o sonho de liberdade, pesadelo de castigo, intervalo para viver, lembrança de Zé Maria. Brasília era, para Berenice, só uma ponte de fuga de si mesma e de regresso a si mesma. Ali se narravam, superpostas, histórias velhas e novas de Berenice (ALMINO, 2001: 85).

A cidade ao interferir no modo de Berenice ver o mundo, não só traz o ponto de vista pautado na razão, mas também desenvolve uma reflexão bastante significativa sobre os valores da modernidade ao demonstrar maior proximidade pelas causas e pensamentos modernos no que se refere à cidade cindida. A personagem ao enxergar Brasília se vê refletida nela, é como se a cidade estabelecesse para ela a alteridade. Portanto, com maior clareza, ao analisar Brasília, Berenice parece ciente das causas e das conseqüências dos “atavismos” que ligam o homem de seu tempo aos valores do passado.

Ao proceder dessa maneira, Berenice se apresenta com outra função no texto, nessas horas, ela se torna um porta-voz da causa moderna. Nos momentos da narrativa em que se apresenta, a fala de Berenice se traduz na forma de um discurso bem elaborado acerca dos sentimentos que a ligam à cidade. Tem-se a impressão de que por meio de Berenice, a voz do autor se confunde com a voz dela. O romancista parece valer-se dessa personagem, nesse primeiro momento, para se inserir na ficção expondo seu ponto de vista e refletindo sobre a cidade e os valores a ela agregados.

O narrador-autor de “Idéias para onde passar o fim do mundo” é visivelmente, um elemento que permite uma maior inserção do pensamento do autor no interior do texto.

Apesar da terceira pessoa, esse narrador não apenas observa os fatos, mas participa deles, dialogando com a narrativa. A voz presente no texto é senão, a voz que expressa e conduz uma reflexão do pensamento sobre a cidade de Brasília.

Esperem! Leia só esta revelação de última hora e primeira mão: não houve história. Brasília era demasiado artificial. Era apenas sonho ou pesadelo de uma época. Imagem do céu e inferno. Não podia ser lugar de uma verdadeira história. (ALMINO, 2001: 237)

Em, “Idéias para onde passar o fim do mundo” o narrador consegue manter uma postura rígida no controle da fala de suas personagens. Conhecemos as personagens que se repetirão nos outros volumes, quase que exclusivamente, por meio do discurso do narrador.

A expressão curiosamente, se faz oportuna porque há um aspecto de nebulosidade envolvendo a relação entre as personagens, e não parece ser de interesse do narrador resolver ou esclarecer para o leitor tal situação, pelo menos nesse momento, haja vista “esta história nunca foi e nunca será escrita” (ALMINO, 2001: 237).

Essa circunstância serve aos propósitos do autor-narrador, visto que o diálogo mantido pelas personagens é jogado no meio do nada, não tendo o leitor, portanto, nenhuma condição de entender as reais intenções delas. Agindo assim, o narrador consegue manter o clima de mistério em torno das mesmas.

Se a vida objetiva das personagens ultrapassa os limites territoriais, buscando novos mundos, novas culturas, para expansão, principalmente de mercados, no mundo subjetivo,

os atavismos sentimentais fazem parte de suas naturezas. Em “Idéias para onde passar o fim do mundo” há indícios de que romper com o cotidiano, faz estas personagens verem se livres de quaisquer sentimentos que pudessem mantê-las aprisionadas às convenções.

No restante da narrativa o leitor tem contato com as personagens quase que exclusivamente pela interposição do narrador-autor/autor-narrador, é nesse sentido que parece ser possível à afirmativa de que Almino se utiliza da criação ficcional como meio de veicular e possivelmente, formular e refletir, sobre o seu próprio pensamento enquanto reflete sobre a cidade.

Na trilogia, a coexistência em mundos paradoxais é a responsável pelos conflitos das personagens.

Mediante a análise dos elementos utilizados na construção dessa trilogia, percebe-se que houve uma tentativa de levar à percepção desses mundos diferentes habitados pelas personagens por meio da utilização de elementos palpáveis, como a política, os círculos de amigos, o bar Beirute, os blocos de apartamentos da Asa Sul, daí a oposição se construir na narrativa pela Cidade monumental e cidade das desilusões.

Pautando-se em tais elementos, para desenvolver seu pensamento, Almino lança mão de vários recursos na composição de seu texto. Na trilogia o corpo textual parece ser meticulosamente construído para que as relações entre esses elementos, o pensamento do autor e a estrutura da obra correlacionem-se de modo a dar credibilidade e coerência à cidade. Começemos, pois, pelo primeiro elemento considerado significativo.

Na trilogia, a sobreposição dos sentimentos sobre as vontades do indivíduo, é algo possível de ser analisado do início ao final das narrativas.

A perda e a falta de perspectivas paralisam as ações do sujeito diante dos acontecimentos. Tais sentimentos tornam-se, tão ou mais significativos que o próprio indivíduo, porque as ações das personagens, em especial de Ana, Berenice... são resultantes da força que esses sentimentos exercem sobre o sujeito.

Assim, ante a leitura do universo das personagens é possível perceber que as forças que impulsionam seus movimentos, se sobrepõem às vontades individuais.

Com isso, Almino parece sugerir que as personagens são criadas para condensarem, representarem e fazerem pensar o homem dentro de um contexto urbano. Este contexto é o responsável pelas incertezas trazidas pelo pensamento e ações modernos sobre as instituições estáveis e tradicionais, tais como, a organização do trabalho, os modos de

produção, a religião..., Este contexto além de provocar modificações nas estruturas sociais, ao mesmo tempo altera e desestabiliza as relações pessoais. É dessa forma que Ana, ao final da trilogia conclui que:

As cidades mudam com o tempo, à medida que se tornam familiares, não me sinto mais estrangeira em Brasília. Tenho outros olhos e outro coração para as paisagens de sempre. A cidade já não me assombra, e as esperanças, que à minha revelia, me gera estão ao alcance de minha mão. Ela é minha, com seus vazios, sua frieza, sua solidão. Virei íntima de seu ar empoeirado e seco, da uniformidade de suas entrequadradas, de seus longos eixos sob o céu gigante. (ALMINO, 2002: 202)

Não se pode esquecer que as manifestações artísticas não são elementos estranhos à vida social, ao contrário, são extensões da própria sociedade, constituem-se como necessários à sobrevivência, pois é através delas que o mundo coletivo atinge seu equilíbrio. Do ponto de vista funcional, essas manifestações artísticas se integram nas relações estruturadas na sociedade, permitindo, em uma perspectiva sociológica, que o escritor apresente os diversos setores e as diferentes nuances da vida social. Para o campo estético, a perspectiva sociológica permite a realização da obra estendendo sua margem criadora, o que a torna parte material do patrimônio comum aos indivíduos.

Nas sociedades urbanas o elemento coletivo é causa e condição necessária à interferência do criador. Pela sua complexidade e pelas variadas relações institucionais estabelecidas no meio urbano, verifica-se que a produção da arte se processa por meio da interferência do criador na criação da realidade verossímil.

Segundo Cândido o valor artístico da obra literária é também dado pela análise sociológica. Nessa pressuposição está contida a idéia de que o escritor desempenha um papel social preponderante, haja vista o mesmo corresponder às expectativas de um determinado grupo social. Assim, pois “a matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público” (CÂNDIDO, 1973: 74). Dessa forma é que se justifica socialmente a função do escritor, ou seja, a literatura ao ser vista como um sistema vivo de obras, em que umas agem sobre as outras vê se claramente o

dinamismo do texto literário. Uma obra não é produto fixo, quando ela circula entre o público, acaba por configurar a atuação da literatura em seu tempo. Ou seja, essa dinâmica da obra literária permite identificar e definir comportamentos das relações humanas.

O uso desses temas sugestivos prepara o ambiente para o cientista verificar o modo de vida urbano estabelecido em Brasília. Os poetas deixam entrever o processo de mutação do plano original, registrando nas linhas o tempo, construindo lugares, atenuando ou fomentando paixões... Na ponta da pena cria-se uma reflexão permanente sobre o processo de urbanização. A cidade literária, embora irreal, é dialética, pois que, na dicotomia entre realidade e ficção, é capaz de permitir a instauração da leitura do cotidiano urbano, ou seja, há configurada a possibilidade de reflexão e análise da estrutura urbana configurada na cidade real.



Adalto Júnior



Thiago do Planalto



Eloísa Barroso

CONCLUSÃO

No projeto original, Brasília surge como uma marca em que há um Brasil antes e um outro Brasil depois de sua construção. A cidade representa e simboliza uma nova nação. Essa perspectiva presente no imaginário sobre a atual Capital Federal, demonstra que a posse da região no sertão goiano marcada pela idéia de *civitas*, não permitiria à sociedade nenhum desvio na ocupação pensada a *priori*. Segundo Márcio de Oliveira, “Lúcio Costa agiu como um grande construtor dos sonhos e sentimentos, como um verdadeiro artista tenta prefigurar a alma de seu povo idealizado” (2005: 258).

Brasília não é apenas uma injunção social, política e econômica. Seu sentido simbólico atravessa idéias de desenvolvimento, soberania e brasilidade. A cidade “matizada, colorida e emoldurada por uma arquitetura ainda hoje única no mundo” (OLIVEIRA, 2005: 258) é portadora de formas e linhas arquitetônicas que expressam uma sensualidade, “com palácios soltos no ar, leves e andarilhos, como a indicar um caminho; uma arquitetura própria a evocar o que está por vir e decisivamente pronta a descartar o que não deverá ser” (OLIVEIRA, 2005: 258). Ela é a representação concretizada de uma nova sociedade. O caráter modernista dessa cidade procura desenfreadamente, a modernidade e a maioria da nação.

Mas, em Brasília, a vida cotidiana perdeu a grandiosidade inicial. O anonimato, as dificuldades e os problemas urbanos, também passaram a fazer parte da vida diária de seus moradores. A cidade, hoje é um espaço com marcas de seus moradores, o discurso que a constrói, e os construídos por ela, apontam para uma vida anônima, para as controvérsias entre centro e periferia. Brasília é um lugar de transformações sem fim. As necessidades de seus habitantes criaram a necessidade da expansão urbana.

O surgimento dessa expansão espacial, em que a estrutura revela uma ascensão de uma paisagem física criada sob a idéia de anulação das barreiras espaciais impostas pelo poder público, não é um processo livre de contradições.

E como não poderia deixar de ser a literatura não está imune a todo esse processo de urbanização da cidade. Diante da cidade em urbanização, ela reage com uma sensibilidade aguda, quer seja no sentido de fazer uma crítica aguda a essa realidade que se

coloca, quer seja no sentido de intensificar as manifestações das relações humanas com o espaço urbano.

Como uma espécie de confidência, os textos literários representam uma socialização extremamente íntima, cuja expressão torna coletiva as impressões, no sentido de mobilizar as diversas imagens polifônicas congregadas na cidade modernista. Os textos literários surgem como ressonâncias às significações imbuídas no espírito criador dos escritores que não hesitaram em expressarem a integridade do espírito criador da palavra nos registros poéticos, líricos, enfim, literários, nas dimensões temporal e espacial dessa cidade planejada.

A linguagem literária expressa uma cidade caleidoscópica, dotada de consciências em que o Eu lírico, toma uma atitude de imersão total na cidade moderna com o intuito de capturar seus fluxos metabólicos e dialéticos na sua condição de cidade capital.

A construção de Brasília, a partir de um planejamento único e original, não destituiu a cidade dos dramas e traumas da cidade grande moderna. O processo de modernização sob o qual a cidade está consubstanciada tenta impor aos seus cidadãos uma força modernizadora da imagem da inovação urbana abarcada pelo projeto original. Pó isso a linguagem que escreve a cidade moderna é, como diria Baudelaire, recheada de vocábulos que remetem as vivências urbanas.

Não se pode esquecer que a arte é o domínio do particular é a essência da subjetividade humana, nela estão circunscritos os anseios do espírito humano. A literatura, na sua condição de obra de arte, não está isenta desses pressupostos, pois a palavra é seu grande troféu.

Assim, a literatura ao suscitar o complexo e o contraditório da realidade social faz surgir figurações nas quais se destacam conceitos e alegorias, categorias e metáforas em que a sociedade se reconhece, ora exorcizando, ora sublimando, ora compreendendo a realidade. A imaginação e a paixão do texto literário reconhecem a complexidade da vida, por isso reinventa a realidade e permite a construção de um emblema da vida real com sua infinita variedade de relações.

Na literatura, a idéia da construção ressoa de forma a impedir as imagens da cidade colocada pelo discurso que a criou. A cidade construída no texto literário apresenta possibilidades de leitura na qual as metáforas suscitadas colocam-se como figurações e arquétipos da vida na cidade moderna.

A linguagem literária comunica cenas modernas adequadas às experiências vivenciadas nos espaços urbanos de Brasília pelos seus habitantes. Isso é o que torna o encontro do escritor com a cidade um fato social, particularmente de interesse sociológico. É no espaço urbano onde as tramas, as narrativas e as reflexões poéticas literárias estão situadas. É nessa cidade detentora de uma arquitetura singular e de inovação urbana que a obra literária expressa uma consciência coletiva com clareza conceitual do significado de Brasília para os brasileiros diante da cidade moderna e planejada. Uma cidade que ousou ser a imagem de inovação de uma sociedade sedenta para se colocar no patamar de nação desenvolvida.

A narrativa literária, ao longo dos textos selecionados, articula prazer e sensibilidade na percepção do real. As personagens, ao transitarem pelos espaços construídos pelos autores, oferecem ao cientista social quadros desconcertante, em que a linguagem metafórica expressa tanto o lirismo onírico, quanto a realidade de fatores, de maneira a abordar as temáticas sociais pertinentes à análise sociológica.

A literatura da cidade responde a essa eterna simultaneidade contraditória de sentir e perceber Brasília. O envolvimento e a percepção do espaço se dão por diversas possibilidades, ora de forma afetiva, ora crítica. Nota-se que a apropriação desse espaço não ocorre pela via da homogeneidade. A cidade dita na literatura prolifera as pequenas diferenças e as sutilezas de um processo de urbanização que ousou desafiar os princípios pensados inicialmente.

O retrato dessa cidade, dado pelo viés da cultura literária, enfeixa uma permanência da contradição e da tensão que se repetem ao longo dos quase cinquenta anos de existência de Brasília. O uso da palavra poética persegue uma aproximação entre realidade social, cidade e texto. O texto toca uma infinita variedade dada por uma superfície multiforme na qual a metrópole é inundada por imagens que evocam os sentidos humanos. Os textos fazem a cidade resistir e desaparecer, pois ao tangenciarem a realidade de Brasília, eles nos permitem a visão da cidade real, bem diferente da cidade desejada pelo discurso fundador. Enfim, ao leitor é dada uma outra forma para se analisar a cidade e conhecê-la.

Não se pode esquecer que a produção do conhecimento é provisória, assim os desafios interpretativos são constantemente renovados, haja vista ser a história do conhecimento caracterizada pela constante possibilidade de superação. Não se pode trabalhar sociologicamente com os preceitos de verdade absoluta, o pensamento

sociológico é constituído tanto pela crítica, quanto pelo questionamento.

Dessa forma o caminho metodológico possível não se resume a uma única opção. Um estudo sobre a realidade é apenas uma possibilidade dentre as muitas viáveis.

Nesta pesquisa, o entendimento da questão do processo de urbanização tentou transcender a dimensão da pura localização dos fenômenos urbanos. Assim é que aqui o enfoque esteve situado no espaço urbano. Ao se tratar de espaço urbano, entende-se que as práticas sociais, em seu conjunto, traduzem-se em uma realidade, pois que a vivência sócio-espacial, no espaço citadino, refere-se à vida na modernidade.

Portanto, entender a cidade moderna é, pois uma necessidade. Este entendimento pôde se dar nesta pesquisa através de um conhecimento no qual a literatura em conjunção com a sociologia permitiu investigar o fenômeno urbano sem fugir da dialética à qual a cidade está submetida.

No plano do conhecimento tentou-se buscar aqui uma análise na qual a prática urbana estivesse materializada nas relações sociais construídas no espaço da cidade. Nessa ordem, a cidade é mais do que um espaço físico. Em sua pluralidade de sentidos, o espaço citadino é o lugar onde a aglomeração humana se coloca, é nele onde estão circunscritos os lugares de convivência e reunião.

Assim é que os poemas permitem um retorno à realidade observável de Brasília. A linguagem mediatiza esse retorno por meio de uma série de imagens onde se constrói uma trilha em que é possível recolher os fragmentos de um processo de urbanização. Processo esse cujos elementos surgem como quadros, imagens instantâneas, responsáveis por gerarem uma carga de informações sobre a cidade. Essas imagens possibilitam a apreensão de uma realidade que se projeta não como totalidade, mas por meio de imagens entrecortadas por convergências e divergências que se articulam na leitura do pesquisador. Elas marcam uma identidade multifacetada desse espaço urbano que, deixa entrever na estrutura social uma distribuição desigual de acesso ao espaço.

Os textos dão conta de uma cidade situada em um país moderno, mas que não abdica de uma hierarquia social, com uma combinação paradoxal de um rápido desenvolvimento capitalista e a desigualdade crescente exemplificada pelas favelas ao lado de locais luxuosos, cidades completamente providas com os melhores equipamentos urbanos ao lado de locais que sofrem com a falta de saneamento e a coleta de lixo... Enfim Brasília é um símbolo de uma sociedade de consumo moderna, mas com uma camada da

população extremamente pobre, ou seja, a cidade moderna é heterogênea e muito desigual.

O olho do poema recusa a totalidade, haja vista ser impossível apreender uma realidade tão diferenciada e muito marcada por situações díspares. O poeta quer fixar os fragmentos, pois é por meio deles que se é possível construir uma sintaxe própria à cidade moderna, portanto montagem e colagem dão-se por meio de cortes seletivos. Estes cortes impedem uma visão homogênea e permitem a tensão paralela das linguagens que suscitam outros signos ainda não pensados. São esses nexos imprevistos que quebram a lógica do discurso da cidade planejada e traduz outras imagens, agora reordenadas pela surpresa da metáfora, na qual se traduzem as imagens desordenadas por uma realidade onde os quadros criados precedem um outro universo ainda não pensado e muito menos desejado.

Portanto, ler a cidade consiste não somente em reproduzir as coisas visíveis. É preciso adentrar no seu espaço por meio dos mecanismos da linguagem que atinge o equilíbrio e a síntese na representação de Brasília na “cidade das palavras”.

Neste contexto, no primeiro momento de urbanização estão os textos nos quais se inserem as propostas utópicas da arquitetura moderna, que no desejo de controlar formalmente a realidade gera uma morfologia espacial para se tentar forjar uma outra estrutura social que não condiz com a cidade em processo de megalopolização presente no último capítulo.

Os textos deste primeiro momento investem no mundo moderno. A arte literária parece se entusiasmar por esse mundo que ela canta.

Os autores modernizam a alegoria. Empregam palavras modernas, urbanas, signos e sinais da vida moderna. Os textos parecem brotar do caminhar do Eu lírico sobre o solo de Brasília. É no espaço urbano onde o poeta exercita a atividade da poesia. Por isso é que no segundo momento do processo de urbanização, a cidade é o artifício que melhor representa os temores e as glórias modernas. Como uma espécie de bruma artificial, ela é o estrato sobre o qual o poeta vagueia para extrair a expressão efêmera da criação poética. O olhar do poeta não é calejado, não há vícios, ele está desprovido de esperança.

Com a sensibilidade aguçada artificialmente pelas promessas de paraísos, a modernização confere à cidade moderna a falta angustiante do divino e do sagrado. Na falta de deus, o sagrado não é mais possível, sem redenção o homem urbano é ao mesmo tempo carrasco e vítima que pune a si próprio. O desejo é agora feito de contradições. A poesia se alimenta das imperfeições da vida urbana. A volúpia do Eu lírico ressalta as

impurezas dos fragmentos de uma realidade corrompida, para compor a fantasmagoria da cidade de Brasília.

Os textos guardam, na forma, a essência da realidade urbana capaz de criar uma imagem que transcende a realidade contemporânea da cidade. Os escritores partem da idéia de efemeridade. Ao perceberem a desagregação, a mobilidade de Brasília, os autores vêem a possibilidade de mergulharem em si mesmos, ou seja, na transitoriedade constante da modernidade. Há nos textos uma recusa de cristalização do discurso fundante da cidade. A própria forma da linguagem se confunde com a enorme rameira instável: a cidade modernista.

Numa espécie de fascínio misturado ao horror, os escritores vêem a cidade se fazendo em uma névoa artificial. E como parte dessa névoa, o homem não se reconhece como pedaço dessa cidade que toma forma. Nesse processo de não reconhecimento ele percebe sua impotência na monumentalidade que a cidade tem para ele, pois o Eu lírico sabe ser essa criação a impossibilidade de sua perpetuação.

No terceiro momento de urbanização, a literatura, ao contrário, sugere uma realidade devastada, ela se recusa a reproduzir a cidade ideal, abandona as formas organizadas da modernidade, desfaz a legibilidade da racionalidade moderna e fixa a cidade por meio de elementos que dão à imagem composta por sucessivas escrituras. Dessa forma, os textos ao desorientarem o sentido do desenho arquitetônico, recuperam a outra cidade sob uma decodificação emblemática orientada para uma expressão ora trágica, ora utópica no processo de apropriação do espaço urbano pelos indivíduos que vagam pelas ruas desse labirinto que não se quer desvendado.

A cidade do código, a cidade da palavra é uma cidade cifrada, com múltiplas e complexas inscrições. Em Brasília a leitura quase sempre se define pelas oposições deserto/cidade, centro/periferia. São nessas oposições binárias que é possível o retrato fértil da crise urbana que a cidade atravessa. A cidade perversa se retrata de forma babélica e labiríntica. Ela se transforma e dilui o sujeito, desorientando-o dentro de um espaço cuja crise esgota todas as formas pensadas *a priori*.

No olhar do literato, Brasília é dialética. Ora ela é monumento, ora surge desmoronada. No território textual, a imagem da cidade é uma imagem saturada, composta por duplos que negam uma lógica linear. Na literatura a cidade por vezes, traz em seu cerne a crença na idéia de utopia, por outras renega absolutamente tal crença.

A cada texto literário Brasília se torna mais complexa. Os sentidos do urbano se estruturam de forma inexata, revelam mais uma vez a modernidade fragmentada que determina o destino de um povo e dá fôrma a forma da cidade moderna situada no coração da América do Sul. Os espaços não oferecem uma imagem marcada somente por qualidades positivas. Em verdade esses espaços não são frutos de uma única explicação. Sem serem submissos, eles resistem aos fluxos locais e impõem outros fluxos que condizem com a imagem das construções das mega-cidades com suas pulsações, contradições e inseguranças, ou seja, esses espaços não nos remetem mais a idéia de metrópole. Nessa cidade tudo é possível, as coisas se misturam. Não se pode mais obter um conceito objetivo que a defina, é impossível retornar ao espaço utópico estável. Agora o sertão desértico foi investido de significados. A cidade aconteceu.

Portanto, a riqueza do enfoque literário na leitura do espaço urbano em Brasília aproxima-se da megalopolização da vida cidadina. As representações literárias sobre a cidade expressam uma forma narrativa em que as percepções são capazes de captar as idéias e intuir outras para explicarem o modo de vida urbano. A metaforização social da cidade permite o deslocamento dos signos da cidade real para a cidade da literatura e, vice-versa.

As narrativas literárias trazem em seu bojo metáforas e alegorias nas quais surgem imagens do mundo que, analisadas a luz das categorias sociológicas, permitem a superação do senso comum.

Assim, a obra só pode ser entendida se texto e contexto não estiverem dissociados. É preciso uma interpretação, “dialeticamente integrada”. Nessa ordem de pensamento, o social, é um elemento que desempenha um papel na estrutura textual; tornando-se responsável pelas significações presentes no texto literários.

Desta forma, a sociologia da literatura alinha o social aos fatores estéticos. Este alinhamento permite que a estrutura social esteja presente tanto no todo como nas partes do texto, ou seja, é a forma como ele se instaura no interior da obra o que permite a organização de uma composição dada pela sua expressividade na estrutura do texto. O elemento social é mais do que uma referência “que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de certa época ou de uma sociedade determinada”. (CÂNDIDO, 1973: 31). Como fator de construção artística, o social não é um mero ilustrador das determinações

históricas, ele é, pois o que consegue explicar, porque esteticamente a dimensão social torna-se fator de arte.

Embora não seja critério único de análise, o aspecto sociológico é um item que contribui para a interpretação coerente da crítica literária. Mas o crítico tem que estar atento no processo de análise, não é suficiente achar que com a realidade exterior é possível analisar a obra, ou vice versa. Não se pode esquecer que na literatura subjaz sempre quinhão da fantasia que precisa modificar a ordem do mundo justamente para tornar a verdade “expressiva”, pois esse sentimento se constitui no leitor devido a esta traição “metódica” (CÂNDIDO, 1973). A arte e a sociedade sobrevivem em um vasto sistema dialético, porém solidário e de influências recíprocas.

O uso desses temas sugestivos referentes à vida na cidade prepara o ambiente para o cientista verificar o tema central dessa pesquisa, o modo de vida urbano estabelecido em Brasília. Na medida em que passada emoção nota-se uma concepção de vida. Os poetas da cidade deixam entrever o processo de mutação do plano original, registrando nas linhas o tempo, construindo lugares, atenuando paixões. Com a ponta do lápis são capazes de criar uma reflexão permanente sobre o processo de urbanização.

A cidade poetizada extraída da contingência diária de um cotidiano torna-se irreal, mas dialeticamente capaz de permitir a possibilidade de reflexão e análise da estrutura urbana configurada na cidade real. Segundo Antônio Cândido (1973) a função social ou a “razão de ser sociológica” da literatura deve-se ao fato de que o papel que o texto representa ao estabelecer relações sociais, satisfaz as necessidades espirituais e materiais. Nesse sentido ao manter ou mudar certa ordem social, a obra de arte reforça a consciência dos valores sociais.

Desta forma os artificios da bricolagem aliados às metáforas e às metonímias criam nos textos alegorias capazes de produzir imagens e ritmos para enriquecer as montagens do mosaico urbano brasiliense. Os simulacros e as metáforas próprios à linguagem literária nos textos analisados neste estudo trazem o particular, suscitam o singular e permitem a visão de um mundo arlequinal ora dramático, ora trágico, ora sensível, colocando em xeque os valores da modernidade na Capital Federal. É desse contexto, do texto literário, que se pode extrair o inusitado, o escondido. Através da literatura a sociologia pode fazer análises desafiadoras e surpreendentes da realidade social. Assim a literatura incomoda e fascina as interpretações e descrições sociológicas da cidade.

Na “cidade das palavras” as contradições são permitidas, o espaço urbano é o espaço dos contrários. Detentor de um fator extraordinário de potencialização, o espaço urbano nos poemas é fruto de condições para vivências espiritualistas, psicológicas e intelectualizadas no qual o indivíduo sucumbe às vezes à razão objetivada. A cidade, nos textos literários, ativa o sistema sensorial e a subjetividade humana. Nesta “cidade de palavras” é possível visualizar a tendência para o cosmopolitismo da cidade real. Em Brasília a criação e a abertura para o campo da cultura não se restringem ao regionalismo puro e simples. Ela é o lugar onde habitam variedades infindáveis de vozes e cidadãos do mundo.

Ao se observar os poemas, percebe-se que a diversidade cultural é cultivada, pois há uma congruência de fatores variados no sentido de propiciar situações que facilitam a sensibilização do homem para pensar e criar, enfim, para cultivar a cultura moderna. A cidade é, portanto, o rosto, cuja expressão sintetiza a sociedade moderna.

Nos textos a cidade não é redimida de sua dialética. Os autores ao recolherem todas as vozes presentes no espaço urbano, estejam elas na rua, nos quartos, no centro ou na periferia... conferem um retrato analítico da cidade moderna. Todas as personagens que habitam a cidade são observadas na mesma intensidade. No fazer literário tudo e qualquer coisa têm serventia, tanto para o fazer histórico, como para o entendimento do processo de megalopoliozação.

Ao tomarem Brasília como o espaço onde se localizam as narrativas literárias, os autores permitem ao cientista uma análise minuciosa do espaço urbano. Transformam a cidade em um observatório de onde se apreende a política dominante e os princípios de sua formação societária.

Através de uma relação histórica, e literária, estes autores travam um relato no qual explicita uma organização própria à cidade moderna. O relato salienta as condições urbanas e arquitetônicas para a criação de alegorias da metrópole moderna, que hoje está em processo de megalopolização. Nesse percurso, em que exploram Brasília, os autores decifram nas estratégias dos aglomerados humanos, uma cidade cujas condições da vida cotidiana são responsáveis por condicionarem uma existência que oscila entre as relações inevitáveis dos tipos encontrados, indo desde o Presidente da República até a mais simples empregada doméstica.

Esse espetáculo oferecido pelo cronista, pelo poeta, pelo romancista, pelo contista, só ocorre devido à entrega absoluta à cidade. Nessa entrega, eles partilham com o leitor a sensação inebriante de percorrer detalhadamente cada recanto da cidade, seja a rodoviária, sejam as ruas de Ceilândia, seja São Sebastião... Os autores permitem aos nossos olhos, enxergar Brasília através de um retrato singular.

Assim, a cidade aparece nos textos com uma função que vai além da função de palco para as manifestações do Eu lírico. Brasília é a própria razão de ser dos mesmos.

Com o intuito de dar uma forma à modernidade e definir a forma da modernidade em Brasília, os autores trabalham o discurso da modernização de ponta a cabeça. Detectam, por meio de uma visão adivinhatória, a energia potencial que transformaria a cidade no que ela é hoje (BOLLE, 1994). Ao experimentarem Brasília como uma metrópole, os autores nos permitem visualizar o crescimento urbano e econômico da cidade como marcas da modernização brasileira.

Essa expansão urbana traz a baila reflexões sobre o destino do homem urbano. Nos textos, os autores exploram temas urbanos sem necessariamente estarem preocupados em reivindicarem uma outra ordem social.

Os autores apontam reflexões nas quais destacam atributos marcantes de Brasília. Para captar a alma da cidade, eles a observam, seus olhos vão atrás dos detalhes da arquitetura de formas geométricas.

A cidade se fragmenta. Destes fragmentos, o Eu lírico faz emergir as alegorias que justificam a modernidade. A fantasmagoria da cidade se coloca de forma a modelar um centro urbano que se moderniza a luz de um capitalismo periférico que marca a nova forma de vivenciar o modo de vida na cidade.

Ao mesmo tempo em que o Eu lírico capta, através de um olhar sereno, reflexivo, investigativo e curioso, os retalhos que compõem Brasília, há uma espécie de manifesto político violento na escrita dos mesmos que registram as manifestações de uma modernidade periférica composta de diversas imagens de uma paisagem urbana arlequinal. O registro das minúcias, das vozes perdidas parece, nos textos, uma tentativa de dar voz às inquietações políticas de uma sociedade que se quer moderna em um país que mal conhece suas tradições.

A cidade é o alimento para o seu processo de criação. Os autores sabem da importância de recolher esse material e transformá-lo em força poética para instaurar o

discurso polivalente no qual as diversas vozes podem constituir uma situação dialógica. Isso, por sua vez, indica uma fluidez na linguagem poética, por consequência percebe-se uma ausência de julgamento moral, posto que não há um ponto de vista exclusivo e unificador nessa realidade retalhada, arlequinal que é Brasília.

Ao invés de propor e afirmar uma verdade, os textos se constituem como um *corpus* significativo para descobrir Brasília. Através de seus versos livres, e das narrativas pode se visualizar um centro urbano importante, cuja materialidade da megalópole em construção é cantada, pela ressalva de imagens que reafirmam a intenção do poeta em transpor para o papel a temática social vinculada ao modo de vida urbano.

O conhecimento da realidade social brasiliense faz com que os autores não hesitem em retratar as contradições sociais. Nos poemas, a opressão, o desencanto, a crítica e a mordacidade da linguagem não titubeiam em aparecer no corpo das narrativas. Essa opção se justifica no fato dele entender “que a expressão artística deve revelar um compromisso social, e o sentido social da arte...” (VELOSO & MADEIRA, 2000: 116). Assim cabe ao artista dar um sentido público e coletivo na sua prática cultural.

Embora, aparentemente desconexas, as imagens que o Eu lírico usa para retratar Brasília estão unidas por uma analogia recolhida pelos sentidos imposta pela temática da modernidade.

As representações dos autores sobre Brasília incorporam o ritmo da cidade, os diversos fragmentos estão expressos no *topos* da metrópole moderna, no ceticismo diante da ideologia do progresso, no cosmopolitismo crítico, na ironia e no sarcasmo das alegorias dominantes.

Os autores se apropriam de máscaras, sonhos, alucinações, para, de certo modo, fazer a Brasília aparecer nos poemas, nas crônicas, nos contos e nos romances carregando consigo a fortuna de uma identidade que oscila entre o que é e o que sonhou ser.

Numa polifonia de vozes, diversos momentos de urbanização são suscitados em inúmeros sentidos escolhidos pela metrópole para sua inserção na modernidade. Não é de se admirar que a cidade do imaginário representada nos textos seja pautada pela necessidade de produção e de reforço da identidade nacional. Essa identidade é indissociável da idéia de nação, cuja indeterminação deixa a deriva o cenário citadino, pois a permanente necessidade de um projeto de modernidade que atue diretamente na supressão das ressonâncias do passado colonial brasileiro parece ser um objetivo a ser

perseguido. Assim Brasília é despojada de qualidades metafísicas, a cidade é o campo de batalha onde se dá o combate decisivo entre o moderno e a tradição.

Enfim, Brasília é a grande protagonista dos textos ela é o espaço em que autores refletem sobre as grandes transformações da modernidade na cidade moderna.

Ao tornarem Brasília uma personagem, os escritores parecem pretender realizar, na modernidade, uma espécie de tentativa de narrar às experiências, numa atitude não pragmática e muito menos utilitária, em que elaboram uma imagem comum, possível de ser validada no imaginário coletivo. As imagens poéticas criadas sobre a cidade dão vida a Brasília. A fragmentação da modernidade se correlaciona com a fragmentação da própria *urbis*. De maneira irônica, Brasília parece emergir sob a poeira vermelha.

No corpo dos textos, o Eu lírico escreve a cidade de dentro. Como uma espécie de meditação, bastante complexa, os escritores fazem surgir uma Brasília desencantada, onde o discurso que a descreve investe no novo mito da modernidade: a racionalidade.

Os símbolos e as alegorias presentes nos textos permitem a criação de imagens que se movem livremente, reconstituindo os fragmentos que compõem o espaço urbano de maneira a criar uma metáfora da moderna cidade ocidental capitalista: **Brasília**.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Editora Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1985.
- ADORNO, Theodor W. *Experiência Criação Artística Paralipómenos à “Teoria Estética*. Tradução de Artur Morão. Editora Edições 70. Lisboa, 1970.
- ALMINO, João. *As Cinco Estações do Amor*. Editora Record. Rio de Janeiro, 2001.
- _____. *Idéias para onde Passar o Fim do Mundo*. Editora Record, 2002.
- _____. *Samba- Enredo*. Editora Marco Zero. São Paulo, 1994.
- ALVES, Júlia Falivene. *Metrópoles, Cidadania e Qualidade de Vida*. Editora Moderna. São Paulo, 1992.
- ARANTES, Otília, VAINER, Carlos e MARICATO, Ermínia. *A Cidade Do Pensamento Único: Desmanchando Consensos*. Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2000.
- AMORIN, Luiz e LEITÃO. (org.) *A Casa Nossa de Cada Dia*. Editora Universitária UFPE. Recife, 2007.
- ARANTES< Otília. *O Lugar da Arquitetura Depois dos Modernos*. Editora EDUSP. São Paulo, 2000.
- AVRITZER e DOMINGUES, Leonardo e José Maurício (organizadores). *Teoria Social e Modernidade*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 9ª edição. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. Editora HUCITEC ANNABLUME, São Paulo, 2002.
- _____. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Editora Martins Fontes. São Paulo, 2000.
- BANDEIRA, Lourdes e SIQUEIRA, Deis. *O Profano e o Sagrado Na Construção Da “Terra Prometida”*. In: NUNES, Brasilmar Ferreira. org.) *A Construção do Cotidiano. Brasília*. Paralelo 15,1997.
- BARROSO, Eloísa Pereira. *A Cidade do Rio de Janeiro na Obra Literária*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Sociologia- UnB. Brasília 2003.

- _____. *Brasília: a cidade entre o mito e a razão*. In Revista eletrônica Urbanidades DOSSIÊ: BRASÍLIA Sociologia Urbana de Brasília Reflexões e problemáticas relacionadas. www.urbanidades.unb.br/
- BARTHES, Roland. *O Grau Zero da Escrita, seguido de novos ensaios*. Tradução de Mário Laranjeira. Martins fonte. São Paulo, 2002.
- _____. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França. Tradução de Leyla Perrone – Moisés. Editora Cultrix, São Paulo, 1978.
- BASTOS, Hermenegildo. *A Coisa Comum*. Editora Imago. Rio de Janeiro, 1976.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1999.
- BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Modernos*. Tradução de Heindrun K. M. da Silva, Arlete de B. e Tânia j. Editora Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1967.
- _____. *Rua de Mão Única*. Obras Escolhidas volume II. Editora Brasiliense. São Paulo, 1995.
- _____. *Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo*. Obras Escolhidas Volume III, Editora Brasiliense. São Paulo, 1989.
- _____. *Passagens*. Organizado por Willi Bolle, Colaboração de Olgária C. Feres Matos, Tradução do Alemão de Irene Aron, Tradução do Francês de Cleonice Paes Barreto Mourão. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2007.
- BEHR, Nicolas. *Brasília Desvairada*. Edição do autor. Brasília 1979.
- _____. *Iogurte Com Farinha*. Edição do autor. Brasília 1979.
- _____. *Porque Construí Braxília*. Edição do autor. Brasília 1979.
- _____. *Poesília, Poesia Pau - Brasília*. Editora LGE. Brasília, 2005.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido se Desmancha no Ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. Companhia das Letras. São Paulo, 1987.
- BOLLE, Willi. “““fisiognomia””” da Metrópole Moderna, representação da história em Walter Benjamin. Editora da USP, São Paulo, 1994.
- BOSI, Alfredo. *O Enigma do Olhar*. Editora Ática, São Paulo, 1999.

BOURDIEU, CHAMBOREDON e PASSERON, Pierre, Jean-Claude e Jean-Claude. *A Profissão de Sociólogo*. Tradução de Guilherme J. de F. Teixeira. Editora VOZES, Petrópolis/R.J, 2002.

_____. *As Regras da Arte*. Tradução de Maria Lúcia Machado. Companhia das Letras. São Paulo, 2002.

_____.(coord.). *A Miséria do Mundo*. Traduzido por Mateus s. Azevedo, Jaime Classen, Sérgio Guimarães, Marcus Penchel, Guilherme Teixeira e Jairo Vargas. Petrópolis. Editora Vozes, 2001.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *A Formação do Homem Moderno Vista Pela Arquitetura*. Editora Humanitas. Belo Horizonte, 2006.

_____. (org.) *As Cidades da Cidade*. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2006.

BRASÍLIA: a Capital do Século 21, encarte especial do GDF, (2006).

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. Editora 34. São Paulo, 2000.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

CANCLINI, Néstor Garcia. *A Globalização Imaginada*. Tradução de Sérgio Molina. Iluminuras. São Paulo, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. *O Discurso e a Cidade*. Editora Livraria duas cidades, São Paulo, 1993.

_____. *O Observador Literário*. Editora Ouro Sobre Azul. Rio de Janeiro, 2004.

_____. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1973.

_____. *A Educação Pela Noite e Outros Ensaios*. Editora Ática. São Paulo, 2000.

_____. *O Discurso e a Cidade*. Editora Ouro Sobre Azul. Rio de Janeiro, 2004.

_____. *Recortes*. Editora Ouro Sobre Azul. Rio de Janeiro, 2004.

- CAGIANO, Ronaldo. *Dicionário das Pequenas Solidões*. Editora Língua Geral. Rio de Janeiro, 2006.
- _____. *Concertos Para Arranha Céus*. Editora LGE. Brasília, 2004.
- CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica: Ensaio Sobre a Antropologia da Comunicação Urbana*. Tradução de Cecília Prada. Editora Stúdio Nobel Ltda, 1993.
- CARDOSO e MALERBA, Ciro F. e Jurandir (organizadores). *Representações, Contribuição a um Debate Transdisciplinar*. Editora PAPIRUS, Campinas/ S.P, 2000.
- CASTELLS, Manuel. *A Questão Urbana*. Tradução de Arlene Caetano. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2000.
- CERTEAU, Michel, GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. *A Invenção do Cotidiano, 2 morar e cozinhar*. Tradução de Ephaim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Vozes. Rio de Janeiro. 1997.
- COMPAGNON, Antoine. *Os cinco Paradoxos da Modernidade*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2003.
- CORREIO BRAZILIENSE. Caderno especial. *Brasília da Humanidade*. Publicado em 7 de dezembro de 2007.
- COSTA, Lúcio. *Relatório do Plano-Piloto de Brasília*, Brasília, GDF Arquivo Público, 1991.
- COSTA, Luiz Carlos Guimarães. *História da Literatura brasileira*. Editora Thesaurus. Brasília, 2005.
- COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Tradução de Tomás R. Bueno. Editora Papirus. Campinas, São Paulo, 1995.
- COUTO, Ronaldo Costa. *Brasília Kubitschek de Oliveira*. Editora Record. Rio de Janeiro, 2002.
- CRUZ, Natalia Mori. *Decifra-me ou te Devoro, o caos urbano nas cidades contemporâneas-O caso de Brasília*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Sociologia- UnB. Brasília 2003.
- DOMINGUES, José Maurício. *Interpretando a Modernidade, Imaginário e Instituições*. Editora FGV. Rio de Janeiro, 2002.

- DURAND, Gilbert. *As Estruras Antropológicas do Imaginário*. Tradução de Hélder Godinho. Editora Martins Fontes. São Paulo, 2001.
- _____. *O Imaginário: Ensaio Acerca das Ciências e da Filosofia da Imagem*. Tradução de René Eve Levié. Editora DIFEL. Rio de Janeiro, 1998.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Tradução de Vera Ribeiro. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1994.
- ENGELS, Friedrich. *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. Tradução de Rosa Camargo e Reginaldo Forti. Global Editora e Distribuidora LTDA. Rio de Janeiro, 1986.
- FERNANDES, Ronaldo Costa. *O Narrador do Romance e Outras Considerações sobre Romance*. Editora Sete Letras, Rio de Janeiro, 1996.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. (org.) *Espaços Comunicantes*. Editora Annablume. São Paulo, 2007.
- FILHO, Domício Proença. *A Linguagem Literária*. Série Princípios 2ª edição. Editora Ática, São Paulo, 1987.
- FISCHER, Ernest. *A Necessidade da Arte*. Tradução de Leandro Konder. Editora Zahar Editores S.A. Rio de Janeiro, 1983.
- FONSECA, Fernando. (org.) *Beirute – Final do Século*. Editora Coronário. Brasília, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de L.F. Baeta Neves. Editora Vozes. Petrópolis, 1971.
- _____. *A Ordem do Discurso, Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução Laura Fraga Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2001.
- FRAMPTON, Kenneth. *A História Crítica da Arquitetura Moderna*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. Editora Martins Fontes. São Paulo, 2003.
- FREITAG, Bárbara. *A Cidade dos Homens*. Editora Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 2002.
- _____. (org.). *Cidade e Literatura*. Revista Tempo Brasileiro, nº 132. Rio de Janeiro, 1998.
- _____. *Berlim: Memória e Futuro Político*. In: SCHIAVO, Cléia & _____. *Itinerâncias Urbanas*. Editora Casa das Musas. Brasília, 2004.

- _____. *Teorias da Cidade*. Editora Papirus. Campinas, São Paulo, 2006.
- GASS, William H. *A Ficção e as Imagens da Vida*. Tradução de Edílson Alkmim Cunha. Editora CULTRIX, São Paulo, 1984.
- _____. *Vida Urbana e Cultura*. In: PALLAMIN, Vera M. (org.). *Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana*. Estação Liberdade. São Paulo 2001.
- _____. *Introdução*. In: Revista Tempo Brasileiro nº 132. Edições Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1998.
- GASTAL, Susana. *Alegorias Urbanas: O Passado Como Subterfúgio*. Editora Papirus. Campinas, São Paulo, 2006.
- GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. Tradução de Raul Fiker. UNESP. São Paulo, 1991.
- GIDDENS, Anthony, BECK Ulrich e LASH, Scott. *Modernização Reflexiva: Política, Tradição e estética Na Ordem Social Moderna*. Tradução de Magda Lopes. Editora UNESP. São Paulo, 1997.
- GOFFMAN, E. *A representação do Eu na Vida Cotidiana*. Editora Vozes. Petrópolis, 1998.
- GOLDMANN, Lucien. *A Sociologia do Romance*. Tradução de Álvaro Cabral. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976.
- GOMES, Paulo César da costa. *A condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Editora Bertrand Brasil. Rio e Janeiro, 2002.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as Cidades, a Cidade, Literatura e Experiência Urbana*. Editora ROCCO, Rio de Janeiro 1994.
- GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL/ SEDUH. *Projeção da população das regiões administrativas do Distrito Federal – 2001 – 2005*. Brasília. SEDUH (2002).
- _____. *Pesquisa de emprego e desemprego no Distrito Federal. Resultados: dez. 2005*. GDF/SEAD/DIEESE, (2005)
- _____. *Pesquisa de emprego e desemprego no Distrito Federal no Distrito Federal. Resultados: junho de 2006*. GDF/ SEAD/ DIEESE. (2006).
- _____. *Pesquisa de emprego e desemprego no DF – PED- DF, Setembro de 2006*. Disponível em [http:// dieese.or.br](http://dieese.or.br) (2007).

- GOUVÊA, Luiz Alberto De Campos. *Brasília: A Capital da Segregação e do Controle Social, Uma Avaliação da Ação Governamental na Área da Habitação*. Editora Annablume. São Paulo, 1995.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos Sentidos*. Tradução de Laurence F. Pereira. Editora 34, São Paulo, 1998.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria de La Acción Comunicativa, I. Racionalidad de la acción y racionalización social*. Taurus. Madri, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Editora Vozes. Petrópolis, 1997.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. Tradução de Adail U. S. e Maria S. G. Editora Edições Loyola, São Paulo, 1992.
- _____. *A Produção Capitalista do Espaço*. Tradução de Carlos SZLAK. Editora Annablume. São Paulo, 2005.
- _____. *Espaços de Esperança*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola. São Paulo, 2004.
- HIRANO, Sedi. *Castas, Estamentos e Classes Sociais -Introdução ao Pensamento de Marx e Weber*. Editora UNICAMP. Campinas. 2002.
- HOLSTON, James. *A Cidade Modernista: Uma crítica de Brasília e sua utopia*. Tradução de Marcelo Coelho. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 1993.
- <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto>.
- (<http://artes.com/sys/sections>)
- (<http://culturahiphop.uol.com.br>)
- IBGE. PAD. <http://www.ibge.gov.br>. 2004
- _____. (2000). Censo Demográfico. Rio de Janeiro
- IANNI, Octávio. *Enigmas da Modernidade Mundo*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2000.
- _____. *A Sociedade Global*. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2003.
- ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura: Uma Teoria do Efeito Estético*. Traduzido por Johannes Krestschmer. Editora 34, São Paulo, volume um (1996) e volume dois (1999).
- JACOBS, Jane. *A morte e a Vida de Grandes Cidades*. Martins Fontes, São Paulo. 2000.

- KOTHE, Flávio R, & FERNANDES, Florestan (org.). *Sociologia: Walter Benjamin*. Editora ática. São Paulo, 1991.
- KUBITSCHKEK, Juscelino de Oliveira. *Meu Caminho para Brasília*. Bloch Editores. Rio de Janeiro, 1976.
- _____. *Por que Construí Brasília*. Bloch Editores. Rio de Janeiro, 1974.
- JOSETI, Celina Cassal. *Trilhas Urbanas*. Edição da autora, 2003.
- KAUIM, Paulo. *Carruagem dy pollycia*. Edição do autor, Brasília 1985.
- LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Tradução de Sérgio Martins. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2002.
- _____. *A Cidade do Capital*. Tradução de Maria Helena Rauta Ramos e Marilena Jamur. DP&A editora. Rio de Janeiro, 2001.
- _____. *O Direito à Cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. Editora Centauro. São Paulo, 2001.
- LEVY, Evelyn. *A Democracia Nas Cidades Globais: Um Estudo Sobre Londres e São Paulo*. Editora Studio Nobel. São Paulo, 1997.
- LIMA, Luiz Costa. *Sob a Face de Um Bruxo*. In: *Dispersa Demanda*. Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1981.
- _____. (org). *A Literatura e o Leitor*. Textos de Estética da Recepção. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2002.
- _____. *Teoria da Literatura em Suas Fontes*. Volume I. Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1983.
- _____. *Teoria da Literatura em Suas Fontes*. Volume 2. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 2002.
- LIMA, Antônia Jesuíta de.(Org.) *Cidades Brasileiras: Atores Processos e Gestão Pública*. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 2007.
- LIMA, Rogério & FERNANDES, Ronaldo Costa (org.). *O Imaginário da cidade*. UNB. Brasília, 2000.
- LISPECTOR. Clarice. *Para Não Esquecer*. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1999.
- LINHARES, Temístocles. *Diálogos Sobre O Romance Brasileiro*. Editora Melhoramentos, São Paulo, 1978.
- LÔBO, Danilo. *Poemas Quadripartitos*. Editora Thesaurus. Brasília, 1996.

- LOJKINE, Jean. *O Estado Capitalista e a Questão Urbana*. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1997.
- LOPEZ, Luiz Roberto. *História da América Latina*. Editora Mercado Aberto. Porto Alegre, 1986.
- LOYOLA, Valeska Maria Zanello de. *A Metáfora no Trabalho Clínico*. Editora Ex Libris. Guarapari, 2007.
- LÜHR, Volker. *Sobre la Utilidad de la Literatura Para la Sociologia*. In: Revista Tempo Brasileiro nº 132. Edições Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1998.
- MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto – um pensador social da Primeira República*. Tese de Doutorado – Departamento de Sociologia / Universidade de Brasília, 2001.
- MACHADO, Maria Salete Kern. *O Imaginário Urbano*. In: BRESCIANI, Maria Stella(org.). *Palavras da Cidade*. Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. *A Transfiguração do Político, A Tribalização do Mundo*. Tradução de Furemir Machado da Silva. Editora Sulina, Porto Alegre, 1997.
- _____. *A Conquista do Presente: Por Uma Sociologia da Vida Cotidiana*. Tradução de Alípio de Souza Filho. Argos Editora. Rio Grande do Norte, 1998.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Tradução de Freda Indursky. Editora UNICAMP Pontes. Campinas, São Paulo, 1997.
- MARCUSE, H. *Eros e Civilização*. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro 1975
- MARX, Karl e ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. EDUSP. São Paulo. 1983.
- _____. *O Manifesto Comunista*. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2002.
- MARTINS, Gilberto Figueiredo. *Brasília: Uma torre para se contemplar o Brasil*. Mimeo. 2004.
- MEDINA, Cremilda (org). *Narrativas a Céu Aberto: Modos de ver Brasília*. Brasília, UNB, 1998.
- MELLO, Márcia Metran de. *Goiânia: cidade de pedra e de palavras*. Tese de doutorado. Departamento de Sociologia- UNB. Brasília, 2004.
- MIRANDA, Antônio. *Canto Brasília*. Editora Thesaurus. Brasília 2002.
- _____. *Horizontes e Cerrados*. Editora Thesaurus. Brasília 2002.

- MISSAC, Pierre. *Passagens de Walter Benjamin*. Tradução de Lílian Escorel. Editora Iluminuras, São Paulo, 1998.
- MORSS, Susan Buck. *Dialética do Olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens*. Belo Horizonte. Argos, 2002.
- MOTA, Daniel Luís L. de Carvalho. *A Fantástica Fuga de Ceilândia*. Exemplar do Autor.
_____. *Um homem na estrada*. Exemplar do Autor.
- MUMFORD, Lewis. *A Cidade na História: Suas Origens, Transformações e Perspectivas*. Tradução de Neil R. da Silva. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1998.
- MURICY, Kátia. *Benjamin: Política e Paixão*. In: NOVAES, Adauto. *Os Sentidos da Paixão*. Companhia das Letras. São Paulo, 1999.
- NIEMEYER, *Minha Experiência em Brasília*. Vitória. Rio de Janeiro, 1961.
- NUNES, Brasilmar Ferreira. *Brasília: A fantasia corporificada*. Brasília. Paralelo 15, 2004.
_____. (org.) *A Construção do Cotidiano*. Brasília. Paralelo 15, 1997.
- OHTAKE, Ricardo. *Oscar Niemeyer*. Editora PUBLIFOLHA. São Paulo, 2007.
- OLIVEIRA, Joanyr de. (org.) *Brasília na Poesia Brasileira*. Editora Cátedra. Rio de Janeiro, 1982.
_____. (org.) *Antologia dos Poetas de Brasília*. Editora Coordenada. Brasília, 1971.
_____. *Casulos do Silêncio*. Editora Cátedra. Rio de Janeiro, 1988.
- OLIVEIRA, Márcio de. *Brasília: o mito da trajetória da nação*. Editora Paralelo 15. Brasília, 2005.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. (org.). *Discurso Fundador: A formação de um país e a construção da identidade nacional*. Campinas. Pontes, 2003.
_____. (org.) *Cidade Atravessada: Os Sentidos Públicos do Espaço Urbano*. Campinas, LABEURE, 2001.
- PALLAMIN, Vera M. (org.). *Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana*. Estação Liberdade. São Paulo 2002.
- PALEN, J. John. *O Mundo Urbano*. Tradução de Ronaldo Sérgio de Biase e Ruy Jungmann. Editora Forense – Universitária. Rio de Janeiro, 1975.

- PARK, Robert Erza. *A Cidade: Sugestões Para Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano*. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O Fenômeno Urbano*. Guanabara. Rio de Janeiro, 1987.
- PAVIANI, Aldo (org). *Brasília: moradia e exclusão*. Editora UNB. Brasília, 1996.
- _____. (org). *Urbanização e Metropolização: A Gestão dos Conflitos em Brasília*. Editora UNB. Brasília, 1987.
- _____. *Brasília: A metrópole em Crise*. Editora UNB. Brasília, 1988.
- PAVIANI, Aldo e GOUVÊA, Luiz Alberto de Campos. *Brasília: controvérsias ambientais*. Editora UNB. Brasília, 2003.
- PAVIANI, Aldo, FERREIRA, Ignez Costa Barbosa, BARRETO, Frederico Flósculo Pinheiro. *Brasília: Dimensões da Violência Urbana*. Editora UNB. Brasília, 2005.
- PECHMAN, Robert Moses. *Olhares Sobre a Cidade*. UFRJ. Rio de Janeiro, 1994.
- _____. *Cidades Estreitamente Vigeadas: o detetive e o urbanista. Casa da Palavra*. Rio de Janeiro, 2002.
- PEDROSA, Mario. *Dos Murais de Portinari aos espaços de Brasília*. Editora Perspectiva. São Paulo, 1981.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. Editora Senac. São Paulo, 2003.
- PEREIRA, Netto Domingos. *As Latitudes do Sonho*. Editora Numa de Ler. Brasília, 1983.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. *O Imaginário da Cidade, Visões Literárias do Urbano: Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. Editora Universidade/UFRGS. Rio Grande do Sul, 1999.
- PEREIRA, Miguel Alves . *Arquitetura, Texto e contexto: O Discurso de Oscar Niemeyer*. Editora UNB. Brasília, 1997.
- PILATI, Alexandre. *SQS 120m² Com DCE pop – up – poemas™*. Editora NTC. Brasília, 2004.
- PINTO, J. R. de Almeida. *Poesia de Brasília: duas tendências*. Editora Thesaurus. Brasília, 2002.
- PRYTHON, Ângela.(org.) *Imagens da Cidade: Espaços Urbanos na Comunicação e Cultura Contemporâneas*. Editora Salina. Porto Alegre, 2006.
- RICOUER, Paul. *Tempo me Narrativa (tomo1)*. Tradução Constança Marcondes César. Editora Papirus. Campinas/SP, 1994.
- _____. *Teoria da Interpretação*. Edições 70. Lisboa, 2000.

- _____. *O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento*” In: *Da Metáfora*. Editora EDUC, São Paulo, 1992.
- RIBEIRO, Sandra Bernardes. *Brasília: memória, cidadania e gestão do patrimônio cultural*. Editora Annablume. São Paulo, 2005.
- ROCHLITZ, Rainer. *O Desencantamento da Arte, A Filosofia de Walter Benjamin*. Tradução de Maria Elena o. Assumpção. Edusc. São Paulo, 2003.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Mal Estar na Modernidade*. Companhia das Letras. São Paulo, 1993.
- _____. *As Razões do Iluminismo*. Companhia das Letras. São Paulo, 1989.
- _____. “*É a Cidade que Habita os Homens ou São Eles que Moram Nela?*” – *História Material em Walter Benjamin, “Trabalho das Passagens”*. Revista USP. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, s.d. n°: 49.
- ROUANET, Sérgio Paulo; SOUSA, Nair Bicalho de e COELHO, Maria Francisca Pinheiro. (org.). *Itinerários de Bárbara Freitag*. Editora UNB. Brasília, 2005.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. Edusp. São Paulo, 2002.
- _____. *Ensaio Sobre a Urbanização Latino-americana*. Hucitec. São Paulo, 1993.
- _____. *Pobreza Urbana*. Hucitec. São Paulo, 1979.
- _____. *A Cidade Nos Países Subdesenvolvidos*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1965.
- SANTOS, João Bosco Cabral dos e FERNANDES, Cleudemar Alves Fernandes. *Análise do Discurso: Objetos Literários e Midiáticos*. Editora Trilhas Urbanas. Goiânia, 2006.
- SAPOSATI, Aldaíza. *Vida Urbana e Gestão da Pobreza*. Editora Cortez. São Paulo, 1988.
- SASSEN, Saskia. *As Cidades na Economia Mundial*. Tradução de Carlos Eugênio M. de Moura. Stúdio Nobel. São Paulo, 1998.
- SCHARLACH, Cecília. . *Poemas Testemunho e Cartas*. Fundação Memorial da América Latina.
- SENNET, Richard. *Carne e Pedra, o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Editora Record, Rio de Janeiro. 1997.
- _____. *O Declínio do Homem Público, as trilhas da intimidade*. Companhia das Letras, São Paulo. 2002.

- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura Como Missão*. Brasiliense. São Paulo, 1999.
- SILVA, Luis Martins da. *Brasilinhas*. Editora Independência, Brasília, 1980.
- SILVA, Márcio Seligmann (org.). *Leituras de Walter Benjamin*. Annablume editoras. São Paulo, 1999.
- SILVA, Jailson de Souza e e BARBOSA, Jorge Luiz. *Favela: Alegria e dor na Cidade*. Editora Senac Rio. Rio de Janeiro, 2005.
- SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. *A Construção de Brasília: Modernidade e Periferia*. Editora UFG. Goiânia, 1997.
- SIMMEL, Georg. *A Metrópole e a Vida Mental*. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O Fenômeno Urbano*. Guanabara. Rio de Janeiro, 1987.
- SINOTI, Marta lewinczik. *Quem me Quer Não me Quer: Brasília, metrópole-patrimônio*. Editora Annablumme. São Paulo, 2005.
- SOUSA, Carlos Mendes. *Clarice Lispector: figuras da escrita*. Barbosa & Xavier. Lisboa, 2000.
- SOUZA, Jessé (org.). *A atualidade em Max Weber. A cidade: racionalização e liberdade em Max Weber*, por José Maurício Domingues. Editora UNB. Brasília. 2000. (p: 219)
- SOUZA, Marcelo Lopes de. *Mudar a Cidade: Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbana*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2002.
- STAIGER, E. *Conceitos fundamentais da poética*. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1975.
- STEINBERGER, Marília. (org.) *Território, Ambiente e Políticas Públicas Espaciais*. Editoras Paralelo 15 e LGE. Brasília- DF, 2006.
- TADIÉ, Jean-Yves. *O Romance no século XX*. Publicações Dom Quixote. Lisboa, 1992.
- TEDESCO, João Carlos. *Paradigmas do Cotidiano: Introdução à Constituição de Um Campo de Análise Social*. Editora UPF. Santa Cruz do Sul, 2003.
- _____. *A Crítica Literária no Século XX*. Tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Bertrand Brasil. São Paulo, 1992.
- VALADARES, Napoleão. (org.). *Planalto em Poesia*. Editora Thesaurus, 1987.
- VASCONCELOS, Adirson. *Brasil, Capital Brasília: A História de Brasília Ontem, Hoje e Amanhã*. Editora Thesaurus, 1995.
- VELHO, Gilberto(org). *Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*. Editora Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. *Trocando Olhares: Uma Introdução à Construção Sociológica da Cidade*. Editora Studio Nobel. São Paulo, 2000.

VIANA, Nildo. *A Esfera Artística: Max Weber, Bourdieu e a Sociologia da Arte*. Editora ZOUK. Porto Alegre, 2007.

VIEIRA, José Carlos. *A Alma e o E-Mail; Crônicas da Cidade Minha*. Editora Travessa dos Editores. Curitiba, 2006.

WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Simmel*. Editora 34. São Paulo, 2000.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Volumes 1 e 2, quarta edição. Tradução de Régis B e Karen E. Barbosa. Editora UNB, Brasília, 2000.

WIRTH, Louis. *O Urbanismo Como Modo de Vida*. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O Fenômeno Urbano*. Guanabara. Rio de Janeiro, 1987.

ZETTEL, Jayme (org.) *Memória Cidade e Cultura*. Editora UERJ, Rio de Janeiro 1997.